



JUSSARA MARQUES OLIVEIRA MARRICHI

***VILEGIATURAS DE PRAZER E A FORMAÇÃO DE UMA
CULTURA BURGUESA NA CIDADE BALNEÁRIA DE POÇOS
DE CALDAS ENTRE OS ANOS DE 1930 E 1940.***

**Campinas,
2015.**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (IFCH)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA -
DOUTORADO

JUSSARA MARQUES OLIVEIRA MARRICHI

***VILEGIATURAS DE PRAZER E A FORMAÇÃO DE UMA
CULTURA BURGUESA NA CIDADE BALNEÁRIA DE POÇOS
DE CALDAS ENTRE OS ANOS DE 1930 E 1940.***

ORIENTADOR: PROF. DR. EDGAR SALVADORI DE DECCA

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) para a obtenção do título de Doutora em História, na área de concentração *Política, Memória e Cidade*.

Este exemplar corresponde à versão final da tese, defendida pela aluna Jussara Marques Oliveira Marrichi, orientada pelo Prof. Dr. Edgar Salvadori de Decca e aprovada no dia 13/03/2015.

**Campinas,
2015.**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Paulo Roberto de Oliveira - CRB 8/6272

M349v Marrichi, Jussara Marques Oliveira, 1978-
Vilegiaturas de prazer e a formação de uma cultura burguesa na cidade
balneária de Poços de Caldas entre os anos de 1930 e 1940 /Jussara Marques
Oliveira Marrichi. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Edgar Salvadori de Decca.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas.

1. Balneários. 2. Processo civilizador. 3. Sociabilidade. 4. História. I. De Decca, Edgar
Salvadori, 1946-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Pleasure villégiature and the bourgeoisie culture formation in Poços
de Caldas spring water spa city between 1930s and 1940s

Palavras-chave em inglês:

Balneary

Civilizing process

Sociability

History

Área de concentração: Política, Memória e Cidade

Titulação: Doutora em História **Banca**

examinadora:

Edgar Salvadori de Decca [Orientador]

Marcos Tognon

Ana Aparecida Villanueva Rodrigues

Ademir Gebara

Myrian Bahia Lopes

Data de defesa: 13-03-2015

Programa de Pós-Graduação: História



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, em sessão pública realizada em 13 de março de 2015, considerou a candidata JUSSARA MARQUES OLIVEIRA MARRICHI aprovada.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora.

Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca

Profa. Dra. Myriam Bahia Lopes

Prof. Dr. Ademir Gebara

Profa. Dra. Ana Aparecida Villanueva
Rodrigues

Prof. Dr. Marcos Tognon

– Resumo –

Na década de 30, em nosso país, uma nova cultura burguesa começava a se afirmar no centro de um espaço balneário que havia sido projetado em meados dos anos de 1920 na Europa a pedido do governo mineiro que almejava transformar Poços de Caldas na primeira cidade balneária do Brasil. Em 1931 as três grandes obras que haviam sido pensadas e construídas por uma comissão renomada de médicos, engenheiros e arquitetos apareciam no cenário nacional e internacional como símbolos de um lugar civilizado e moderno que representava realmente a novidade de Poços de Caldas como a primeira cidade balneária da América Latina. No entanto, faltava-lhe ainda a alta frequência de visitantes que desde o final do século XIX já movimentava as cidades balneárias europeias.

Esta tese, portanto, é a investigação histórica a partir da leitura da imprensa local e de revistas e periódicos de circulação nacional que nos possibilitaram compreender o modo como foi sendo construído no imaginário social o início de uma cultura burguesa que precisou aprender os novos usos do espaço balneário e da água termal para firmar-se como um novo grupo (posteriormente desejado e copiado) que instituiu novos comportamentos diante de um processo civilizador das águas quentes em nosso país que consequentemente contribuiu para a ocorrência de novos desejos na elite brasileira. Estes desejos que instituíram a prática da vilegiatura de repouso já no início da década de 30 e a sua consequente transformação na atividade organizada do turismo foram também elementos primordiais para o deslocamento destas mesmas pessoas que já nos anos quarenta atribuíram valores a novos comportamentos que com o tempo foram contribuindo gradativamente para o enfraquecimento deste tipo de cidade balneária na história moderna das viagens por prazer em nosso país.

Palavras – Chave: história – cidades balneárias – processo civilizador – cultura burguesa.

– Abstract –

During the 1930s, in our country, a new bourgeoisie culture was being settled in the heart of a spring water spa venue that had been designed in the mid-1920s in Europe as a request from Minas Gerais government which aimed to change Poços de Caldas into the first spring water spa city in Brazil. In 1931 three large buildings, that had been designed and built by a commission of well-known doctors, engineers and architects, would be displayed in the national and international scenery as symbols of a civilized and modern place which really represented the following novelty: Poços de Caldas as the first spring water spa city in Latin America. However, the visitors' frequency was not as high as the one which made the European spring water cities so lively since the end of the 19th century. This doctoral thesis, therefore, is a historical investigation based on the reading of local press as well as magazines and newspapers with national distribution that allowed us to understand how it was being built in the social imaginary the beginning of a bourgeoisie culture which needed to learn the new ways to use the spring water spa venues to establish themselves as a new group (later desired and copied) that created new behaviors before a hot water civilizatory process in our country which, therefore, contributed to the appearance of new desires in Brazilian elite. Those desires which established the rest villégiature practice in the early 1930s and its transformation into an organized touristic activity were also main factors to the movement of those people who, already in the 1940s, started valuing new behaviors which were later gradually contributing to the weakening of that kind of spring water spa city in the modern history of leisure travel in our country.

Key-words: History - spring water spa cities – civilizatory process – bourgeoisie culture.

– Sumário –

INTRODUÇÃO	01
A grande cidade e a experiência social	12
A cidade termal e a construção da sua paisagem urbana	19
Em Vichy	31
Os anos trinta e um modo de vida balneário	40
Sobre as fontes e o trabalho de pesquisa	54
 CAPÍTULO 1. Poços de Caldas e o nascimento da cidade balneária no Brasil.	59
1.1 Uma breve exposição sobre o emprego das palavras caldas, cidade termal e cidade balneária para os estudos urbanos brasileiros	59
1.2 O imaginário da cidade balneária	73
1.3 A vilegiatura de repouso e a construção do prazer utópico balneário	86
1.4 O processo civilizatório do lazer e a possibilidade de novas experiências emotivas de socialização no país	108
 Capítulo 2. Novidades civilizadas de entretenimento e o controle das emoções no espaço balneário.	119
2.1 A vida balneária e a instituição de novas práticas corporais no espaço da cidade	128
2.2 O banho hidromineral: as sensações e as emoções em movimento	147
2.3 As diversões balneárias	160
 Capítulo 3. A função social da viagem balneária.	181
3.1 A construção do tempo livre burguês: o surgimento do turismo organizado na cidade balneária	181
3.2 Identidades pessoais e coletivas da viagem balneária: relações de interdependência e regulação social no espaço balneário	191
3.3 O week-end, uma mudança na balança das tensões e o esgotamento da cidade balneária	211
Conclusão	225
Referências bibliográficas	229

*À memória de todos aqueles que se divertiram ou choraram na
cidade balneária.*

Agradecimentos

Professor Edgar, ainda me lembro da primeira vez em que nos conhecemos logo após a aprovação no mestrado e o senhor me disse: *“Precisamos saber por que Poços de Caldas foi o paraíso artificial de inúmeras pessoas que para lá iam sonhando em passar o carnaval. Existiu alguma coisa naquele lugar que precisamos descobrir. Só ia gente rica e todos se divertiam pra valer. Aquilo era uma loucura. Comece lendo Norbert Elias”*. Confesso que na hora fiquei meio decepcionada, afinal, eu seria apenas mais uma a escrever sobre uma história que já estava enraizada na memória coletiva. Por outro lado, pensei: acho que vai ser muito fácil falar sobre um lugar que conheço tão bem. Quanta ingenuidade da minha parte! Arriscando-me numa área de formação que não era a minha, e ainda mais, com o desafio de escrever sobre as emoções de inúmeras pessoas que haviam estabelecido com aquele lugar relações nem sempre iguais. Os anos foram longos, e aprender a escrever sobre determinadas emoções que já não eram mais iguais às nossas, foi com certeza, uma das coisas mais difíceis que fiz na minha vida. E é por isto que devo deixar registrado aqui o meu primeiro agradecimento ao mestre que com muita paciência soube respeitar todos os meus limites e as minhas falhas também. Ao mestre que me deu várias oportunidades de trabalho e que não mediu esforços para o meu crescimento profissional. Qualquer palavra neste momento ainda seria pouco para expressar toda a gratidão que lhe devo por ter me ajudado nestes longos anos de mestrado e doutorado. Espero pelo menos, ter dado um pouco da resposta que o senhor procurava, mas asseguro-lhe que fui eu quem tive as melhores respostas que eu poderia ter aprendido convivendo com o senhor e lendo Norbert Elias. Obrigada por tudo!

Ao Claudinho, meu marido, amigo e companheiro que aguentou durante estes anos os altos e baixos de uma doutoranda que persistiu firme nesta pesquisa. Devo agradecer-lhe pela compreensão e também pela paciência com que conduziu estes nove anos de estudos, sempre à minha espera que se fez demorada em várias situações. Obrigada por tudo. Mais uma vez devo dizer que sem você tudo teria sido ainda mais difícil.

À minha família devo agradecer principalmente pela paciência e pelo respeito com que tão silenciosamente sempre entenderam as minhas escolhas. Ao meu pai, à minha mãe, à minha irmã, ao meu irmão, às minhas sobrinhas, aos meus cunhados e concunhada, aos meus tios e tias, aos primos, à minha vó e aos meus sogros devo também pedir desculpas pelas inúmeras vezes em que estive ausente, colocando a minha pesquisa várias vezes à frente dos compromissos familiares.

Carol, Fabiana, Marcelo e André, uma amizade que deu certo e que sobreviveu a uma tese, é uma amizade verdadeira. Obrigada pelas leituras e pela paciência. A todos os meus amigos e amigas que estiveram sempre na torcida. Para não correr o risco de ser injusta esquecendo-me de alguém não citarei os nomes, mas tenho certeza que vocês ao lerem, se reconhecerão nestas linhas. Devo agradecer também às minhas amigas que fizeram a leitura inicial deste texto: Cristiane Magalhães, Denise Geribello e Aline de Oliveira. As suas colocações e sugestões foram bem-vindas e incorporadas ao longo da tese. Da mesma maneira, devo agradecer ao Rafael Pereira, pela leitura e troca de informações que só acrescentaram neste trabalho. À amizade durante estes anos, sobretudo.

À Rosaelena, à Simone Domingos e à Simone Vãlinas que foram fundamentais para que este trabalho se concretizasse. Não tenho palavras para agradecer tudo o que vocês fizeram por mim nestes anos. À Rosaelena devo agradecer principalmente pela leitura atenta, pelos comentários e pelo incentivo ao longo deste período. À Simone Domingos agradeço pela amizade e paciência em todas as etapas desta tese: da indicação de bibliografia à leitura e comentários ao longo do texto, à ajuda na organização e formatação do trabalho e às dezenas de noites em que ficou comigo em cada ponto que precisava ser melhorado, principalmente no último ano em que escrevi a tese. À Simone Vãlinas devo agradecer pelo companheirismo e pelo dia-a-dia tumultuado ao redor dos livros e papéis desarrumados no meu escritório.

Devo também um agradecimento especial ao secretário de Turismo de Poços de Caldas, o Sr. Rômulo Vilela Filho pelo apoio fundamental na parte final desta tese e a todos os funcionários das Termas Antônio Carlos, do balneário Mário Mourão e da secretaria de Turismo que não mediram esforços durante os últimos dias para me ajudar na finalização deste trabalho.

Aos amigos do Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas, Beatriz Lotufo, Sônia Sanches, Haroldo Gessoni, Lourival Storani e Hugo Pontes só tenho a agradecer pelos anos de pesquisa que nos presenteou com uma sincera amizade resultante daquele lugar. Foram conversas intensas, hipóteses e trabalhos que nos uniram ainda mais em prol da nossa história. À Beatriz Lotufo, presidenta da “Associação Amigos do Museu”, devo agradecer principalmente pelas imagens gentilmente cedidas para esta tese.

Aos amigos, professores e funcionários do curso de História do IFCH/Unicamp que contribuíram em muitos aspectos para a concretização deste trabalho. Da mesma forma, aos funcionários da biblioteca do IFCH e do Arquivo Edgard Leuenroth que sempre me ajudaram com muita gentileza.

Ao Prof. Dr. Marcos Tognon e à Profa. Dra. Anna Villanueva agradeço todas as considerações que foram feitas durante o meu exame de qualificação, que contribuíram para o enriquecimento final deste trabalho. À eles, e ao Prof. Dr. Ademir Gebara, à Profa. Dra. Myrian Bahia Lopes, à Profa. Dra. Silvana Rubino, à Profa. Dra. Maria Stella Bresciani e à Profa. Dra. Denise Inácio Scandarolli agradeço a gentileza com a qual aceitaram o convite para compor a banca final desta tese.

Por fim, agradeço à Fapesp cujo apoio financeiro foi imprescindível para a realização desta pesquisa.

– Lista de figuras –

Figura 01:	Serviços Thermaes de Poços de Caldas.....	09
Figura 02:	Vista da Freguesia de Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas.1886.....	20
Figura 03:	Arquitetura das primeiras casas da cidade em 1886.....	21
Figura 04:	A estação da Mogyana em 1910.....	21
Figura 05:	Chalé dos Procópios em 1907.....	22
Figura 06:	Vista do primeiro Balneário da cidade, Pedro Botelho em 1888.....	27
Figura 07:	Primeiro balneário de Poços de Caldas, inaugurado em 1886.....	29
Figura 08:	“Balneário Macacos” inaugurado em 1896.....	30
Figura 09:	Vista das nascentes da fonte Pedro Botelho captada em 1882.....	30
Figura 10:	Vichy no início do século XX.....	37
Figura 11:	O terceiro balneário de Poços de Caldas inaugurado em 1919.....	38
Figura 12:	Interior do Grande Hotel em Poços de Caldas na década de 20.....	40
Figura 13:	Execução dos jardins do Parque Jose Afonso Junqueira.	42
Figura 14:	Execução paisagística do Parque José Afonso Junqueira.....	42
Figura 15:	Execução dos jardins do Parque José Afonso Junqueira	43
Figura 16:	Construção do Palace Casino.Data: 05/11/1928.....	43
Figura 17:	Reprodução do acabamento do Palace Casino.	44
Figura 18:	Reprodução de vista parcial de Poços de Caldas. Data: 24/04/1929.....	44
Figura 19:	O novo espaço balneário do Brasil. Data: 1933.....	52
Figura 20:	Detalhes do Parque José Affonso Junqueira em 1930.....	52
Figura 21:	A nova república sob o regime do acquático em 1931.....	73
Figura 22:	Vista panorâmica da cidade de Poços de Caldas em 1931.....	82
Figura 23:	Um grupo de veranistas em vilegiatura em 1916. Cambuquira/MG.....	89
Figura 24:	Um grupo de veranistas em 1932.....	92
Figura 25:	Os bailes no Palace Casino em 1937.....	96
Figura 26:	Palace Hotel e jardim no início de 1930.....	99
Figura 27:	Propaganda da Cia Brasil de Grandes Hotéis em 1931.....	102
Figura 28:	Propaganda do Palace Hotel em 1933.....	103
Figura 29:	Apartamento de luxo para casal em 1931.....	105
Figura 30:	Banheiro Sulfuroso dos apartamentos de luxo do Palace Hotel em 1931.....	105
Figura 31:	Hóspedes em frente ao Palace Hotel. Década de 1930.....	108
Figura 32:	Políticos em Poços de Caldas em meados dos anos 30.....	116
Figura 33:	Veranistas na primeira semana da aviação em 1934.....	121
Figura 34:	Villegiatura. 1937.....	127
Figura 35:	Pelagra de 2º grau. Data: Década de 1930.....	128
Figura 36:	Um jantar no Palace Hotel em 1937.....	134
Figura 37:	Álbum de propagandas do Palace Hotel em Poços de Caldas. 1931.....	135
Figura 38:	Propaganda do Creme Rugol. Fon-Fon 1931.....	136
Figura 39:	Propaganda da Cera Sulfurosa para o rosto em 1931.....	140

Figura 40:	Gymnástica! Data 1933.....	141
Figura 41:	Aplicação de um banho de ar quente geral nas ThermasAntonio Carlos.....	145
Figura 42:	Salão de Manicure Palace Hotel. 1931.....	146
Figura 43:	Barbearia e Cabellereiro Palace Hotel. 1931.....	146
Figura 44:	Laboratório de análise das águas sulfurosas.Anos 1930.....	149
Figura 45:	Ducha Gynecologica Imersa. ThermasAntonio Carlos. 1939.....	154
Figura 46:	Aplicação de uma ducha-massagem pelo sistema Vichy.....	155
Figura 47:	Doenças repugnantes, 1930.....	156
Figura 48:	Sala de espera para senhoras. 1930.....	156
Figura 49:	Veranistas na década de 30.....	158
Figura 50:	Lembrança de Poços de Caldas.....	159
Figura 51:	Aplicação de pulverização na pele.....	159
Figura 52:	Interior do salão nobre do Palace Casino nos anos 30.....	161
Figura 53:	O churrasco à Rio Grande em meados dos anos 30.....	167
Figura 54:	Uma noite festiva em um cassino da cidade. Data: Década de 1930....	168
Figura 55:	Lista de hóspedes.....	171
Figura 56:	O Country Club nos anos 30.....	174
Figura 57:	A piscina do Country Club. Meados de 1930.....	174
Figura 58:	Cenas do concurso hípico.Década de 1930.....	175
Figura 59:	Veranistas nas quadras do “Poços de Caldas Country Club”. 1932.....	176
Figura 60:	Getúlio e outros veranistas em uma tarde de caçadas em 1937.....	176
Figura 61:	O churrasco à Rio Grande em 1935.....	177
Figura 62:	Matinée no cinema do Palace Casino em 1937.....	179
Figura 63:	Uma corrida de automóveis em 1939.....	184
Figura 64:	Anúncio: “EmpresaVillegiaturas e Excursões LTDA”.....	185
Figura 65:	Turistas nos salões da cidade no final dos anos 30.....	189
Figura 66:	A Panair do Brasil S/A.....	190
Figura 67:	O aeroporto de Poços de Caldas nos anos 40.....	190
Figura 68:	Piscina do Country Club no final dos anos 30.....	194
Figura 69:	Uma tarde de festas. In: Revista publicitária do final dos anos 30.....	196
Figura 70:	Visita do general Flores da Cunha, governador do Rio Grande do Sul à Poços de Caldas em 1935.....	199
Figura 71:	Carnaval de rua no início dos anos 30.....	201
Figura 72:	Baile de carnaval no Palace Casino em 1934.....	202
Figura 73:	Festa de São Benedito. Grupo de Caiapós em 1935.....	204
Figura 74:	No jardim do Poços de Caldas Country Club no final dos anos 30.....	206
Figura 75:	Uma tarde de verão no final dos anos 30.....	208
Figura 76:	Uma tarde festiva no Poços de Caldas Country Club no final dos anos 30.....	208
Figura 77:	Propaganda das temporadas de inverno em Poços de Caldas. Data: 1942.....	214
Figura 78:	Propaganda das águas minerais de São Lourenço em 1935.....	218
Figura 79:	Folheto publicitário da Exprinter em 1947 – Mapa de Termas, Serras, Praias.....	221

– Introdução –

A ideia de se pensar e de narrar historicamente a formação de uma cultura burguesa a partir da experiência vivenciada nas cidades que possuíam fontes de águas termais em nosso país surgiu no início de 2007 assim que ingressei no mestrado nesta instituição. Na época, meu orientador, o Prof. Dr^o Edgar Salvadori de Decca apresentou-me como proposta o desafio de reconstruir uma história onde estivessem presentes alguns dos principais elementos que haviam sido responsáveis pelo nascimento de uma cultura civilizatória nas famosas estações de águas que aconteciam nas primeiras décadas do século passado, período em que Poços de Caldas começava a ganhar fama nacional.

A proposta era tentar entender a partir da história de que forma havia se constituído no imaginário social o desejo de viajar para esta cidade do interior mineiro que se transformava no principal destino, não só da viagem em si, mas principalmente em um lugar que demarcava e garantia status social para a elite urbana brasileira. Afinal, no início dos anos de 1930 Poços de Caldas aparecia no cenário nacional como a primeira cidade considerada balneária em nosso país que apresentava um espaço urbano totalmente reformulado a partir de propostas médicas e urbanísticas que haviam valorizado o uso das águas com propriedades terapêuticas na medicina termal. Além do mais, era ali que se demonstrava uma forma elegante e civilizada das novas maneiras de se divertir que já não se relacionavam somente com os encontros sociais que aconteciam no espaço doméstico.

Frequentar, experimentar e vivenciar o espaço urbano da primeira cidade considerada balneária sob os moldes da Hidrologia Médica Francesa no Brasil era uma grande novidade que instituía novos comportamentos e hábitos para uma elite que começava a se deslocar para lá motivada por outros desejos que já não se relacionavam somente aos desejos instituídos pelas precedentes viagens de cura àquele local. Poços de Caldas enquanto cidade balneária inaugurava um modelo de ocupação do tempo que se tornava novidade em nosso país para todos aqueles que já estavam acostumados a frequentar as cidades balneárias europeias e até mesmo as cidades brasileiras que possuíam fontes de águas medicinais.

Contudo, ao iniciarmos a pesquisa em 2007 percebemos a partir da análise da documentação que esta cidade mineira nem sempre havia sido a cidade considerada moderna e palco dos grandiosos shows que aconteciam nos salões dos hotéis ou do Palace Casino já ao longo dos anos trinta e quarenta do século passado. Anterior à famosa cidade balneária existiu uma importante cidade de cura que movimentou uma série de situações médicas, culturais, sociais e urbanísticas que foram de extrema importância para o favorecimento da cidade balneária e para a ocorrência desta cultura civilizatória a partir das águas quentes a que se propôs o estudo desta tese.

Estava muito clara para nós, a importância da formação da cidade termal construída também pelo imaginário social e as relações de cura que aconteciam em algumas situações específicas onde o encontro do homem com a água sulfurosa era questão primordial. Por este motivo, tomamos a decisão e entendemos que não havia outra maneira de narrar o surgimento desta cultura burguesa em nosso país a partir da inauguração do espaço balneário em 1931 silenciando mais uma vez uma história que precedia e justificava não só a organização deste espaço apropriado para as práticas medicinais, mas, também, o modo como ela contribuía de maneira decisiva para mudanças significativas nas viagens de vilegiatura no Brasil.

Por este motivo, decidimos então durante o mestrado tomá-la como ponto de partida para investigar de que modo pessoas comuns, médicos, arquitetos e literatos haviam atribuído valor às águas medicinais brasileiras entre os anos de 1839 e 1931 a ponto de construir cidades específicas para a prática da cura hidromineral. Ao final descobrimos que foi essa atribuição de valores às águas medicinais que acabou modelando, condicionando e instituindo comportamentos até então inéditos no nosso país que levou ao aparecimento da figura do curista e do banhista já no final do século XIX. Estas pessoas que circulavam ao redor das fontes termais, dos quiosques de música e faziam uso dos banhos no interior dos balneários contribuíram de maneira decisiva para fazer desta cidade, a famosa “estação de cura” no Brasil.

Já o ano de 1931 foi um marco importante nestas duas histórias, pois ao mesmo tempo em que ele encerrava o final de um período de noventa e dois anos de pesquisas científicas e uma importante batalha dos médicos que lutaram pela constituição de um local

apropriado para a prática da cura termal, ele também inaugurava um modelo de ocupação do tempo que era sem sombra de dúvidas uma novidade para a elite brasileira. Por isto esta tese é uma continuação da pesquisa de mestrado que interrompeu temporariamente a ideia original que finalmente agora, será apresentada neste momento. As emoções de cura ou prazer que foram vivenciadas a partir de um processo civilizatório das águas quentes do nosso país não poderiam ser percebidas e descritas sem que a cidade termal escrevesse a história da cidade balneária e da mesma forma, sem que esta última estivesse relacionada com a primeira formação urbana em torno das águas quentes daquele lugar.

Oi, Cris, valeu pela dica!

Tô adorando a viagem. Hoje o dia foi muito bacana! Acordei, tomei café da manhã, que, aliás, estava delicioso, e fui andar um pouco de bicicleta com uns amigos que fiz por aqui. O lugar é lindo como você tinha me dito. Depois da bicicleta, resolvi fazer aula de trapézio! É muito legal! Parece que a gente está voando. Além de trapézio, também fui na cama elástica e aprendi malabares com uns instrutores bem simpáticos. Ainda faltava um tempo pro almoço, e então resolvi ir até a beira da piscina e pedir alguma coisa pra comer. Como é bom o Super Inclusive ... é só pedir o que você quiser que está tudo incluso mesmo. Resolvi aproveitar. Pedi uma porção de batatas fritas que estava deliciosa.

E, pra acompanhar, uma caipirinha.

Dei um pulo na piscina pra refrescar e me chamaram pra uma aula de hidroginástica. Aproveitei que eu já estava molhada e fiz. É bom cuidar da saúde, né? Saindo da piscina, resolvi fazer um pouco de sauna ainda antes do almoço. Adoro aquele cheirinho de eucalipto. Tomei um banho e fui almoçar. O difícil é escolher em qual restaurante: são 5. Acabei escolhendo um peixinho grelhado. Você sabe como adoro tudo o que vem do mar, né? Não consigo resistir. Saí com aquela preguiça que bate depois de comer bem e resolvi ir tomar sol na beira da praia. Quando a preguiça passou, resolvi jogar vôlei de praia e acabei conhecendo mais um pessoal super

legal que me convenceu a ir até a capoeira. Eu nunca tinha tentado jogar capoeira antes. Adorei!”

Acho que, quando eu voltar pra casa, vou fazer aula (pena que em casa não é Super Inclusive, né?) Saí da capoeira e resolvi ir até o lugar onde tem arco e flecha. Me senti na turma do Robin Hood! Saindo de lá fui até a piscina de novo dar mais um mergulho e tomar uma água-de-coco pra aproveitar o restinho de sol. Depois da piscina resolvi ir até o fitness center pra malhar um pouco. Acredita que o fitness center daqui é melhor que a minha academia? Pois é. Tô achando que preciso morar aqui. Rsrtrs. Depois da malhação encontrei com o Peter de novo e ele estava indo jogar tênis. As quadras aqui são iluminadas, então dá pra jogar de noite. Muito bom. Jogamos um pouco e bateu aquela fome. Fui até o quarto, tomei um banho e desci pro jantar. Pensei, que tal uma comida baiana? Ótimo. Saí do jantar e fui até o Tropical Bar. Chegando lá, adivinha? Encontrei todo o pessoal que conheci e ficamos um pouco por lá e resolvemos continuar a balada na Hurricane’s Disco! O som tava ótimo. Dancei até não agüentar mais. Ficamos lá dançando, bebendo cerveja e conversando até altas horas. Foi ótimo. Voltei pro quarto exausta, tomei outro banho e parei pra escrever este postal pra você. Agora preciso ir dormir, que amanhã tem mais um monte de coisas pra fazer! Beijos.¹

Foi durante o seu vôo de João Pessoa à Campinas em 2009 que a Professora Dra Maria Lucia Abaurre Gnerre da Universidade Federal da Paraíba retirou de uma daquelas revistas que sempre ficam à nossa frente, esta propaganda sobre um dos mais conhecidos resorts brasileiros: Costa do Sauípe. Ela que estava a caminho de participar da minha banca de defesa de mestrado, achou interessante mostrar-me algo que acabara de ler durante o meu trabalho **“A cidade termal: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931”**. Afinal, esta propaganda demonstrava uma certa estratégia emocional de conhecimento e convencimento de um local natural anteriormente modificado para a recepção de determinadas pessoas que poderiam viver ali, emoções cuidadosamente

¹Folheto publicitário do SuperClubs Breezes – Costa do Sauípe, 2009.

ajustadas a partir do contato com um meio natural, ele mesmo, transformado e civilizado para a recepção de inúmeras pessoas.

A semelhança estava na maneira como alguns literatos do começo do século passado e entre eles, João do Rio, que se destacara com a obra “*A correspondência de uma estação da cura*”², escrito em 1917 e publicado em 1925, haviam encontrado na forma de texto, uma maneira peculiar e sugestiva de promover a cidade termal de Poços de Caldas, contribuindo definitivamente para a promoção das virtudes curativas de uma água quente e assim considerada medicinal a partir de meados do século XIX em nosso país. Este autor, além de Coelho Netto³, Olavo Bilac⁴ e Carlos da Maia⁵, exteriorizava com suas palavras, emoções declaradas ou proibidas, reais ou imaginárias que inúmeras vezes já haviam sido descritas na literatura europeia que versava sobre a vida cosmopolita de algumas cidades balneárias, entre elas, Bath, Caldas da Rainha, Vichy e Aix les Bains. As publicações de seus contos, romances ou crônicas em livros e em jornais da capital⁶ tornaram-se importantes ao demonstrarem uma nova vida, criada e recriada (a partir do ponto de vista de cada um) que retratavam algumas relações sociais e culturais (nem sempre iguais) construídas no interior de uma cidade cujo meio natural havia colaborado para a emergência de um saber médico específico de meados do século XIX⁷. A este saber e às relações médicas e sociais formou-se um imaginário social cujas consequências foram

² RIO, João do. **A Correspondência de uma estação de cura**. Romance de João do Rio. 3ª ed. Instituto Moreira Salles Casa da Cultura de Poços de Caldas: Scipione, 1992.

³ NETTO, Coelho. **Água de Juventa**. Porto: Livraria Chardron, de Léllo & Irmão, Ltda

⁴ BILAC, Olavo. **Ironia e Piedade**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916

⁵ MAIA, Carlos da (pseud.). **Uma estação em Poços de Caldas**, crônicas publicadas n’ O combate, de São Paulo, em fevereiro e março de 1925. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1925

⁶ Principalmente jornais da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro.

⁷ Hidrologia Médica - saber médico que se utilizava do estudo e aplicação das águas medicinais no organismo humano como forma de medicamento. Foi instituído no mundo ocidental pela Academia de Medicina de Paris, fundada em 1853. Tinha à sua frente dois nomes que se consagraram na aplicação das águas medicinais: Michel Bertrand e Max Durand-Fardel, médicos que publicaram os primeiros manuais de Hidrologia e estações balneárias na Europa. É, portanto, a partir de meados do século XIX que a Hidrologia Médica passa a ser ensinada na Faculdade de Medicina de Paris, servindo de modelo a outras sociedades balneoterápicas que existiam dentro da maior parte das capitais européias. Cf: Parte II – As águas escondem tantos mistérios! 2.3 O Termalismo Científico. In: MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. **“A cidade termal: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 e 1931”**. 2009. 155f. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, 2009. .

sentidas de imediato em um discurso propício que levou à construção de cidades chamadas hidrominerais ou termais nas primeiras décadas do século passado no Brasil.

A recepção destas obras teve papel fundamental no conhecimento e na curiosidade de dois grupos específicos da sociedade brasileira⁸ que desejavam ver in loco (e também experimentar), determinados tipos de emoções que se faziam presentes somente naquele lugar, onde a água termal atuava como importante processo civilizador na construção de cidades e também como *“instrumento direto de condicionamento e modelação de adaptação do indivíduo”*⁹ a modos específicos de comportamento, em um tempo-espço onde ela tornou-se elemento central.

De certo modo, a propaganda trazida pela professora, assemelhava-se à criação de um itinerário emotivo¹⁰, tal qual, havia se formado no espaço das águas de Poços de Caldas já em meados dos anos vinte. Contudo, a descrição deste dia totalmente tomado por um modelo de ocupação do tempo não estava relacionado de antemão com as virtudes curativas de uma água que tinha impulsionado o desejo pelas viagens de cura em nosso país. Por outro lado, apresentava uma série de atividades descritas como os esportes, os lazeres e até o momento de ócio que tinham a clara intenção de evidenciar um certo modo de vida que seria encontrado naquele local, mas que de forma alguma não havia nascido de imediato na sociedade em que vivemos.

A série de obrigações cotidianas que atualmente envolvem o discurso do bem-estar e a necessidade de um tempo de repouso afastado das nossas funções rotineiras é uma construção histórica e social que no final dos anos vinte do século passado desenvolveu-se

⁸Uma burguesia industrial ligada à agricultura cafeeira e um grupo formado por jornalistas, intelectuais, funcionários públicos e profissionais liberais.

⁹ ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Volume I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. p.95.

¹⁰ Entendemos por itinerário emotivo, todas as modalidades de desejo e entretenimento que as cidades termais europeias da primeira metade do século passado ofereciam para convencer curistas e veranistas a procurarem seus espaços balneários como remédio para doenças do corpo e do espírito, entre elas, a tão falada “neurtemia” – estado depressivo ocasionado pelo crescimento das grandes cidades e pela “agitação” da vida urbana que se estabelecia. Apresentamos o exemplo de Vichy como modelo deste itinerário emotivo: “Vichy offre à ses visiteurs toute une série de distractions d’une extreme variété: au Grand Casino (opéra, opératants); au Casino de Fleurs (opérette, comédie et music-hall); à l’Élysée- Palace, au Jardin de Vichy et au Petit Casino (music-hall et attractions diverses), sans oublier les grandes manifestations organisées par son Comité des Fêtes: batailles de fleurs, fêtes vénitiennes sur le lac de l’Allier, fêtes enfantines, fêtes régionalistes, etc.” In: VICHY offert par le syndicat d’initiative, 1927.

com maior ênfase na história do sujeito e das cidades em nosso país. Sob esse ponto de vista, o artigo propagandístico mantém então inúmeras semelhanças com um modelo de ocupação do tempo que se tornará novidade no Brasil, a partir dos anos trinta do século passado com a total reformulação do espaço balneário da cidade termal de Poços de Caldas, no estado de Minas Gerais. É através da remodelação urbana desta cidade, iniciada pelo processo civilizador de uma água quente, que se percebe uma ruptura nas práticas sociais e culturais na idéia de vilegiatura¹¹ trazida para o Brasil, onde, uma série de outras possibilidades, que se instituem além da cura pelas águas, como o descanso e as diversões, expandem-se através da sociabilidade moderna encontrada nos espaços aristocráticos dos balneários, cassinos e hotéis.

Em 1931 os antigos espaços de circulação de curistas e veranistas¹² que duas vezes ao ano desembarcavam na Estação da Mogyana¹³ em Poços de Caldas, já haviam sido totalmente ou parcialmente reformulados para abrigar o primeiro grande edifício brasileiro destinado a uma cultura pública das águas quentes no país. Cultura recente e muito em voga naqueles anos. Cento e quarenta banheiros de porcelana foram construídos e divididos em quatro seções para homens e mulheres. Duas seções exclusivas de duchas para ambos os sexos foram construídas no segundo pavimento do edifício, além de salas especiais para inalações, banhos de luz e sala de mecanoterapia “*só inferior à de Carlsbad e Vichy*”¹⁴. O teto do balneário foi especialmente construído para “*ser um grande terraço para passeio, ou um solarium*”¹⁵.

¹¹ Vilegiatura significava uma viagem até um local previamente determinado e único, durante uma temporada. Baseava-se mais no repouso do que no movimento impresso pela viagem. Foi uma prática social distintiva, de que só uma classe abastada podia dispor. Cf: QUINTELA, Maria Manuela. **Saberes e práticas termais**: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de São Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). In: **História, Ciências, Saúde** – Mangueiras, vol. 11(Suplemento 1): 239-60, 2004.

¹² A proximidade e o distanciamento conceitual entre esses indivíduos serão trabalhadas ao longo da tese.

¹³ O ramal de Caldas foi inaugurado em 22 de outubro de 1886 por D. Pedro II que chegou a cidade especialmente para esta ocasião. Acompanhado de enorme comitiva, o Imperador e o Conselheiro Antônio Prado ficaram por dois dias em Poços de Caldas sendo acompanhados “em ambos os passeios por enorme massa popular”. Cf: MOURÃO, Mário. **Síntese histórico-social**. 2 ed, 1952, p.30.

¹⁴ **Revista de Hydrologia e Climatologia Médicas**. Ano I, v.I, jan-março de 1931. Suplemento da Medicamenta. Rio de Janeiro.

¹⁵ Idem.

Acrescente-se a isso a reformulação de um grande hotel com 264 quartos e apartamentos com banheiros especiais, a construção de um imponente cassino com cinema falado e a reformulação de praças e jardins no entorno desse espaço. A verba de 30 mil contos de réis empenhada pelo governo do Estado também foi utilizada em obras de iluminação, no serviço de águas e esgotos, recaptação das fontes termais, construção de estradas de rodagem, calçamentos da cidade e no embelezamento de parques e jardins citados anteriormente. Ao todo, três anos foram gastos na remodelação da antiga cidade termal para a cidade balneária. Cerca de trinta estações termais e balneárias foram visitadas na Europa para a elaboração do projeto final. Renomados médicos, engenheiros e paisagistas da época¹⁶ foram contratados para a execução física e arquitetônica da primeira cidade considerada balneária no Brasil.

No entanto, essa afirmação poderá causar um embate historiográfico a outras cidades¹⁷ e pesquisadores que já trabalharam com o tema da cidade e cultura balneária em nosso país. Porém, avançarei em minhas análises. No primeiro ano de inauguração do novo espaço balneário, foram prestados 85.280 serviços termais, somando-se os serviços das *Thermas Antonio Carlos, Balneário dos Macacos e Balneário do Palace Hotel*. Desse total, 65.678 serviços foram feitos no novo estabelecimento termal (*Thermas Antonio Carlos*) sendo assim distribuídos: banhos sulfurosos (55.776), aero-banhos (32), banhos carbo-gazozos (21), mecanoterapia (4.776), pulverizações (1601), duchas gerais (2099), duchas massagens (616), duchas ginecológicas (209), duchas intestinais (9), massagens (224) e banhos de ar quente (315).

Nos três anos seguintes essa frequência aumentou para: **1932** (102.347), **1933** (110.526) e **1934** (145.778) serviços prestados. Apesar do número total de duchas ginecológicas, duchas intestinais, banhos carbo-gazozos e aero-banhos aumentarem nos anos seguintes fica claro, que a procura por esses tratamentos (especificamente direcionados para problemas de saúde) ficou muito aquém dos serviços indicados ao

¹⁶ Eduardo Pederneiras, Meira de Vasconcellos, Saturnino de Brito (pai e filho), José Fernal, Asdrúbal Teixeira de Souza, João Batispta de Almeida, Oscávo Lobato, Pimenta, David Ottoni e Dierberger & Cia.

¹⁷ No estado de Minas Gerais Caxambu, Lambari, São Lourenço e Araxá. No estado de São Paulo: Águas de Lindóia, Águas de São Pedro e Águas da Prata.

tratamento do bem-estar corporal dos visitantes (aqui se incluem curistas, banhistas e veranistas¹⁸). O “Diário da Noite” em 16 de outubro de 1931 já noticiava: “*Poços de Caldas é a melhor estação balneária do continente*”¹⁹, opinião emitida pelo cônsul da Itália após visitar dezoito municípios ao sul do estado de Minas Gerais naquele mês.

Serviços Thermaes de Poços de Caldas				
Quadro comparativo do movimento dos BALNEARIOS				
Thermas Antonio Carlos	1931	1932	1933	1934
Banhos sulfurosos	55.776	56.715	60.152	75.106
Aero banhos	32	94	397	627
Banhos carbo gazosos	21	50	309	716
Mecanoterapia	4.776	5.197	3.741	5.998
Pulverisações	1.601	3.085	4.720	8.853
Duchas geraes	2.099	2.473	2.673	4.026
Duchas massagens	616	649	745	1.135
Duchas gynecologicas	209	329	420	408
Duchas intestinaes	9	58	273	423
Massagens	224	447	807	1.084
Banhos de ar quente	315	600	750	2.161
TOTAL	65.678	69.697	74.987	100.537
Balneario MACACOS				
Banhos sulfurosos	12.309	20.128	23.022	24.091
Balneario Palace Hotel				
Banhos sulfurosos	7.293	12.522	12.517	21.150
Total dos serviços feitos	85.280	102.347	110.526	145.778

Figura 1: Serviços Thermaes de Poços de Caldas. In: Revista de Poços de Caldas, setembro de 1935.

¹⁸ De um modo geral, esses três tipos de indivíduos inicialmente foram percebidos pelos moradores locais como forasteiros. Sutilmente, mais tarde, as fontes apontaram determinadas características comportamentais para a elucidação dessas denominações na cidade balneária.

¹⁹ “Poços de Caldas é a melhor estação balneária do continente”. Diário da Noite, 16/10/1931 apud **Revista Poços de Caldas**. Ano 3, n. 97 de 18/10/1931.

Naquele mesmo ano, cento e vinte e três fontes²⁰ de águas medicinais já eram conhecidas no nosso território. Por um lado, o discurso medicinal, lado a lado com “*O que se faz na Europa e o que devemos praticar aqui*”²¹ dava início a um processo de conscientização para a prevenção de doenças e a manutenção da saúde a partir da água medicinal. Por outro, ampliava-se o seu uso na esfera social. A água medicinal era incluída em outros discursos que ano a ano incrementavam algumas facetas das mudanças interiores que transformavam o homem em sua exterioridade. Ser saudável e assim continuar, era um ideal de comportamento que ia sendo adquirido pelo homem moderno.

Em nosso país, os novos usos dos banhos medicinais apelam para essa clientela específica. Com o tempo o antigo curista é jogado para os bastidores da cena social. Ainda no ramo da medicina, a prevenção de doenças (do corpo e da alma) acaba relacionando-se rapidamente com uma propaganda que intensifica a divulgação de uma variedade de águas justificadas como recurso terapêutico nas principais revistas de hidrologia médica do país. A frequência de curistas e veranistas, mais veranistas do que curistas, aliada à designação de cada fonte de água medicinal, estabelece uma relação fisiológica de bem-estar corporal associada aos diversos tipos de banhos, sintoma muito propício que levará à própria inferioridade deste discurso que será substituído pela prática mundana de atividades desenvolvidas na cidade balneária.

Salas de jogos, cassinos, peças teatrais, concertos, bailes e festas organizadas durante a estação de repouso serão a grande atratividade do lugar. A cidade balneária aparecerá como opção civilizada para o desenvolvimento do turismo interno no país, mas antes seria preciso fortalecer as novas invenções que as viagens de repouso proporcionavam aos ricos de plantão. As imagens divulgavam pessoas com aparência feliz: sorrisos e descontração apareciam em suas faces. As qualidades fisiológicas dos banhos estendiam-se

²⁰ “Sabidas a mór parte das fontes existentes nos diversos Estados do Brasil, as quaes já chegam ao número de 123, mais ou menos conhecidas e com aplicação a quase todos os casos médicos, embora estejam ellas mal estudadas e mal exploradas”. In: **Revista de Hydrologia e Climatologia Médicas**. “Como organizar um serviço de thermas no Brasil”. Anno 1. N.3, maio de 1931.

²¹ **Revista de Hydrologia e Climatologia Médicas**. “Um projecto de banhos públicos em Belo Horizonte”. Anno 1. N.3, maio de 1931.

à “*ação altamente sedativa*”²² e aos momentos de prazer, “*no qual gostaria de permanecer indefinidamente*”²³. Em Araxá, em meados dos anos 40, aparecem as alas de banho, compostas por um conjunto de doze banheiras destinadas ao banho sulfuroso e de imersão. Surgem as piscinas emanatórias cujos banhos prescritos “*obedecem a um sentido terapêutico*”²⁴. Aparecem as seções de lama, cujas compressas e máscaras serão disputadas “*nos tratos da beleza*”²⁵.

É na singularidade de um novo tempo dedicado principalmente às questões emocionais que passam a envolver o homem nas suas relações de proximidade e distanciamento com o indivíduo ou a coletividade, e também com as suas ambições e desejos que a cidade balneária estabelece uma ruptura com as antigas práticas de cura da cidade termal. Afinal, é na aventura da primeira cidade balneária que o indivíduo moderno se manifesta longe dos espaços das grandes cidades. Ali, permite-se ao “forasteiro” viver estados de alegria e de prazer em um contexto profundamente socializado.

Ao contrário do que havíamos levantado em 2009, o interesse pelo estudo das cidades balneárias tem se desenvolvido no meio acadêmico desde então²⁶. No entanto, algumas questões ainda parecem camuflar o verdadeiro sentido das viagens empreendidas em nosso país para aqueles lugares que tiveram a sua história construída em cima dos valores atribuídos às águas medicinais. Inicialmente gostaríamos de elencar alguns desses episódios, esclarecendo que nossas observações históricas só serão apreendidas e esclarecidas ao longo dessa tese. Por ora, adiantamos que as questões cruciais deste trabalho que envolve uma série de análises sobre o uso das águas quentes nos espaços públicos das cidades, as diferenças extremamente importantes do ponto de vista

²² **Folha da Manhã**. “Poços de Caldas, cidade das esperanças. As thermas – uma visita minuciosa ao sumptuoso edifício que recebe dores e restitue alegrias – curas prodigiosas”. 22/08/1931. Ano IX, n.2779.

²³ **Revista Brasileira de Crenologia**, 1933, p.13.

²⁴ FABRINO, Antonio de Oliveira. **Aspectos da crenoterapia na Europa e no Brasil**. Publicação n.01. Comissão Permanente de Crenologia. Departamento Nacional de Produção Mineral, 1950, p. 42.

²⁵ Idem, p. 48.

²⁶ Diversos autores têm se preocupado em primeira instância somente com os aspectos físicos da paisagem urbana desses locais. Na maioria dos casos, apresentam uma síntese historiográfica focada na história oficial que desconsidera a prática do curismo nas cidades que foram fundadas a partir das águas medicinais. Quando há menção sobre tal assunto, percebe-se uma grande incorporação linear de autores estrangeiros que escreveram em tempos históricos diferentes do caso brasileiro.

comportamental de curistas e veranistas na organização desses espaços e o modo de viver daí decorrentes e a aproximação da temporalidade histórica estudada sob o viés de um contexto cultural e nacional diferenciado de outros momentos europeus, são pontos fundamentais para o entendimento da constituição e eleição da cidade balneária em nosso país. E que a história das emoções vividas neste espaço balneário, é antes de tudo, a história de uma cultura burguesa cujos desejos e motivações levaram às viagens de vilegiatura, sendo, o destino final uma grande novidade que se apresentava através de outro espaço urbano que entrava em cena no nosso país a partir de 1931.

A grande cidade e a experiência social:

Dentro de cada campo social, existem órgãos mais representativos e outros menos representativos, órgãos centrais e outros menos centrais. A cidade, por exemplo, sobretudo a cidade grande, é um dos órgãos mais representativos de nossa sociedade. Em nosso campo social, ela é matriz que tem, de longe, o efeito mais abrangente. Suas consequências e influências não podem ser evitadas nem mesmo pelos habitantes dos campos da periferia, apesar de toda resistência. O tipo humano determinante, exemplar, mais influente de nossa sociedade vem da cidade, ou pelo menos é marcado pela matriz urbana. Nesse sentido, os homens da cidade são representativos para a nossa sociedade. A “corte real” como órgão especial na cidade – enquanto continuar existindo – certamente ainda tem um significado na Europa ocidental, sobretudo na Inglaterra, sendo capaz de modificar a matriz urbana; todavia, nos dias de hoje, ela não é mais representativa, como a própria cidade é, para o campo social do Ocidente.²⁷

²⁷ ELIAS, Norbet. **A sociedade de Corte**. Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Trad. Pedro Sussekund. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

Escrito por Elias na década de 30, o trecho acima destaca sob perspectiva crítica uma interessante relação sociológica produzida a partir de dois órgãos centrais que foram fundamentais para a formação do indivíduo moderno e suas redes de sociabilidade ao longo do tempo na história: a corte e a cidade.

Entre os séculos XVII e XVIII, a corte francesa de Luís XIV teve “*um significado central e representativo*”²⁸ na grande maioria dos países da Europa Ocidental. De acordo com Elias, naquela época era a corte e não a cidade que organizava um modo de vida e consequente experiência social. Era por meio dela que se compreendia o homem e o mundo, governados então pelo rei absolutista e pelas relações de interdependência que se estabeleciam entre os indivíduos que davam forma a essa unidade social. Era na “*maison du roi*” que as ações pessoais de Luiz XIV “*tinham caráter cerimonial de ações de Estado*”²⁹, e era fora dela que “*cada ação do Estado ganhava o caráter de uma ação pessoal do rei*”³⁰. Na corte, lugar onde milhares de indivíduos se reuniam e se associavam para acompanhar ou aconselhar o rei, a diversão e outras formas de experiências subjetivas do sujeito dependiam “*em certa medida, e dentro de certos limites, da vontade do rei*”.³¹ Havia uma ordem hierárquica que oscilava entre o pouco e o muito de certa rigidez que tinha na etiqueta rigorosa, a linha tênue que ligava cada indivíduo dentro dessa figuração social. Assim, a experiência social decorrente dessa formação espacial dependia da necessidade de se impor e de se manter no interior dessa figuração que conferia a todos os indivíduos, segundo Elias, uma marca característica: o cunho de cortesão. Era essa a qualidade que distinguia essas pessoas de outros da escala social e demarcava também naqueles do mesmo grupo a escolha das experiências que seriam vivenciadas dentro dessa figuração social. A cidade, por sua vez, ocupava um lugar secundário nessa sociedade de corte.

Foi somente a partir de meados do século XIX que uma ruptura nas maneiras de viver e de se relacionar com o espaço da cidade despertou nos intelectuais, questionamentos

²⁸ Idem.

²⁹ Idem, p. 67

³⁰ Idem.

³¹ Ibidem, p. 61

próprios advindos de sua nova condição. Enquanto espaço físico e materialidade, a grande cidade passou a ser enfatizada no debate europeu. Foi sob o prisma dos “*problemas urbanos*” nascidos também com a industrialização³² que literatos, higienistas, políticos e mais tarde os arquitetos escreveram sobre a nova condição urbana. No campo epistemológico da história foi somente com a Escola dos Annales³³ que a história urbana propriamente dita ganhou estatuto historiográfico.

Ao reinterpretar os textos fundadores que analisaram as novas condições de vida dos homens na cidade industrial, a historiografia, a partir dos pressupostos empíricos que haviam sido levantados pôde conceber o urbano como uma narrativa capaz de exteriorizar as questões da política, da economia, do urbanismo e das relações sociais desenvolvidas nos espaços da cidade utilizando-se de narrativas e imagens que compunham o novo quadro cultural.

Deve-se a Engels³⁴ o olhar direcionado que inaugurou uma maneira específica de narrar a novidade da cidade industrial. A partir de sua estrutura narrativa de repetição, a “*grande cidade*” tornou-se o lugar mais característico da cidade industrial. Entre os seus contemporâneos³⁵ partilhava-se da opinião que ela havia se tornado um grande problema, afinal, a cidade do capital era narrada como uma situação real que não se alterava. No século XIX, ferrovia e cidade tornaram-se os símbolos da industrialização. O apito do trem e a presença do tijolo simbolizavam esse momento onde o choque entre as edificações cheias de fuligem e o seu contraste com as cidades e as casas do campo criavam rupturas no

³² Stella Bresciani considera insuficiente tomar a origem da industrialização (aumento da densidade demográfica ocasionada pela grande indústria fabril) como o único percurso nos estudos que investigam a formação de um saber sobre a cidade. Para a historiadora é possível descrever outros eventos relacionados ao âmbito da política que já haviam surgido no século XVIII, e de tal forma já contribuíam para um olhar direcionado para os problemas da cidade. A riqueza das nações de Adam Smith (1716) e o trabalho de Béguin (1979) já ofereciam um campo conceitual para os estudos sobre a cidade a partir da representação filantrópica e estética da pobreza e as pesquisas que reduziam o ambiente a dados técnicos. Cf: BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e história. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (org). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1264.pdf#page=14

³³ De acordo com De Decca (1991) apud PECHMAN, Robert Moses. **O urbano: invenção ou descoberta?** Para pensar uma história urbana. Disponível em: <http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/309/285>

³⁴ ENGELS, Friedrich. As grandes cidades. In: **A situação da classe trabalhadora em Inglaterra**. Lisboa: Ed. Presença/Livraria Martins Fontes, s.d. 1845.

³⁵ Entre eles, o mais representativo, MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

pensamento social. Discutiam-se novas paisagens e as novas percepções acerca do fenômeno urbano.

Durante muitos anos, a descrição da cidade industrial e sua multidão, da guerra social de todos contra todos e do crime social evocado pela fome fundamentou diversas leituras da cidade que apresentavam a idéia de uma sociedade urbana em conflito, lugar corruptor do próprio homem sem regresso.³⁶ A contaminação do ar, as moradias sem espaço para a ventilação, os pátios, o serviço sanitário, além de um autorreconhecimento através das roupas dos operários criaram símbolos na história das cidades aos quais a sensibilidade humana reagiu. Mas se por um lado, a cidade industrial era vista e compreendida somente como um lugar de mercado, por outro, ela também era o espaço nascente dos novos modos de percepção e interpretação da experiência moderna que nascia com a emergência de uma burguesia urbana que florescia no interior da própria cidade industrial.³⁷ Para essa classe em especial, a modernidade oferecia um mercado de imagens que interagiu com o imaginário coletivo e fazia da cidade um fato cultural. Uma novidade a princípio vivenciada nas experiências sociais que os homens travavam com as características visuais da nova cidade, cuja interpretação estava relacionada com a idéia de virtuosidade respaldada historicamente na filosofia iluminista do século XVIII.

A idéia da cidade como virtude, herança então de três grandes nomes do Iluminismo, Voltaire, Adam Smith e Fichte³⁸, relacionava-se com a imagem e a percepção de mudança que a cidade seria capaz de proporcionar ao próprio homem. Para Voltaire que havia escrito sobre Londres, os valores político, econômico e cultural deveriam ser virtudes comuns para a moderna cidade que nascia. “*Promotora da mobilidade social*”³⁹, Londres era a cidade de uma certa liberdade do indivíduo que trazia o progresso social. Era na

³⁶ Cf: LONDON, Jack. **O povo do abismo**: fome e miséria no coração do império britânico: uma reportagem do início do século XX. Trad. Hélio Guimarães e Flávio Moura. São Paulo: Ediora Fundação Perseu Abramo, 2004.

³⁷ Cf: BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX e A Paris do segundo império em Baudelaire. In: KOTHE, Flávio R. **Walter Benjamin**. Editora Ática, 1985.

³⁸ Segundo Schorske, cada qual formulou sua visão da cidade como virtude civilizada em termos adequados que levavam em consideração suas respectivas culturas nacionais. Cf: SCHORSKE, Carl E. **Pensando com a História**. Indagações na passagem do modernismo. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

³⁹ SCHORSKE, Op.cit,p.55.

indústria e no prazer que a vida urbana se distinguiria produzindo a civilização. A base do progresso estava nessa relação de interdependência entre pobres e ricos que estimulavam o gosto e a civilização. “*Seu modelo de homem rico não era o capitão de indústria, mas o aristocrata perdulário que levava uma vida de ócio na cidade, um verdadeiro filho do princípio do prazer*”⁴⁰. Para o filósofo, os hábitos refinados da sociedade de corte de Luiz XIV haviam trazido “*uma vida mais doce*” para o cidadão inculto.

A cultura na cidade nova, simbolizada na figura do aristocrata que ainda vivia a sua vida como uma extensão do palácio e que introduzia nos costumes dos jovens dessa cidade a boa conversação e a leitura, era para Voltaire, “*a difusão da razão e do bom gosto para indivíduos de todas as classes*”⁴¹. Segundo esse ponto de vista, e de acordo com Schorke que levantou três avaliações sobre a cidade nos últimos duzentos anos, a experiência urbana sob uma percepção derivada de uma cultura herdada dava então, seus primeiros passos rumo a uma experiência social, um pouco mais flexível, é verdade, mas não menos hierárquica, se levarmos em conta o ponto de vista de um projeto civilizador dos costumes da cidade e do homem na modernidade.

Essa flexibilidade do olhar e as novas maneiras de sentir na grande cidade sob a óptica do sensível foi expressa por Baudelaire ao captar o frescor da modernidade como um fenômeno transitório que estava dado e que se revelava a partir da qualidade da experiência da vida moderna e da qualidade da experiência da vida artística⁴². Mais do que um processo de modernização que se via na dimensão do espaço físico com a industrialização e a urbanização, Baudelaire sentia e expressava que a modernidade era a experiência do sujeito que estava intrínseca a esse processo de modernização cuja experiência sensorial estava

⁴⁰Idem.

⁴¹Ibidem, p. 56

⁴²Simmel também teceu valiosas reflexões filosóficas e sociológicas sobre a arte, a estética e a sua relação com a cidade de acordo com Carlos Fortuna. “Roma, uma análise estética” (1898), “Florença” (1906) e “Veneza (1907)” foram textos que surgiram em momentos de intensa transformação política e cultural na Europa e chamaram a atenção “para a articulação da arte e da estética com o espírito e a vida da cidade”. A contribuição de Simmel impactou os trabalhos de nomes consagrados como John Ruskin, Alois Riegel, David Lowenthal, Françoise Choay, Walter Benjamin e Siegfried Kracauer contribuindo para “a reflexão sobre o lugar da estética, da arquitetura e da organização e usos dos espaços da cidade na construção da modernidade”. Cf: Dossier Simmel: A estética e a cidade. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Dezembro de 2003.

sendo vastamente ampliada, tornando-se fugidia e fugaz, mas capaz de por a cidade “*a serviço de uma poética dessa atitude da vida moderna*”.⁴³

Justificando assim compreende-se que nem sempre a cidade foi sentida e vivida sob os moldes da civilização. As reflexões filosóficas e sociológicas que surgiram neste momento de intensa transformação política e cultural na Europa, só foram possíveis a partir do momento em que ela obteve o estatuto de fronteira através de determinados eventos que ampliavam de maneira decisiva a experiência do sujeito relatada nas percepções com o novo espaço urbano. Abdicando ao lugar secundário que ocupava até então na corte real para adquirir estatuto de lugar⁴⁴, a cidade moderna como um tipo de paradigma possibilitou juntamente com o triunfo do indivíduo⁴⁵ a sensação de sentir a harmonia dos efeitos da modernidade no caos das grandes cidades. Assim, desejo e individualidade, espaço e sociedade compuseram outras representações urbanas que dialeticamente dividiram espaço no imaginário social que descrevia acima de tudo a novidade da experiência individual. Esta por sua vez, vivenciada, experimentada e comentada nos espaços da cidade ofereceu aos indivíduos que se relacionavam a oportunidade de satisfazer determinadas necessidades que foram criadas socialmente e demonstradas afetivamente nos espaços da cidade.

Sob essa lógica, pode-se, portanto dizer, que a história da cidade balneária compreendeu antes da história do urbanismo, uma história das sensibilidades do homem no mundo moderno. Por outro lado, foi também uma história do corpo e da imaginação utópica. Os espaços urbanos criados, as técnicas de tratamento empregadas, a especialização dessas cidades no mercado publicitário, o desenvolvimento de boas estradas de rodagem, a disseminação de alguns tipos aristocráticos de esportes nesses lugares são capítulos da constituição física e psíquica desses locais. A partir de dois pontos de vista, o primeiro que colocou o corpo em circulação para fora do ambiente doméstico e o segundo

⁴³ Schorske, Op.cit, p. 67.

⁴⁴ Cf: LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos da cidade**. Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora da Unicamp, Aracaju: Editora UFS, 2007, 2ª ed.

⁴⁵ De acordo com Michelle Perrot, a Declaração dos Direitos do Homem, marca segundo Louis Dumont, o triunfo do indivíduo, condição que seria ao longo do tempo conquistada nos caminhos que garantiriam a sua afirmação política, científica e existencial. Cf: PERROT, Michelle (org). **História da vida privada**. 4. Da revolução à primeira guerra. Trad. Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

que pensou e recriou maneiras de colocá-lo em exibição, contando com a possibilidade de sua aceitação ou exclusão, caracterizaram um momento peculiar na história de algumas cidades que ganharam título de balneária a partir dos anos de 1930 em nosso país.

Sem sombra de dúvidas, foi o desejo pelas novas experiências corporais e emocionais suscitadas pelo sentimento de identidade individual que caracterizaram algumas emoções que se tornaram responsáveis pela afirmação de alguns signos de reconhecimento social para uma classe em especial no nosso país a partir da década de 1930. Essa relação coincidiu favoravelmente com uma nova imagem sobre Poços de Caldas que a partir de 1931 apareceu como um grande projeto utópico sob o ponto de vista da história. Formatada pelo seu espaço físico, e, formalizada pelo imaginário social, a cidade balneária foi então pensada como uma idealização de algumas questões históricas que começaram a propagar um ideal de felicidade ou de uma cidade mais feliz⁴⁶ para uma classe aristocrática que passava a circular entre espaços urbanos e ainda não balneários, e espaços balneários que começavam a requisitar ares de cidades urbanizadas em nosso país. Sob esses aspectos pode-se, portanto, traçar os discursos que delinearão a trajetória desses eventos levando-se em consideração algumas fissuras na manutenção dos discursos precedentes que haviam formalizado a antiga cidade termal no Brasil.⁴⁷

⁴⁶ Em 1553, Francisco Patrizi da Cherso (1529-1597), filósofo ítalo-croata, publicou em Veneza, *A Cidade Feliz*. Em seu segundo capítulo, o autor discorre sobre “das coisas necessárias para alcançar a felicidade”. Nas palavras de Patrizi, somente era feliz aquele que vivia “conforme a virtude perfeita, sem impedimentos, uma vida completa”. Essa virtude perfeita deveria englobar “o exercício de todas as virtudes intelectuais e morais”. Por outro lado, uma vida sem impedimentos estaria relacionada com a conservação corporal através de uma “boa saúde, alimentação, conforto e disposição dos meios necessários para tê-los em abundância”. De acordo com Moraes (2011) o que distingue “*A cidade feliz*” de outros textos utópicos é o seu “estímulo à efetivação das idéias nela propostas”. Ao invés de uma cidade ou lugar já construído com certo grau de funcionamento de suas instituições e de seus recursos que garantem a sua manutenção, temos nesse texto de 1553 uma proposta de cidade muito mais compatível com uma série de possibilidades de sua concretização no espaço. Cf: CHERSO, Francesco Patrizi da. *A cidade feliz*. Tradução, introdução e notas: Helvio Moraes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

⁴⁷ Cf: MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. *A cidade termal: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 e 1931*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em História da Unicamp em 2009. No prelo.

A cidade termal e a construção da sua paisagem urbana:

Quando no dia 8 de julho, às 6:10 da tarde, tomei em Toulouse o trem que me devia levar a Luchon, onde estaria às 10 horas e meia da noite, senti a mais profunda emoção: ia realizar sonho dourado de toda a minha vida, que era ver a Rainha dos Pirineus, estudá-la nas suas mínimas particularidades, conhecer o que era uma estância balnear sulfurosa, resolver, finalmente, todas as questões que se prendiam ao beneficiamento de Poços de Caldas, esse recanto abençoado do Estado de Minas Gerais, ao qual tinha consagrado todos os parcos recursos do meu intelecto e todas as energias do meu espírito! Sobravam-me, portanto, motivos para que sentimentos diversos me trabalhassem o espírito no momento da partida e durante a viagem. Mas quando saltei na gare, me meti num carro e comecei a percorrer a Avenida d'Etigny, envolvido no perfume das flores de tília, em demanda do Hotel Continental, a emoção embargou-me a voz, e os olhos se arrasaram de lágrimas.

*Ah! – Eu estava em Bagnères-de-Luchon!*⁴⁸

Quando em 1902 o médico Pedro Sanches de Lemos desembarcava no velho continente munido do desejo de conhecer e estudar algumas das mais afamadas estâncias hidrominerais da Europa, Poços de Caldas não passava de uma pequena cidade que frequentemente se via atolada, (literalmente!) nos caminhos recortados por inúmeras poças d'água e pelo ribeirão das Caldas. O largo central, local da descoberta das fontes de águas quentes em 1786, há alguns anos já recebia grupos de banhistas e lazarentos deformados, cobertos de úlceras com seus corpos estropiados e seus espíritos esperançosos na promessa de que aquelas águas curavam.

48 LEMOS, Pedro Sanches de. **Notas de viagem**. Na Alemanha, na Suíça, Na França. São Paulo. Escola Typographica Salesiana. 1903. p.188



*Figura 2: Vista da Freguesia de Nossa Senhora da Saúde das Águas de Caldas.
Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas. Data: 1886*

À beira das fontes das águas denominadas sulfurosas via-se no início dos anos de 1900 morféticos e belas senhorinhas que ocupavam aquele campo lodoso na época das estações. Ainda que suas casas seguissem o modelo colonial predominante na arquitetura brasileira até meados do século XIX, alinhadas uma a uma com suas dezenas de janelas e suas cores brancas pintadas à cal, podia-se observar também nesta paisagem do interior mineiro, alguns belos chalés de estilo europeu introduzidos pelas famílias mais abastadas e também por condes e barões imperiais que para lá se dirigiam no intuito de veranejar no final do século XIX. O estilo neoclássico dessas construções havia chegado junto com o ramal da Mogyana inaugurada em 1886 pelo imperador Dom Pedro II e o balneário Pedro Botelho e o consultório do doutor Pedro Sanches de Lemos já se embelezavam desse estilo arquitetônico que ornamentava o planalto caldense.



Figura 3: As primeiras construções eram rentes à calçada, com duas águas de telhado, caindo para a rua e para os fundos, porta central almofadada e janelas altas com bandeiras retangulares ou arredondadas.

Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas. Data: 1886



Figura 4: A estação da Mogyana em 1910. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.



Figura 5: Chalé dos Procópios. Data: 1907. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas. Data: 1907.

Mas ainda que houvesse muita lama, pó e carros de bois que cruzassem o largo central onde se encontravam também um modesto hotel e algumas casas de jogos, Poços de Caldas em 1902 ainda ensaiava os seus primeiros passos rumo à construção de uma cidade termal no Brasil. O médico, que iniciara seus estudos em 1867 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro acabou ficando conhecido como o “*doutor das águas*” nas primeiras décadas do século XX porque se tornou o grande propagador das águas sulfurosas de Poços de Caldas a partir de suas três únicas obras⁴⁹. Após defender sua tese sobre epilepsia “*na augusta presença de Sua Majestade, o Imperador*”⁵⁰, Pedro Sanches estabeleceu-se nos campos alagados das caldas sulfurosas no ano de 1873.

De certo ali chegara porque era preciso dar início ao seu ofício de clinicar, mas o fato de seus pais terem se mudado para a cidade vizinha de Caldas levou o neto materno do

49 **As águas thermaes de Caldas** (Província de Minas Geraes) - médico clínico nos Poços de Caldas desde 1873. RJ: Typographia Perseverança, 1884 - **Notas de viagem** – Na Alemana, Na Suissa e na França. São Paulo: Escola Typográfica Salesiana, 1903 - **Águas thermaes de Poços de Caldas**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1904.

50 LOBO, Pelágio. **Drº Pedro Sanches de Lemos. O homem, o médico, o crenólogo**. Monografia inédita. Maio de 1947. p.07

rico barão do Rio Verde a escolher aquelas terras para morar. Admirado com o fluxo constante de pessoas que chegavam às fontes de águas quentes e com a cura de determinadas moléstias, o médico se põe a estudar a ação química dessas águas no organismo humano. Para ele a presença do gás hidrogênio sulfuretado, a termalidade da água e a alcalinidade do banho, nada valeriam “*se não fosse a abundância das fontes que podem prestar-se a todos os processos balneoterápicos, aumentando o seu valor terapêutico*”⁵¹. Sua proposta era clara: era preciso revestir aquelas águas não só de ciência, mas também de engenharia à semelhança de Bagnères de Luchon, “*que pode fornecer aos doentes banhos, duchas gerais e locais, piscina de natação, pequenas piscinas, estufas, inalação por um tubo de vapores da água e pulverização*”⁵².

Em 1884, ano de publicação do seu primeiro livro *As águas thermaes de Caldas – Província de Minas Geraes*, o médico afirmava que o conhecimento popular sobre a eficácia das águas medicinais de Poços de Caldas, já era anterior ao ano de 1815, quando diversos doentes procuravam as fontes de águas quentes como remédio natural ou como cura sobrenatural⁵³. Seus primeiros estudos já demonstravam que “*as nossas águas reúnem todas estas especialidades: curam-se aqui as bronquites como em Cauteterests e Eaux Bonnes, as moléstias da pele e as úlceras como em Baréges, os reumatismos como em Luchon e as moléstias do útero como em Saint-Sauver*”⁵⁴.

Pedro Sanches não era, no entanto o único médico que se valia do uso das águas termais para o tratamento de doenças, numa época em que no Brasil “*as mais variadas práticas de cura conviviam lado a lado com a medicina oficial do Império, aquela que se*

51 LEMOS, Pedro Sanches de. *As águas thermaes de Caldas*. (Província de Minas Geraes). Op.cit.p.47.

52 Idem p.47

53 De acordo com Luiz Otavio Ferreira, a arte médica executada no Brasil pelos poucos médicos “*não se distinguia radicalmente daquela exercida pelos populares. A medicina culta assemelhava-se à medicina popular, na medida em que expunha uma concepção da doença e apregoava um arsenal terapêutico fundamentados numa visão de mundo em que coexistiam o natural e o sobrenatural, a experiência e a crença.*” Cf: FERREIRA, Luiz Otávio. *Medicina Impopular – Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840)* In: CHALHOUB, Sidney (org). *Artes e Ofícios de curar no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 102.

54 LEMOS, Pedro Sanches de. *As águas thermaes de Caldas*. (Província de Minas Geraes). Op.cit.p.52

julgava a medicina científica”.⁵⁵ O médico fazia parte de um pequeno grupo composto por dez médicos⁵⁶ que estudavam e acreditavam nos valores curativos de águas consideradas medicinais entre os anos de 1839 a 1915, data de sua morte.

Na verdade, no início do século passado no Brasil, Poços de Caldas não era a única vila ou cidade que se ocupava de suas águas consideradas medicinais para atrair grupos de banhistas ou curistas em seu território. Caxambu já havia conquistado fama em meados do século XIX, principalmente a partir de 1868 quando a figura da princesa D. Isabel hospedara-se na cidade ansiosa por *“perpetuar a dinastia dos Braganças”*⁵⁷. Mas o fato é que os estudos científicos que se propagavam nas revistas e periódicos médicos, bem como nas poucas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tinham a clara intenção de demonstrar aos outros homens da ciência e ao governo imperial o modo como Caldas da Rainha, Gerez, Vichy, Spa e Forges estavam enriquecendo, tornando-se prósperas e acima de tudo, civilizando-se através dos *“milhares d’estrangeros que, anualmente affluindo, dão incremento ao seo commercio interior, as acanhadas côrtes de seos Príncipes e põem em circulação seos capitães desta arte prodigiosamente augmentados”*⁵⁸. Há de se dizer que o discurso civilizatório dessas águas era desde a primeira metade do século XIX declarado, mas foi somente na figura do médico Pedro Sanches de Lemos que os embates produzidos no interior desse diálogo alcançaram resultados significativos quanto à

55SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura**. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, IFCH, 2001.p. 21

56 Em ordem cronológica são esses, os nomes que investigaram os locais onde se descobriram fontes de águas termais no Brasil até o ano de 1915, data da morte de Pedro Sanches. Cada qual por sua vez, tornou-se o responsável por divulgar suas propriedades químicas, relatar as suas curas e também reclamar do poder público condições favoráveis para o acesso e permanência dos curistas. Vicente Moretti Foggia (1839) e Jean Maurice Fraive (Caldas Novas, 1845); Antônio Maria de Miranda e Castro (Rio de Janeiro, 1841); Sigaud (Caldas Novas, 1844); Drº Pedro Sanches de Lemos (Poços de Caldas, 1884); Caminhoá (Araxá, 1890); Drº Monat (Caxambu, 1894); Drº Pires de Almeida (Caxambu, 1895); Policarpo Viotti (Caxambu, 1908); Drº Orozimbo Corrêa Neto (Poços de Caldas e Caldas Novas, 1915). Após a morte de Pedro Sanches de Lemos os estudos sobre a cura pelas águas continuaram com: Gabriel Pio da Silva (Águas da Prata, 1918); Francisco Tozzi (Águas de Lindóia, 1921); Drº Genésio Salles (Caldas do Cipó, BA, 1924); Carlos Pinheiro Chagas e Aristides de Melo e Souza (Poços de Caldas, 1927); Eurico Branco Ribeiro (Santa Clara, 1927); Adriano Pondé (Caldas do Cipó, 1930) e Mário Mourão (Poços de Caldas) para ficarmos na primeira metade do século XX.

57 MONAT, H. **Caxambu**. Rio de Janeiro: Luiz Macedo, 1894. p.2

58 CASTRO, Antonio Maria de Miranda. **Dissertação Inaugural sobre As Águas Mineraes Brasileiras**, e em particular as da cidade do Rio de Janeiro. These apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e sustentada em 7 de dezembro de 1841. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1841. p.7

construção de uma cidade termal moderna no Brasil. Médico de prestígio desde a chegada do imperador Dom Pedro II a Poços de Caldas no final do século XIX, o médico propositor de mudanças bruscas na região alagada das águas quentes contava também com grandes amizades, dentre elas Coelho Netto, Olavo Bilac, Rui Barbosa, Campos Salles e Rodrigues Alves. É pelas palavras de Coelho Netto que o doutor Pedro Sanches de Lemos aparecia mal disfarçado na figura do doutor Lino em seu romance intitulado *Água de Juventa*, escrito em 1904 e publicado posteriormente em 1925:

Quando os banhistas que, de manhan, gosavam o sol à porta do hotel da Empresa, o viam vir pelo largo, encapotado, cabisbaixo, no seu passinho miúdo e sereno, alludindo ao seu perfil, que lembrava o do grande imperador, diziam com malícia: “Ahi vem Napoleão estudando o seu campo de batalha”.

Às sete horas já elle estava no consultório a examinar doentes, desnudando braços flácidos, magras espáduas, nádegas, sempre preconizando o tratamento pelas injeções hypodermicas, único efficaz na syphilis.

- Olhe, meu amigo, dizia, apertando os olhinhos malicioso, com a seringa entre os dedos – o baptismo devia ser uma boa injeção de mercúrio. Para a mancha original sempre seria de mais effeito do que a água das pias. Deixe lá falar.

E, estendendo o braço, mostrava os armários atochados de livros, citava autores, capítulos celebres e emitia conceitos occulistas sobre o Homem e sua misera condição.

- Nós estamos no planeta para o soffrimento, e só – os gosos são raros, não contam.

Falava de cabeça baixa, sorrindo mysteriosamente, e lá ia desinfectar a agulha, voltava á sala a chamar outro cliente, e desapparecia no gabinete. Um gemido surdo accusava a agulhada, mas o doutor animava, heróico e consolador:

- *Que é isto comparado às grandes dores que o senhor tem soffrido?*
*Prompto. Vá. Está melhor.*⁵⁹

Assim, casado com a filha primogênita do coronel Agostinho José da Costa Junqueira⁶⁰, sesmeiro das terras onde se descobriram as fontes de águas sulfurosas, era ele quem recebia devidamente estes personagens ilustres que iam a Poços de Caldas para conhecer as virtudes das águas de que tanto falava o médico em suas correspondências aos jornais da capital. Do gabinete de seu consultório redigia constantes notícias acerca do suposto *vale milagroso* de onde indicava o tratamento pelos banhos quentes para as bronquites, as moléstias de pele, as úlceras, os reumatismos e as moléstias do útero; além dos suadouros e dos *banhos de demora*⁶¹ e do imprescindível *esquecimento dos cuidados tristes*⁶² como condição de bom sucesso na cura pelas águas medicinais. Era desse gabinete que o médico esperava para um futuro próximo “*todos os processos da balneoterapia moderna*”⁶³ para os poços de caldas.

59 NETTO, Coelho. **Água de Juventa**. 3 ed. PORTO: Livraria Chardron, de Lélío & Irmão, ltda. 1925 pp. 14-15.

60 De acordo com Stelio Marras, “a união entre o homem rural e o homem do saber respondia, em boa medida, aos ditames do progresso e da modernidade brasileira que então experimentavam arranque inédito, como expresso na intensa troca de café por bens da indústria inglesa, que também ecoou nos poços de caldas do fim do século.” Cf. MARRAS, Stelio. **A propósito de águas virtuosas** – Formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p.55

61 Banhos de imersão nas águas sulfurosas com tempo determinado. Variavam de 15 a 20 minutos.

62 LEMOS, Pedro Sanches de. **As águas thermaes de Caldas**. Op. cit. p. 49

63 Idem, p. 54



Figura 6 – À esquerda, vista do primeiro Balneário da cidade, Pedro Botelho. À direita o Hotel da Empresa. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas. Data: 1888

O ano de 1902 parecia então ser decisivo para o médico propagador das virtudes curativas dessas águas. Iria realizar o seu grande sonho. Suas notícias acerca das águas milagrosas tinham rendido efeito, e recomendado por Campos Salles e Rodrigues Alves à Legação Brasileira de Paris, Pedro Sanches de Lemos, após vinte e nove anos de estudos e aplicações das águas termais, enfim desembarcaria no velho continente. Sua excursão científica através das estâncias balneárias da Europa, principalmente nas estâncias francesas tinha por objetivo visitar os seus centros hidrológicos, conhecer os tratamentos médicos a partir das águas minerais, averiguar os novos equipamentos de captação e distribuição da água e principalmente trazer para o Brasil o que havia de mais moderno e civilizado a

respeito da vida social das cidades termais européias. Há tempos o médico já vinha aplicando os ensinamentos preconizados pelos manuais franceses de hidrologia médica publicados pela Academia de Medicina de Paris. Já havia também importado os quarenta e quatro volumes que compunham os *Annales d'Hydrologie* em 1900⁶⁴ que relatavam desde o progressivo pensamento das noções que reuniram, compararam e discutiram o estudo sobre o início da Hidrologia Médica na França, e a maneira como esse saber constituiu-se em ciência entre a segunda metade do século XIX e começo do século XX. Pedro Sanches estava realmente preparado para a sua missão patriótica. Deveria trazer dali todas as vivências necessárias para a construção da futura cidade termal no Brasil. E o seu estabelecimento em Poços de Caldas ajuda a entender porque a cidade acabou sendo beneficiada em detrimento de outras que também contavam com o mesmo tipo de fontes consideradas medicinais. Se a aplicação da hidrologia médica era considerada prática recente em nosso país, o que dizer então do ensino prático de hidrologia na França que havia sido instituído apenas em 1900 pela *Oeuvre des Voyages d'études aux Eaux Minerales*, sob a proteção dos professores da Escola de Paris? O médico brasileiro que no interior do seu gabinete de trabalho observava imagens das cidades termais europeias com os seus estabelecimentos balneários, suas banheiras de porcelana, seus quiosques, praças, jardins, hotéis e cassinos, não poderia mesmo segurar as suas lágrimas ao desembarcar em Bagnères de Luchon. A modelação do indivíduo⁶⁵ frente às práticas balneoterápicas que ele

64 Referentes ao XIII Congrès International de Médecine. **Stations Hydro-Minérales.** Climatériques et Maritimes de la France. Ouvrage redigé par La Société D'Hydrologie Médicale de Paris. Paris: Masson et Cie, Éditeurs, 1900.

65 Os testemunhos de cura freqüentes a partir da publicação das primeiras teses médicas sobre Hidrologia no Brasil foram primordiais para o estabelecimento de expressivas regras de comportamento onde a modelação do indivíduo frente às águas medicinais significaria a eficácia da cura pretendida. Chamados de *Regras de Higiene*, esses hábitos que foram instituídos juntamente com o *Modo de fazer uso das águas* e sua *Terapêutica* constituíram a tessitura de um discurso que apresentava sempre em uma mesma ordem uma já definida estratégia emocional de conhecimento e convencimento a respeito do uso das águas minerais. É o que nos mostra o seguinte exemplo: “Os doentes em geral, pensão que desde o momento em que os Médicos prescrevem Águas férreas, podem constituir-se árbitros de sua conducta, e não a tem mais do que beber, porque tudo irá bem: entretanto os effeitos benéficos das Águas ferruginosas só podem ter lugar com huma stricta observância das seguintes regras: 1. Abster-se de carnes escuras, ou salgadas, fructos ácidos, ou verdes; de licores alcoólicos; de goiabas, araçás, caju, chá da Índia, e de todas as substancias vegetaes que contem tannino, ou acido gallico, que são incompatíveis com o ferro. Regrar a comida da maneira seguinte: Huma hora depois de ter bebido a Água, almoçar em pouca quantidade, substancias de fácil digestão, e não chá da Índia, nem tão pouco caffè ou chocolate, a menos de haver hum habito destes; jantar legumes, carnes brancas, como galinha, etc, etc, e hum calix de vinho; cear levemente, para que no dia seguinte o estomago esteja

tentava instituir nos campos alagados de caldas seria agora vivenciada fora do seu pequeno gabinete de trabalho. O autocontrole das emoções, fator indispensável para o sucesso do tratamento terapêutico fazia parte dos formulários de águas minerais e de balneoterapia que se propagavam no interior da classe médica. Fazer uma cura dentro de uma estação balneária não era somente submeter-se à ação química das águas empregada sob as diversas formas de banhos, à inalação ou à água ingerida. Evidentemente, a influência mais importante, profunda e modificadora das emoções humanas diante de uma fonte de água medicinal, foi a submissão aos fatores higiênicos, sendo os mais indicados: o repouso, o clima, o regime e os exercícios.⁶⁶



Figura 7: Primeiro balneário de Poços de Caldas, inaugurado em 1886. A seta indica a entrada principal. Acervo: Thermas Antônio Carlos. Data: 1886.

vasio, quando receber a Água. 2.O exercício moderado a pé, ou à cavalo, he de imperiosa necessidade depois de beber-se a Água. 3.Abandonar os negócios, os trabalhos de espírito aturados; esquecer as paixões, e inquietações”. Cf. **2.4: Relatos de cura: novos prazeres e desprazeres.** In: MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. Op.cit.

66 HARPE, Le Dr. de la. **Formulaire des eaux minérales.** De la Balnéothérapie et de l’hydrotherapie. Paris: Librairie J-B. Baillière et fils, 1894. p. 1



Figura 8: O segundo balneário de Poços de Caldas: “Balneário Macacos” inaugurado em 1896. Acervo: Thermas Antonio Carlos.



Figura 9: Vista das nascentes da fonte Pedro Botelho captada em 1882. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas. Data: 1901

Por outro lado, em sua viagem Pedro Sanches não esteve indiferente à beleza e à magia da cultura burguesa que se desenvolvia ao redor dos balneários europeus. Sua intenção era transformar “o que é uma povoação de roça do interior, como se diz no Brasil, já o Dr^o Zimmermann, no seu conhecido e belíssimo livro – *La Solitude*”⁶⁷ – em uma estação balneária “como as da Europa”⁶⁸ que “surgem do meio da verdura e das flores.”⁶⁹

Em Vichy:

Os quartos dos banhos, das duchas, etc, são numerados, e se contam por grupos ou séries ora para homens, ora para mulheres. O serviço das diversas séries está entregue a um pessoal especial, homens e mulheres. O banhista entra no estabelecimento e, num postigo, à direita, no fundo, encontra uma moça que lhe vende um bilhete ou tiket, conforme o preço escolhido. Depois vai elle a outro postigo, onde está um velho que lhe troca o bilhete por outro, que é duplo: - numa metade está o número do quarto, na outra o número do compartimento da rouparia, onde o creado ou a creada irão pedir a roupa de linho necessaria ao serviço do banho. O creado toma o bilhete, parte-o e indica o quarto, onde o banhista entra e onde vê preparar o banho, segundo a temperatura pedida ou prescripta pelo medico. Preparado o banho, o creado sai e divide o ticket em dous: - a metade referente ao numero da banheira ou quarto, é por elle lançada, de passagem para a rouparia, numa caixa especial; a outra metade é dada na rouparia a uma mulher que fornece a roupa, tirada no nicho próprio, e que lança o bilhete noutra caixa de madeira, que se acha na sua repartição. E assim é a fiscalização. Não se pode ser mais pratica e nem mais simples. De posse da roupa, o creado a colloca em logar próprio e espera que o banhista o chame – tocando a campainha do seu quarto. O quarto da banheira é espaço; o tecto, revestido de concreto cimento, cal e areia, tem a forma de abobada. As paredes são revestidas de uma massa

67 LEMOS, Pedro Sanches. Notas de viagem. Op.cit. p.181

68 Idem, p.176

69 Ibidem, p.176

dura, lustrosa, massa em que deve entrar pó de arroz, como já vi fazer em Poços de Caldas; mas tudo se póde lavar, arear, tão duro e resistente é o concreto. No quarto há tapete, uma poltrona acolchoada, dous tamboretas acolchoados, excellente espelho, uma prateleira por baixo do espelho, com escova de cabelo pente grosso e porta-relogio; um coredel ao lado da banheira (correspondendo à campainha, para chamar o criado), uma estante de pau, que se encaixa nas bordas da banheira, de modo que se pode ler durante o banho. A banheira é de cobre estanhado. As torneiras, de cobre, e de cobre os tubos de conducção e distribuição. No dia 5 de julho, as 7 horas da manha, fui ao estabelecimento e pedi um cartão da 1ª classe, pelo qual paguei 2\$500 (a minha qualidade de medico não era ainda conhecida). Preenchidas as diversas formalidades, pedi ao creado um banho de 34 graus centígrados, porque o calor era intenso e eu suava por todos os póros. Fiquei no banho 20 minutos. Quando sahi delle, refrescado, o creado vestiu-me um penteador aquecido a 40 C°, estendeu-me na parte anterior do thorax uma toalha, aquecida à mesma temperatura; friccionou-me o corpo, enxugando-o; tirou-me o primeiro penteador e vestiu-me o segundo; fez-me sentar e enxugou-me as pernas, os pés e seus entre-dedos com outra toalha, tudo quente, - e sahiu do quarto para que eu me vestisse. Comprehende-se que, quando o creado sahiu, eu suava outra vez desesperadamente, e para voltar ao hotel Albe et Suisse, onde me aboletára, tive de esperar na sala de espera mais de meia hora. Mas, quando sahi à rua, suava ainda, e a suar passei o dia inteiro, com todos os outros dias em que permaneci em Vichy.⁷⁰

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX no Brasil, e principalmente nas cidades que possuíam fontes de águas medicinais com propriedades curativas, os médicos que ali clinicavam, sonhavam com estabelecimentos termais conforme a descrição realizada pelo Dr. Pedro Sanches de Lemos em 1902.

70 LEMOS, Pedro Sanches de. **Notas de viagem.** Na Alemanha, na Suíça, Na França. São Paulo: Escola Typografica Salesiana, 1903, p. 125.

Naquela época, o estabelecimento termal era sem sombra de dúvidas, uma necessidade para a hidrologia médica do Brasil que ia aos poucos ganhando novos adeptos e se especializando a partir de novos estudos sobre o poder curativo das águas medicinais, e também o principal modificador da paisagem urbana das cidades europeias que há muito tempo já eram reconhecidas como lugares não só de tratamento, mas também como lugares aonde muitas pessoas iam para *“arejar, para distrahir-se, para jogar, para fazer turismo”*.⁷¹ O próprio Pedro Sanches se questionava na época: *“serão doentes todos os visitantes de Vichy? Certo que não. (...) Vichy, no verão (assim como Aix les Bains) não passa de um prolongamento dos grandes boulevares de Paris.”*⁷² A palavra francesa *“touriste”*, causava então ao médico certa *“repugnancia”*⁷³ no momento em que ele dizia que no Brasil ainda não havia o equivalente em português, que o ideal seria cria-lá:

*Indo pedil-o à mesma origem etymologica que o forneceu ao francez, - o verbo latino TORNARE de tornus, indicando o movimento em torno, ao redor de. É dahi que veio o tour francez, e de tour – touriste, com o suffixo (iste, em francez; ista em portuguez que indica ao mesmo tempo frequencia e profissão.*⁷⁴

No entanto, perguntava-se o médico:

*Mas ... em torno de que? Dos lagos, das montanhas, das altas serras, de todos os logares pittorescos, de todas as bellezas naturaes. Ora, sendo assim, seria melhor, muito mais portuguez que dissemos TORNISTA em vez de touriste, tanto mais que seria palavra sem neologismo portuguez e mesmo sentido geral de extensão que tem o touriste francez. Turista seria um hybridismo, um aleijão. Assim, digo eu, deve ser – TORNISMO.*⁷⁵

71 Idem, p. 129

72 LEMOS, op.cit. p.129

73Idem. p.130

74 Idem, p. 130.

75Idem.

Obviamente, a palavra não emplacou no vocabulário português, apesar da insistência do médico neste seu livro em apresentar o sujeito moderno e sua experiência nas cidades balneárias europeias como “*tornista*”.⁷⁶ “*O carro e os cavallos, que nos conduziram, eram excellentes, como só é acontecer em Vichy; mas o passeio não presta para nada, e não passa de uma ratoeira para apanhar o cobre do pobre tornista*”.⁷⁷ No entanto, em uma coisa Pedro Sanches tinha razão: de que forma seria desenvolvido o turismo interno no nosso país? Quais seriam os atrativos capazes de despertar a curiosidade do sujeito moderno em transformação? Após a sua viagem às cidades balneárias europeias, o médico sabia que precisaríamos muito mais do que apenas a beleza natural do nosso território, paisagem de certa forma habitual para todos aqueles que descobriam aos poucos os encantamentos do turismo no mundo ocidental. Para Pedro Sanches de Lemos, as nossas fontes de águas medicinais precisavam ser civilizadas e introduzidas como um novo costume capaz de diferenciar uma cultura burguesa em nosso país.

Em Poços de Caldas quasi tudo está errado, e a localidade não é o que se chama uma estancia balnear, no mundo civilizado.

Assim, o que mais falta em Poços de Caldas, as arvores, as flores e a relva, é justamente o que mais facilmente se pode obter, porque a fertilidade do nosso solo é espantosa em relação ao europeu. No Velho Mundo, um parque e um jardim custam um dinheirão, tanto para se fazer como para conservar, ao passo que no Brazil é cousa relativamente muito menos custosa. Haja vista o que o sr. Schmidt fez em Ribeirão preto, e que nos pode servir de modelo. (...) A nossa estação balnear deve ser como as da Europa, surgir do meio da verdura e das flores.

Em Poços de Caldas o banhista não encontra distracção de especie alguma; é pois, necessario que lá se faça parque, trinkalle, canteiros de flores e relva, comoros pelo parque, cascatas, pequenos lagos, repuxos, etc. É necessario que se edifique no

⁷⁶Idem, p. 136.

⁷⁷Idem.

parque um kiosque, onde haja musica pelo menos tres vezes ao dia. Ouvia-ão os banhistas – passeiando pelo parque e pelo trinkalle, tanto nas horas das operações balneares, como depois do jantar. Urge que se faça em Poços um Casino com theatro, salas de concertos, de conversação, de jogos, etc onde elles se possam reunir, palestrar, ler jornaes, ouvir musica, jogar, assistir a representações dramaticas e a outros divertimentos. Urge endireitar as nossas ruas, arborizar e limpar o Ribeirão, que deve ser atravessado por boas pontes, nos logares indispensaveis; plantar arvores por toda a parte, fazer avenida (como as nossas ruas já são largas, para termos avenidas basta que as orlemos de arvores). Em Milão, que não é uma estancia balnear, percorri de carro uma avenida de 15 kilômetros.

Enquanto não tivermos isto, será impossível grande concorrência a Poços de Caldas. É preciso crear uma freguezia certa e segura, que sirva de base a futuras despesas com o melhoramento dos hoteis existentes e a edificação de novos, que tenham outro gosto e outro conforto. É bom lembrar que quando Coelho Netto e Olavo Bilac estiveram em Poços de Caldas, bastou que o Estado de S. Paulo desse noticia da movimentação que elles imprimiram à estação de então, para que famílias e famílias affluissem a Poços, de S. Paulo e de outros pontos daquelle Estado.

As excursões são uma necessidade primordial nas estações de banhos. Sob este ponto de vista Poços é actualmente de uma pobreza incomparavel.

Só temos lá as excursões à Cascata e à Cascatinha, e essas mesmas sem estradas sem conforto de especie alguma.

É necessario beneficiar estas excursões e cogitar de crear outras.

Além de ser muito acanhado o estabelecimento balneario de Pedro Botelho, edificaram-no sem calcular que um dia tivesse que ser augmentado e desenvolvido. O erro está commetido, e quando se tratar de fazer no velho estabelecimento novas installações, mesmo sem tiral-o do alinhamento poderão ellas ser das mais modernas,

bastando para isso fazer um paredão no Ribeirão de Poços, no rumo do passadiço, de modo que a Casa de banhos possa ser alargada para o lado do Hotel da Empresa. Infelizmente não se pode pensar por ora nestes melhoramentos, que só terão cabimento em remoto futuro. Mediante leves retoques, o actual estabelecimento de Pedro Botelho servirá perfeitamente e satisfará aos mais exigentes. E mais tarde, quando estiver em condições de attrahir freguezia e freguezia que lhe pague bem o luxo, se poderá então cuidar de novas installações balneotherapicas, à moda européa.⁷⁸

Sem sombra de dúvidas, a cidade termal, entendida e vivenciada como uma importante cidade de cura prevaleceu durante os primeiros vinte anos do século passado como uma importante referência no tratamento das doenças citadas anteriormente, porém, o seu espaço urbano em nada condizia com as imagens descritas pelo Dr. Pedro Sanches de Lemos em 1902. Duas décadas mais tarde, Pádua Rezende em seu livro⁷⁹ ainda tinha a mesma impressão:

Para dar um exemplo do nosso atraso, da falta de iniciativa, da morosidade nos impulsionamentos por parte dos contractantes, detentores de tão importantes empresas, basta o seguinte cotejo: - “em 1896, quando o governo do Estado, timidamente nos commetteu a direcção da estancia de Poços de Caldas, já então servida desde 1885 por uma estação da Estrada Mogyana, Chatel-Guyon, que ainda nada possuía, e ensaiava então os seus primeiros passos, distava da Estação de Riom, da Companhia Paris, Lyon e Mediterraneo, cinco kilometros, só tendo sido inaugurada a actual Estação férrea da cidade em 1910; pois bem, graças ao descortino, dos administradores da Companhia que explora suas aguas, aquella estancia possui: um bellissimo parque com seu casino, dois

78 LEMOS, Op.cit. p. 177.

79 REZENDE, Pádua. **As águas mineraes do Brasil**. Rio de Janeiro: Litho Typographia Fluminense, 1924.

*estabelecimentos balnearios aparelhados com as mais modernas installações, captadas suas fontes de uso interno, construidos magnificos hoteis, uma esplendida casa de cura (A Thermalia) do dr. Mazeran, estabelecimentos esses que comportam mais de dez mil visitantes, ao passo que em Caldas, poucos progressos foram realizados n'esse período de vinte e quatro annos, apesar de ser mais bella e melhor situada esta estancia, e onde a cura se pode fazer todo o anno, não offerecendo, entretanto ainda hoje aos doentes os methods therapeuticos de uma estação de aguas, nem o conforto e nem a facilidade de hospedagem, como os que aos seus visitantes proporciona aquella estancia franceza.*⁸⁰



Figura 10: Vichy no início do século XX. Acervo: Thermas Antônio Carlos.

⁸⁰REZENDE, Op.cit. p. XII.



Figura 11: O terceiro balneário de Poços de Caldas inaugurado em 1919. Ao fundo, as cabines telefônicas. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas. Data: 1919.

No entanto, apesar da análise efetuada por Pádua Rezende sobre Poços de Caldas em 1924, ele não escondia um certo entusiasmo ao proclamá-la como uma das mais “*encantadoras cidades do nosso Estado Natal*”⁸¹, quando ainda jovem e na companhia dos seus amigos Estanisláu Ferreira Penteado, Eliziario Ferreira Penteado, A. F. Penteado e Luiz Anhaia Melo passavam dias “*suaves e alegres*”⁸² como hóspedes no Hotel do Nhonhô. Era ali, que “*pairava o mais comunicativo bom humor*”.⁸³ Na cidade termal onde prevalecia uma rígida rotina estipulada pelos médicos, a estação das águas era um período que se estendia até três meses e em nada lembrava as cenas luxuosas descritas no início do século passado pelo médico Pedro Sanches de Lemos.

81 Idem, p. 96.

82 Idem.

83 Ibidem. p. 97

Em todos o anelo de uma saúde rapida; havia alli, um ambiente psychico dos mais sugestivos para a cura, excellente conselheiro na medicação das águas; lá fora, na praça, as thermas corriam abundantes em banheiros primitvos de madeira, no rancho tosco, onde em pequena cama, com improvisado coolchão, o doente, depois do banho, repousava alguns instantes, ou expurgava, em suores abundantes, os seus males; poucos além, o Anselmo, sob uma saraivada de odio, de intrigas e de ameaças: elle, manso, bondoso com paciencia inexcédível, delineava; sobre as fontes, a construcção do estabelecimento Pedro Botelho..., o mesmo que alli existe ainda hoje ...distanciado das fontes, de architectura ligeira, mas excellente e compatível com a da sua época; mais longe nas immediações do Capão dos Macacos, o Brochado, negociante amavel, cavalheiro cortez e delicado, nos emprestava o – Aracy – cavallinho cor de azeviche, bom marchador, nosso inseparavel companheiro nos passeios ao alto da serra, por entre o sussurrar dos arvoredos seculares e o canto mavioso dos pintalsilgos pampas da matta, à Cascata grande, e em outras excursões nos arredores; e para completar todo esse painel, variado, de colorações originaes e suggestivas, ajunte-se a palestra empolgante do dr. Pedro Sanches, o clinico que alliava o chiste da verve fina de “causer inexcédível” á caridosa, mas prosaica carreira que abraçara.⁸⁴

Aqueles que se deslocavam para lá o faziam, em sua maioria, buscando o sentido da cura. Afinal, somente ela naqueles anos, justificava a viagem que sob o ponto de vista das condições físicas não oferecia nada de agradável. Somente em 1927 anunciou-se no jornal local que em dois anos, Poços de Caldas seria transformada numa linda estação balneária.⁸⁵ Os atrativos culturais questionados por Pedro Sanches no início do século XX seriam

⁸⁴REZENDE, Op. cit. p. 97.

⁸⁵ **Jornal Vida Social**. “Um pedaço da Suissa na Terra Brasileira. - Poços de Caldas será transformada numa linda estação balneária. Anno XI, 07/07/1927. n. 498.

definitivamente implantados, mas não haveria o sucesso se não fosse uma mudança considerável nas formas de sentir do homem que se fazia moderno e com uma nova cultura balneária em ascensão em nosso país.



Vestibulo do Grande Hotel

Sala de visita no Grande Hotel

Figura 12: Interior do Grande Hotel em Poços de Caldas na década de 20. Acervo: Thermas Antonio Carlos.

Os anos trinta e um modo de vida balneário:

Quando Simmel escreveu “O Estrangeiro” em 1908 sua inquietação estava em definir a forma sociológica dessa figura nos espaços da cidade. Mas não àquela sempre

citada na história econômica como sendo a figura do comerciante cujas relações de troca pautavam-se prioritariamente pelo dinheiro. Nem tampouco a noção habitual de estrangeiro “*em relação àquele que vem hoje e amanhã se vai*”⁸⁶. Sua preocupação ia um pouco além. Interessava-lhe mais defini-lo como o estrangeiro “*fixo dentro de um determinado raio espacial*”⁸⁷ ou como “*elemento do próprio grupo*”⁸⁸ cuja ação de mover-se e fixar-se representariam até certo ponto, “*a unidade de ambas as disposições*”.⁸⁹ Movimento e permanência. Espaço e sociabilidade. Diferenças percebidas e produzidas na cidade, “*habitat natural do homem civilizado*”⁹⁰ cujas associações ao longo do século XX tornaram-se interpretações de uma construção histórica e sociológica.

No entanto, por mais que Simmel tenha dado ao seu estrangeiro um certo poder de liberdade para mover-se “*como um sujeito que surge de vez em quando através de cada contato específico e, entretanto, singularmente, não se encontra vinculado organicamente a nada e a ninguém*”⁹¹, ele não o livrou das relações tensas que podiam existir nos espaços das cidades, justamente, porque era esse o foco de sua análise. Espaços imaginados, desejados e construídos que vez por outra, segmentam e disciplinam determinadas ações de sociabilidade, e se tornam interativos, representativos e simbólicos da experiência urbana moderna e contemporânea.

⁸⁶ SIMMEL, George. **O Estrangeiro**. In: RBSE, vol 4, n° 12, dezembro de 2005, p.265.

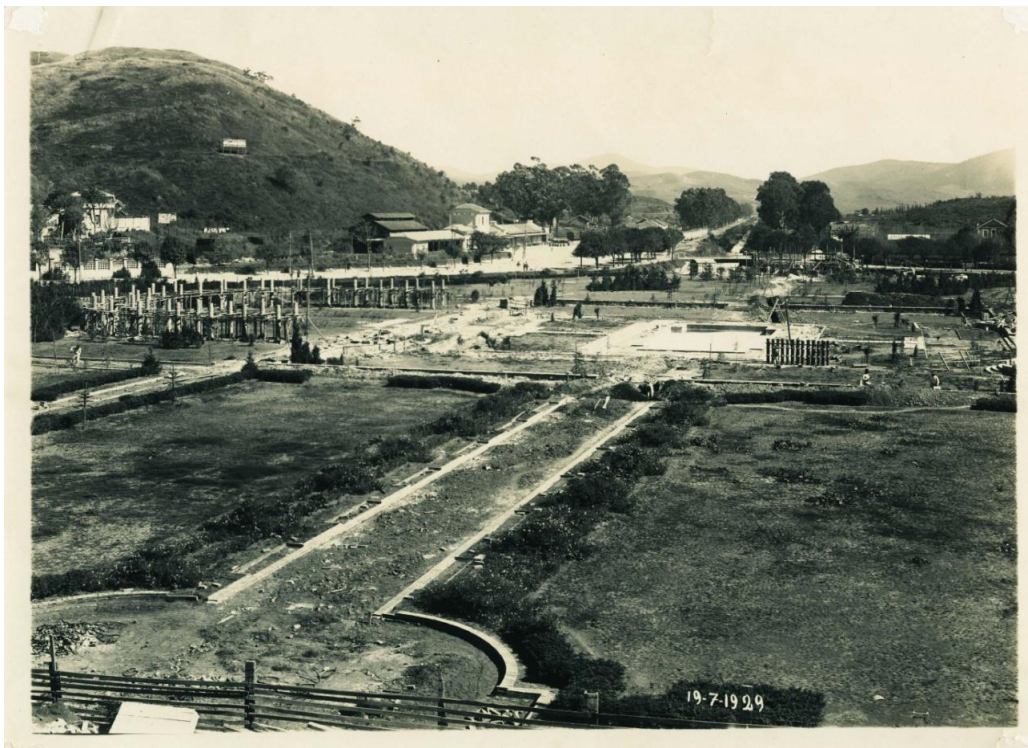
⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Ibidem.

⁸⁹ Ibidem.

⁹⁰ PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. In: Velho, Otávio Guilherme (org). **O Fenômeno Urbano**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

⁹¹ SIMMEL, George. Op.cit, p. 271.



*Figura 13: Execução dos jardins do Parque Jose Afonso Junqueira. Projeto: Dierberger.
Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas. Data: 19/07/1929*



*Figura 14: Execução paisagística do Parque José Afonso Junqueira vendo-se
à direita o Palace Casino e à esquerda a construção da pérgola.
Data: 16/09/1929.*

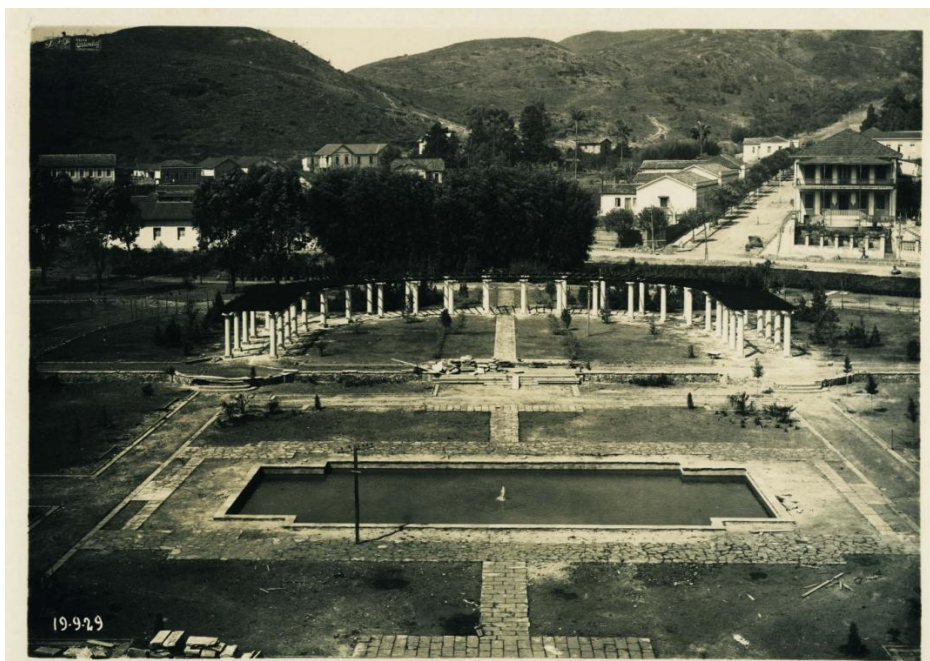


Figura 15: Execução dos jardins do Parque José Afonso Junqueira vendo-se em 1º plano o espelho d'água e a pérgola. No fundo à direita a Rua Francisco Faria Lobato e a Vila Prates. Data 19/09/1929. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas

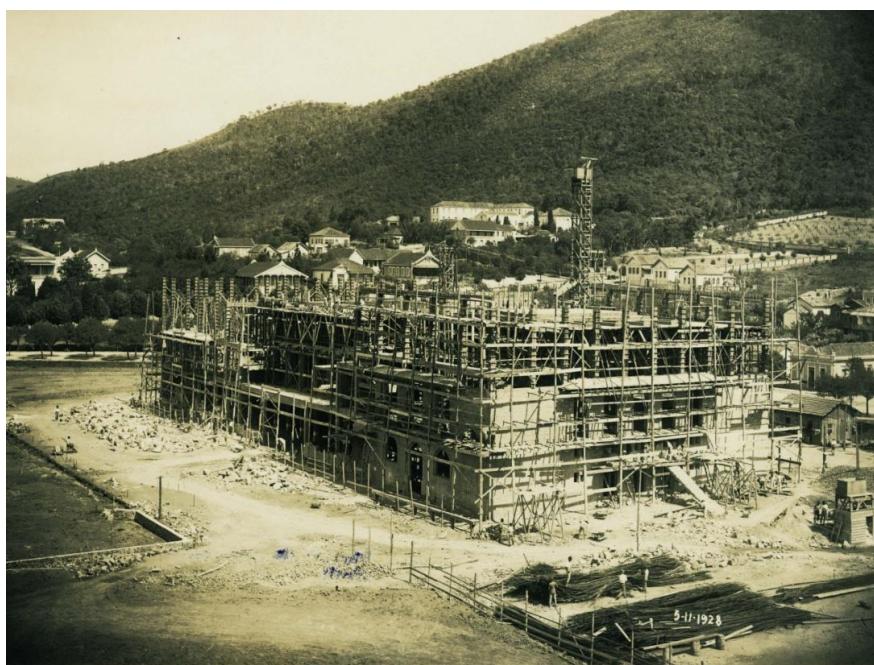


Figura 16: Construção do Palace Casino. Fachada do Parque José Afonso Junqueira. Projeto do arquiteto Eduardo Pederneiras. Data: 05/11/1928. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas



*Figura 17: Reprodução do acabamento do Palace Casino vista da Rua Junqueiras.
19/08/1929*

Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas

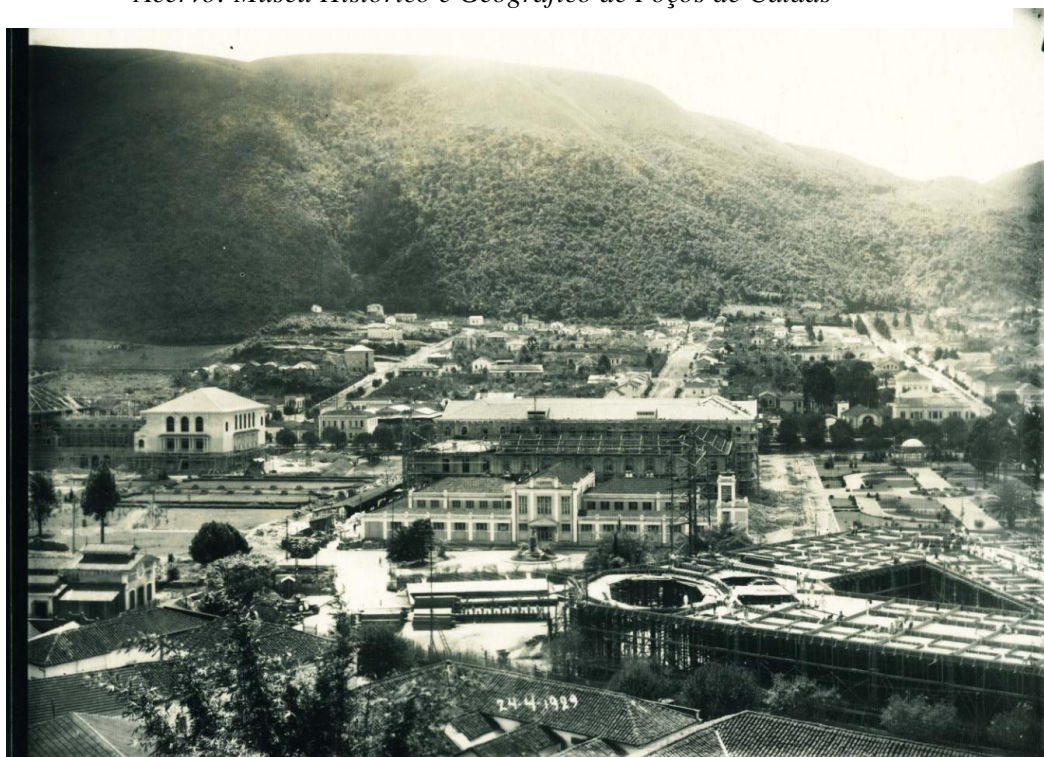


Figura 18: Reprodução de vista parcial de Poços de Caldas, vendo-se em 1º plano as Thermas, a remodelação do Palace Hotel e a Herma do Dr. Pedro Sanches. À direita a construção das Thermas Antonio Carlos, à esquerda o antigo balneário Pedro Botelho e o Palace Casino em construção. Projeto: Eduardo Pederneiras. Data: 24/04/1929

Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas

Exatamente um ano após a inauguração do espaço balneário de Poços de Caldas, a Revista de Poços admirava-se com o número total de veranistas em 1932: “*Mais de 6000 pessoas estiveram em Poços de Caldas desde janeiro a 30 de abril*”⁹². De primeiro de março a quinze de abril, 3626 “*forasteiros entraram nos nossos hotéis, durante esse período*”.⁹³ Na verdade, a chegada de pessoas estranhas à localidade nunca tinha sido novidade na história urbana daquele lugar⁹⁴, que havia nascido unicamente pelo deslocamento de doentes à procura de uma água considerada medicinal. A novidade pairava justamente na oferta de espaços cuidadosamente arranjados para o deleite de uma sociedade cujos hábitos comportamentais passavam por modificações causadas principalmente no interior das questões que definiam o indivíduo moderno.

Os benefícios terapêuticos da água termal cediam, ou pelo menos, dividiam espaço com uma nova maneira de ler a cidade que se traduzia prioritariamente no bem-estar material dos veranistas ressaltados nas propagandas dos anos seguintes. O corpo que interessava era aquele que se movia para outras cidades do país. Por isso, falar de uma cultura ou o nascimento de um modo de vida balneário em nosso país não representa uma situação tão fácil e agradável quanto o que o próprio tema pode proporcionar em nossas memórias afetivas, àquelas já mais relacionadas com uma cultura contemporânea da prática dos banhos de mar. Algumas diferenças são passíveis de serem elencadas, e, sobretudo explicitadas.

Os estudos mais recentes tratam com frequência do tema da cultura balneária enquanto descobrimento de uma prática de lazer e sociabilidade realizada por **moradores locais** de espaços litorâneos⁹⁵. Entre eles, Barickman⁹⁶ em seu texto “*Passarão por*

⁹² Revista de Poços de Caldas. 01 de maio de 1932. Ano 3, n° 123.

⁹³ Idem

⁹⁴ Em 1905 o número total de banhos termais tinha chegado a 32.779 aumentando para 36.046 no ano seguinte, segundo o relatório apresentado ao governo de Minas pelo prefeito Juscelino Barbosa em 31 de janeiro de 1907. São Paulo: typ. Espindola & C, 1907.p.50

⁹⁵ Entre eles: GASPAR, Cláudia Braga; CORREA, Marcos Sá. **Orla carioca**: História e Cultura. Metalivros, 2004. SCHOSSLER, Joana Carolina. **As nossas praias**: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900-1950). Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em História da PUC/RS em 2010.

⁹⁶ BARICKMAN, B.J. **Passarão por mestiços**. O bronzamento nas praias cariocas, noções de cor e raça e ideologia racial, 1920-1950. Afro-Ásia 40, 2009.

mestiços” demonstrou como a maneira de se refrescar através do banho de mar produziu no Rio de Janeiro uma história que remontou ao começo do século XIX. “*Já era um hábito bem estabelecido nas últimas décadas daquele século entre muitos moradores da cidade, que, todas as manhãs, na “estação calmosa”, procuravam, as praias estreitas da Baía de Guanabara*”.⁹⁷

Naquele tempo, a prática de frequentar a praia significava “*banhar-se*”. A faixa de areia ainda não era entendida como lócus de sociabilidade. Usavam-se as expressões como: “*fazer uso dos banhos*”, “*frequentar os banhos*” ou “*ir ao banho*”. Segundo Barickman, a frequência da praia como a entendemos hoje começou a surgir na década de 1920. Copacabana se consagrou como a “*praia preferida da elite e da alta classe média da cidade*”⁹⁸. A transição entre os “*banhos de mar*” e “*ir à praia*” acabou introduzindo a prática do bronzeamento, fato que produziu mudanças significativas nos padrões estéticos e nas noções de cor e raça na época, de acordo com o historiador. Pois, se antes os moradores mais abastados da cidade preocupavam-se em usar chapéus e sombrinhas para evitar o escurecimento da pele, já a partir dos anos de 1930 a mania dos banhos de sol já se tornava motivo de preocupação entre vários médicos do Rio de Janeiro. Com o lançamento do primeiro produto de bronzeamento em 1934 a permanência dos banhistas na faixa de areia aumentou consideravelmente, levando-os a descobrir ou inventar maneiras de se entreter enquanto tomavam sol.

Seguindo esse raciocínio, o autor vai demonstrando como certos hábitos se modificaram com a nova prática do bronzeamento: mudança de horário na frequência das praias, novas maneiras de se vestir e se expor ao sol e consequentemente novas maneiras de ver e ser visto, criação de formas de entretenimento e lazer entre o banho de água salgada e o banho de sol. O historiador ainda apresenta como nas décadas de 20, 30 e 40 existiam barreiras que dificultavam o acesso dos moradores pobres às praias de Copacabana e Ipanema.

⁹⁷ Idem. Grifo meu.

⁹⁸ Ibidem.

*Entre essas barreiras estava a escassez de lugares abertos ao público para a troca de roupa. Entre 1890, houve (...) vários projetos para construir em Copacabana ou Ipanema grandes balneários onde os banhistas pudessem mudar de roupa. Esses projetos, no entanto, não resultaram em nada*⁹⁹.

Júlia O'Donnel em “*Uma Copacabana para o mundo: a década de 1920 e a invenção do Rio Atlântico*”¹⁰⁰ também relata inúmeras dificuldades encontradas por iniciativas privadas que tentaram ao longo dos anos 20 e 30 do século passado prover o espaço da praia com equipamentos balneários (como cabines para troca de roupa dos banhistas). A autora demonstra a falta de divertimentos encontrados na forma de cassinos, prejudicada por uma lei de Washington Luís que em 1926 proibira o jogo em todo o país. Apesar de construir uma linha temporal sobre a ocupação e beneficiamento do espaço litorâneo de Copacabana, percebe-se que a autora preocupa-se muito mais em demonstrar a partir de quais mecanismos a elite local tentava construir um modelo de *bairro praiano elegante* que reforçasse certa visibilidade dos bairros atlânticos do Rio de Janeiro perante o público estrangeiro. Nesse estudo, também a cidade não se apresenta como balneária, e apesar de seu espaço urbano já em meados dos anos 30 ser considerado como lócus da modernidade em nosso país, o seu “*espaço balneário*” ainda deixava muito a desejar.

Fica claro então, que é possível perceber e distinguir prioridades quanto à formação de um espaço urbano balneário e a maneira como a cidade no seu todo foi imaginada no Brasil, pelo menos em se tratando da região sudeste. Como já exposto inicialmente, a procura por águas consideradas medicinais fortaleceu-se no imaginário social entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Como consequência, tivemos a construção e o remodelamento de várias cidades que viram nas águas uma chave importante para o seu fortalecimento político, econômico e social. Já na questão do corpo

⁹⁹ BARICKMAN, Op.cit, 174.

¹⁰⁰ DONNELL, Júlia O'. Uma Copacabana para o mundo: a década de 1920 e a invenção do Rio Atlântico”. In: **Anais Eletrônicos do XXVI Simpósio Nacional de História**. Anpuh 50 anos. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaismplementares#J> Pesquisado em: 26/11/2011.

(aquele que circulava entre esses espaços nas épocas das estações das águas) criou-se um sistema integrado de significados através dos quais uma série de transformações estéticas, intelectuais e culturais foi sentida. Para além do nascimento de uma prática cotidiana de moradores locais com um espaço urbano que ainda não podia ser considerado balneário, temos, por outro lado, o nascimento de uma prática do deslocamento corporal em um espaço urbano (já transformado em balneário) cuja construção histórica e cultural não foi um fato natural.

Dessa maneira, com a inauguração do espaço balneário de Poços de Caldas, tem-se o início de uma prática cultural do deslocamento na forma das viagens de repouso (culminando mais tarde com a organização do turismo interno no país), onde o indivíduo moderno sentia-se motivado a conhecer um espaço urbano que não prometia mais do que o próprio cuidado corporal e que oferecia os melhores serviços balneários trazidos exclusivamente das principais cidades balneárias francesas. Mas, para aqueles que se deslocavam, o espaço balneário do início dos anos trinta representava muito mais. Instintivamente ele significava todo e qualquer tipo de utopia¹⁰¹. A mais importante delas era com certeza aquela de mudar o próprio destino, e, como se isso fosse possível, ganhar como brinde a promessa da juventude eterna não seria nada mal. Então, por que não ir às águas? A única coisa que se poderia perder era a própria reputação. E para aquela sociedade que ainda propagava um modelo de vida cortesã isso era um grande mal.

A Revista Fon-Fon de 1930 traz um conto bem interessante a esse respeito: “*A estação de águas*”. Nele, a filha tenta a todo custo convencer a mãe de que é preciso partir para Poços de Caldas. “*Olha mamãe, é necessário que vamos. Que dirão as Peres? Imagina como andarás nosso nome de boca em boca...*” A mãe resistente nega o pedido da filha. As duas sabem que os negócios vão mal. Não temos “*dinheiro para gastar em luxo*

¹⁰¹Thomas Morus, autor de *Utopia* em 1515 e inventor da palavra “localizou sua comunidade imaginária numa terra distante”. Foi pelas palavras de Rafael Hitlodeu que Morus tomou conhecimento da ilha de Amaurota revelando posteriormente aos seus contemporâneos um lugar onde se tinha conquistado a melhor forma de vida coletiva. Considerada o início de uma severa crítica às instituições modernas da Inglaterra, a *Utopia* consolidou-se como gênero literário contribuindo nos séculos seguintes para o aparecimento de outras obras de caráter utópico e também para as discussões que tentaram definir e demarcar seus múltiplos paradigmas discursivos.

de estação de águas” responde o pai, fato já anteriormente observado pela mãe ao constatar que uma das primeiras prioridades a se arranjar para uma viagem desse tipo, era a de mandar fazer “*vestidos de passeio e de baile*” na modista. Mas a filha conhecia bem o ponto fraco da mãe. Sabia que na sociedade em que viviam alguns signos de reconhecimento permitiam “*ler a ordem social*”¹⁰² indicando “*o lugar de cada um na hierarquia das condições*”¹⁰³. Deslocar-se todo ano ou pelo menos, duas vezes ao ano para Poços de Caldas marcava bem essa posição social, justamente porque para esse grupo em especial, a construção da identidade de cada indivíduo estava “*sempre no cruzamento da representação*”¹⁰⁴, que era feita de si mesmo e “*da credibilidade concedida ou recusada pelos outros a essa representação*”¹⁰⁵. Por isso, as viagens a Poços de Caldas marcavam bem esse momento de distinção.

- Como vão rir de nós, nossas vizinhas, as Diogo! Era o lado fraco da mãe de Lúcia. Dona Mathilde levantou-se da cadeira e olhou sua filha como a interroga-la. - Então achas, perguntou – que essa gentalha...?... Ora se acho, respondeu Lúcia. Bem sabes como são essas mulheres. Aproveitam o menor motivo para falar de nós. Si não formos este anno, a Poços de Caldas, dirão que estamos arruinadas. Rir-se-ão de nós.¹⁰⁶

A mãe, envaidecida e prestes a perder sua posição social se convence que é necessário partir. Por outro lado, a filha, com metade da guerra vencida, fica eufórica, pois sabe que indo às águas não deixará seu noivo sozinho naquela estação, principalmente solto aos olhares das vizinhas desavisadas. Dona Mathilde tenta de todas as maneiras convencer o marido que a viagem de “passeio” é essencial. Fala do reumatismo, do ácido úrico, das recomendações do médico, mas a cartada final é a condição da filha, “*a pobre filhinha, a*

¹⁰² ELIAS, Norbert. Op.cit.Pg. 20

¹⁰³ Idem

¹⁰⁴ ELIAS, OP.cit, p. 20.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Revista Fon-Fon. “A estação de águas”. 1930. Pp. 70-77.

*quem os estudos de piano haviam debilitado, e que, portanto, necessitava de algumas distrações e muito ar...*¹⁰⁷ A guerra estava ganha. A filha sabia que no espaço das águas seus desejos mais profundos seriam realizados. Afinal, não faltariam locais e nem ocasiões para um encontro fortuito. O casamento se realizaria logo depois da estação e a mãe garantiria a sua posição de prestígio social. Na preparação da viagem não faltariam os cuidados com o corpo, ou melhor, nas palavras de Denise Santana, com a “visibilidade do corpo”¹⁰⁸, afinal, em grande medida seria a partir dele que as pessoas seriam avaliadas ou avaliariam outros de sua posição social no espaço balneário. De certa maneira, a cidade balneária mantinha a ilusão inclusiva de se participar das estações ou de uma sociedade onde todos conheciam a todos, mas por outro lado, ela também reforçava uma prática exclusiva através desse mesmo sistema de convívio e sociabilidade onde o próprio corpo denunciava a sua origem social.

*- Que tal a gente? Perguntou Dona Mathilde, depois de passear um olhar pelo pateo do hotel. - Não vi ninguém – respondeu Lucia, enquanto tirava a roupa das malas e a arrumava no guarda-vestidos. – De resto, bem sabes que a única coisa que me interessa é que venha Antonio. – Os quartos são muito limpos e commodos, e a casa está bem situada. Este hotel é muito mais barato e mais moderno que aquelle em que nos hospedamos o anno passado. Quem serão os hóspedes? Vou perguntar ao dono os nomes. Lucia sorriu. Conhecia a fraqueza de sua mãe pelos nomes. – Porque bem sabes – continuou Dona Mathilde – que não vou tratar com qualquer pessoa.*¹⁰⁹

O final do conto é trágico para as duas veranistas. Ao comprarem o jornal do dia para ver se seus nomes constavam na coluna social, qual o espanto. “*Para São Lourenço: a*

¹⁰⁷Revista Fon-Fon. 1930. Pp 70-71.

¹⁰⁸ SANT’ANA, Denise Bernuzzi de. A insustentável visibilidade do corpo. In: **Labrys estudos feministas** n. 4 dezembro de 2003. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/insustentavel.prn.pdf> Pesquisado em: 01/12/2011.

¹⁰⁹Revista Fon- Fon. Op.cit.

senhora Joanna Debenedetti Diogo e suas filhas Joanna, Esther, Angela e Augusta. Para o mesmo ponto, o senhor Antonio Faria”¹¹⁰. O espaço balneário como utopia não se realizaria nos desejos íntimos de seus visitantes como um todo. E nem poderia. A ele caberia sempre o desejo, a curiosidade e a expectativa de lutar contra o próprio destino. Restava-lhe proporcionar uma série de sensações físicas e emocionais através de seus espaços de circulação.

Sendo assim, é possível dizer que as fontes pesquisadas para este trabalho demonstraram que a categoria balneária como adjetivo que qualificou e distinguiu uma cidade e uma cultura burguesa a partir do uso do espaço público das águas medicinais esteve relacionada a uma simbologia conquistada e adquirida no tempo e no espaço. Sob essas condições, historicamente, não é possível generalizar como cidade balneária todo e qualquer espaço urbano que tinha no litoral uma exuberante natureza a ser mostrada e ainda conquistada nos primeiros anos de 1930.

O tipo de cidade e espaço urbano que inaugurou essa categoria e um novo modo de experiência social em nosso país estava relacionado com o surgimento, construção e remodelação de lugares que tiveram nas águas consideradas medicinais o seu impulso inicial. Numa década posterior ao ritmo frenético das grandes cidades, o deslocamento de pessoas para as cidades balneárias do estado de Minas Gerais motivou e organizou a construção de outros espaços balneários, principalmente no estado de São Paulo. Já uma cultura burguesa e balneária do corpo, entendida como o conjunto de ações e práticas que caracterizavam um certo grupo da sociedade brasileira que lançou moda e insituiu costumes também no início da década de trinta, deve ser relativizada. Pois, se de um lado tínhamos uma cultura balneária do corpo que nascia nos espaços urbanos das grandes cidades que possuíam o litoral como atrativo de lazer e sociabilidade para os seus moradores locais (independente da classe social), por outro, tínhamos uma cultura burguesa e balneária que nascia a partir do interior do país e que possuía espaços públicos e privados de contemplação do corpo humano e que de certa forma excluiu parte da população local que ficava em muitos momentos nos bastidores da nova condição balneária do país.

¹¹⁰ Idem.



*Figura 19: O novo espaço balneário do Brasil. Vê-se ao fundo as Thermas Antônio Carlos, à esquerda o Palace Hotel e à direita o Palace Casino. Data: 1933
Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas*



*Figura 20: Detalhes do Parque José Affonso Junqueira em 1930. Fonte Luminosa e Pérgola. Foto tirada da varanda do Casino. Vê-se também uma parte da rua Dr. Francisco Faria Lobato, o Hotel Glória e a Vila Prates. Data: 1930
Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas*

A cidade balneária em si era para os outros. Mas ao longo dessa história veremos que os outros eram os próprios moradores locais alheios à nova condição balneária. De certo modo, ainda que as duas culturas balneárias tenham aparecido na mesma época como sintoma de uma sensibilidade que ecoava nos novos ritmos das grandes cidades, as culturas balneárias (que possuíam nas águas doces e salgadas, frias ou quentes, o seu fio condutor) integravam um conjunto maior de modificações emocionais e culturais onde uma nova cultura dos espaços de intimidade especificava essas diferenças.

Assim, ao que nos parece, estar presente e usufruir da paisagem balneária significava aproveitar de todos esses atrativos que estabeleciam maneiras diferentes de experimentar e sentir a alegria e o prazer nesses espaços que estavam longe da paisagem natural e distante da cidade industrial. Sensações na pele, no rosto e no corpo eram temas de debates entre a medicina e a vida social justamente porque essas emoções pareciam devolver a felicidade para aquela sociedade em transformação. Por outro lado, usufruir da paisagem balneária também delimitava uma pequena parcela da sociedade brasileira que se reconhecia nas mutações do ato de “*villegiare*”. Ao banhista que abandonava as preocupações da vida em sociedade, nascia um tempo para si, onde o importante era sentir algo diferente daquilo que se sentia na vida que se levava ordinariamente. As cidades das águas proporcionavam essas emoções. A antiga cidade de cura definitivamente havia ficado para trás.

A inauguração do espaço balneário de Poços de Caldas, realmente havia aberto um caminho para novas maneiras de sentir na história do corpo no Brasil. Para aquelas cidades que não se adequavam às expectativas desse grupo brasileiro restava-lhe a ociosidade e o lento caminhar entre a prática de curar e a prática do bem-estar. Essas emoções ao que tudo indica, faziam parte dessas relações físicas, históricas e sociais que variaram com o tempo e que foram construídas socialmente a partir de um aprendizado em que noções de corpo, modernidade, felicidade, prazer e identidade povoavam o imaginário brasileiro nos anos estudados.

Sobre as fontes e o trabalho de pesquisa:

A pesquisa concentrou sua análise em três momentos específicos na leitura das fontes. Em primeiro lugar foi pesquisado uma série de documentos localizados no Instituto Cultural do Termalismo em Poços de Caldas para compreender as mudanças do ponto de vista da *crenologia* que contribuiu para a passagem da cidade termal para a cidade balneária no Brasil. A análise partiu de estudos reunidos em revistas médicas, entre elas a ***Revista de Hidrologia e Climatologia Medicas e a Revista Brasileira de Crenologia*** e também estudos que se ligaram aos interesses culturais e sociais das cidades balneárias francesas encontrados nas seguintes obras ***Premier Congrès International du Thermalisme Social. Rapports. Aix-les-Bains, 27 e 28 septembre de 1947; Annuaire Medical des stations hydrominérales climatiques et balnéaires de France, 68° edition, 1947; La Presse Thermale et Climatique,; Guide Populaire du Baigneur et du touriste a Aix-la-Chapelle et Borcette. Bruxelles, s/d***, além de teses, artigos e propostas de cidades balneárias que enriqueciam o debate na época. O acervo do Instituto Cultural do termalismo foi doado em 1992 pelo Dr. Benedictus Mário Mourão, filho do Dr. Mário Mourão. O interessante desse acervo é que ele contém uma grande quantidade de documentação que cobre o período estudado pelo seu pai, (final do século XIX e meados do século XX) e se estende até os últimos dias de vida do Dr. Benedictus Mário Mourão em 2007. Essas duas pessoas juntas reuniram ao longo de suas vidas variadas publicações relacionadas às águas medicinais brasileiras entre 1839 a 2007. Respeitados como uns dos mais importantes crenólogos brasileiros, depois da morte do Dr. Pedro Sanches de Lemos, eles se tornaram amigos de diversos médicos e personalidades que se empenharam na construção e remodelação dos espaços balneários no Brasil. Contribuíram de maneira exemplar para a organização de congressos e seminários nacionais e para a criação da disciplina de Termalismo nas cidades de Belo Horizonte e Poços de Caldas. É comum encontrarmos no acervo, cartas dirigidas aos dois, de médicos que escreviam seus trabalhos sobre as águas e logo pediam a leitura e observação por parte deles antes de colocá-los em evidência. Muitos livros contêm dedicatórias com agradecimentos pelas colaborações em trabalhos realizados em todo o território brasileiro.

Em um segundo momento a pesquisa foi realizada a partir de revistas e periódicos de circulação nacional.¹¹¹ Priorizamos neste momento os anúncios publicitários sobre Poços de Caldas e os cuidados corporais que estavam em evidência no imaginário social dos anos 30 para compreender o discurso propagandístico da cidade balneária e sua relação com o fortalecimento da cultura burguesa ao redor das águas termais. A atenção voltou-se para o vestuário, os conceitos de beleza e hábitos surgidos nesses espaços. Buscaram-se elementos para definir coisas e objetos que compunham a *toilette* de homens e mulheres, diferenciando os cuidados corporais da prática balneária do interior do país e a prática balneária marítima. Acreditamos que esse foi o caminho adequado para apresentar os cuidados corporais, o cuidado de si e maneira como esses corpos circularam nos espaços de “alegria e prazer” no período estipulado por essa pesquisa

Na terceira fase da pesquisa, a análise voltou-se para a leitura da **Revista de Poços de Caldas**, fundada em 1929 e que teve circulação semanal até o final da década de 40. Sua escolha se deu ao fato de que, apesar de suas páginas retratarem o empobrecimento do discurso terapêutico pelas águas nas cidades balneárias mineiras, onde médicos descreviam suas impressões de viagem sobre esses lugares, a revista concentrava em sua maioria, um gênero de jornalismo (as colunas sociais) que forneceram material imprescindível sobre a vida cotidiana das elites paulistana e carioca que visitavam a cidade. Através dela foi possível perceber as preferências, as modas, os conflitos entre os vários tipos de visitantes da cidade e os padrões de conduta (principalmente as mudanças no sentido da vilegiatura), na sua maioria, instituídos por políticos influentes da época e pela alta elite brasileira. A revista foi pesquisada no Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas que gentilmente também cedeu a maioria das imagens que serão vistas nesta tese. Memorialistas locais e uma bibliografia não acadêmica, mas de grande interesse para a pesquisa foi consultada: *Este mundo é um pandeiro* de Sérgio Augusto, *Carmen uma biografia* de Ruy Castro e o *Mistério do samba* de Hermano Vianna (essa de teor

¹¹¹ Que foram pesquisados nos seguintes endereços eletrônicos:
http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm
http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_anos.htm
<http://acervo.folha.com.br/fdn>

acadêmico) contribuíram para o entendimento do cenário social e cultural do nosso país. A Revista da Semana também foi consultada e pesquisada no Arquivo Edgard Leuenroth.

Algumas viagens foram realizadas com a reserva técnica da Fapesp para o enriquecimento deste trabalho. Em Paris a pesquisa de campo foi muito proveitosa, pois além de entrar em contato com a documentação da Biblioteca Nacional da França também visitei ruínas de termas romanas e participei da trigésima edição “**Les Thermalies 2012**” – **Le Salon de l’eau et du bien-être** no Carrossel do Louvre. Consegui reunir interessante material sobre como as cidades balneárias francesas na atualidade exploram o tema do termalismo e da talassoterapia frente aos cuidados corporais e questões de saúde nessas cidades. Na biblioteca francesa consultei as seguintes revistas: **Le Pays de France** (texte imprimé): revue du tourisme et des stations thermales et climatiques, anos de 1946 e 1947; **Les Stations Françaises** (texte imprimé): revue mensuelle illustrée, números: (V, maio, 1932 “La mer”/ VI année, janvier, 1933/ XII année, juin, 1939) e **Le Monde Thermal** (texte imprimé): climatique, balnéaire, touristique et colonial, 4ème, avril, 1932. Em Vichy minha preocupação voltou-se para o espaço urbano balneário. Fotografei-o na intenção de compará-lo com as descrições conhecidas até então, somente pelos livros e fontes históricas pesquisadas no Instituto Cultural do Termalismo em Poços de Caldas.

Finalizei o primeiro semestre de 2012 com uma viagem de campo às cidades de Caxambu, São Lourenço, Cambuquira e Lambari. Minha intenção foi a de fotografar o patrimônio arquitetônico das termas, praças e cassinos buscando mudanças e permanências em meu objeto de estudo nessa pesquisa.

Em 2014 estive novamente em Paris para pesquisas de campo. Nesse momento aproveitei a oportunidade para visitar museus e acervos que abrigam uma história das sensibilidades no mundo moderno, experiência que sem sombras de dúvidas ajudou-me a compor algumas das hipóteses sobre o conceito de vilegiatura e turismo que levantei nesta tese.

Enfim, apesar do imenso corpus documental pesquisado e das lacunas existentes em alguns momentos, o desafio foi justamente juntar todos esses dados na forma de um enredo

que pudesse pelo menos, demonstrar o modo como todos esses eventos estiveram interligados nas questões que envolviam os desejos e as emoções dos sujeitos que começavam a viajar por prazer e que foram pesquisados nesta tese.

1. POÇOS DE CALDAS E O NASCIMENTO DA CIDADE BALNEÁRIA NO BRASIL.

1.1 Uma breve exposição sobre o emprego das palavras caldas, cidade termal e cidade balneária para os estudos urbanos brasileiros:

Os acontecimentos históricos não são possíveis sem atos de linguagem, e as experiências que adquirimos a partir deles não podem ser transmitidas pela linguagem. Mas nem os acontecimentos nem as experiências se reduzem à sua articulação lingüística. Pois em cada acontecimento entram numerosos fatores que nada têm a ver com a linguagem, e existem estratos da experiência que se subtraem a toda comprovação lingüística. Sem dúvida, para serem eficazes, quase todos os elementos extralingüísticos dos acontecimentos, os dados naturais e materiais, as instituições e os modos de comportamento, dependem da mediação da linguagem. Mas não se restringem a ela. As estruturas pré-lingüísticas e a comunicação lingüística, graças à qual os acontecimentos existem, permanecem entrelaçados, embora jamais coincidam inteiramente¹¹².

Inicialmente gostaria de tratar de uma inquietação surgida, mas não aprofundada em minha dissertação de mestrado defendida em 2009 no Programa de Pós-graduação em História na Unicamp: a relação entre as várias denominações dadas às cidades que nasceram ou foram fundadas a partir da experiência do homem com o meio natural, mais especificamente a partir de suas experiências com as águas consideradas medicinais entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Chamadas de *estâncias* ou *idades hidrominerais*, *idades balneárias* ou *idade das águas*, *idade termal* ou *idade de cura* esses lugares têm sido tratados nos cursos de pós-graduação do país, como se todo esse aparato lingüístico definisse para esses diversos lugares um único tipo de categoria onde pudessem ser incluídas as mesmas experiências humanas deles resultantes. É como se o espaço da experiência e da expectativa deixasse de ser pensado dentro de um determinado processo histórico. Em poucas palavras, é como se escrevêssemos todas as histórias sobre

¹¹² KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed.PUC/Rio. 2006, p.267..

essas cidades desconsiderando o seu espaço e o seu tempo frente às experiências e às expectativas humanas. Para tanto, partirei da premissa de me ocupar das “*histórias do passado*”¹¹³ pensando na própria questão da historicidade das fontes históricas, ou se quisermos, dos indícios¹¹⁴ ou vestígios¹¹⁵ do passado.

A produção acadêmica sobre as cidades que foram chamadas de estâncias hidrominerais ou balneárias no Brasil é ainda muito recente.¹¹⁶ Normalmente esses estudos voltam-se prioritariamente para as questões ligadas ao campo da arquitetura e do urbanismo pensando a cidade em seus aspectos físicos e sociais, ou seja, em processos que envolveram a análise de planos e intervenções urbanísticas realizados na primeira metade do século passado. Ainda que estes estudos tenham se apoiado em interpretações historiográficas para compreender a temática dessas cidades na história, faz-se importante colocar que as discussões levantadas baseiam sua interpretação “*em uma análise econômica, política e social determinada*”.¹¹⁷ Neste sentido, ao se elegerem determinados termos para designar essas cidades que tiveram a ocupação e a transformação de seu espaço urbano modificado diante do imaginário de suas águas e ainda que esta definição designe o *conceito e a categoria histórica*, minha inquietação torna-se mais freqüente ao querer estabelecer “*a diferença nas maneiras de usá-lo*.”¹¹⁸

Se atentarmos para o que diz Paul Veyne sobre os conceitos em história, veremos que um conceito histórico permite “*designar um evento como sendo uma revolução; isto*

¹¹³ KOSELLECK, Op.cit. p. 267.

¹¹⁴ VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**. Brasília: UnB, 1992.p. 12

¹¹⁵ KOSELLECK, Op.cit. p. 306.

¹¹⁶ Algumas pesquisas acadêmicas sobre essas cidades aparecem em alguns cursos de pós-graduação no Brasil a partir do ano de 2004. Nelas, o período estudado compreende especificamente os anos de 1920 a 1946 – marco temporal enraizado na memória coletiva como o auge das cidades balneárias brasileiras. Cf: FRANCO, Amanda Cristina. **Cidades de cura, cidades de ócio** – a influência de concepções estrangeiras no urbanismo de três estâncias paulistas: Águas de Lindóia, Águas da Prata e Águas de São Pedro 1920-1940. Escola de Engenharia de São Carlos. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2005; MARRAS, Stelio. **A Propósito de Águas Virtuosas**. Formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2004; PORTO, Daniele Resende. **O Barreiro de Araxá** – projetos para uma estância hidromineral em Minas Gerais. Dissertação apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo. São Carlos, 2005.

¹¹⁷ Para um melhor acompanhamento dessas vertentes que delinearam os estudos sobre a questão urbana no Brasil e suas contribuições para o crescimento dos estudos sobre as cidades nos cursos de pós-graduação, sugiro a leitura do artigo: CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne Francia. A cidade como história. In: História: **Questões & Debates**, Curitiba, n.50. p. 61-101. Jan/Jun/2009. Editora:UFPR.

¹¹⁸ KOSELLECK, Op.cit.p. 306.

não significa que, empregando esse conceito, saibamos o que é uma revolução”¹¹⁹. Pois, segundo o autor, os conceitos em história são resumos de tramas compreensíveis. E trama na ótica desse historiador refere-se a uma *“mistura muito humana e muito pouco “científica” de causas materiais, de fins e acasos”*.¹²⁰ Ela é um corte transversal *“dos diferentes ritmos temporais”*¹²¹ pois pode ser narrada tantos quantos forem os itinerários traçados pelos historiadores. Nesse sentido o autor salienta que a função do historiador é a de fazer compreender as tramas, que são humanas e terão resultados humanos. Isso significa dizer que uma trama *“emana de uma narração suficientemente documentada”*¹²² pelo historiador, e que o uso dos conceitos históricos, por mais que eles sejam o ponto dos progressos da historiografia, deve ser empregado pensando no momento em que eles foram criados ou organizados. Isto equivale a dizer que, o que o nosso senso comum designa atualmente como sendo uma cidade balneária ou uma cidade hidromineral não tem ou não faz o mesmo sentido para as pessoas que as procuravam ou as freqüentavam entre o final do XIX e a primeira década do século passado. Para Paul Veyne, o perigo mais dissimulado na compreensão da história é aquele das palavras, *“que suscitam em nosso espírito falsas essências e que povoam a história de universais inexistentes”*¹²³. O autor exemplifica dizendo que a caridade cristã, a assistência dos modernos e a previdência social não beneficiam as mesmas categorias de pessoas, assim como não socorrem as mesmas necessidades, *“não possuem as mesmas instituições, não se explicam pelos mesmos motivos e nem se cobrem das mesmas justificativas”*¹²⁴. Assim, por analogia podemos dizer que *caldas, cidade termal e cidade balneária* também não beneficiaram as mesmas categorias de pessoas e também não supriram as mesmas necessidades ou expectativas de quem as procuravam. Por esse motivo, faz-se importante observar a utilização desses fatores lingüísticos na hora de narrar ou reproduzir uma história passada, mesmo que o conceito *cidade balneária* predomine como uma categoria histórica generalizante. Nesse sentido, a minha proposta é estabelecer nesse diálogo introdutório a relação entre a

¹¹⁹ VEYNE, Op.cit.p. 68.

¹²⁰ Idem, p.28.

¹²¹ Ibidem, p.28.

¹²² Ibidem, p. 53.

¹²³ Ibidem, p. 68.

¹²⁴ Ibidem, p. 68.

linguagem das fontes históricas e a própria história, pensando como ao longo dos diferentes ritmos temporais, criaram-se categorias que foram mudando fisicamente e sensivelmente na ordem das palavras, a fim de definir um modelo específico de cidades que foram pensadas e construídas a partir das expectativas e experiências humanas diante de uma água considerada medicinal. Assim, parece-me muito apropriada a colocação do historiador Reinhart Koselleck ao dizer que *“quando se analisam conceitos passados cujos termos ainda poderiam ser os nossos, podemos ter uma idéia das esperanças e anseios, das angústias e sofrimentos dos contemporâneos de então”*¹²⁵. Atentando para o perigo das palavras assim como fez Paul Veyne, Koselleck pontua em seus estudos uma distinção entre palavras e conceitos: *“uma palavra torna-se um conceito quando a plenitude de um contexto político-social de significado e experiência no e para o qual uma palavra é usada pode ser nela condensado”*¹²⁶. O que nos leva a entender que *“conceitos são o concentrado de inúmeros significados substanciais”*¹²⁷. Nesse sentido, a proposta do historiador, refere-se então ao trabalho de *avaliar o espaço da experiência e da expectativa passadas* de maneira em que esse espaço possa *“ser apreendido conceitualmente dentro da economia lingüística do passado”*¹²⁸ atentando efetivamente no modo como ele foi articulado na linguagem das fontes. Tentarei então percorrer este caminho pensando nas permanências e mudanças dos atos de fala¹²⁹ que deram vida à experiência desses lugares em nosso país. Sem pretender estabelecer um conceito histórico sobre essas cidades, minha preocupação é a de estabelecer a diferença na maneira de utilizar essas denominações pensando na própria constituição desses espaços e nas experiências humanas deles decorrentes.

¹²⁵ KOSELLECK, Op.cit, p. 268.

¹²⁶ KOSELLECK, Op.cit, apud FERES, 2006, p.24.

¹²⁷ Idem.

¹²⁸ Ibidem, p. 268.

¹²⁹ A teoria dos atos de fala advinda da filosofia da linguagem faz parte do projeto metodológico de Quentin Skinner. Este autor é considerado o maior expoente da teoria collingwoodiana conhecida num primeiro momento como Escola de Cambridge. Para ele, a compreensão de um proferimento “requer o conhecimento da intenção do autor ao proferir tal ou qual ato de fala. Devemos perguntar, portanto, não somente pelo significado do enunciado propriamente dito, mas também pela força que se agrega ao significado desse enunciado e que revela o que o agente poderia estar fazendo ao (doing in) proferir aquele enunciado. (Skinner, 1969, PP.45-46)” apud JASMIN, Marcelo Gantus; JÚNIOR, João Feres. **História dos conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed.Puc/Rio. Edições Loyola: IUPERJ, 2006. p. 16

No tempo das caldas e das águas minerais:

O rosto toma uma cor roxa ou azulada; frequentemente o tecido celular da testa e do rosto principia a ficar mais espesso; a pelle engrossa e adquire uma cor de cobre. O nariz faz-se mais volumoso e muda de cor; as orelhas tornam-se mais espessas, as pálpebras incham, os olhos ficam humidos (...) Os beiços augmentam de volume; o hálito é fétido, a voz rouca. Ao mesmo tempo os doentes tornam-se sorumbáticos; tem vergonha e horror de si mesmos, perdem a actividade e as forças. (...) Estes tubérculos, que variam desde o tamanho de uma ervilha até ao de uma noz e mais, são de duas espécies (...) As mãos dos doentes tem um carácter particular; são em geral gordas, molles e rugosas; ás vezes toda a pelle tem um aspecto luzidio, como se estivesse coberta de azeite (...) Os dedos curvam-se, as unhas cahem. Os doentes n'esta época cahem n'um abatimento e desespero profundo; perdem as forças e emagrecem¹³⁰.

Caldas, palavra portuguesa derivada da palavra latina *calidus*, que significa águas quentes.

Em 1712 quando o padre Dr. Raphael Bluteau redigiu o *Vocabulário Portuguez Latino*, ele denominou caldas como sendo fontes de águas quentes onde se tomavam banhos destas águas. A referência vinha de Portugal, mais especificamente de Caldas da Rainha, lugar caracterizado pelo padre, de vila e hospital. A vila havia sido construída graças ao pedido da rainha D. Leonor ao rei Dom Manoel, que ergueu ali uma povoação para trinta moradores. Já o hospital, significava alguma coisa tida como um sentimento de gratidão dessa rainha às fontes termais, de onde ela teria se curado de uma doença no seio após vários banhos de imersão.

¹³⁰ CHERNOVIZ, P. Diccionario Medicina Popular. 1842. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp> . Pesquisado em 04/12/2010. pp. 449-450.

No *Diccionario de Língua Portuguesa* de 1813 o vocábulo é inexistente, porém, encontramos a referência *thèrma*: substantivo feminino definido como casa de banho de água quente e o adjetivo *thermal*: relacionado a águas termais, quentes naturalmente, de que se usa para banhos medicinais. Caldas só aparecerá novamente em 1842 no *Diccionario de Medicina Popular* seguido dos nomes Poços de Caldas e Caldas Novas. No primeiro caso, segue-se uma breve exposição desse lugar descrevendo alguns dados dessa povoação. Apontamentos sobre a distância em relação ao Rio de Janeiro, sobre a paisagem física, nome e descrição físico-química das principais fontes e quantidade de banhos calculados por dia aliados à elevação e salubridade do lugar já demonstravam um estudo mais aprofundado do que aquela breve definição citada inicialmente em 1712. As Caldas já começavam a ser documentadas em oposição àquela simples definição de águas quentes. Algumas características associadas ao lugar onde se encontravam essas fontes traziam outros significados ou qualidades, se assim podemos pensar, ao vocábulo inicial.

Em Caldas Novas, Chernoviz faz referência ao aproveitamento de treze fontes para banhos e às suas altas temperaturas, bem como à citação da análise das águas feita pelo Dr. Faivre em 1842. Mas, o que mais chama a atenção ao incremento dessa qualificação é com certeza a própria indicação dessa água que aparece especificada para determinadas doenças, entre elas: a *morphéia*, *darthos*, *reumatismos crônicos*, *úlceras antigas*, *escrophulas*, *afecções crônicas do peito*, *ankyloses incompletas e paralisias*. Sua característica mais destacada passa a ser o seu uso medicinal, ampliando o seu espaço de experiência e o seu horizonte de expectativa diante do valor atribuído a essas águas pelos homens de então. Essa experiência do uso medicinal, tomada como acontecimentos que foram sendo incorporados à palavra caldas, reverberou-se em ações racionais, como no primeiro número da Revista Médica Fluminense em que se fez menção ao público sobre as “*interessantíssimas caldas*”(…) “*numa breve noticia destas miraculosas agoas dada pelo Sr. Padre Valério, de S. Paulo, por onde se podia fazer huma idea clara das suas preciosas virtudes medicas*”¹³¹. Análise racional de uma publicação que fazia parte do trabalho encomendado pelo governo da província de Goiás ao italiano Vicente Moretti Foggia no

¹³¹ Revista Médica Fluminense. Nº 9, dezembro de 1839, anno 5. **Agoas thermaes (caldas) da província de Goyaz e seos maravilhosos effeitos para a cura da morphea e outras enfermidades rebeldes da pele.** Memória dirigida pelo SS. Vicente Moretti Foggia, italiano ao Exmo. Sr. Presidente de Goyaz. P.49.

intuito de analisar e examinar quimicamente as propriedades medicamentosas das caldas de Santa Cruz. Assim, o vocábulo caldas ao sair dos dicionários e manuais de medicina dirigidos ao público leigo entre o final do século XVIII e os primeiros anos do século XIX gerou expectativas ao desembocar nos periódicos médicos do XIX que tentavam aumentar a popularidade da medicina acadêmica em nosso país.¹³² Visão receptiva de um ato de linguagem que foi se impondo lado a lado com a curiosidade daqueles doentes num determinado tempo e espaço histórico. Mesmo qualificando as fontes e as descrições físicas de seu entorno de uma maneira geral, a palavra caldas só ganharia algum sentido “humano” e “científico” a partir das experiências de cura realizadas naquele lugar.¹³³ No entanto, para entendermos a constituição desse lugar onde se localizavam as caldas, (agora no sentido ampliado desse termo) e prosseguirmos para outras evidências lingüísticas que nos mostrem as diferenças físicas e emocionais nas maneiras de nomear esses lugares, proponho pensarmos na própria circulação desses corpos e na maneira como a sua disposição nesses espaços possibilitou um novo campo teórico diante das experiências e expectativas desses sujeitos.

Ora, passados alguns anos as caldas já atraíam milhares de pessoas que acreditavam na eficácia de suas águas. Aqui podemos citar tanto pessoas leigas como os médicos que as estudavam. A partir de meados do século XIX, esse interesse despertado pela cura de doentes possibilitou a ocorrência de numerosos estudos científicos sobre essas águas. Os médicos, ao invés de se utilizarem do vocábulo caldas, abrangem seus estudos para *as águas minerais brasileiras*. Expressão de um novo tempo, afinal, as águas minerais brasileiras começariam nesse momento a ser comparadas às águas minerais européias. Mais do que uma simples comparação físico-química de suas propriedades curativas, essa expressão significava naquele momento, um aumento ainda maior do campo de expectativa

¹³² Cf: FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina impopular. Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, Sidney (org). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Capítulos de História Social. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

¹³³ “Silvério Custódio dos Santos, do Arraial do Carmo de Minas Geraes, morphetico com fistulas, e caries, que lhe mutilou alguns dedos, uma grande chaga em uma perna, feita pelo fogo que a queimou sem que sentisse. Esta enfermidade, que por 14 annos foi rebelde, cedeu em parte com o uso destas águas continuado por 11 meses. A sensibilidade em parte é restituída; as fistulas, e a chaga cicatriza; e presentemente não lhe restam senão algumas manchas ao defeito da cutis”. In: **Revista Medica Fluminense**. N° 9, Anno 5°, Dezembro de 1839. p. 397.

desses médicos (e futuramente dessas pessoas), afinal, nossas águas minerais poderiam se transformar em um *“fundo precioso de interesse e prosperidade, enriquecendo e civilizando as estéreis villas dos primeiros, como são as Caldas da Rainha, Gerez, Vichy, SPA, Forges”*¹³⁴. Agora, conceitualmente denominadas de águas minerais¹³⁵, elas poderiam ser reconhecidas e analisadas a partir da posição topográfica de suas fontes, da natureza de seu terreno e de sua vegetação. Mitigadas de uma influência para a fortuna pública e a prosperidade do país, o seu horizonte de expectativa seguia ampliando-se tanto pelas vantagens à saúde da população quanto *“pelos empregos industriais e econômicos que podem ter as águas minerais”*¹³⁶. Nesse sentido, a expressão águas minerais carregava consigo um lastro de conseqüências resultantes de algumas práticas sociais e de seus significados operados na ordem do dia em relação às ações que lhes atribuíam outros sentidos. Por exemplo, se no espaço das caldas, os indícios históricos nos mostram um tipo específico de pessoas que as procuravam¹³⁷, num momento em que o único desejo que importava era ver a ausência de feridas em seus corpos, nota-se, a partir do momento em que se utiliza a expressão águas minerais, a necessidade dessa outra designação para definir além da cura desses corpos, um projeto civilizador para esses lugares a exemplo do que já ocorria na Europa. E reafirmo aqui, o que já foi trabalhado em minha pesquisa de mestrado: o projeto civilizador das águas minerais consequentemente criou espaços específicos destinados a outros tipos de pessoas e aos hábitos surgidos entre elas e o meio natural, que só faziam sentido no próprio espaço construído das águas consideradas medicinais. Portanto, falar em águas minerais nesse momento, já significava associá-las a algumas regras de higiene e a algumas considerações sobre o modo de fazer uso das mesmas. Isto já significava que para a cura ocorrer de modo mais satisfatório, não bastava apenas banhar-se

¹³⁴ CASTRO, Antonio Maria de Miranda. Dissertação inaugural sobre **“As águas mineraes brasileiras”** e em particular as da cidade do Rio de Janeiro. These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e sustentada em 7 de dezembro de 1841. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1841.p.04.

¹³⁵ “Designa-se por este nome as que apresentam em sua composição química e mineralógica certos corpos de origem mineral que não são encontrados nas águas comuns chamadas doces” (CAMINHOÀ, 1890: 08).

¹³⁶ CAMINHOÀ, J. M. **Estudo das Águas Mineraes do Araxá**, comparada às congêneres de outras procedências, “curabilidade da tuberculose pulmonar pelas ditas águas” – usos industriais das mesmas. Rio de Janeiro: Typ. De Laemmert & C, 1890. P.08.

¹³⁷ Pessoas de “pelle fina e alva, cabelos louros, formas arredondadas, tez rosca, beiços grossos, cabeça volumosa, peito estreito, ventre grande e carnes moles”, além de tumores expostos nas regiões laterais do pescoço, virilhas e axilas. In: CHERNOVIZ p. 1017.

em fontes de águas consideradas medicinais num determinado espaço natural em pequenos ranchos e palhoças. Era preciso mais. Precisavam-se instituir regras de higiene para esses lugares e também regras de higiene para a construção de estabelecimentos de banhos, ou termas. A expressão águas minerais definia de preferência a sua própria posição como algo que rompia com aquele tempo anterior das caldas. Afinal, a partir dos estudos de hidrologia da Academia de Medicina de Paris, fundada em 1853, um progressivo pensamento sobre esse saber advindo das águas medicinais constituiu-se em ciência entre a segunda metade do século XIX e o começo do século XX, direcionando a maneira como o tratamento pelas águas foi lido e aplicado pelos médicos daqui. Convivendo ao mesmo tempo com diversas representações mágico-religiosas da água medicinal, o estudo da hidrologia e posteriormente, o estudo da crenoterapia, tornaram-se saberes predominantes no interior de um grupo de médicos, químicos e físicos que preconizavam que esse mesmo tratamento deveria variar em função do meio natural e do tipo de cuidados aos quais seriam submetidos àqueles curistas.

A partir do final do século XIX, esses estudos falavam cada vez mais sobre uma circuncisão de hábitos¹³⁸ que deveriam ser instituídos nos espaços onde se achavam essas águas consideradas medicinais. Apresentados pelos primeiros estudiosos da hidrologia médica, eles significavam a supressão ou o condicionamento das emoções humanas diante do poder simbólico dessas águas atrelado ao caráter científico encontrado nas prescrições que se seguiam.

No espaço das cidades e das experiências humanas:

Em fins do século XIX as expectativas da classe médica haviam se organizado na forma de um discurso científico. Contudo, essa profusão de palavras não ultrapassava mais do que as diversas teses médicas que iam sendo defendidas em nosso país pela Academia Imperial de Medicina no Rio de Janeiro. O discurso estava organizado, contudo, faltava a esses espaços e a essas pessoas “*todos os melhoramentos a fazer, de acordo com o que*

¹³⁸ “Nas águas minerais da Europa e principalmente da Alemanha, esta parte do tratamento é rigorosíssima, a ponto de haver hora certa para dormir, acordar, comer, passear, assistir aos concertos, havendo até muitas vezes a separação dos cônjuges”. Cf: CAMINHÔA, op.cit, p.15.

existe nas cidades similares do estrangeiro, estabelecimento de duchas, salas de inalações, etc”¹³⁹.

A constituição de um espaço destinado a um tipo específico de pessoas era premente. Nesse momento, os curistas eram em maior número. Eram as expectativas dessas pessoas aliadas às expectativas de alguns poucos médicos que movimentavam esse saber direcionado pelas águas. Era preciso beneficiá-las, ou melhor, civilizá-las e modernizá-las, pois só assim abrir-se-ia um horizonte de expectativas para esses dois grupos de pessoas citados há pouco. Por outro lado, esse novo tempo indicava uma reivindicação qualitativa, “*a de ser novo no sentido de inteiramente diferente, ou até mesmo melhor, do que o tempo anterior*”¹⁴⁰. Por mais, que os dois balneários existentes na cidade de Poços de Caldas (e em algumas cidades do interior mineiro) cumprissem uma certa função de local apropriado para a cura, eles não significavam o modelo ideal de uma cidade das águas europeias, afinal, suas banheiras inauguradas em 1886 e 1893 eram feitas de cimento para as pessoas de ‘primeira classe’, e de madeira para as pessoas de “segunda classe”. Nesse momento, *balneário*, referia-se a um lugar específico onde se tomavam banhos de águas termais. Eles estavam localizados dentro de uma cidade que ainda não era e não podia ser considerada balneária. Portanto, na ordem física e sensível das palavras, a proposta era transformar esses lugares em *cidades de águas ou cidades termais*, a exemplo do que já acontecia na Europa. Era preciso transformar aquela paisagem em uma categoria do discurso apreensível pelas emoções, experiências e novas sensibilidades daqueles curistas. A paisagem das caldas e das águas minerais precisava ser nomeada de maneira a estabelecer um novo horizonte de expectativas para aqueles que a procuravam e para aqueles que ali investiam seus desejos de ordem política, econômica ou social.

Como nesse momento, os médicos brasileiros ainda liam os compêndios franceses sobre a hidrologia médica na França, tornou-se comum o reconhecimento das palavras *villes d’eaux, station thermales et hydrominerales e station balnéarie* para justificar ou qualificar esses lugares que por aqui ainda estavam se organizando em função de suas águas. Essas expressões traduzidas para o português como *cidades das águas, estações*

¹³⁹ MONAT, Dr. **Caxambu**. Rio de Janeiro: Luiz Macedo, 1894.p.18.

¹⁴⁰ KOSELLECK, Op.cit. p. 274.

termais e hidrominerais e estações balneárias acabaram sendo proferidas de uma maneira aleatória por aqueles que lutavam pela construção e organização desses espaços em nosso país. No entanto, na França, *as cidades de águas* há tempos já estavam desenvolvidas e os banhos de mar também há muito já tinham caído no gosto popular. Nesse país já no início do século XX convencionou-se chamar de *station balnéaire* todas as cidades que haviam se desenvolvido à beira-mar.

A função curativa das águas salgadas desde o XVIII já era conhecida, tendo alcançado o seu sucesso na França a partir do século XIX. Já no final do século XX, ela foi pouco a pouco perdendo essa qualidade medicinal para se associar a uma prática mundana que seria vivenciada em diversas atividades lúdicas desenvolvidas no espaço da praia, das dunas e das falésias. Com relação às *cidades termais* ou *cidades de cura* observava-se a sua localização em meio a uma topografia montanhosa e distante da orla marítima. Assim, longe do litoral, essas cidades desenvolveram-se ao redor de fontes, *griffons* e nascentes de águas, como bem, já o tinha observado Marcel Monmarché em 1902¹⁴¹.

Assim, a *cidade termal* enquanto espaço construído precisou adaptar-se à topografia existente a partir de alguns saberes especializados. Ao lugar hostil, descoberto entre vales e montanhas, dever-se-iam construir cidades modernas adequadas à paisagem natural. A qualidade do clima descrita principalmente pela altitude dessa topografia e entendida como parte do tratamento higiênico de diversas doenças tornou-se então, condição obrigatória para os diversos tipos de passeios arranjados entre os intervalos do primeiro copo de água ou então, dos banhos termais.

Assim, os atos lingüísticos que foram sendo associados a esses lugares ao longo dos anos, já nas primeiras décadas do século XX, indicavam “*novas experiências que jamais haviam sido experimentadas dessa maneira*”¹⁴² nas cidades brasileiras. As *cidades termais* representavam um novo tipo de experiência com o próprio corpo e também com as próprias

¹⁴¹ “Salies, dans un étroit vallon très vert, enchâssé entre deux collines, offre un curieux contraste. De la gare on arrive de suite au “jardin public”. C’est la ville termale, tout neuve, d’une somptueuse banalité: un square rectangulier entouré de grands hôtels, d’un casino pseudo-arabe et d’un long établissement rayé de blanc et de rouge pseudo-oriental. Un peu au-dessus sur le coteau, un hôtel s’est installé au milieu d’un parc dans l’ancien château de Salies, fief des Talleyrand-Périgord... De la ville thermale on passe sans transition dans le vieux Salies aussi tassée, vieillotte, délabrée, enchevêtrée que l’autre est large, géométrique et neuve...” Cf: MONMARCHÉ, apud TOULIER, 1984, p. 02.

¹⁴² KOSELLECK, Op.cit. p. 274.

emoções que seriam condicionadas a um espaço e a um tratamento específico surgido das águas. O propósito era a cura: do corpo ou da alma, tão em voga naquele período.

As possibilidades imaginadas surgidas do uso lingüístico dessas palavras com certeza conferiram uma dimensão do novo àquela época. Pensando na remodelação urbana desse tipo específico de cidade e na apropriação e construção desses espaços que surgiram reinterpretados por uma simbologia do passado, veremos que o que se tornou comum na construção dos diferentes tipos de cidades que hoje denominamos *hidrominerais*¹⁴³ foi acima de tudo e, sobretudo, a ocupação de espaços com vegetação nativa, locais inóspitos e considerados insalubres pelos médicos que reclamavam conforto e higiene para o tratamento dos curistas. Foi, portanto, do difícil acesso a esses locais, permeados de lendas diabólicas, que a água termal generalizou espaços particulares (balneários, buvettes e hotéis) e organizações originais configurando-se como um importante processo civilizador responsável pela construção das *cidades termais* e também, como importante processo civilizador dentro de um grupo muito específico da sociedade brasileira. Assim, a *cidade termal* reconhecida como *cidade de cura* possibilitou a invenção de novos hábitos que se viram moldados em uma natureza teatralizada que se dividia entre a criação de espaços funcionais, hierarquizados e materializados basicamente na concepção de vias, praças e jardins e também na construção de alguns espaços privados, como nas salas de espera e nas cabines de banho individuais, caminho indispensável para a prática da cura termal e para a afirmação de alguns signos específicos do prestígio social.

Não havia nesse momento em que se discutia a construção de um espaço destinado ao tratamento de doenças, uma discussão direcionada por parte desses médicos a fazer desses mesmos lugares, espaços de lazer ou espaços de ócio. É claro que determinados locais que hoje se apresentam aos nossos olhos com essa intenção tiveram grande importância na estrutura daquela sociedade que aparecia, mas que naquele momento não podiam ser desvinculados ou descontextualizados do pensamento terapêutico pelas águas entre o final do século XIX e início do século XX. Assim, hotéis, cassinos, balneários e praças eram locais imprescindíveis à prática da cura até o início dos anos de 1930 no Brasil.

¹⁴³ As estâncias hidrominerais e a qualidade de suas águas passaram a ser reguladas pelo Decreto-Lei 7841 de 08/08/1945 que instituiu o Código de Águas Minerais no Brasil.

Sendo assim, diante dos vestígios do passado pesquisados, posso dizer que foram construídos primeiramente e unicamente para esse fim.

Somente no início dos anos de 1931 em nosso país, a expressão *cidade balneária*, agora já na ordem do discurso de um novo tempo da medicina pelas águas (a crenologia), prestes a materializar-se enquanto espaço urbano propriamente dito constituiu-se como categoria fundamental tanto para a vida social quanto para dimensões pessoais de cunho afetivo para homens e mulheres que viviam uma época de grandes mudanças significativas no campo econômico e cultural trazidas, sobretudo, pelo crescimento das cidades. A *cidade balneária*, implantada também a partir dos modelos europeus de cidades hidrominerais¹⁴⁴ que já sinalizavam uma vocação turística, dá início a um contexto histórico onde, novos padrões corporais, agora pensados fora do ambiente familiar, passam a ser associados a uma vida moderna, e onde “novos” corpos passam a circular nos espaços modificados pelo conhecimento trazido pelas águas minerais.

No âmbito dessa nova experiência que começava a se impor na ordem física e sensível das palavras, veremos outra modificação no cotidiano das pessoas que procuravam uma *cidade balneária*. A cura para a “*boa sociedade brasileira*” já se tornava um simples pretexto para o deleite de um local que foi se modificando a partir das histórias das pessoas que o freqüentavam, seja desde o início, quando se denominou apenas *caldas*, ou no momento em que foi chamado de *cidade termal* ou *estância hidromineral*. Os corpos estropiados, belos ou sãos que circularam nesses espaços entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX foram a causa principal da nomeação desses atos linguísticos que conferiam sentido às experiências e expectativas humanas dentro desse período da história urbana em nosso país. Ou, que pelo menos, tornaram-se uma chave explicativa interessante para se entender a constituição desses lugares. História essa, repleta de universais na ordem das palavras, mas que não deve ser dissociada de seus componentes espaciais e temporais seja na hora de se trabalhar com um conceito histórico, ou com um conjunto de experiências condensadas em uma única palavra ou expressão histórica para o entendimento dessas cidades no Brasil.

¹⁴⁴ Aix-les-Bains, Cauterets, Dax, Enghien-les-Bains, Vichy e Montecatini tornaram-se referência para a construção de outros espaços urbanos que também possuíam fontes de águas medicinais. Cf: PAULVÉ, Dominique. **Villes d’eaux** – Histoire, architecture, termes. Éditions Massin, 2013.

Esses espaços que se tornaram balneários dentro de cidades imaginadas a partir dos anos de 1930 no Brasil, tinham a função de lidar com a esperança e o medo, mas também com o desejo, a vontade e a curiosidade dos corpos que circulariam naqueles lugares onde um novo horizonte de expectativas também se inaugurava naquele momento. Médicos, curistas, veranistas e moradores locais estabeleciam com a cidade discursos em suas variadas dimensões de acordo com suas expectativas que não seriam experimentadas de maneiras iguais. A cidade poderia ser considerada “*por excelência a estância hidromineral dos reumáticos*”¹⁴⁵ ou a “*estância que produz o renascimento dos fígados decadentes*”¹⁴⁶ ou ainda a “*melhor estância de divertimento e repouso da América do Sul*”¹⁴⁷ pois em diferentes linguagens ela poderia ser apreendida conceitualmente em diversas experiências históricas.

Por mais que a classe médica do período estudado confirmasse “*o conceito de que a estância hidro-mineral e climática, pela sua finalidade, pertence, necessariamente, ao domínio da saúde, seja como medicina curativa, seja como medicina preventiva*”¹⁴⁸ ela não esteve alheia às transformações de ordem emocional que interpretavam o progresso também a partir de outras experiências que poderiam ser vividas a partir do próprio corpo. Seja como for, a cidade balneária que entrava em cena no país deveria ainda no início de sua história formar um complexo terapêutico característico e ser organizada como um centro médico obedecendo as atividades *técnico-crenológicas* e sanitárias do momento; mas também deveria lançar o desejo do retiro e da *vilegiatura de repouso* unindo a curiosidade e a possibilidade de uma nova vida recriada e posta em evidência nos meses que compunham as temporadas de verão em nosso país. É claro que uma se sobrepôs à outra, e é isto que pretendo demonstrar a partir de um processo civilizatório que insitiu o imaginário da cidade balneária no país a partir de 1931.

¹⁴⁵ Propaganda localizada na Revista Brasileira de Fisioterapia, 1946, p.37.

¹⁴⁶ Idem.

¹⁴⁷ Ibidem.

¹⁴⁸ ALMEIDA, Teófilo de. Tese sobre “Organização Médico-hospitalar das estâncias hidrominerais”. In: **Revista Brasileira de Fisioterapia**, 1946, pp-37-38. Pesquisada no acervo do Instituto Cultural do Termalismo em Poços de Caldas.

1.2 O imaginário da cidade balneária.



Figura 21: ELLa: Vou-me dando bem assim, com este tratamento a 'água mineral', militarmente ferruginosa e civilmente laxativa... In: Revista Careta. 28/03/1931

Poços de Caldas. O sonho que viveu.

Poços de Caldas é o sonho que viveu.

O forasteiro que aqui esteve há quatro annos passados, voltando agora, esfregará os olhos obscurecidos, ainda pela tonteira da surpresa.

Não crê no que vê!

- "Meu Deus"! Poços há bem pouco tempo, era a vilasinha medíocre inferior a qualquer cidade provinciana de onde muita gente voltou pelo trem seguinte, por falta de conforto ou receio de desconforto! Onde se via desolado, um pantanal cheio de sapé, guaxuma e assa-peixe, de podridões e répteis asquerosos – se levantam agora essas formidáveis e majestosas Victórias-Regias de cimento e ferro! Esses palácios sumptuosos, dignos da hospedagem de rajahs indianos ou príncipes da Persia!

*Essas ruas, ennegrecidas pelo asfalto, brilhantes pelo envernissamento provocado pelo transito continuo de automóveis – há pouco tempo não eram mais que uma buraqueira lamentável, cheia de atoleiros, nos tempos de chuva, ou polvilhando a cidade com um pó amarelo e irritante nos dias de sol!*¹⁴⁹

Se de alguma maneira é possível definir e reconhecer os elementos que se agruparam para favorecer a formação e o desenvolvimento de uma cidade balneária no Brasil, os novos espaços de sociabilidade e de intimidade como produtores de memória(s) tornam-se peças fundamentais neste trabalho, principalmente sob o ponto de vista de uma economia psíquica das emoções. Afinal, este nos parece o caminho mais apropriado numa tentativa que aqui se faz de demonstrar historicamente como foi construído o desejo de viajar no Brasil a partir de um imaginário das águas que prometia a novidade de algumas experiências urbanas que só poderiam ser vivenciadas em um lugar apropriadamente construído para esse fim.

Quem, viajando para a cidade das águas miraculosas, vai-se aproximando da divisa de Poços de Caldas, lindo florão do sul de Minas – dada a contemplação da formosa e variada perspectiva da natureza, que se diria ter concentrado naquela plaga toda a sua pujança – sente a alma como que suspensa pelo fio doirado de profusa alegria emotiva (...) eu que ia de coração vazio, alma imersa em um mundo sem expressão, talvez criado pelo cansaço, as idéias curtas, pouco assimiladas, mastigadas, ruminadas, assassinadas dentro de um acanhado círculo vicioso, senti, num instante, uma mudança radical se operar dentro de mim: antepuseram-se ao meu cansaço físico e mental um bem-estar envolvente, uma alegria transbordante ao contato dos meus olhos com o panorama surpreendentemente encantador das grandes elevações de terra cobertas de

¹⁴⁹ **Revista publicitária Minas ao Brasil.** Poços de Caldas, a mais bella estância balnear da América do Sul. 1931.

*matas, que contornam a cidade. (...) repleta de moça bonita, ali, naquele viveiro de beleza guardado com tanta avareza, com tanto ciúme, pelas montanhas gigantescas, ali é que mora, sim, mora, terna, sedutora... e inteirinha ... a felicidade ...*¹⁵⁰

Constituído a partir de serviços e equipamentos diferenciados para fazer o homem feliz, o espaço balneário de Poços de Caldas instituiu um imaginário da cidade “da alegria e do prazer” em nosso país, principalmente a partir do governo provisório de Getúlio Vargas.

A vida em sociedade propagada por homens do governo, industriais e artistas de espetáculos renomados, a proximidade dos sexos em locais adequados, a boa companhia, os cuidados corporais a partir de águas especiais, os majestosos prédios para bailes, jogos e festas temáticas, os passeios ao ar livre, os jogos e os esportes da moda favoreceram a organização de determinadas viagens como meio de distinção social na sociedade brasileira. Mas, sobretudo, foram as viagens de repouso e as novas sensações descritas por um prazer de todo o corpo que contribuíram para o sucesso inicial dessa figuração social, cuja divulgação intensiva de como reencontrar a alegria neste espaço acabou direcionando uma nova maneira de sentir na cidade balneária.

Sob o ponto de vista da paisagem urbana, três foram as grandes obras que contribuíram para o nascimento do imaginário da cidade balneária no país: as *Thermas Antonio Carlos*, o *Palace Hotel* e o *Palace Casino*. Já do ponto de vista da emoção, o imaginário foi sendo construído ao longo dos anos 30 e 40 a partir de três componentes responsáveis pela divulgação dos sentimentos de alegria e prazer proporcionados pelo espaço urbano da nova cidade balneária: um componente comportamental que levava em consideração as mudanças no desejo da *vilegiatura* e do *repouso* que se estabeleciam como uma prática diferenciada e que diferenciava as pessoas em nosso país. A este componente comportamental, a garantia do sucesso estava condicionada à imagem do *Palace Hotel*, locus de distinção social na elite brasileira. Um componente fisiológico relacionado com o sentido de cura atribuído às águas sulfurosas de Poços de Caldas, imagem e valor

¹⁵⁰ PELEGRINO, J. Rodarte. “Impressões de Poços de Caldas – viagem longa, mas compensada. In: **Jornal O Eco**. 09/05/1943.

construídos desde o final do século XVIII que despontava na materialidade das *Thermas Antonio Carlos*, considerada o primeiro grande estabelecimento termal do Brasil sob os signos da modernidade. E o terceiro componente do imaginário social relacionava-se com a própria condição sentimental do brasileiro letrado no início dos anos 30, aspecto fortemente divulgado nos anúncios comerciais dos jornais e revistas de circulação nacional¹⁵¹. Apelava-se pela busca da alegria e do prazer, emoções que pareciam ser encontradas na novidade do primeiro espaço balneário do país. A este componente relacionava-se de imediato a figura do cassino, responsável pela garantia das festas elegantes que algum tempo depois passou a dividir espaço com a novidade do *sporting club*, órgão detentor dos momentos de diversão e dos encontros sociais da cidade balneária. Juntos, os três componentes compunham, descreviam e escreviam a história do imaginário da cidade balneária nas capitais do nosso país e em alguns países¹⁵² previamente escolhidos pelas mãos daqueles que estavam nos bastidores dessa construção.

Porém, para alcançar o sucesso definitivo de cidade balneária há de se dizer que foi necessário encontrar os meios adequados para que algumas emoções fossem despertadas a partir das experiências urbanas que só podiam ser garantidas naquele lugar. De certo modo, foi preciso equilibrar a balança de determinadas emoções que já haviam sido aprendidas na antiga cidade termal para que o novo modo de vida balneária fosse gestado no interior dessa figuração social e garantisse o sucesso desse imaginário que aos poucos, ia danificando e encobrindo o precedente discurso médico que havia instituído o valor curativo das águas medicinais no país. No fim, a cidade como um todo vivia e ganhava título de balneária, condição propícia e localizada num tempo histórico cujas sensibilidades e práticas eram bem distintas e diferentes das nossas em relação ao uso dos espaços que continham as águas consideradas medicinais.

Se até 1931 a expressão “cidade das águas”, derivada do francês “ville d’eaux” significou no imaginário social o conjunto de habitações (e aqui podemos citar desde os ranchos de madeira e cabanas de sapé, até os primeiros hotéis julgados no discurso médico do século XIX como rudimentares) e de infra-estrutura necessária para a exploração de uma

¹⁵¹ Entre eles: Folha da Noite, Folha da Manhã e Fon-Fon, usados nesta pesquisa.

¹⁵² Inicialmente algumas propagandas foram veiculadas na Argentina, no Uruguai e na Inglaterra. A partir de 1938 elas já chegavam também aos Estados Unidos.

ou várias fontes de águas conhecidas por suas virtudes terapêuticas e medicinais¹⁵³, o termo cidade balneária ampliou de maneira decisiva os aspectos sociais e culturais que promoveram o imaginário deste espaço cuidadosamente organizado para este fim. É claro que esta expressão não desapareceu definitivamente do vocabulário médico e comercial, pelo contrário, a ela juntou-se um novo espaço da experiência e da expectativa¹⁵⁴ frente às emoções humanas de uma elite já acostumada com as cidades balneárias européias, e mais tarde com os desejos da classe média brasileira entre meados das décadas de 1930 e 1940.

Muito mais do que apenas possuir fontes com qualidades medicinais, a novidade no ano de 1931 estava na inauguração do primeiro estabelecimento termal do Brasil. Esta definição, implícita nos conceitos e métodos da *crenologia* não era uma qualidade visível para as pessoas em geral. Para elas, a novidade bastava na palavra *Thermas*. A princípio, esse era o grande diferencial da cidade balneária, conforme documentado nas páginas do jornal *Folha da Manhã*:

*“Uma inauguração é sempre um começo. Assim era aquella. (...)”*¹⁵⁵. Em grande festa e diante de uma *“enorme massa de povo”*¹⁵⁶, Cincinato de Noronha Guarany, representante dos presidentes Getúlio Vargas e Olegário Maciel, era recebido junto com sua comitiva em 28 de março de 1931 na *gare* da estação por autoridades locais, jornalistas e pelo representante do ministro da justiça, Djalma Pinheiro Chagas. A comitiva que havia chegado em trem especial às 16:15 daquele dia tinha a obrigação de inaugurar um empreendimento *“não só digno de Poços de Caldas e do Estado de Minas, mas do nosso Brasil, (...) que se poderá orgulhar, daqui por diante, de possuir um conjunto de hotel, casino e thermas, como melhor não possui qualquer outra cidade do mundo”*.¹⁵⁷ Assim, oficialmente inaugurada em 29 de março de 1931, as *Thermas de Poços de Caldas* marcava

¹⁵³ No uso popular ficaram mais conhecidas como estâncias hidrominerais.

¹⁵⁴ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed.PUC/Rio. 2006.

¹⁵⁵ **Jornal Folha da Manhã**. “Foram inauguradas as thermas de Poços de Caldas, em Minas. Ao acto compareceram representantes dos governos da República e do Estado.” 08/04/1931. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=thermas&site=&periodo=acervo>

¹⁵⁶ Idem.

¹⁵⁷ **Jornal Folha da Manhã**. “Poços de Caldas inaugura, no domingo, as suas thermas. A solenidade será presidida pelo Sr. Presidente Olegário Maciel”. 25/03/1931. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=thermas&site=&periodo=acervo>

“uma etapa das mais assinagladadas na história da nossa civilização, tal a grandeza da sua finalidade”¹⁵⁸ que já havia sido justificada na voz de um grupo de médicos que acreditavam ter encerrado uma grande batalha na história da medicina termal em nosso país¹⁵⁹.

A celebração festiva tinha uma finalidade que nascia ambígua e inaugurava de tal forma um espaço único de viagens que convencia uma classe aristocrática dos prazeres e alegrias da moderna cidade balneária que entrava em cena no Brasil. “*Sem tédios e melancolias*”¹⁶⁰ ela aparecia no cenário nacional como a “*cidade da alegria e do prazer*” (...) e lugar privilegiado para os que soffrem e para os que se habituaram a excursões aos sítios aprazíveis”.¹⁶¹

Não podemos desconsiderar que o nascimento de uma cidade balneária no país sob os signos da modernidade teve a água medicinal como a grande particularidade deste espaço. Este é de antemão um fato que não pode ser refutado nesta narrativa. Da mesma maneira, que não podemos desconsiderar o contexto médico-cultural relacionado a essas águas logo após a inauguração do espaço balneário. Desconsiderá-lo seria o mesmo que ignorar um dos sujeitos dessa história. Somente no entendimento dos eventos relacionados a essas águas é que podemos de alguma forma traçar uma trajetória do sucesso do imaginário balneário no Brasil. De acordo com o folheto publicitário citado acima, a novidade estava no novo espaço urbano, mas a motivação que levava até ele ainda tinha resquícios no discurso que enumerava as qualidades da água termal e na prática da vilegiatura, prestes a mudar de figuração.

A vergonha de um corpo doente como antônimo de um referencial civilizatório que visava a construção do “homem novo”, discurso propagado especialmente por “*educadores, médicos, sanitaristas, dirigentes esportivos, eugenistas e higienistas*”¹⁶² pode

¹⁵⁸ **Jornal Folha da Manhã**. “Foram inauguradas as thermas de Poços de Caldas, em Minas. Ao acto compareceram representantes dos governos da República e do Estado.” 08/04/1931. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/resultados/?q=thermas&site=&periodo=acervo>

¹⁵⁹ Cf: MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. Op.cit.

¹⁶⁰ **Folheto publicitário “Minas ao Brasil**. Poços de Caldas, a mais bella estância balnear da América do Sul”. 1931.

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² SILVA, Eliazar João da. Corpo envergonhado e atividade física como referencial civilizatório. In: SARAT, Magda; SANTOS, Reinaldo dos. (org). **Sobre processos civilizadores**. Diálogos com Norbert Elias. Dourados: UFGD, 2012, p.284.

ser constatado principalmente a partir dos anos 30 do século passado, se pensarmos nas categorias e condições que propiciaram uma ruptura com os padrões corporais da década anterior, e que criaram condições simbólicas e materiais para a emergência e propagação de sentimentos de felicidade e alegria que poderiam ser encontrados em espaços urbanos diferenciados em nosso país. Para além da ausência de enfermidades visíveis no corpo, das quais, o eczema e as “*afecções da pele*” apareciam como um dos grandes vilões responsáveis pelas viagens de cura em nosso país, e também dos preceitos de higiene que se instituíram como obrigação social e moral do início do século, a apresentação de um corpo saudável e com tendência a uma diferenciação na maneira de se embelezar enriquece o discurso médico termal da cidade balneária até pelo menos 1933.

Os anúncios publicitários sobre a cidade que apareciam na imprensa nacional eram construções imagéticas e simbólicas discutidas no interior de uma classe médica organizada que já se convencia da nova condição emocional do homem brasileiro: ele sofria, pelo menos é isto o que nos diz a propaganda comercial do início dos anos 30. A diminuição do vigor e a morte precoce aos trinta anos causada pelo mau funcionamento dos órgãos era a grande questão que perturbava e fazia sofrer o homem brasileiro. “*Todos sofrem do estomago e intestinos, e assim, depois de algum tempo, ficam sofrendo também das mais perigosas moléstias do coração, da cabeça, dos nervos, do sangue, do fígado, dos rins e a terrível arteriosclerose*”¹⁶³. A morte aos trinta anos parecia inadmissível para uma geração que só compreendia a morte do homem jovem na “*caça, lutando contra os animais ferozes das florestas, ou então nas guerras, quando feridos em combate pelos soldados dos exércitos inimigos*”¹⁶⁴. Com isto, podia-se até morrer de repente, mas naquela geração que nascia com a cidade balneária não havia justificativas plausíveis para que os homens aos trinta anos de idade já estivessem calvos, e aos quarenta parecendo velhos com a perda da memória, do vigor e da força.

As doenças das senhoras como hemorragias, metrites, obesidade e fibromas, e a aparência de mulheres doentias, “*consumidas de *cútis pallida* e um corpo fraco e feio*”¹⁶⁵, além dos problemas conjugais eram os principais motivos do sofrimento da mulher

¹⁶³ **Folha da Manhã**. Propaganda do Ventre Livre. 02/05/1931.

¹⁶⁴ *Ibidem*.

¹⁶⁵ **Fon-Fon**. 13/06/1931.

brasileira. De ambos os lados, um sintoma de “urbanofobia” também aterrorizava parte da população que recorria às cidades das águas em viagens de vilegiatura. É claro que a nova condição balneária não ficaria imune a essas questões emocionais da saúde na passagem dos anos trinta. Seria preciso reinventar o discurso a partir das novas descobertas científicas a respeito das águas medicinais. Mas isso também não garantiria o seu sucesso por longo tempo.

Pode-se dizer que nos dois anos seguintes, no imaginário social, a condição de cura deste espaço esteve ainda condicionada a essas características que tinham no componente da emoção o pontapé inicial para as experiências do novo espaço urbano. Uma cidade que devolvia a alegria e restabelecia as funções primordiais do corpo humano a partir de uma água medicinal civilizada pelos ditames da modernidade era sim, de certa forma, uma novidade no país. Sofrimento e alegria eram sentimentos que se unificavam na dualidade do imaginário de Poços de Caldas que oferecia de imediato todas as inovações urbanísticas e crenológicas que nenhuma outra cidade balneária havia conquistado até então. Por isso, no início dos anos 30 é de imediato a figura das *thermas* Antonio Carlos que estabelece uma ruptura visível com as antigas cidades termais do nosso país (inclusive com ela mesma) sob o ponto de vista da emoção. Conceitualmente e fisicamente distante dos antigos balneários construídos no final do século XIX, as novas *thermas* já ocupavam uma posição diferenciada no imaginário popular. Nada no Brasil, e nem mesmo as antigas *thermas* de Poços de Caldas se comparavam à grandiosidade deste empreendimento:

*O massico da sua construção, em rigoroso estylo romano, tem a grandeza das thermas do tempo dos Cesares. Em sua frente, olhando a face do Parque, ella contempla o vulto sereno do grande mineiro Antonio Carlos, alli esculpido no bronze da estatua de um monumento, que perpetua a gratidão da cidade pelo Grande Presidente, creador da Alliança Liberal, ipso- facto, da República Nova*¹⁶⁶.

¹⁶⁶ Mourão, Mário. Poços de Caldas. **Esboço Histórico. Aguas Mineraes Sulfurosas**. Rio de janeiro: Papelaria Velho, 1933. P. 159.

O prédio que refletia tendência de época, em estilo “*eclético, predominantemente neo-romano*”¹⁶⁷, destacava “*na fachada principal frontão com inscrição em baixo relevo: Thermas*”¹⁶⁸, que lhe dava intenção de imponência alcançada e justificava uma ideia arquitetônica do novo espaço público de cuidados corporais que nascia no país, para o “*grand monde*” da época, é preciso dizer. É claro que toda a intimidade ali vivenciada a partir de sua inauguração estaria relacionada mais com as novas preocupações e cuidados que diziam respeito ao corpo humano e menos com as práticas de saúde institucionalizadas pelo saber termal. O discurso podia até prometer mais saúde, mas o que se verificou nos anos seguintes foi mais prazer e sociabilidade que acabou centralizando as motivações das viagens em nosso país. As novas *thermas* alimentavam um mito e a percepção coletiva da cidade balneária. Já as novas sensações proporcionadas pelo contexto do espaço urbano refletiam a ideia de “mundanismo”, característica que precisou ser anexada à imagem da cidade balneária a partir da elaboração de outras atividades responsáveis por proporcionar sensações de prazer no espaço urbano da própria cidade.

Para a elite brasileira, o imaginário das *thermas* estava mais próximo daquele que evocava a antiga cultura romana. No tempo dos Cesares, as *thermas* também eram vistas como signos da “civilização”¹⁶⁹, capazes de sanear as cidades e proporcionar higiene corporal. Mas foi em meio às mudanças que ocorreram em seu interior ao longo de cada dinastia que surgiram determinadas disposições espaciais aliadas às novas aplicações das águas. O *sudatorium* é um bom exemplo de como essa relação se modificou ao longo do tempo. Muito mais complexo do que apenas um local destinado ao uso dos banhos e prática da *toilette*, as *thermas* romanas conquistaram no tempo de Constantino estatuto de lugar ligado à saúde, ao prazer e à sociabilidade. Uma nova tradição havia se imposto às *thermas* romanas. E foi esta tradição que se dissipou ao longo dos séculos na cultura europeia

¹⁶⁷ Inventário das *Thermas* Antonio Carlos. 1938.

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ VIGARELLO, Georges. Miroirs et bains de l'Antiquité à la Modernité. In: **Le Bain & Le Miroir. Soins Du corps et cosmétiques de l'Antiquité à la Renaissance**. Organisé par Le musée de Cluny. Gallimard, 2009. P. 16.

ocidental principalmente após uma mudança considerável nas maneiras de se olhar, de sentir e de se perceber enquanto indivíduo¹⁷⁰.



Figura 22: Vista panorâmica da cidade de Poços de Caldas em 1931. Retirada do primeiro álbum de propagandas da Companhia Brasil de Grandes Hotéis no ano de 1931.

¹⁷⁰ Sobre esta percepção Jacy Alves de Seixas nos diz: “Na aurora da modernidade Rousseau enuncia a *hesitação* como condição institutiva do indivíduo moderno, às voltas com espaços de existência múltiplos (público, privado, íntimo) que se entrecruzam e o desnorteiam e, ao mesmo tempo, se apresentariam como condição de sua liberdade e autonomia. Escreve a propósito do homem em sociedade: “tudo se reduz às aparências, tudo se torna artificial e representável, seja a honra, a amizade, a virtude (...) perguntando sempre aos outros o que somos e não ousando jamais interrogar a nós mesmos sobre isto, em meio a tanta filosofia, humanidade, polidez e máximas sublimes, só temos um exterior enganador e frívolo, honra sem virtude, razão sem sabedoria e prazer sem felicidade” [*Discurso sobre a origem...*, 1755]. Ao longo da modernidade as formulações sobre os processos de identificação e constituição do sujeito em sua relação com os outros, os jogos do ser e parecer e seu registro ambivalente, foram sempre desafios eivados de perplexidade”. O trecho faz parte do seu trabalho que foi escrito para o Colóquio Internacional Tramas e dramas do político: linguagens, jogos, formas da Universidade Federal de Uberlândia em 2010. Em 2010 em um curso na Unicamp, a professora gentilmente cedeu-me este texto antes mesmo de sua concretização.

Por isso, o prédio das *Thermas Antonio Carlos*, centralizado visualmente na imagem fotográfica, adquiria uma singularidade importante para a sociedade brasileira a partir dos anúncios comerciais.

Sua estratégia era a de símbolo cultural cuja importância estava no ineditismo de determinados tratamentos corporais a partir das águas sulfurosas que marcavam sob esse domínio o início de uma vida mais alegre, prazerosa e mais saudável, tal qual a força simbólica evocada nas antigas *termas romanas*. Era no campo da intimidade que surgia um dos fatores das maiores motivações para as viagens que envolviam o uso de espaços urbanos que continham as águas naturalmente quentes do nosso país. Contudo, de maneira isolada as *thermas* não escreveriam uma história do prazer relacionada às novas experiências corporais da cidade balneária, ainda que a sua condição não estivesse mais associada somente a uma casa de banhos.

Antigos balneários já haviam sido construídos em nosso país e algumas cidades¹⁷¹ que já haviam ganhado fama de hidromineral requisitavam a igualdade de um espaço balneário nos moldes de Poços de Caldas. Por esse motivo podemos dizer que aliado à figura das *thermas*, o ponto fundamental que promoveu a cidade balneária a partir de 1931 foi sem sombra de dúvidas, o momento em que determinadas emoções foram modificadas e percebidas no interior das relações de poder da elite brasileira que elegeu Poços de Caldas como cenário de um novo ambiente onde se desenvolvia ainda um modo de vida cortesã, e também as mudanças que aconteciam no interior do próprio homem que de alguma maneira acreditava que naquele lugar encontrava-se a felicidade.

Ávida pela descoberta dos novos prazeres divulgados no cenário nacional e internacional, essa elite fez dessa cidade o lugar privilegiado para que alguns tipos de relacionamentos fossem mantidos. Seus encontros sociais passaram a ser pautados também em questões culturais, característicos de uma temporalidade histórica cujas ações e expressões eram interdependentes e só faziam sentido no interior de um espaço construído para esse fim. Era no imaginário coletivo da cidade balneária que novas atividades para o corpo eram desenvolvidas e experimentadas fora do ambiente doméstico, longe das

¹⁷¹ Principalmente as cidades do estado de Minas Gerais: Caxambu, São Lourenço, Cambuquira, Lambari e Araxá.

atividades de lazer dos bairros elegantes da capital, e principalmente distante do espaço público das cidades em processo de industrialização. Mas, sobretudo, era no espaço do hotel que se que tinha o início da vida elegante da cidade balneária.

No início dos anos trinta, o imaginário da moderna cidade balneária ainda estava em construção, mas já atingia um grupo muito específico da sociedade brasileira que queria experimentar emoções diferenciadas naquele lugar. *“Querem vocês um cicerone para guiá-los através de Poços de Caldas? Aqui estou pronta a mostrar-lhes o que a cidade oferece de mais sedutor: o seu aspecto mundano”*.¹⁷² Bastava para isso que o discurso emocional convencesse não somente pelo seu caráter de experiência individual relacionado à cura corporal. A nova cidade balneária precisava de um discurso emocional que comportasse os novos padrões de relacionamento nas esferas cultural e social e que atingisse de maneira certa, o componente emocional. Para que o novo espaço urbano obtivesse estatuto de lugar era urgente a divulgação de algumas experiências visuais que ao longo dos anos foram ganhando espaço nas páginas dos jornais e caracterizando um estilo de vida mais moderno e feliz que o anterior.

Poços de Caldas. A cidade esperança.

A cidade é tão bela, tão diferente, tão cheia de poesia, que, a gente tem a viva impressão de se encontrar, na realidade, nessa impressionante “Shangri-la”.

Aqui vemos os mais belos parques floridos; palácios suntuosos; vemos a formosa Fonte Luminosa; a maravilha do continente sul-americano; os importantes monumentos em bronze, em granito, em mármore. Nossas vistas estão constantemente em festas ante o que nos oferecem seus caríssimos e atraentes desfiles de consagrados artistas do palco e da tela nacionais e estrangeiros.

Poços de Caldas, esta cidade moça, irrequieta, jubilosa e sorridente, é toda ela contornada de prazeres, de encantamentos, de atrativos inesquecíveis...

¹⁷² **Poços de Caldas.** Aniversário de sua elevação à comarca. Número especial sob o patrocínio da Prefeitura Municipal e da Associação Comercial. 20/01/1940.

*Poços de Caldas. Em que lugar do mundo se poderá encontrar uma similar?*¹⁷³

Como representação¹⁷⁴ de uma cidade apta a receber a “*melhor sociedade*” brasileira, o imaginário da cidade balneária era parte das práticas e estrutura pelas quais os indivíduos e os grupos davam sentido ao seu mundo na passagem dos anos 30 no Brasil. O novo espaço urbano que entrava em cena no país se diferenciava do território e do imaginário da cidade industrial. E ainda mais, com categoria de cidade disputava com outros lugares que possuíam fontes de águas medicinais, o gosto requintado no imaginário coletivo que descrevia a felicidade e a alegria proporcionadas pelo prazer temporário das viagens de verão. Por esses motivos, Poços de Caldas era uma ruptura essencial, pois inaugurava como espaço urbano balneário, a qualidade de se tornar um destino de viagens no interior do país também a partir do primeiro estabelecimento termal¹⁷⁵ construído no nosso território.

Mas para que isso realmente acontecesse, tratava-se inicialmente de adequar a sua imagem às expectativas das “*pessoas de luxo*”¹⁷⁶ que segundo o embaixador dos Estados Unidos Sr. Edwin Morgan, essas pessoas ainda ignoravam a cidade pois tinham em suas lembranças a falta de conforto que remetia à imagem da antiga cidade termal. “*Não crê no que vê! Meu Deus! Poços há bem pouco tempo, era a vilasinha medíocre inferior a qualquer cidade provinciana – de onde muita gente voltou no trem seguinte, por falta de conforto ou receio de desconforto!*”¹⁷⁷ Para o embaixador era preciso “*obter declarações*

¹⁷³ **Catálogo publicitário Poços de Caldas e Águas da Prata**, março de 1946. Organizado e escrito por Samuel Lisboa.

¹⁷⁴ CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. A história entre certezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2002.

¹⁷⁵ Na linguagem médica de meados do século XIX à primeira metade do século XX, um estabelecimento termal significava um grande espaço construído onde curistas e veranistas poderiam usufruir de vários tratamentos corporais realizados a partir da água termal. Isto significava que ele não se limitava somente aos banhos de imersão com este tipo de água, mas de outros tratamentos como: inalação dos vapores que saíam da água sulfurosa, tratamentos de embelezamento para o rosto e para o corpo, massagens corporais, prática de exercícios físicos mecânicos para robustecer o organismo e as pessoas, tornando-as mais “belas e saudáveis”.

¹⁷⁶ **Revista de Poços de Caldas**, n. 88, anno 3. “Está em Poços de Caldas o decano do corpo diplomático e antigo representante dos Estados Unidos Sr. Edwin Morgan”. 16/08/1931.

¹⁷⁷ **Folheto publicitário “Minas ao Brasil**. Poços de Caldas, a mais bella estância balnear da América do Sul”. 1931

*de figuras notáveis”*¹⁷⁸, assim como ele que ali estava para “*tomar uns banhos e repousar*”¹⁷⁹.

Enquanto materialidade, a nova formação espacial já era uma representação visível das particularidades que garantiriam o tipo das relações e emoções que seriam desenvolvidas naquele lugar. O imaginário da cidade balneária pautava-se, portanto em processos emocionais anteriormente aprendidos, como por exemplo, nos sentidos de cura associados ao lugar e que precisavam sair de cena para que o “viver” na cidade balneária pudesse realmente ser aprendido diante de todos os aspectos que emolduravam as relações desenvolvidas naquele lugar. Aprender a viver na cidade balneária era um dos principais aspectos nos níveis de comportamento e da sensibilidade de uma sociedade que se encontrava nesta cidade que convidava aquáticos e veranistas de maneira igual para a novidade balneária do país:

*Poços de Caldas. Estado de Minas. Altitude: 1200 metros. Fonte termal sulfurosa sódica. Termalidade 44° graus centígrados. Propriedades terapêuticas: grupo do reumatismo e artrismo. Auxiliar no tratamento da sífilis e certas doenças da pele. Estação de repouso e diversão.*¹⁸⁰

1.3 A vilegiatura de repouso e a construção do prazer utópico balneário:

Nas propagandas que se iniciam após a reformulação do espaço balneário de Poços de Caldas, duas palavras anunciam com clareza alguma coisa nova para a alta sociedade brasileira: repouso e diversão. Mas, será preciso esperar alguns anos para que as práticas decorrentes dessas palavras façam sentido e possam ser realmente vividas por outros indivíduos da escala social na cidade balneária. De início, elas só serão percebidas e

¹⁷⁸ Idem.

¹⁷⁹ **Revista de Poços de Caldas**, n. 88, anno 3. “Está em Poços de Caldas o decano do corpo diplomático e antigo representante dos Estados Unidos Sr. Edwin Morgan”. 16/08/1931

¹⁸⁰ Anúncio publicitário na **Medicamenta**. Ano XIII, n. 140, p.34.

vivenciadas por aqueles que já compreendiam o contexto cultural e social do nosso país no início dos anos 30.

O novo tempo era o da ação, reflexo do corpo em movimento que conquistava uma parte da sociedade brasileira. O novo sentido atribuído ao repouso afastava-se do antigo hábito de repousar nos finais de semana, comportamento então definido como um “*despropósito ridículo*”¹⁸¹. No decorrer desses anos, o conceito de repouso como indicação médica e como parte das regras de higiene impostas pelo saber termal¹⁸² do final do século XIX e das duas primeiras décadas do século XX rapidamente adquire outra conotação na cidade balneária. Nele desenvolve-se boa parte dos preceitos e regras que em nada lembram a conquista do tempo livre burguês para a alta sociedade brasileira¹⁸³. Ele é, antes, um símbolo de diferenciação social e cultural impresso no interior das relações de poder impostas pelo controle das emoções no processo de civilização.

O repouso divulgado nas páginas dos jornais é um sinal de uma mudança comportamental de grande dimensão que também se afasta conceitualmente e no campo da

¹⁸¹ Cf: SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

¹⁸² O repouso estipulado pelos preceitos da hidrologia médica, ciência fundada no Brasil em meados do século XIX, era considerado ponto fundamental no tratamento hidromineral que fazia uso de águas com propriedades medicinais. Após a ingestão de cada copo de água ou dos passeios ao redor das fontes medicinais, os médicos indicavam o repouso de pelo menos duas horas nos quartos dos hotéis. Também no uso dos banhos medicinais recomendava-se o mínimo de movimento dentro das banheiras. O repouso era então entendido como a isenção de atividade, do corpo ou da mente.

¹⁸³ Este é o primeiro ponto fundamental para o entendimento do sucesso e da conquista da cidade balneária no Brasil. Em oposição à Dumazedier (1962) e Parker (1971) cujos estudos priorizaram a oposição entre trabalho e ócio a partir da questão do tempo livre, Elias e Dunnig (1995) buscaram demonstrar que a aparição das modernas modalidades do ócio deveriam ser entendidas sob a ótica do processo civilizador dos costumes. Tomando a perspectiva da longa duração, os autores observaram uma relação entre as modernas estruturas de poder, os códigos de conduta, as novas sensibilidades, e os hábitos de ócio de distintos grupos sociais. Das festas comunitárias, do circo na rua, dos jogos populares passamos à função social dos bailes, das matinées no cinema, dos esportes nos clubes, que permitiram aos autores perceberem em seus estudos, a maneira como essas práticas contribuíram para um auto-controle dos indivíduos em sua convivência social, transformando-se quase que instintivamente em uma segunda natureza (ELIAS & DUNNIG, 1995, P.140). De acordo com os sociólogos, nas sociedades do passado, os festivais e o carnaval significavam oportunidades para uma fuga das obrigações sociais, além de permitir a vivência de emoções mais fortes e intensas daquelas que se viviam habitualmente. Dessa forma, sob a perspectiva do processo civilizador, os homens promoveram e estimularam a aparição e difusão de novas práticas culturais, conferindo novas características aos entretenimentos considerados civilizados e que não estavam relacionados com a conquista do tempo livre burguês na moderna sociedade industrial. Cf: PRONI, Marcelo W. La contribución de Elias y Dunning para el estudio del ocio. In: KAPLAN, CarinaV; ORCE, Victoria. (org). **Poder, prácticas sociales y proceso civilizador**. Los uso de Norbert Elias. Buenos Aires: Noveduc, 2009.

experiência da vilegiatura do início do século¹⁸⁴. Não quero dizer com isso que houve uma rápida substituição de um comportamento pelo outro, pelo contrário, vilegiatura e repouso enquanto práticas de viagem tornaram-se interdependentes até certo momento, pelo menos até o ponto em que o repouso no imaginário balneário rompeu com as características da vilegiatura e direcionou todas as regras da alta sociedade brasileira na constituição desses espaços durante o governo provisório e o Estado Novo.

¹⁸⁴ Acredito que este seja o segundo ponto fundamental para o entendimento do sucesso e da conquista de Poços de Caldas como a primeira cidade balneária no Brasil. Vilegiatura, vocábulo derivado de Villa, diz respeito “à casa italiana de campo ou mesmo sinônimo de povoação” (AMBRÓSIO, 2005, p. 107). Segundo o autor, o conceito romano de villa de recreio ou de ócio é recuperado com a renascença italiana, a partir do termo *rusticatio*, “testemunho filológico da existência, em Roma, de villas para temporada de recreio passada nos campos” (AMBRÓSIO, 2005, 111), cuja origem aristocrática está conceitualmente distante do nascimento do turismo no mundo ocidental. Ao longo do texto essa idéia será melhor trabalhada a partir das fontes pesquisadas. De início, julgo pertinente demonstrar como em nosso país, a vilegiatura em fins do século XIX e início do XX também esteve relacionada com o afastamento temporário das grandes cidades, hábito muito comum da classe aristocrática que procurava lugares naturais distantes da cidade para uma permanência com tempo estipulado. Buscava-se na nostalgia do campo, o sublime e o pitoresco, noções totalmente contrárias às novas motivações que surgiam a partir dos anos 30 em nosso país com a inauguração do espaço balneário de Poços de Caldas. Tal como a palavra repouso, a vilegiatura também sofrerá alterações do ponto de vista comportamental dessa mesma classe aristocrática que perceberá as novas mutações dos hábitos estipulados por essa palavra. Essa distinção é fundamental para uma história que busca diferenciar os hábitos, as práticas e as emoções decorrentes do uso de espaços públicos de cidades termais e balneárias no país. De um modo geral, os pesquisadores brasileiros que trabalham com o tema de cidades balneárias colocam no mesmo conceito experiências e práticas decorrentes do uso de águas medicinais em tempos históricos diferenciados. Utilizam para isso um dos primeiros trabalhos publicados sobre o tema (QUINTELA, 2004) onde a autora portuguesa incorpora os costumes europeus à realidade brasileira, que em grande medida do ponto de vista da experiência e das emoções não pode ser identificado com as mesmas expectativas vivenciadas pela cultura europeia que já usufruía de outro imaginário social das águas medicinais em seus países. Ainda que a hidrologia médica e posteriormente a crenologia brasileira tenham se baseado totalmente na literatura francesa, é possível identificar na realidade brasileira e na longa duração práticas substanciais de curismo e as conseqüentes viagens de cura em nosso território que se afastam conceitualmente do campo emocional das vilegiaturas de verão de outros povos europeus. Na história brasileira dessas cidades é possível através da análise das fontes demarcar com um certo grau de confiabilidade as experiências e expectativas depositadas em cada tempo histórico do qual nasceram cidades e hábitos comportamentais que definitivamente não podem ser agrupados sob um único olhar que se fixa em realidades outras que não levem em consideração as particularidades da nossa história e cultura nacional.



Grupo de veranistas.

Figura 23: Um grupo de veranistas em vilegiatura no ano de 1916 em Cambuquira/MG.

Até a inauguração das grandes obras em Poços de Caldas, o repouso e a vilegiatura eram vistos como dois tipos de comportamentos, ora distintos, ora semelhantes capazes de diferenciar curistas e veranistas do ponto de vista médico e também do ponto de vista do morador local. À primeira vista, o curista era aquele que vivia uma rotina regrada que levava em consideração a sua situação de doente e afastava-se da condição do segundo que possuía maior liberdade para os passeios que não estavam diretamente relacionados com a terapêutica termal. Ao veranista cabia também a condição temporária de banhista. Era a ele que se relacionava a prática em transição da vilegiatura em nosso país e o chamariz “diversões” nas páginas dos jornais. Contudo, a grande mudança que estava em jogo nesse momento dizia respeito a todas as situações que a palavra repouso absorvia e que eram observadas pessoalmente e registradas pela experiência individual no novo espaço da cidade balneária. Vivenciado no interior de uma evolução nas questões do mundanismo, o

repouso tornava-se desejo e sensibilidade que começava a ser propagado nas páginas comerciais e imitado anos mais tarde por trabalhadores no dia do seu descanso semanal.

Após a visita do embaixador Morgan e do conselho dado às autoridades, os meses seguintes seguem festivos com outros personagens ilustres. Gustavo Capanema, secretário do interior do estado, Lourenço Nicolai, cônsul da Itália e Cláudio de Souza, autor de “Flores de Sombra” e “Mulheres fataes” aparecem como alguns dos nomes de maior destaque na cidade balneária. Trata-se de personagens ilustres reconhecidos diante da ideia de seu nível social e que não podem passar despercebidos na nova condição imaginária, afinal, as suas impressões relatadas nos jornais serão importantes para aumentar o desejo das viagens de repouso no nosso país. Para eles em especial, a cidade organiza uma comissão de festas responsável pelas boas vindas que devem ser dadas a esses indivíduos.

*A Comissão de festa, desde já convida o povo de Poços de Caldas, sempre tão hospitaleiro e tão gentil para com o Sr.D. Ranulpho, a comparecer, a estação da Mogyana, no dia 17 de setembro à chegada do trem expresso da tarde, afim de dar as boas vindas ao nosso querido Prelado que n’esse momento terá a sauda-lo a palavra eloquente de um autorizado representante da cidade.*¹⁸⁵

“Vou para Poços de Caldas em viagem de repouso”¹⁸⁶ em nada lembrava as viagens recomendadas pelos médicos das capitais para aqueles que sofriam de neurastenia. O anúncio dessa viagem já evidenciava um conteúdo e uma prática simbólica capaz de agregar sociabilidades. E ele estava em construção. A grande questão ao longo dos anos 30 na imprensa local era justamente a propaganda da cidade. Pedia-se por um bombardeamento sucessivo em seus “clientes”. Mostrar as vantagens de Poços de Caldas

¹⁸⁵ **Revista de Poços de Caldas.** “Recepção”. 23/08/1931. Anno3.

¹⁸⁶ Entrevista dada pelo senhor José Eduardo de Macedo Soares, diretor do Diário Carioca à Folha da Manhã em 12/04/1932.

como uma das “*maiores estâncias do mundo*”¹⁸⁷ era um projeto com estratégia comercial que levava em consideração os gostos e os desejos da elite brasileira acostumada com os atrativos sentimentais da vida cosmopolita. Força, movimento e emoção já eram qualidades dessa sociedade recém chegada dos anos 20 e que se deparava com a novidade do espaço balneário no país. Contando com interesses difusos, as propagandas de nada valeriam se não houvesse por trás a vontade, o desejo e a curiosidade dessas pessoas no conhecimento do espaço balneário e uma mudança sensível em novos hábitos que faziam parte do processo civilizatório reconhecido primeiramente no interior da elite urbana brasileira.

O novo tipo de repouso estipulado pela cidade balneária levava em consideração uma autoconsciência de superioridade da elite brasileira em relação ao seu comportamento que se diferenciava de outros na escala social. Os espetáculos com “*troupes*” nacionais, as *matineés* com filmes “*sonoros*” e artistas da Metro Goldwyn Mayer, os bailes oferecidos às caravanas que chegavam para estudar os novos equipamentos das *thermas* Antonio Carlos, os cupons distribuídos às “*sras e senhorinhas*” em determinados dias da *matinée* e os festivais músico-literários eram apenas algumas das opções civilizadas dos atrativos que já revestiam a palavra repouso de outras qualidades nos primeiros anos da década de 30 em Poços de Caldas.

Ainda que a palavra não fosse um vocábulo novo para a língua nacional, ainda assim ela indicava mudanças na vida daquelas pessoas que a colocavam novamente na moda. Não era para o “inadaptado urbano”¹⁸⁸ que a palavra repouso se referia. Ela já era uma condição intrínseca ao desejo individual que reconhecia o valor do comportamento de determinadas pessoas que viviam em sociedade, ou que compunham a sociedade neste momento de importantes transformações e afirmações nas áreas culturais e sociais do nosso país. Como um momento importante de ruptura com o antigo significado que lembrava a imobilidade, o

¹⁸⁷ **Revista de Poços de Caldas**. n. 88, anno 3. “Está em Poços de Caldas o decano do corpo diplomático e antigo representante dos Estados Unidos Sr. Edwin Morgan”. 16/08/1931.

¹⁸⁸ O “inadaptado urbano” era o indivíduo (criança ou adulto) “que apresentava na cidade e somente na cidade – um ou diversos *phenomenos pathologicos* bem determinados, *asthma*, *eczema*, *urticária*, *intolerância alimentar*, *albuminuria*, *nervosismo* etc” e que de acordo com o discurso médico do começo do século passado, esses sintomas só desapareceriam a partir do momento em que o doente se dirigisse para o mar, a montanha ou o campo. O inadaptado urbano era portanto, um tipo “de comportamento orgânico” que se desenvolvia a partir do meio tóxico produzido pela cidade. Cf: VIVEIROS, Luciano Benjamin. **A influência do ambiente sobre o metabolismo**. In: *Archivos Brasileiros de Medicina*, anno XXVII, maio de 1937, n.5.

repouso na nova cidade balneária já era entendido como o conjunto de algumas situações que colocariam o indivíduo moderno com autoconsciência de civilizado no topo da escala social. A este conjunto de situações comportamentais novas incluíam-se de modo geral, as diversões propagadas pelos anúncios comerciais. Das citadas anteriormente, dever-se-iam incluir também os pontos de recreio e os lugares para a prática dos esportes modernos na cidade balneária.



Figura 24: Um grupo de veranistas em viagens de repouso e o tênis como símbolo de distinção social e comportamental de um novo tempo na cidade balneária em 1932. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Pocos de Caldas.

Eram sobre esses aspectos que recaíam as propagandas e o autorreconhecimento da elite brasileira, que cada vez mais procurava se distanciar dos hábitos e dos signos de reconhecimento da década anterior. A vilegiatura como um dos modos de distinção social que havia se imposto em nosso país desde o final do século XIX já não agradava e

convencia esse grupo de pessoas que procuravam uma cidade (e não mais um lugar natural) com os ares da modernidade para demonstrar o seu status social. *“Os veranistas não procuram mais com tanto anseio as nossas plagas verdejantes circundadas de montanhas, porque sabem que Poços de Caldas já deixou de ser uma cidade original característica, única e amorável”*.¹⁸⁹

Era esse o grande diferencial da cidade balneária. Tal qual a grande cidade moderna, era nos espaços urbanos devidamente arranjados para a prática balneária que os novos desejos da elite brasileira se espraíavam. Sozinha, a palavra vilegiatura já não convencia, mas enriquecida das experiências individuais e coletivas que a palavra repouso trazia já no início dos anos 30, a cidade balneária com toda a sua infra-estrutura montada para a recepção da elite brasileira criava e inaugurava no interior do país um espaço de diversão que dava à Poços de Caldas, o título da *“melhor estação balneária do continente”*.¹⁹⁰ A opinião contada no “Diário da Noite” refletia as impressões de viagem descritas pelo cônsul da Itália em telegrama enviado àquele jornal onde dizia que Poços era *“no seu ver, uma das mais modernas, quicá, a melhor instalação balneária do continente”*.¹⁹¹

*Grande parte dos veranistas que nos procuram, para aqui vem tão somente para se afastarem do cento de suas atividades, para se divertirem de qualquer forma ou para repousar. (...) Mas repousar não quer dizer dormir em cadeiras estofadas. É esquecer por alguns momentos as afinidades acorrentadas no desdobramento, intrínseco das responsabilidades. É adormecer o espírito nas alegrias modestas e sóbrias. É deixar-se levar, calmo e sereno (...)*¹⁹²

¹⁸⁹ **Revista de Poços de Caldas.** “O jogo em Poços de Caldas”. 24/10/1931. Anno3. n.98.

¹⁹⁰ **Revista de Poços de Caldas.** “Poços de Caldas é a melhor estação balneária do continente”. 18/10/1931. Anno 3. N.97.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² **Revista de Poços de Caldas.** “Inevitáveis, não. Necessários talvez”. 08/11/1931. Anno 3.

Experimentar, portanto as vicissitudes do repouso na cidade balneária era muito mais do que apenas um simples movimento de deslocamento a um lugar que trazia certas inovações para a constituição do seu espaço urbano. A noção de experiência e de experimentação inscrevia-se no desejo mais profundo do homem moderno que elaborava e experimentava o seu mundo interior deixando-se ver nos novos momentos de extroversão vivenciados na exterioridade dos espaços sociais. Era a esta situação que a propaganda balneária dever-se-ia condicionar.

No segundo semestre de 1931, uma comissão¹⁹³ formada por um médico, um engenheiro, um comerciante, um responsável pelo serviço sanitário da cidade, um advogado, um farmacêutico, um jornalista e um cirurgião-dentista, é nomeada pelo governo do estado de Minas a fim de instalar o Conselho Consultivo de Propaganda em Poços de Caldas. Mas, é somente a partir de 1932 que se notam os primeiros resultados do trabalho propagandístico pelo país. Só no mês de março daquele ano, a cidade hospedava “*mais de 2000 pessoas*”¹⁹⁴ causando à companhia Mogyana sérias dificuldades no momento de despachar encomendas ou retirar as bagagens “*dos regressantes*”. As novidades divulgadas na “Opinião Pública” de Pelotas, no “Brasil News” de Liverpool na Inglaterra, no “Diário da Noite” de Belo Horizonte, e na exposição comemorativa do IV centenário da fundação de São Vicente eram apenas parte desse projeto que também incluía o despertar do novo desejo em ações que envolviam a divulgação de folhetos e revistas publicitárias aos jornais de São Paulo e Rio de Janeiro, além de uma campanha massiva nas principais revistas médicas do país. Mas era no relato pessoal que se cumpria o tema central da novidade balneária em nosso país.

Quando se anda de noite pela praça Pedro Sanches, a pessoa tem uma sensação de encantamento. O Palace Hotel, todo illuminado de lâmpadas multicores, o Casino lá no fundo, com myriades de luzes, a Fonte

¹⁹³ Mário Mourão, Haroldo Junqueira, João Affonso Junqueira, Romulo Cardillo, Fosco Pardini, Ricardo Vilella, Jurandyr Ferreira, Palmirio d’Almeida, José de Souza Lima, estes eram os nomes que seguem as respectivas profissões conforme aparecem no texto. Revista de Poços de Caldas. “Conselho Consultivo de Propaganda”. 23/08/1931, n.89.

¹⁹⁴ **Revista de Poços de Caldas.** “Cia Mogyana”. 06/03/01932. Anno3.n.117.

Luminosa, na sua polychronia, os lampeões alinhados do Parque, todas as casas tão cheias do fulgor das salas bellamente illuminadas, tudo aquillo, filtrando no verde negro das arvores do parque dá a impressão de uma festa veneziana.

Os sons das orquestras de quase todos os hotéis, o movimento de uma multidão alegre e irrequieta, as danças em bellos salões de festas – tudo isso nos dá uma impressão de alegria e conforto.

A cidade das águas reviveu.

De manhã, as Thermas mal podem dar vasão à avalanche de banhistas. De dia, os automóveis e as charretes enchem os pontos de passeios e as chácaras de fructas.

É o cartão de visita de Poços de Caldas do futuro. É a antevisão da estancia que prevíamos. É o princípio da festa veneziana dos nossos sonhos, hoje concretos nessa belíssima realização da estância admirável, que ahi está. (...) ¹⁹⁵

Poços de Caldas como destino era uma viagem que terminava num lugar ideal. Nada era mais utópico do que as aventuras proporcionadas pelo novo espaço balneário. Ao som do “o teu cabelo não nega”¹⁹⁶ o carnaval nos salões era “a tradução galhofeira do que somos”¹⁹⁷. Era a exibição “publica dos nossos sentimentos, recalcados, abafados pelos preconceitos. Pelo medo do que possa dizer de nós, o nosso vizinho...ou a polícia”¹⁹⁸. No Grande Hotel, no Hotel Modelo, no Hotel Lealdade e no cassino, as festas só terminavam “pelas madrugadas, que assistiam os últimos guinchos do jazz e a debandada da mocidade folgazona.”¹⁹⁹

¹⁹⁵ **Revista de Poços de Caldas.** “Festa Veneziana”. 21/02/1932. Anno 3. N. 115

¹⁹⁶ **Revista de Poços de Caldas.** “Prosa Bárbara”. 14/02/1932. Anno 3,n.114.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Ibidem.

¹⁹⁹ Ibidem.



Figura 25: Os bailes no “Palace Casino” como uma das opções civilizadas das inúmeras atividades que compunham o imaginário social das viagens de repouso na década de 1930. Ao centro vemos Getúlio Vargas e esposa, veranistas assíduos em Poços de Caldas. Data: 1937. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Até a concretização dos novos espaços públicos destinados ao repouso civilizado, era no interior dos salões dourados que as festas deslumbrantes da cidade balneária aconteciam. As semanas “*elegantes*”, pródigas em “*reuniões sociaes notáveis*”, o concerto da cantora italiana Baronesa L.F. Mosconi Massenet que dividia o seu repertório entre “*algumas romanzas modernas*” e a interpretação de Lo Schiavo de Carlos Gomes, as apresentações da companhia de comédias e revistas Margarida Sper e a inauguração da temporada de inverno tornavam o ambiente balneário um mundo mais feliz, com mais prazer, porém os homens como haveria de ser, continuavam imperfeitos e um tanto quanto

infelizes. A invenção das temporadas de verão e de inverno que rapidamente colocaram em desuso “as estações de águas” eram o contraponto a alguma coisa negativa daquela sociedade. A modernidade havia desencantado o mundo e a cidade balneária nascia como o elo que tentava de alguma forma religar o homem a esse novo mundo onde o desconhecido era ele mesmo. Com toda a atratividade que possuía e bem longe da cidade em ebulição uma geração inteira era seduzida pelo novo local.

A partir de 1933 numa nota social revela-se o início de uma conquista do espaço balneário freqüentado pelo sexo feminino. “*Entre os mais distintos hospedes que ora temos notado na cidade, vimos a exma sra d. Belmira M. Guilayn e sua gentilíssima filha, senhorinha Josepha Guilayn, residentes na capital da República*”²⁰⁰. O que chama a atenção na nota social é a nova condição de “*freqüentadora na admirável estância balneária*”²⁰¹, papel oposto aos enunciados nas antigas viagens de cura e também nos anúncios que traziam atrizes e dançarinas que constantemente apareciam nas divulgações dos espetáculos pela cidade. A vilegiatura de repouso, sobretudo para a mulher moderna brasileira, diferenciava uma categoria social. Estar presente e usufruir das diversões proporcionadas pela cidade balneária soava como a possibilidade de viver em público determinadas experiências originais.

Circular por esses espaços era um modo característico de distinção dos antigos hábitos aristocráticos que haviam ficado para trás. Mas não só o movimento em si denotava esse status social. Os gestos, o vestuário, as expressões faciais e a postura corporal também definiam exteriormente a manifestação interna das mudanças conquistadas pela mulher no processo de civilização. A prática instituinte da vilegiatura de repouso aparecia, portanto não como duas palavras que continham significados diferenciados, pelo contrário, a nova prática produtora de sentidos que regiam os novos desejos e hábitos específicos de uma classe social em especial só era entendida no duplo contexto do seu significado. O cronista da “Revista da Semana”, atento a essas novas percepções não demora e logo relata essa conquista recente da brasileira moderna. É na crônica “*As mulheres em villegiatura há dois*

²⁰⁰ **Revista de Poços de Caldas**. “Visitantes distintos”. 19/02/1933.

²⁰¹ Idem.

mil annos” que o autor atento aos novos hábitos da elite brasileira traça uma analogia com a conquista deste novo comportamento.

*Não há a menor dúvida – declara o sábio – que os romanos e suas esposas eram grandes viajantes. Apesar da posição social da mulher romana não lhe permitir a mesma independência que goza a mulher de hoje, está provado que as viagens não eram somente reservadas aos homens e que muitas vezes as esposas e as moças acompanhavam os maridos e os paes nas suas excursões (...). Deve notar uma diferença entre a mulher moderna e a mulher de há dois mil annos: esta nunca viajava só.*²⁰²

A amplitude do círculo social promovido pelas recentes vilegiaturas de repouso era muito mais do que a liberdade que se tinha conquistado nas ruas, nos salões e também nos clubes das cidades. Os espaços de representação do ambiente doméstico e de convivência que haviam possibilitado à mulher burguesa “o afrouxamento da vigilância e do controle sobre os movimentos femininos”²⁰³ marcavam a separação com os novos espaços de circulação da cidade balneária que possibilitavam a manifestação de determinadas emoções que não necessariamente deveriam ser expressas e contidas nos espaços de intimidade do ambiente doméstico. A explosão dos sentimentos e a possibilidade de vivenciá-los longe dos olhares da família era parte do reconhecimento e legitimidade da nova sensibilidade burguesa envolta no processo de civilização. As imagens do prazer, da alegria e do novo tipo de sociabilidade recém conquistada pela elite brasileira já tinham hora e lugar para acontecer. A imagem do hotel era uma das primeiras garantias do sucesso do prazer utópico balneário:

²⁰² **Revista da Semana**. “As mulheres em villegiatura, há dois mil anos”. Grifo meu. 29/09/1934.

²⁰³ D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: **História das mulheres no Brasil**. PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 10 ed, 2011, p. 236.



Figura 26: Palace Hotel e jardim no início de 1930.

Em uma estação de águas, o hotel é um dos elementos primordiais da sua vida. Desde o banhista modesto e de bolsa muito precária até o milionário e o gentleman habituado ao conforto e ao luxo dos Palaces internacionaes, em uma estação de águas é necessário que se encontre toda a escala das diferentes espécies de hospedagem.

O próprio Governo de Minas, chamando os mais notáveis engenheiros e criando em Poços de Caldas o Hotel mais grandioso, mais confortável e mais luxuoso da América do Sul, o Governo Estadoal teve em mira olhar a hospedagem luxuosa, rodeando-a do privilegio exclusivo de só ella ter a vantagem inaudita do banho sulfuroso dentro do mesmo prédio, em que fica o dormitório do banhista.

Essa foi a grande preocupação do Governo de Minas: ter um lugar para hospedar os milionários argentinos e uruguayos, que não demandavam a Poços de Caldas, porque nós não estávamos aparelhados para recebê-los. Demais, é notório e é sabido que, mesmo no Brasil, nós temos uma freguezia habitual, sempre a mesma que, ou se hospeda no melhor hotel ou não vem a Poços de Caldas.

Era a freguezia do Grande Hotel e que passou toda para o Palace Hotel.²⁰⁴

No primeiro álbum de propagandas elaborado pela Companhia Brasil de Grandes Hotéis, arrendatária do Palace Hotel e do Palace Casino em contrato firmado com o estado em 26/05/1930, luxo, palácio e thermas são palavras que definem a formação social que dará existência a um modelo de comportamento vivenciado no interior do espaço balneário de Poços de Caldas. Todas as implicações sociais, culturais e emocionais dele decorrentes dependiam das transformações pelas quais homens e mulheres davam sentido ao seu mundo a fim de garantir determinada distinção e posição social. O contrário nessa figuração social não teria surtido o mesmo efeito. “Pobreza, casebre e balneário” relacionam-se mais com as antigas cidades de cura em nosso país, afinal, são palavras que em grande medida, estiveram atreladas à sua história em cujo imaginário por muito tempo prevaleceu o sentido de cura.

No novo espaço urbano prevalecia um discurso capaz de despertar o desejo pelo prazer conquistado através dos novos usos dos espaços públicos que eram relatados nas páginas dos jornais. O tipo de hospedagem aparecia então como condição principal para a demonstração, a garantia e a manutenção do status social e também da rede de sociabilidade que se desenvolvia no interior da cidade balneária. Em 1932 trinta e três hotéis²⁰⁵ já eram classificados e distribuídos em quatro categorias, das quais apenas uma

²⁰⁴ Revista de Poços de Caldas, n.102, anno 3. “Os hotéis da cidade”. 22/11/1931.

²⁰⁵ Em janeiro de 1932 pelo ato municipal n.19 a prefeitura decretou e instituiu a cobrança da taxa de estadia para aqueles que visitavam a cidade. Na notícia publicada em 24/01/1932 a prefeitura juntamente com o conselho consultivo de propaganda classificou os hotéis e pensões da cidade em quatro categorias especificando o nome de cada um à sua respectiva classificação. Contabilizou-se nesse momento trinta e três estabelecimentos de hospedagem, número bastante expressivo para o período desta tese.

podia ser considerada como “*órgão representativo*” da vida balneária em nosso país. Era para um público em especial que a propaganda do Palace Hotel se dirigia.

No decorrer dos anos trinta e quarenta dificilmente se encontrará na propaganda especializada do Palace Hotel atrativos relacionados à figura do curista. Amenizada pelas novas sensibilidades do período, o ideal é se direcionar ao banhista que também fará uso das águas medicinais, ou melhor, das águas sulfurosas que precisaram ser “adocicadas” com o tempo. O banhista moderno, nova categoria social que passa a frequentar Poços de Caldas, até podia para a população local ou para os médicos que ainda insistiam em suas propagandas, ser visto como curista, afinal ambos acreditavam que ele ali estava pelo poder curativo das águas medicinais, pedra fundamental na constituição histórica daquele município. No entanto, para a elite brasileira, para o governo estadual e para os arrendatários do Palace Hotel, o banhista, assim como o “gentleman” já era figura com alto grau de distinção social e como tal, sujeito às novas motivações que a cidade proporcionava.



Figura 27: Propaganda dos espaços interiores do Palace Hotel e Palace Casino pela Cia Brasil de Grandes Hotéis em 1931.

PALACE HOTEL CASINO THERMAS
Unico estabelecimento com
banhos sulphurosos dentro do Hotel

Em uma estancia balnear, o Palace Hotel veio acudir á hospedagem de luxo, rodeando o hospede, desde o hall de entrada até os minimos requisitos de sua estadia de todos os detalhes da mais suprema distincção e do mais amplo conforto.

AO LADO DO HOTEL, DUAS QUADRAS DE TENNIS E UM PRIMOROSO GOLFINHO.



O MAIS LUXUOSO, O MELHOR E O MAIS GRANDIOSO HOTEL DO BRASIL E, TALVEZ, DA AMERICA DO SUL.

Os appartamentos são irrepreensiveis de luxo e conforto. O hospede distincto sente-se bem n'aquelle ambiente, que respira, o aspecto internacional dos grandes Palaces.

UNICA ESTAÇÃO THERMAL
moderna na America do Sul igual ás me-
lhores similares da Europa

POÇOS DE CALDAS - ESTADO DE MINAS GERAES - BRASIL

Figura 28: Propaganda do Palace Hotel localizada na Revista de Hydrologia e Climatologia Médicas em 1933. No discurso propagandístico médico ainda insistia-se pela qualidade de estação termal no país.

Merecia também atenção especial do governo estadual que já se prestava ao papel gentilíssimo das boas vindas dadas em público para os novos visitantes. “Um cumprimento do sr. Secretário da Agricultura aos nossos banhistas”.²⁰⁶ Assumir, portanto a condição de banhista era uma situação tão nova e modernamente desejável que os distinguia facilmente de outros tipos que circulavam na cidade balneária. Para aqueles que se reconheciam nos modos de falar, de vestir, de se comportar e principalmente nas maneiras de se divertir, a palavra banhista em nada lembrava o viajante comum, aqueles “viajantes de casas comerciais, ordinariamente loquazes e comunicativos”²⁰⁷ tampouco o antigo curista, este sim, estigmatizado pelo seu corpo deteriorado pelas doenças de pele. Os viajantes conforme

²⁰⁶ Revista de Poços de Caldas. 28/02/1932. Anno 3.n.116.

²⁰⁷ Revista de Poços de Caldas. “Agenciamento”. 23/08/1931. Anno 3.

nos apresenta uma passagem no jornal local eram aqueles que faziam “*viagens habituaes ou expecionais*”²⁰⁸, mas o banhista moderno, cidadão das novas sensibilidades da elite brasileira, este sim, de início era o principal personagem da cidade balneária dos anos seguintes.

Não podemos nos esquecer que o novo banhista que desfrutava das vilegiaturas de repouso era antes de tudo uma figura urbana. Ainda que sua permanência durante esse tipo de viagem não estivesse condicionada ao tempo máximo de três meses (tempo recomendado numa estação de águas na cidade termal), sua hospedagem nunca era inferior a vinte e um dias. Acomodado no luxuoso palácio central, o hotel era a representação das necessidades simbólicas e materiais daquela sociedade. Na cidade balneária, a casa de campo utilizada no tempo das vilegiaturas havia ficado para trás. Em tempos modernos no Brasil, o hotel era a casa dos nobres na cidade, e como tal, esta já havia deixado suas marcas naquela sociedade. O banhista moderno, consumidor de tudo aquilo que significava o urbano e a modernidade reconhecia-se através desta primeira forma de integração caracterizada segundo o tipo de sua configuração espacial. Era no hotel que se tinha o início da exploração da vida balneária que nada mais era do que a reconstituição luxuosa das cenas sociais que já aconteciam na vida privada das nossas capitais.

O Palace Hotel por si só já era de fato um elemento com intensa atratividade que se colocava à disposição das pessoas que chegavam a Poços de Caldas. O fato de possuir apartamentos de luxo com banheiros especiais que continham a água sulfurosa era uma das maiores inovações no recente mercado hoteleiro que se desenvolvia em nosso país. Não havia concorrentes deste tipo, pelo menos no Brasil. Em 1933 em sua passagem pela cidade, o renomado médico baiano Januário Telles descreve este “*luxuoso estabelecimento da América do Sul*” no jornal “A Tarde” da Bahia. O que lhe chama a atenção além da sua imponência ao centro do parque que o rodeia é a sua arquitetura moderna com o pavimento térreo “*todo circundado de varandas envidraçadas e munido de portas giratórias de vidro*”.²⁰⁹

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ “O Palace Hotel e o Casino” in: Jornal “A Tarde” da Bahia de 03 de março de 1933. Transcrito na **Revista de Poços de Caldas** em 02/04/1933.



Figura 29: Apartamento de luxo para casal. Imagem localizada no primeiro álbum de propagandas da Companhia Brasil de Grandes Hotéis. 1931



Figura 30: Banheiro Sulfuroso dos apartamentos de luxo do Palace Hotel. Imagem localizada no primeiro álbum de propagandas da Companhia Brasil de Grandes Hotéis. 1931

Um transatlântico! Esta foi a melhor metáfora encontrada para descrever a imagem deste hotel que não se envergonhava de receber em seus salões e em seus aposentos luxuosos nomes representativos da política nacional, estadual e internacional. Afrânio de Mello Franco, Amaro Lanari, Vittorio Cerruti, Francisco Campos, Djalma Pinheiro Chagas, Nicolas Novoas Valdez, José Eduardo de Macedo Soares, Darcy Vargas, Oswaldo Aranha, Gustavo Capanema, Gabriel Terra e Getúlio Vargas eram apenas alguns dos nomes que compunham as declarações de figuras notáveis que iam a Poços de Caldas em constantes viagens de repouso.

*O Palace visto dos parques, parece um grande transatlântico em viagem. As suas varandas envidraçadas, com as luzes multicores dos abat-jours, dão nas grammas que as rodeam reflexos de luzes no mar. E lá dentro a vida decorre como si fosse à bordo. Há diversões para todos os gostos.*²¹⁰

E havia mesmo. Depois do jantar, os quatrocentos e setenta hóspedes²¹¹ espalhavam-se pelos amplos salões do hotel num “borborinho alegre”²¹². Raramente, alguns saíam. A roleta e o bazar atraíam os que queriam se distrair com “as fortes emoções do jogo”²¹³. Moças e rapazes iam para os salões de dança. Rodas de conversas se formavam no jardim de inverno onde alguns grupos andavam por ele “para fazer o passeio higiênico”²¹⁴ após o jantar.

No salão de leitura, sempre cheio, “os interessantes” mesmo em viagem de repouso, preocupavam-se em saber o que acontecia pelo Brasil afora. O bilhar, “prazer calmo para os que gostam da solidão”²¹⁵ sempre estava ocupado. E também havia o “flirt” e o

²¹⁰ **Revista de Poços de Caldas**. “Uma noite no Palace”. 24/02/1935. Ano VI.

²¹¹ Idem.

²¹² Ibidem.

²¹³ Ibidem.

²¹⁴ Ibidem.

²¹⁵ Ibidem.

namoro. Não restava dúvidas, o Palace Hotel era mesmo um “*grande transatlântico em viagem*”²¹⁶ que levava em seu bojo um pequeno mundo que se distraía.

O salão de baile, severamente decorado e mobiliado com riqueza e distinção, e arranjado “*com requinte de arte e bom gosto*”²¹⁷ era apenas um dos atributos considerados adequados para distinguir a posição das pessoas que por ali se hospedavam. Definitivamente, a sua ornamentação tornava visível a posição social do seu visitante. Nada era supérfluo, tampouco o ritual de boas vindas que era dado a cada figura pública que se hospedava no hotel. O ritual tinha início na estação da Mogyana, onde o hóspede do Palace Hotel era recepcionado pelo prefeito municipal e pelas autoridades locais como o juiz de direito, o juiz municipal, o promotor de justiça, o presidente do conselho consultivo, o vigário da paróquia, pessoas gradas de famílias locais, representantes de associações e de colégios e pela banda municipal. Depois, o hóspede “*em cortejo*” chegava ao hall do hotel. Ali, uma comissão composta de senhoras da sociedade local davam as boas vindas ao visitante ilustre, morador temporário deste pequeno mundo criado no interior do próprio espaço balneário.

²¹⁶ Ibidem.

²¹⁷ “O Palace Hotel e o Casino” in: Jornal “A Tarde” da Bahia de 03 de março de 1933. Op.cit.



Figura 31: Hóspedes em frente ao Palace Hotel. Década de 1930. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

1.4 O processo civilizatório do lazer e a possibilidade de novas experiências emotivas de socialização no país.

Para que a cidade balneária atraísse de imediato a atenção da elite brasileira, já que era esta a intenção daqueles que estavam no comando de sua publicidade, nada era mais pontual do que a constituição de novos lugares como espaço de experimentação para a convivência social e urbana que já estavam de certa forma naturalizados em algumas capitais como no Rio de Janeiro ou em São Paulo.

O ano de 1931 também marcava a noticiada visita do Príncipe de Gales ao Brasil. Os anúncios publicitários e dezenas de páginas de algumas revistas não cessavam de divulgar os hábitos considerados elegantes do ilustre visitante. Observava-se a elegância em seus gestos, no vestuário, na prática dos esportes e no seu modo de dançar.

Instantaneamente o seu corpo transformava-se em objeto de desejo e modelo de civilidade nas páginas dos jornais.

*O príncipe de Galles, meu amigo é o mais popular e o mais admirado dos príncipes. Por quê? Porque é elegante. Porque sabe escolher roupas, porque pratica esportes, porque dança prazerosamente a valsa como prazerosamente dá passadas de Fox e requebros de maxixe.*²¹⁸

O príncipe era visto nos campos de golfinho, nas pistas de equitação e nos bailes elegantes. Sua presença nos espaços públicos da cidade apresentava-se mais como um momento de distração de um grupo aristocrático do que como um evento competitivo. A fisionomia alegre, as roupas elegantes e os expectadores à volta pareciam querer “aprender” os atributos corporais de como se tornar um príncipe. O chapéu que deveria ser mole e preto e as luvas de camurça clara não passavam despercebidos nos comentários das revistas. O golfinho rapidamente transformava-se no esporte do momento. No Rio de Janeiro, as partidas ao ar livre nos campos de golf brotavam por toda a cidade. Praticamente um mês após a visita do príncipe, Copacabana já contava com “dez desses campos amáveis”.²¹⁹

O vestuário próprio era apresentado nas páginas de Fon-Fon e Para Todos. Mulheres de saias longas e pregueadas, blusas que detalhavam a silhueta com a marcação da cintura e boinas, inspiração da ex-rainha da Espanha. Para os homens do “sexo valente”, terno, camisa e gravata. Nas colunas jornalísticas destinadas a ensinar a “elegância masculina”, o fraque reaparecia. Esquecido por muito tempo, ele se juntava aos vestidos abaixo dos joelhos. Passava a ser usado nos bailes, nas recepções e casamentos à tarde e “indicados aos rapazes que já fizeram dezoito anos”.²²⁰

²¹⁸ **Revista Para Todos**. 25 de abril de 1931.

²¹⁹ Idem.

²²⁰ **Revista Para Todos**. 23 de maio de 1931

*O fraque voltou também como veste “alinhada num garden-party, nas corridas para fazer “pendant” com os longos vestidos de renda e musselina (...) O fraque voltou. Ahi está. Faz parte integrante do guarda-roupa dos homens de sociedade. O fraque voltou. Ahi está. É a veste obrigatória.*²²¹

Em Poços de Caldas, a baixa frequência nos estabelecimentos de hospedagem logo após a inauguração do espaço balneário revelou um ponto importante nesta história. Ela nos mostra que a ocupação temporária e a vivência coletiva da cidade tinham uma correspondência importante entre a sociedade e os desejos de cada indivíduo e que ambos sofriam alterações resultantes do processo de civilização no qual estavam inseridos. As diversas motivações pelas viagens ao longo do tempo e perante cada tipo de sociedade eram parte deste processo. Os anos de ouro da cidade balneária não foram sentidos de imediato conforme todos os hoteleiros gostariam. Foi preciso um alto investimento emocional para que a cidade se transformasse principalmente em um desejo de consumo e que vivesse dele enquanto durasse esse processo interdependente da razão e da emoção nos elementos que inauguravam e diferenciavam o gosto pelas atividades de lazer no espaço balneário.

Analisando a imprensa local justamente porque era ali que se percebia a criação do discurso oficial sobre os prazeres da cidade balneária, podemos averiguar que a idéia de lazer que foi sendo construída ao longo dos anos trinta e quarenta do século passado em seu interior englobava não só o conceito de lazer ligado à idéia de distração, mas, sobretudo incluía a categoria atlética no interior desta prática, não necessariamente criando uma divisão entre ambas. *“O Sporting Club vae maravilhosamente. O Sr. Prefeito vae lhe dar o Parque do Posto e alli vão ser installados os variados sports e essa série infinda de diversões athleticas”.*²²² A princípio todas as atividades de “diversão” que foram pensadas e desenvolvidas na cidade balneária tinham como pano de fundo o objetivo de despertar novas emoções em experiências que poderiam ser sentidas em todo o corpo e que já faziam

²²¹ Idem

²²² **Revista de Poços de Caldas.** “Sporting Club”. 30/08/1931.

sucesso em algumas cidades do nosso país. Mas, elas não diziam respeito à população local. Eram atividades que deveriam beneficiar diretamente os seus visitantes.

O mote deste emaranhado de ideias e o fio condutor da vida balneária nas temporadas de verão que se intensificam a partir de meados dos anos trinta encontram na sociabilidade a característica original para o prazer descrito nas cenas balneárias. Percebe-se então que a construção deste território do prazer subdividido entre as atividades desenvolvidas no espaço público desta vida privada tinham interesses economicamente relacionados com a própria construção da imagem balneária em nosso país²²³ que levava em consideração os desejos das novas sensibilidades do homem urbano brasileiro descritas até aqui. *Certamente, a maioria dos veranistas, exige conforto, distrações, ambiente captivante. Para isso todos os melhoramentos públicos e particulares se hão de coordenar num plano largo.*²²⁴

Uma cidade balneária, ou melhor, uma cidade balneária moderna, precisava também possuir distrações. E não havia nada mais atual que empolgava a *“mocidade e até mesmo a velhice sadia, como o sport”*²²⁵. Em todas as suas expressões, e até mesmo na dança, o esporte já era considerado um meio elegante e civilizado que havia florescido nas cidades brasileiras do início do século XX. Na antiga cidade termal brasileira, lugar onde prevalecia um forte discurso emocional voltado para as práticas de cura a partir das águas medicinais, não havia ainda uma ideia formada sobre a necessidade das práticas esportivas no contexto da cura hidromineral. Falava-se demasiadamente na necessidade dos divertimentos como complemento ao tratamento médico, muito rígido por sinal.

Era sob a forma de concertos no coreto da praça ou das caminhadas ao seu redor, que bem suavemente o curista colocava o seu corpo em movimento nos momentos dedicados aos preceitos médicos que recomendavam o esquecimento da vida, da paixão, dos amores, dos negócios e os cuidados tristes à que estavam submetidos no período conhecido como “estação das águas”. Uma ausência total de emoção, nada que pudesse

²²³ Vale lembrar a quantia desembolsada pelo governo estadual na realização do conjunto urbanístico da cidade e o investimento do capital privado no embelezamento de hotéis e nos novos elementos de lazer para a elite brasileira.

²²⁴ **Revista de Hidrologia e Climatologias Medicas**. “Estancias de veraneio”. Junho. N. 25. 1933.

²²⁵ **Revista de Poços de Caldas**. “Sporting Club”. 16/08/1931. N.88. Anno 3.

excitar em demasia o pobre curista nos espaços da cidade termal. Em 1938, Mário Mourão, médico que ainda clinicava em Poços de Caldas e defensor das virtudes curativas das águas medicinais, em visita à Lindóia, expõe de uma maneira muito clara através de um método comparativo, esta importante mudança do ponto de vista de uma busca por novas emoções que resignificam o uso dos espaços das cidades que se tornam balneárias em nosso país a partir de 1931, em oposição às precedentes cidades de cura.

*O hóspede de Lindoya não pode soffrer emoções, precisa dormir cedo e ter sonno calmo, para se levantar matutino com a estrella d'alva, e ir lá para baixo tomar os seus copos de água purificadora. O jogo, o vício, o jazz não entram em Lindoya. A orchestra toca valsas viennenses estilo serenata, e tangos chorosos e macios. (...) Lindoya é remédio. E Lindoya é, para nós, neste momento a única estância nacional de cura, porque alli não há vício, alli não entra o álcool, alli tudo é synchronizado, o doente perde a sua personallidade e torna-se um escravo da água mineral.*²²⁶

Ora, a ideia de um “Sporting Club” “*imitação do de Vichy*”²²⁷ em Poços de Caldas era, portanto ponto fundamental no caminho que fazia crescer o olho, “*órgão de prazer*”²²⁸ no percurso do processo civilizatório ocidental que já havia reconhecido a importância social do lazer nos espaços das cidades.

Dahi se conclue que para a nossa cidade não bastam as instalações completas do Balneário, o conforto luxuoso do Palace Hotel e o conforto dos hotéis de primeira classe. É urgente e necessária a criação, de pontos

²²⁶ MOURÃO, Mário. “Thermas de Lindoya. Estado de São Paulo. Brasil.” Publicado no **Jornal do Commercio** em 20/03/1938.

²²⁷ **Revista de Poços de Caldas**. “Sporting Club”. 16/08/1931. N.88. Anno 3.

²²⁸ DUNNING, Eric. Sobre problemas de identidades e emoções no esporte lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer. In: História: **Questões & Debates**, Curitiba, n.39. p.11-40. Editora UFPR

*de recreios que ofereçam atrativos naturais ou creados pela mão do homem, não faltando aqui lugares que se prestem a um parque de sports e diversões (...)*²²⁹

A proposta defendida não só por Assis Figueiredo, prefeito municipal, mas também pelo conselho consultivo de propaganda e pelos médicos que ainda se espelhavam nas cidades balneárias francesas já sabiam o quanto o corpo em movimento era uma possibilidade real na conquista de uma nova clientela que já se diferenciava em muito dos aquáticos de então. “*O shoot é para a mocidade, uma coisa tão banal como almoçar ou jantar*”.²³⁰ Nas grandes cidades, o golf já era visto como um “*jogo avassalante*”²³¹ que tinha “*fanáticos elegantes como o Príncipe de Gales e todos os banqueiros e altos políticos dos Estados Unidos*”²³². O tennis, “*um jogo muito chic*”²³³ já tinha admiradores até na cidade, “*como o Salim, o Parisi, campeão, o Astolphinho e um bando de mocinhas como Nelly, Celia e outras*”²³⁴. O tiro aos pombos, a regata, as corridas de cavalo, de bicicletas, de motocicletas e as maratonas “*com grandes corridas a pé*”²³⁵ eram apenas algumas das elegantes e civilizadas distrações que reunidas numa única instituição tinha o objetivo de se configurar como o “*grande elemento detentor de todas as festas e de todo o movimento social*”²³⁶ da cidade balneária.

O que se torna interessante na constituição dos espaços públicos de diversão que passam a ser construídos como prioridade na cidade balneária a partir dos anos trinta, é justamente o seu poder de elemento detentor do mundo privado de um grupo que se reconhecia não só em função de toda a cena social que se desenvolvia em seu interior, mas também pelo nascimento do prazer nas atividades de lazer que poderiam ser vivenciadas através das viagens de repouso. Eram elas, que afinal, inauguravam um novo modelo de

²²⁹ **Revista de Poços de Caldas.** “Sporting Club”. 30/08/1931.

²³⁰ Idem.

²³¹ Ibidem.

²³² Ibidem.

²³³ Ibidem.

²³⁴ Ibidem.

²³⁵ Ibidem.

²³⁶ **Revista de Poços de Caldas.** “Sporting Club”. 23/08/1931.

ocupação do tempo que não estava necessariamente relacionado somente com uma oposição ao tempo do trabalho. Pelo contrário, as viagens de repouso naturalizavam-se como uma forma elegante, civilizada e moderna de um novo tempo dedicado à construção da individualidade onde um tempo reservado para si era um paradoxo que envolvia a sociabilidade, a motilidade e a imaginação²³⁷ que anos mais tarde contribuíram sobremaneira para a vocação turística da cidade balneária no país.

O agradável prazer emocional que se sentia na presença do “*grand-monde*” era em grande medida uma oportunidade “*para uma integração mais íntima entre as pessoas em um nível de emocionalidade manifesto*”²³⁸ que se diferenciava demasiadamente de outras formas de atividades sociáveis consideradas normais na vida daquelas pessoas. Nas temporadas de verão da cidade balneária bastava um rápido passeio pelo jardim de inverno do Palace Hotel para encontrar “*a fina flor da sociedade brasileira*”.

Reparem por exemplo, naquele senhor alto e gordo, rodeado de creaturinhas jovens e bonitas: é o Prof. Rocha Vaz. O douto gentleman está classificando-as tipo glandulares e todas elas esperam a sentença com os olhos brilhantes de malícia.

Aquela moça douradamente loura, assentada alli adiante, argumentando sobre política internacional é a romancista de “Floradas na Serra”, Dinah Silveira de Queiroz. Si ao romance preferem a poesia, cá se acha o último grito do verso (ilegível) Adalgisa Nery. Observem aquele senhor alto, barba de monge, é uma das grandes culturas patricias: Dr. Vitor Freire, um antigo companheiro de Anatole France e Emile Zola. Venham mais para perto do Interventor pernambucano – Agamenon Magalhães – que discorre, com inteligência sobre a vida dos mocambos. Ali mais distante de nós, estão os simpáticos embaixadores ingleses em nossa pátria: Lord e Lady Noel Charles. Apresento-lhes também, Dulcina e Odilon que, depois de um ano inteiro de teatro, vem esquecer em Poços as amarguras de Sinhá Moça e as contrariedades de D. Pedro. Andando para lá e para cá,

²³⁷ Esses três elementos do lazer são descritos por Dunning no artigo citado anteriormente.

²³⁸ DUNNING, Op.cit.

*rodeado de admiradores, vejo ainda Assis Chateaubriand que, sempre movimentado como o deus mercúrio, lança de seu Olimpo as chispas de fogo de seu inconfundível talento.*²³⁹

Era ali naquele contexto mimético²⁴⁰ que a excitação prazerosa podia ser mostrada “com aprovação social e sem ofensa à consciência individual”²⁴¹. Podia-se indiretamente e até certo ponto, tanto nos divertimentos de salão, como nos espaços públicos da cidade “tolerar o despertar de sentimentos fortes”²⁴² cujo nível de emoção era mais elevado do que aquele despertado nessas mesmas atividades encontradas também em sua cidade natal, mas que sob o ponto de vista da experiência social impunham no contexto real “uma vida de rotinas relativamente iguais e sem emoções”.²⁴³

*Salão de chá rumorejante. Casas elegantes da cidade entram, vagarosamente, pela larga porta envidraçada, atraindo os olhares dos que palestram ou “flirtam”. Só a orchestra executando um trecho de ópera de Wagner vence o boroborino. Em todos os cantos fala-se mal da vida alheia. O chá a ninguém interessa: o que a todos interessa são os escândalos mais recentes...*²⁴⁴

A possibilidade de novas experiências emotivas de socialização no país estava, portanto relacionada com todos esses eventos cujas permanências e rupturas eram características de um momento histórico-cultural em que o sujeito, a partir da constituição

²³⁹ Elza Monteiro Ferreira. “Assim é Poços de Caldas”. In: **Poços de Caldas. XXIII aniversário de sua elevação à comarca**. 1940.

²⁴⁰ O termo mimético, de acordo com Elias e Dunning (1986) tem a intenção de expressar um relacionamento especial entre os aspectos não miméticos da vida e uma classe específica das atividades de lazer nas quais as emoções adotam uma “coloração” diferente, como em situações sociais imaginárias ou situações sociais que não existem mais.

²⁴¹ DUNNING, Op.cit.

²⁴² Idem.

²⁴³ Ibidem.

²⁴⁴ Fon-Fon. 11/02/1933.

do primeiro espaço balneário no Brasil acabou percebendo e reconhecendo um tempo para si.



Figura 32: Benedicto Valladares, Darcy Vargas, Francisco de Paula Assis Figueiredo, sra Valladares, Efigênia Assis Figueiredo, Juscelino Kubitschek, Sarah Kubitschek, João Alberto Lins e Barros e Francisco Campos em um cassino local em meados dos anos 30.

Esse tempo, conquistado a partir das viagens de repouso permitia antes de tudo, quebrar a rotina da *vida social*, e não somente a do trabalho. Uma rotina desgastada emocionalmente pelas obrigações diárias de se viver em sociedade e que constantemente apareciam descritas nas fontes pesquisadas. De acordo com Elias e Dunning (1995), atividades diárias como tarefas domésticas, atenção aos familiares, atividades escolares, religiosas e encontros sociais, compõem uma série de obrigações não relacionadas às atividades profissionais (e da mesma forma realizadas no tempo livre) e também exigem um autocontrole das emoções para o convívio de forma civilizada.

Portanto, o rompimento dessa rotina, caracterizada pelo “amaciamento” das restrições sobre as próprias emoções, podia garantir a oportunidade de viver experiências diferentes daquelas vividas cotidianamente. O imaginário da cidade balneária aparecia então, como o momento, situação e lugar perfeito para aproveitar de um tempo para si, tempo esse distante da rotina da vida social vivenciada pela elite brasileira nos espaços de convívio das grandes cidades.

A propaganda comercial, veiculada nos principais periódicos e revistas de circulação nacional, sugestionava um ambiente especial repleto das palavras: alegria, prazer e felicidade. Essas emoções encontraram, portanto, um espaço apropriado para viver situações aprovadas socialmente além de todas as condições necessárias que foram propiciadas para que o indivíduo pudesse se sentir bem com ele mesmo através das novidades civilizadas de entretenimento nos anos seguintes.

2 NOVIDADES CIVILIZADAS DE ENTRETENIMENTO E O CONTROLE DAS EMOÇÕES NO ESPAÇO BALNEÁRIO.

*Poços de hoje, dizíamos, é também a esplêndida cidade para passeios e recreio do corpo e do espírito. Para os mais alegres enlevos que o nosso “eu” requer.*²⁴⁵

Afastada territorialmente das metrópoles brasileiras que já possuíam um modo de vida característico da modernidade e da urbanidade, Poços de Caldas como um caso singular, acabou canalizando num único lugar uma utopia de um paraíso terrestre em solo brasileiro onde se tinha a possibilidade de viver experiências de todo o corpo. Mas o que exatamente significava viver essas experiências de todo o corpo? E de que modo elas apareciam como uma novidade na experiência social do espaço urbano que promovia os momentos de intimidade na construção da individualidade de homens e mulheres que descobriam a cidade balneária a partir dos anos de 1930 no nosso país?

Uma resposta é certa. Buscavam-se experiências que eram assunto de todo o corpo e atividades nas quais as pessoas se envolviam de “corpo e alma”²⁴⁶. Naquele território, atividades que colocavam o corpo em movimento, que o enobreciam e o embelezavam não eram menos importantes que as tardes literárias e as conferências científicas que aconteciam nos salões do Palace Hotel. Era o conjunto daquilo que qualificava uma vida balneária que ganhava as páginas comerciais da imprensa nacional.

Na cidade balneária não havia lugar para antigos dualismos na construção da individualidade. É claro que havia um desejo latente nos caminhos que levavam a uma

²⁴⁵ FERRER, Leo. “Cura e Turismo”, 30 de março de 1939. In: PONTES, Hugo. **Leo Ferrer em vida**. Poços de Caldas: Sulminas, 2002, p. 78.

²⁴⁶ Existe uma discussão importante de Elias sobre o dualismo corpo-alma que durante muito tempo refletiu-se nos trabalhos intelectuais que foram dissidentes das idéias Kantianas e neo-Kantianas. Para Norbert Elias, não devemos tentar compreender o homem a partir do pensamento *homo clausus*, que é uma idéia de homem construída pela filosofia como um ser isolado da realidade social. Elias propôs em oposição a este pensamento o *homines aperti*, o qual é de acordo com Dunning “*mais congruente com a realidade e consequentemente mais adequado sociologicamente*”. Neste homem que não vive isolado da realidade social onde todas as suas ações são interdependentes em um jogo de tensões, e onde nas configurações em que nos encontramos dependemos uns dos outros, as “*sensações físicas e as emoções não são menos importantes que experiências cognitivas e intelectuais*”. Cf: DUNNING, Op.cit. e KIRSCHNER, Tereza Cristina. Lembrando Norbert Elias. In: **Textos de História**, vol. 7, n. 1/2, 1999, e ELIAS, Norbert. O processo civilizador I. Op.cit.

remodelação da afetividade que desenhava novos cenários²⁴⁷ no processo de aquisição dos momentos de intimidade do indivíduo moderno, este, inegavelmente incluído em uma sociedade que se transformava no país.

A realidade social desse grupo de pessoas que passou a frequentar Poços de Caldas a partir da inauguração do seu espaço balneário já se reconhecia no contexto de suas necessidades que estipulavam cisões no comportamento com outros homens. Havia neste contexto uma distinção que demarcava momentos interessantes em atividades que envolviam sensações e emoções de formas iguais, como veremos mais à frente no uso do banho hidromineral.

As atividades de todo o corpo que foram pensadas e colocadas à prova para a conquista do prazer a partir desses discursos que envolviam o homem e a sua subjetividade eram parte de um processo sócio-histórico onde as tensões, próprias da época, se fizeram sentir naquela sociedade que se ia diversificando à medida que crescia a sua rede de interdependências no cenário balneário.

De certo modo, era ali, naquele paraíso artificial que o indivíduo moderno poderia afirmar-se socialmente em um ambiente regido pelo discurso da água medicinal. Discurso este, que havia alargado os espaços de interação social na primeira cidade considerada balneária do Brasil.

²⁴⁷ Cf. CORBIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Op.cit.



*Figura 33: Veranistas na primeira semana da aviação em Poços de Caldas em 1934.
Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.*

Havia também outra certeza com relação às atividades que eram pensadas e propostas no espaço balneário. Todas, sem exceção eram consideradas civilizadas e marcavam uma ruptura fundamental com as primeiras que haviam sido vividas naquele lugar. Do banho hidromineral aos esportes, ou às festas e os jogos nos cassinos, elas eram principalmente, um contraponto a todas as questões de cunho individual que promoviam o desejo pela experiência de emoções prometidas pela cidade balneária.

Mas de que maneira poderíamos medir ou reconstruir historicamente o modo como a alegria e o prazer ou, a procura por essas emoções foi sentida e vivenciada a partir da cidade balneária? E até que ponto podemos afirmar que por essas emoções seria possível delimitar conceitualmente o campo da experiência social e individual entre a cidade termal e a cidade balneária?

Refletir sobre um conjunto de intenções, de percepções e de ações que podem ter contribuído para uma maneira diferente da nossa de perceber e de sentir emoções diferenciadas no espaço urbano denominado balneário pode ser uma tentativa interessante.

O conjunto dos dados pesquisados para essa tese pode ajudar-nos a entender como as nossas emoções são construídas historicamente e socialmente.

Para Elias²⁴⁸, a maioria de nossas atitudes e propriedades que nos define como ser humano só pode ser compreendida se considerarmos essas relações com outros seres vivos para além de nós mesmos. De acordo com o autor, cada ser humano *“é feito daquilo que chamamos de natureza para viver em comum e em relação com uma grande variedade de seres, alguns amigáveis, alguns hostis, alguns inanimados, alguns animados sendo que destes últimos, alguns são humanos”*.²⁴⁹ No seu texto “Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos”, publicado em 1987, o autor partilha da opinião de que as emoções humanas devem ser estudadas a partir de características *“que compartilhamos com as espécies não-humanas e com as que são peculiarmente nossas e sem paralelo no reino animal”*²⁵⁰. Para o autor, aquilo que chamamos de personalidade humana, *“todos os aspectos da organização total das experiências pessoais, atitudes e condutas na relação consigo e com outras pessoas e objetos – são derivados da íntima união de processos inatos e adquiridos”*²⁵¹. Para Elias, nós nascemos “equipados” biologicamente para as experiências emotivas (tristeza, raiva, alegria), contudo somos influenciados pela civilização através da socialização, o que nos permite passar de geração em geração a maneira como sentimos, não estando livre, porém, de mudanças nessa maneira de sentir dentro do processo civilizador. Assim, com relação ao problema das emoções humanas na fase adulta, Elias distingue três aspectos de sua composição: *“um componente comportamental, um componente fisiológico e um componente sentimental”*²⁵² e distingue que no nosso caso, o humano, sabemos sobre o componente sentimental porque somos capazes de *“verbalizar os sentimentos”*²⁵³ como o

²⁴⁸ ELIAS, Norbert. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas. **O controle das emoções**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

²⁴⁹ Idem, p. 36-37.

²⁵⁰ Ibidem, p. 19.

²⁵¹ Ibidem, p. 34.

²⁵² Ibidem, pp. 35-36.

²⁵³ Ibidem, p. 37.

amor, a raiva, o ódio, a alegria, enfim, podemos “*comunicá-los para os outros e para si próprios por meio de uma língua aprendida*”²⁵⁴.

Entretanto, segundo o autor, existe uma grande confusão no estudo das emoções, cujo termo é utilizado com dois significados diferentes ao mesmo tempo. No sentido amplo é aplicado “*ao padrão de reação que envolve o organismo todo em seus aspectos somáticos, emocional e comportamental, como exemplificado por uma reação de medo*”²⁵⁵. Para o sociólogo, vista dessa maneira, a emoção é entendida “*como um padrão de reação que tem uma função claramente reconhecida numa situação específica*”²⁵⁶, como por exemplo, numa situação de perigo. Já no seu sentido mais restrito, “*o termo emoção refere-se apenas ao componente sentimental da síndrome*”²⁵⁷. Nesse último, acaba representando “*uma auto-imagem humana em que a verdade consciente da pessoa está profundamente escondida em seu interior – não se pode estar completamente certo no interior de quê*”²⁵⁸. Para Elias, aquilo que se mostra no exterior, “*na face de alguém, é meramente um derivado ou então uma ‘expressão’, e em geral não verdadeira ou, até mesmo, uma expressão distorcida do que está no interior da pessoa*”²⁵⁹.

Neste segundo sentido, Elias tenta demonstrar que as emoções são também formas de comunicação anteriores à linguagem, por isso para ele, as fisionomias da face retomam um caráter singular em sua análise que só “*pode ser compreendida em termos da evolução de grupos*”²⁶⁰. A primeira regra que aprendemos com Elias é que não devemos considerar o indivíduo de forma isolada. A discussão para ser proveitosa deve romper com duas tendências opostas nas ciências naturais e humanas. A primeira que foca suas análises somente “*nas propriedades que compartilhamos com outras espécies*”²⁶¹ e cuja abordagem é monística e reducionista. Elias nesse ponto, elege a Etologia e algumas vertentes da Psicologia que em geral “*permanecem indiferentes às inovações evolutivas típicas da espécie humana, inclusive àquelas as quais a humanidade deve sua superioridade sobre a*

²⁵⁴ Ibidem, p. 37.

²⁵⁵ Ibidem, p. 40.

²⁵⁶ Ibidem.

²⁵⁷ Ibidem.

²⁵⁸ Ibidem.

²⁵⁹ Ibidem.

²⁶⁰ Ibidem, p. 41.

²⁶¹ Ibidem, p. 20.

maioria das espécies humanas”²⁶². E a segunda, que inclui a grande maioria das ciências sociais que se preocupa “*com objetos que normalmente são vistos como não pertencentes à natureza.*”²⁶³ Essa divisão existente entre as ciências naturais e as outras que não se preocupam com a natureza “*mostra-se como uma manifestação simbólica da crença ontológica - da crença de que existe uma verdadeira divisão do mundo*”.²⁶⁴ Para Elias, as duas formas de investigação sobre o indivíduo que o tratam como se ele existisse de fato independente um do outro, é um tipo de explicação sobre nós mesmos que “*assume a imagem de um mundo dual*”.²⁶⁵ “*Desta forma, a questão se as características biológicas singulares dos seres humanos geram uma possibilidade histórica, dificilmente tem sido um tema discutido entre os historiadores*”.²⁶⁶ Entre uma tendência monística e uma perspectiva dualística, uma antiga tradição ainda sugere “*uma divisão absoluta entre natural - e não natural, no qual os seres humanos ainda não se definiram*”.²⁶⁷ Essas tendências que de certo modo, ainda dominam a maioria das nossas pesquisas “*são incapazes de compreender a natureza do processo*”²⁶⁸, de acordo com o autor.

*As características biológicas distintas que permitiram aos seres humanos aprender com a experiência, transmitir conhecimentos entre as gerações e mudar sua vida em grupo de acordo com as novas demandas numa grande variedade de formas, merecem uma atenção mais detalhada.*²⁶⁹

²⁶² Idem, p.20.

²⁶³ Ibidem, p. 20.

²⁶⁴ Ibidem. p. 21.

²⁶⁵ Ibidem, p. 21.

²⁶⁶ Ibidem, p. 22.

²⁶⁷ Ibidem, p. 22.

²⁶⁸ Ibidem, p. 22.

²⁶⁹ Ibidem, p. 24.

Sob esse ponto de vista, a estrutura teórica que o autor levanta sobre o estudo das emoções está “*centrado em algumas hipóteses sobre os seres humanos*”²⁷⁰ de maneira interligada. A hipótese é que o repertório das formas inatas de comportamento com o qual nascemos, “*tornou-se lento e enfraquecido*”²⁷¹ a ponto de que nenhum de nós pudéssemos ser capazes de nos orientar no mundo, nem nos comunicarmos com os outros “*sem adquirir uma grande quantidade de conhecimento através da aprendizagem*”.²⁷²

*Sorrir, grunhir, chorar de dor são alguns exemplos. Mas esses tipos de comunicação inata se tornaram tão enfraquecidos, que no caso dos humanos, que se uma pessoa em crescimento, por algum motivo, tivesse que confiar unicamente neles, permaneceria isolada da sociedade humana.*²⁷³

Para o autor, nós não só podemos como devemos “*aprender com outras formas pré-existent de linguagens de uma sociedade específica*”.²⁷⁴ É pelo aprendizado e pela comunicação, não necessariamente a verbal, que nos tornamos indivíduos totalmente funcionais. As emoções são, portanto, “*uma fusão entre os processos inatos e adquiridos*”.²⁷⁵

Por isso Elias, sugere que ao olhar com mais atenção para a face humana, ela nos lembra que “*suas características únicas podem servir como um lembrete da singularidade dos seres humanos*”²⁷⁶ e que a face possui um significado especial nos estudos de nossas emoções. O autor aprofunda sua análise dissertando sobre como a face evoluiu “*para um quadro de sinalizações*”²⁷⁷ e a maneira como esses sinais resultaram numa forma mais

²⁷⁰ Ibidem, p. 25.

²⁷¹ Idem, p.27.

²⁷² Ibidem, p.27.

²⁷³ Ibidem.

²⁷⁴ Ibidem.

²⁷⁵ Ibidem, p.35.

²⁷⁶ Ibidem, p. 41.

²⁷⁷ Ibidem, p. 41.

antiga de comunicação chegando a se transformar numa segunda natureza. *“Sinais faciais, tais como o sorriso, também mostram graficamente que o processo evolutivo tem moldado os seres humanos de tal forma que, o que nós chamamos sua ‘natureza’, os prepara para uma vida em grupo”*²⁷⁸. Ao romper com uma longa tradição que aparentemente havia estudado os aspectos dos seres humanos, tais como as emoções, de forma isolada, Elias propõe nesse ensaio que os seres humanos sejam pensados *“como uma estrutura em que medo, prazer e outras emoções têm seu lugar e sua função”*²⁷⁹. Dessa forma, para o autor, o componente sentimental e o fisiológico têm a função de preparar para a ação, mas é o comportamento em si que *“tem uma função de sobrevivência óbvia, apropriada para uma situação específica”*²⁸⁰.

Assim, dessa maneira, o sociólogo conclui que nossas emoções são o produto de um conjunto de processos aprendidos e não aprendidos, *“resultam de uma fusão entre processos inatos e adquiridos”*²⁸¹ e que possuem três componentes: o somático, o comportamental e o sentimental e que o equilíbrio desses impulsos emocionais bem como os movimentos a eles relacionados *“têm uma função dentro do contexto de relacionamento entre pessoas e, num sentido mais vasto, entre uma pessoa e a natureza”*²⁸². Para o autor, essas emoções e os consequentes *“movimentos ou expressões, são, em resumo, uma das indicações que os seres humanos são por natureza constituídos para viver na companhia de outros, para a vida em sociedade”*²⁸³ e que o aprendizado é um fator determinante das emoções. Esse aprendizado, gestado no interior das instituições (seja a família, a escola, ou a igreja) produz mudanças que são desencadeadas nos costumes e que regem a nossa relação com os outros.

Ora, se levarmos em consideração então que esse aprendizado também pode ser visualizado nos espaços públicos das cidades onde as emoções foram de certa forma e sob certas situações controladas até se tornarem naturalizadas, poderemos então dizer que algumas das nossas emoções tais como o prazer e a alegria que hoje em dia são despertadas

²⁷⁸ ELIAS, Op.cit.p.41.

²⁷⁹ Idem, p. 45.

²⁸⁰ Ibidem, p. 39.

²⁸¹ Ibidem, p. 35.

²⁸² Ibidem, p. 46.

²⁸³ Ibidem, p.47.

em atividades específicas de lazer, não passam de construções sócio-históricas que foram aprendidas num processo interdependente onde corpo e alma, indivíduo e sociedade tiveram um lugar e uma função que regiam as relações com os outros e com a própria construção da individualidade do homem na modernidade. Apropriar-se, ou render-se ao novo discurso que exaltava as experiências de todo o corpo oferecidas pela cidade balneária era adaptar-se ao sistema de regras e coerções onde o desejo de novas emoções vividas fora do ambiente doméstico prevaleciam naquele tempo e naquele mundo social ao qual as pessoas pertenciam. As relações sociais eram emocionais e as emoções individuais eram sociais.²⁸⁴

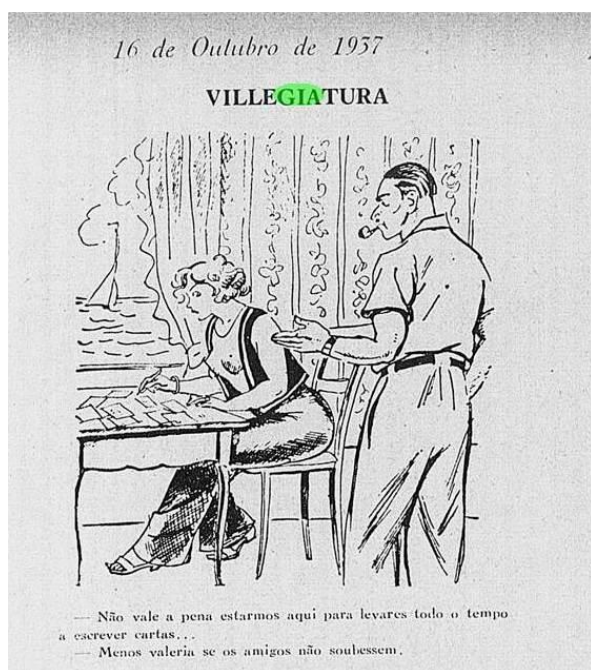


Figura 34: VILLEGIATURA
- Não vale a pena estarmos aqui para levares todo o tempo a escrever cartas...
- Menos valeria se os amigos não soubessem.
Revista da Semana. 16/10/1937.

²⁸⁴ Partilho da opinião de GOUDSBLOM, Johan. “A vergonha: uma dor social”. In: GEBARA, op.cit. p.56.

2.1 A vida balneária e a instituição de novas práticas corporais nos espaços da cidade.



Figura 35: Pelagra de 2º grau. Visão em conjunto das lesões do rosto, região pré-esternal e braços. Data: Década de 1930. Documentos esparsos encontrados na Biblioteca Dr. Orozimbo Maia no acervo das Thermas

O processo de medicalização imposto pelas águas durante a cidade termal continuou a existir nos anos seguintes, porém, cada vez mais ele era empurrado para os bastidores da cena social em detrimento de uma preferência declarada por um grupo específico da sociedade brasileira que já compreendia mudanças importantes do ponto de vista corporal e sentimental do homem que se individualizava em nosso país. No novo cenário social da cidade via-se menos curistas nas temporadas de verão do que antes, quando se iniciavam as famosas estações de águas em nosso país. O novo contexto cultural que envolvia experiências subjetivas com os novos espaços da cidade balneária ensinava o indivíduo moderno a partir de todos esses eventos que estavam dados. O desafio era aprender a viver com as emoções resultantes deles.

Por isso, falar de uma vida balneária a partir dos anos de 1930 requer, antes, um direcionamento de olhar para dois tipos de práticas culturais que se desenvolveram através de uma maior visibilidade do corpo nos espaços públicos das cidades. Pois, se de um lado

tínhamos um corpo que se socializava e se manifestava culturalmente através de novas práticas de lazer e sociabilidade para moradores de uma grande cidade que encontravam nas águas do mar o seu propósito inicial, por outro, tínhamos um corpo que se evidenciava a partir do movimento da vilegiatura de repouso para outras cidades, de onde Poços de Caldas era a grande novidade no país. O comum dessa história é que em grande parte dela, essas duas situações foram vividas por um mesmo tipo de corpo: aquele que se enobrecia, que se enrijecia e se sensibilizava com aquilo que passava a ser valorizado no imaginário social brasileiro a partir dos anos de 1930.

Os cuidados corporais também adquiriam modalidades diferentes para aqueles que permaneciam nas cidades litorâneas. É preciso considerar que uma prática dos banhos de mar e logo em seguida, dos banhos de areia colocaram o corpo masculino e feminino em exibição no ambiente natural das praias brasileiras. Contudo, antes desse espaço ser trabalhado, construído e resignificado é importante lembrar que nem sempre o espaço da praia foi valorizado e ocupado da maneira como o entendemos atualmente²⁸⁵. A análise que importa nesse momento refere-se à diferença de práticas e cuidados corporais para aquilo que podemos chamar de um “corpo balneário” no Brasil dos anos 30. Ao que tudo indica a prática dos banhos de mar nas cidades brasileiras que tinham no seu litoral um novo modelo de encontro e sociabilidade burguesa, aparece condicionada aos novos hábitos estabelecidos entre seus moradores locais e o meio natural redescoberto no imaginário social desse período. Nas cidades de águas medicinais do interior do país observava-se um grande silêncio no discurso que preparava e oficializava os usos e ocupação de seus espaços balneários, se pensarmos sob o ponto de vista do morador local que não fazia parte da elite poços-caldense. Essa discussão ganhará voz somente em meados dos anos de 1940²⁸⁶. Até lá, arrisco-me a dizer que o mesmo corpo balneário que freqüentava as areias do Rio de Janeiro, Santos e Guarujá era também o mesmo corpo que freqüentava a cidade balneária

²⁸⁵ A esse respeito ver: CORBIN, Alain. **O território do vazio** – a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

²⁸⁶ A esse respeito, a seguinte indicação traz algumas considerações sobre como o espaço balneário de Poços de Caldas excluía e segmentava a própria população local das vivências festivas da cidade balneária. Cf: ALVISI, Lilian de Cássia. **Memória, resistência e empoderamento: a constituição do Memorial Escolar Padre Carlos de Poços de Caldas**. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Unicamp em 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000441434>

do interior do nosso país. Era ele que se dividia entre a prática da vilegiatura de repouso e a prática do lazer e da sociabilidade no espaço das praias brasileiras. É, portanto, o corpo do cidadão que interessa. O homem urbano considerado civilizado e sensível às novas mudanças corporais impostas pelos espaços públicos das cidades.

A pele já havia perdido a sua função de “*simples revestimento destinado a proteger o corpo*”.²⁸⁷ Reconhecida como “*um órgão autônomo com funções definidas e independentes*”²⁸⁸, há pelo menos uma década ela já era vista “*como o grande órgão da sensibilidade geral do organismo*”²⁸⁹. Sua função era de agora estabelecer “*o contacto entre as sensações interiores e o mundo externo*”²⁹⁰. Frio, calor, cama macia, “*se a roupa é de cambráia ou de flanela aspera*”²⁹¹. Sua nova função a fazia ser chamada “*de coração cutâneo ou periférico*”²⁹². Reconhecia-se anos antes que a respiração também era feita pela pele. Os dermatologistas colocavam a gravidade das dermatoses, doenças que poderiam levar até a morte. A pele tornava-se, portanto, “*uma parte importantíssima do organismo*” que necessitava “*ter a sua conservação em muito bom estado*”²⁹³.

A aparência havia adquirido “*um valor corporal inteiramente físico e pessoal*”²⁹⁴, e se até o início dos anos 30 os produtos destinados a corrigir os “*defeitos da aparência feminina*”²⁹⁵ relacionavam-se mais com um discurso médico que os reconheciam como remédios, a partir daí foi possível perceber uma nova sensibilidade cuja consequência foi observada nos cuidados de si²⁹⁶. A percepção visual do corpo feminino havia se aguçado.

²⁸⁷ MOURÃO, Mário. **Os banhos de Poços de Caldas**. Modo de usá-los. 1920. P..21

²⁸⁸ Idem.

²⁸⁹ Ibidem.

²⁹⁰ Ibidem.

²⁹¹ Ibidem.

²⁹² Ibidem.

²⁹³ Ibidem, p.23

²⁹⁴ VIGARELLO, Georges. “Higiene do corpo e trabalho das aparências”. In: **História do Corpo 2**. Da Revolução à Grande Guerra. Petrópolis: Vozes, 2008.p.405

²⁹⁵ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. “Embelezamento feminino no Brasil”. In: **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 122

²⁹⁶ Foucault, em seus trabalhos realizados a partir da apropriação da filosofia antiga, explorou os três momentos referentes ao cuidado de si na moral antiga em suas obras *Hermenêutica do Sujeito* e *História da Sexualidade: o cuidado de si* (v.3). No primeiro momento chamado socrático-platônico e baseado no Alcebiades de Platão, o autor analisou o conceito mediante uma reflexão filosófica sobre o cuidado de si. No segundo, chamado Idade de Ouro, a análise ficou centrada na cultura helenística e romana. Já no terceiro

*“Terás a cútis formosa mais linda do que uma rosa do Brasil ou do Japão, si usares a vitoriosa alva Cera Sulfurosa do Dr. Mário Mourão”.*²⁹⁷

O convívio social reconhecia nos espaços públicos da cidade uma marca de distinção social. Poços de Caldas como lócus de afirmação de alguns signos de reconhecimento da sociedade burguesa contribuiu para uma rápida expansão, e até mesmo o refinamento de novas maneiras de viver que estavam relacionadas com o processo de construção da individualidade do homem moderno em nosso país. O mercado do embelezamento feminino cooperava significativamente para o início de um tempo onde a observação do próprio corpo tornava-se objetivo especial. Mesmo com certa timidez, o mercado que se direcionava para a aparência masculina também era noticiado nas páginas das revistas de circulação nacional.

Um pouco de Stacomb...e a transformação é surpreendente!

*Imediatamente se opera a transformação do aspecto do bohemio com cabelo hirsuto e desgrenhado, e se consegue a aparência de culto e distinto, trazendo o cabelo brilhante, limpo e são.*²⁹⁸

A elegância masculina colocada em evidência nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro também era vista nos espaços públicos da cidade balneária. Era este o modelo de homem civilizado e moderno que chegava à Poços de Caldas. Até a construção das piscinas públicas do Country Club não se via o corpo masculino em trajes de banho no interior das Thermas Antonio Carlos. O banho era privativo. O nu não era permitido. Usava-se apenas um calção para o banho, colocado após a retirada da “roupa elegante” na ante-sala que o separava da banheira hidromineral. Nos utensílios que compunham a sua *toilette*, imagens da vida em movimento que condicionavam o imaginário social da época.

momento, sua análise partiu dos textos cristãos. Para essa tese pensamos o “cuidado de si” a partir das diferentes formas nas quais se encontraram caminhos para “ter cuidados consigo” e o modo como essa relação passou a significar uma maneira de se comportar, desenvolvendo práticas e receitas que foram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e aprendidas a partir das mudanças que estamos desenvolvendo neste trabalho.

²⁹⁷ **Revista Poços de Caldas.** 13 de maio de 1933. Ano IV. N. 162.

²⁹⁸ **Revista Fon-Fon.** 14/03/1931.

Nas crônicas dos jornais nacionais lia-se mais sobre o mar propriamente dito do que sobre o espaço urbano balneário. Este aparecia como o local ideal para as viagens de repouso que favoreciam o despertar de uma curiosidade que se fazia moderna e que começava a se aprofundar nos desejos de movimento e liberdade para eventos vividos longe do ambiente social de sua cidade natal. Já, a orla marítima contribuía de maneira significativa para as atividades de lazer e sociabilidade de seus moradores locais, independente da classe social²⁹⁹. Atividades, no entanto, vigiadas e condenadas por rigorosa moralização descritas nas páginas das revistas pesquisadas. O espaço urbano balneário, distante das capitais, aparecia, portanto, como a possibilidade de aventuras prosaicas onde a distinção entre espaço construído e o meio natural envolviam questões para além do apego emocional de onde se vivia. A questão envolvia uma experiência temporal onde o corpo através da história do sujeito aparecia como memória de um tempo cujas particularidades estão sendo desenvolvidas ao longo desta tese.

Os cuidados consigo estabeleciam novas formas de prestígio social. Delimitavam a posição de cada um no seio da sociedade e colaboravam para o aparecimento de outros espaços e tratamentos até então inexistentes na cidade balneária. As propagandas veiculadas na imprensa nacional eram o resultado por um lado, de um discurso científico que de certa forma, acompanhava as últimas pesquisas francesas sobre as águas medicinais³⁰⁰, mas por outro, também eram motivadas pelas mudanças interiores que iam construindo uma cultura de si em nosso país.

²⁹⁹ BARICKMAN, Op.cit. “Passarão por mestiços”, relata como o espaço das praias cariocas era ocupado em horários diferentes por trabalhadores e pela elite carioca.

³⁰⁰ No número 13 da Revista de Hidrologia e Climatologia Medicas de 1932, Renato Souza Lopes, anuncia as *“Noções modernas sobre a ação das águas minerais”*. Para o renomado crenólogo já ia longe “o tempo em que só se recorria à análise química para a interpretação dos efeitos curativos da cura hidro-mineral, conclamados pela observação empírica”. Desde 1910, a análise espectral havia aumentado o número de elementos conhecidos nas águas minerais. Os progressos da química e da física permitiram a descoberta dos gases raros, o estudo da radioatividade e do ph. No entanto, foi a hidrologia experimental, fundada por Fleig e Billard, e as experiências de Ferreyrolles, Violle e Dufourt que julgaram insuficientes os dados físico-químicos para avaliar as propriedades biológicas das águas medicinais. As modernas contribuições da fisiologia experimental diziam respeito à descoberta do poder estimulante celular, do poder filático e antitóxico para o sucesso da ação terapêutica das águas. A palavra de ordem em 1931 dizia respeito às propriedades biológicas das águas minerais que segundo Fleig constituíam “verdadeiros meios vitais”. A “quantidade e a qualidade de íons livres” passou a ser “o verdadeiro fator de ação balneoterápica”, explicando que a sua ação dependia do “coeficiente de ionização da água mineral termal”. Outra importante descoberta tinha sido demonstrada pelo Prof. Peck de Montpellier que passou a considerar “a ação das curas

A cidade balneária adquiria feição elegante. A percepção social e visual dos corpos relacionava-se mais com a contagem de um tempo que passava a ser dividido entre o tempo dos cassinos, dos hotéis, dos esportes e dos passeios ao ar livre e menos com o tempo destinado à cura hidromineral. No *mond- chic* das grandes cidades, as moças já fumavam “cigarrilhas inglesas” e bebiam “cocktails com a mais requintada elegância parisiense”³⁰¹. Suas formas “flexuosas e bem proporcionadas” frequentavam todas as “plateas” e os “clubs elegantes”³⁰². Reflexo de um novo tempo em que palavras e expressões colaboravam para marcar posturas diferentes que identificavam o corpo burguês do restante da massa de indivíduos nos espaços públicos da cidade.

No caso da cidade balneária, a ocupação temporária do seu espaço passava e era marcada pela visibilidade do corpo que se estendia principalmente, no olhar de banhistas e veranistas que já se identificavam na prática da vilegiatura como símbolo de status social.

Deslocar-se para lá não era privilégio de qualquer um. A vilegiatura de repouso instituía o mínimo de vinte e um dias nas temporadas de verão. A apresentação dos corpos nos espaços da cidade ficava condicionada, em primeiro lugar, ao desafio de participar dessa nova configuração onde se aprendiam novas regras do convívio social. Era nos gestos e nas condutas comportamentais que se lia a ordem social. No caso feminino, a apresentação física aparecia como elemento de primeira ordem. O corpo coberto “*de georgette preto, de georgette rubi, peito de renda e nervuras, de georgette branco bordado a pérolas, de crepe de setim*”³⁰³ revelava além de uma mudança de silhueta que inaugurava a beleza do século XX, o número de vestidos necessários para uma estadia na cidade balneária. Para cada tipo de espaço freqüentado, um corpo adornado, produzido e em evidência. Vestidos para jantar, vestidos para baile, vestidos para cocktail, casacos de pele,

balneoterápicas e climáticas sob um ponto de vista mais ou menos idêntico”. Ele desenvolveu as noções de “índice de nutrição”, tendente a mostrar que estas ações curativas eram “devidas á penetração no organismo dos íons e cátions através da pele do indivíduo, em função das qualidades receptivas próprias deste mesmo indivíduo”. Através das “medidas do índice de nutrição efetuadas sobre as águas, sobre o ar e sobre os indivíduos”, é que os médicos passaram a dirigir “com precisão absoluta as curas hidro-minerais ou climáticas necessárias aos doentes”. Cf: FILHO, Cornelio Rosemburg. *Terapêutica Hidro-mineral e climática*. Laboratório Clínico, setembro-outubro, 1931. In: Revista Brasileira de Fisioterapia, 1931; e LOPES, Renato Souza. Noções modernas sobre a ação das águas minerais. In: *Revista de Hidrologia e Climatologia Medicas*. N.13, abril de 1932.

³⁰¹ **Revista Fon-Fon**. 01 de agosto de 1931.

³⁰² Idem

³⁰³ **Revista Paratodos**. 18 de abril de 1931.

toilettes de esportes, sapatos modernos, cabelos ondulados, unhas lindas e bem feitas e chapéus para cada tipo de ocasião. A mulher saía de cena dos espaços privados da casa burguesa e estreava no espaço público balneário da beleza e da diversão.



Figura 36: Um jantar no Palace Hotel. É fácil observar como as rendas e os casacos de pele compunham a toilette feminina. Data: 1937. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.



Figura 37: Álbum de propagandas do Palace Hotel em Poços de Caldas. 1931. Lê-se: Palace Hotel. Varanda externa para o parque da Fonte Luminosa.

Na documentação pesquisada para essa tese ficou visível que o corpo feminino burguês adquiria feições de uma cultura física em evidência. Os cabelos curtos das moças em vilegiatura de repouso refletiam o tipo *garçonne* do romance de Victor Margueritte cuja heroína Monique Lerbier, denunciava “a hipocrisia burguesa” e “as aventuras sexuais, as transgressões, antes de encontrar um equilíbrio inesperado (...) Ela estabilizou um estilo, uma vestimenta, já em vias de expansão: linha alongada, maquiagem forte, cabelos curtos”.³⁰⁴

O cuidado com a aparência se via também na quantidade dos anúncios publicitários em que o rosto se revelava como marca desse novo tempo onde a alegria e o prazer eram demonstrados, sobretudo pelas expressões de bem-estar facial. *Troque seu velho rosto por um novo*”³⁰⁵ anunciava a cera “Mercolized” nas páginas da Fon-Fon. “*Cabellos blancos?!*

³⁰⁴ VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Op.cit. p. 145

³⁰⁵ **Revista Fon Fon**, 1931.

Signal de velhice”³⁰⁶. Uma nova sensibilidade colocava à vista mais uma função da pele humana: a conservação e a conquista da beleza, da mocidade e o desejo de ainda despertar novas paixões, apesar da idade. Os sabonetes sulfurosos que apareciam no mercado poços-caldense já não eram “*apenas terapêuticos, mas também milagres para converter as pessoas, especialmente as mulheres, em elegantes e distintas*”.³⁰⁷

*Sendo amada aos 70 annos com a vehemência das mesmas paixões, que inspirava aos vinte, que melhores provas queria Ella, de que a eterna mocidade não é outra coisa que a eterna belleza? Que fez Diana para chegar a esses resultados miraculosos, que offuscam todas as maravilhas attribuidas por Flourens aos macrobos de sua galeria physiologica? Simplesmente isto: conservar a pelle por todos os meios que podem manter-lhe a flor e o mimo; a saber: a cama dura, o travesseiro fresco forrado de marroquim, os banhos frios diários em água desnevada, os passeios matinaes ao orvalho (...)*³⁰⁸



Figura 38: Propaganda do Creme Rugol. Fon-Fon 1931.

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ MARRAS, Stelio. **A propósito de águas virtuosas**. Formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. P. LV.

³⁰⁸ “O segredo de ser bella”. Propaganda da Cera Sulfurosa encontrada na **Revista de Poços de Caldas**.

Os “segredos” para possuir uma “*cútis lisa, uniforme e attractiva*” intensificavam-se nas páginas das revistas nacionais. Massagens diurnas e noturnas, aplicações de cremes, o uso de águas frias e quentes nos tratamentos corporais e a aplicação do pó de arroz. Tudo contribuía para a criação de regras e maneiras que continham indícios das mudanças emocionais que se operavam no interior de uma configuração social que revelava novos comportamentos a partir das expectativas do próprio corpo. Atitudes que pouco a pouco iam adaptando-se aos novos hábitos estabelecidos diante de novas representações, que divulgavam, sobretudo, o cuidado e a atenção consigo mesmo. E que se mostravam quicá, reveladoras da possibilidade de uma nova vida, onde a felicidade aparecia implícita na constatação dessas novas práticas que rompiam com um tempo anterior. Tempo, cujos adjetivos pareciam qualificá-lo como algo que aprisionava e entristecia tamanha a constatação de como a felicidade podia ser agora alcançada na relação do próprio corpo com a vivência temporária na cidade balneária.

Foi numa estação de águas que o romance começou. Foram ambos curar o fígado, e parecem ter conseguido o fim almejado. No parque silencioso, junto às fontes das águas crystallinas, encontraram o remédio para os seus males. Deixaram por lá as tristezas, regressando ao Rio com a esperança de uma outra vida, plena de alegrias...

Ele já não tem a mania do suicídio, nem Ella vontade de morrer (...) Depois retornaram à casa, para recomeçar no dia seguinte, o romance iniciado na estação de águas...

*Esqueceram o fígado, porque descobriram que tinham coração...*³⁰⁹

Aristides de Mello e Souza, médico nomeado em 1928 pelo governador de Minas Gerais, Antonio Carlos, para dirigir os estabelecimentos termiais de Poços de Caldas teve uma participação importante na primeira fase desta história. Em depoimento à Revista de Hidrologia e Climatologia Médicas de 1934, ao relembrar as inúmeras dificuldades que

³⁰⁹ **Revista Fon-Fon.** 30 de maio de 1931.

havia vencido “*para pôr em ordem e fazer funcionar o conjunto técnico-administrativo complexo, novo em nosso meio e de delicada estrutura que compõe as Termas de Poços de Caldas*”³¹⁰, orgulhava-se ao final, da “*obra vitoriosa, que deve ser encarada como das mais lídimas expressões de esforço civilizador e de cultura em nossa Patria*”.³¹¹

O crenólogo, mesmo insistindo na categoria das *Thermas de Poços de Caldas* como estabelecimento médico, não conseguiria negar que a recepção do novo empreendimento colaborava, sobretudo, para os prazeres decorrentes desta nova cultura de si que se beneficiava das qualidades da água termo-sulfurosa recentemente civilizada no novo espaço balneário.

Basta para isto, observarmos as indicações dos tratamentos corporais que passaram a ser uma novidade em nosso país. *No Guia Prático das Águas de Poços de Caldas – Lista completa das instalações das Termas Antonio Carlos* – que circulou entre meados dos anos trinta e ao longo dos anos quarenta, podemos observar a entrada dos recentes atributos associados às inovações crenoterápicas.

Era no segundo andar das *Thermas* que o indivíduo que se fazia moderno entrava em contato com quatro novos tratamentos corporais realizados no interior do balneário: as duchas³¹², a mecanoterapia, a pulverização e a inalação sulfurosa. Não havia nada igual ou algo similar em nosso país até então que prometia a partir da água termal, a possibilidade de adequar o corpo às expectativas desta cultura do embelezamento que cada vez mais ganhava adeptos na elite brasileira. Dos aparelhos de hidroterapia, havia um quadro por onde se distribuíam várias aplicações de duchas. “*A mais notável é a ducha escoseseza, ou de chicote, havendo ainda a filiforme, a circular e chuveiro perineal, e a circular de*

³¹⁰ SOUZA, Aristides de Melo e. “Três anos de atividade nas Termas de Poços de Caldas”. In: **Revista de Hidrologia e Climatologia Medicas**. Abril, n. 34, 1934.

³¹¹ Idem.

³¹² As duchas eram sem sombra de dúvidas uma das maiores novidades para o espaço balneário. Entre elas estavam a ducha escocesa que era o banho de duchas alternadas, frias e quentes que possuíam valor estimulante. Sob essa denominação ela havia sido introduzida pela primeira vez em 1790 em Aix-les-Bains. Já a ducha Vichy era um método hidroterápico muito antigo que havia sido importada do Oriente durante a campanha de Napoleão Bonaparte no Egito (1798-1800). Depois de quinze anos de uso em Aix-les-Bains generalizou-se para outras cidades termais da Europa, sendo aperfeiçoada em Vichy, o que explica a sua denominação. Era indicada como uma massagem esportiva e estética que já naquela época auxiliava no tratamento da celulite e da obesidade. Já a ducha circular oferecia jatos filiformes e chuveiro de alta pressão e possuía ação sedativa do sistema nervoso.

assento e os pediluvios.”³¹³ Se o discurso médico localizado nas páginas das revistas científicas insistia no ineditismo dos novos equipamentos que processavam em forma de medicamento a água termal, o discurso da cidade balneária, por outro lado, não perdia a oportunidade de se adequar ao desenvolvimento desta cultura de si.

“*A terra da saúde e da beleza*”³¹⁴ era de alguma forma um requisito a mais para um antigo mito criado em torno das fontes de enxofre que durante muitos séculos havia prometido o rejuvenescimento corporal. Em tempos modernos, onde a biologia e a fisiologia experimental com todas as suas deduções sobre a ação dessas águas no corpo humano haviam delimitado fronteiras entre, as sensações da pele com a água medicinal e a visibilidade que a ação benéfica dessas águas produzia em seu exterior, o enxofre, elemento primordial na constituição química das águas sulfurosas de Poços de Caldas ganhava cada vez mais notoriedade na imprensa nacional. Ao sujeito moderno, bastava apenas introduzir no organismo “*uma parcela riquíssima de enxofre*”³¹⁵, de acordo com Mário Mourão, médico integrante do conselho consultivo de propaganda da cidade.

*A velhice com sua pele enrugada, o pescoço murcho sem viço, é falta de enxofre. Assim beber copos de água sulfurosa é ingerir mocidade; e Poços de Caldas é a água da Juvência, fornecendo enxofre vivo, dinâmico, ao organismo em queda do senescente, melhorando o fígado, favorecendo as funções dos intestinos e elevando ao máximo o metabolismo decadente do enfraquecido.*³¹⁶

³¹³ MOURÃO, Mário. **Esboço histórico.** Águas Mineraes sulfurosas. Rio de Janeiro: papelaria Velho, 1933, p.160.

³¹⁴ Slogan encontrado em cartões postais, vídeo da época e em folhetos publicitários da cidade no início dos anos 30.

³¹⁵ MOURÃO, Mário. *O banho sulfuroso de Poços de Caldas no tratamento do reumatismo, pele e sífilis.* s/d.

³¹⁶ Idem.



Figura 39: Propaganda da Cera Sulfurosa para o rosto onde se lê: Feito com as águas sulfurosas de Poços de Caldas. O melhor creme para a pelle.

Fórmula do especialista Dr. Mário Mourão.
Pedidos de informações. Pharm. Santa Terezinha.
Poços de Caldas. In: Revista de Poços de Caldas, 1931.

O enxofre, considerado o elemento de maior importância nas “recentes descobertas”³¹⁷ da terapêutica médica beneficiava todo o corpo humano dando-lhe o vigor necessário naqueles tempos em que movimento, beleza, juventude e disposição mexiam com o imaginário de homens e mulheres burgueses em nosso país.³¹⁸ A medicina crenoterápica antecipava: “o vigor é consequência do excesso de enxofre”³¹⁹ e o banho sulfuroso com sua ação “sedativa, desinflamante, antissética, cicatrizante, desintoxicante, antialérgica e expectorante”³²⁰ saía na frente em relação às propagandas das cidades das águas que começavam a ser veiculadas em nosso país.

³¹⁷ Guia Prático das águas de Poços de Caldas. Folheto explicativo, 1935.

³¹⁸ Este tempo decorrente também da consolidação das novas formas de sociabilidade coletiva era reflexo dos novos ritmos de vida dos anos 20 que havia priorizado os eventos esportivos como forma de espetáculos, que havia instituído o elogio à juventude e inventado uma cultura da beleza que instituíra regras de apresentação física como sinal de distinção social. Cf: SCHPUN, Mônica Raísa. Les années folles à São Paulo. Hommes ET femmes au temps de l’explosion urbaine (1920-1929). Paris: L’Harmattan, 1997 e : Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Boitempo, 1999.

³¹⁹ MOURÃO, op.cit.

³²⁰ Idem.

Além disto, também entrava em cena no cenário balneário, a ducha chicote, indicada para a “obesidade geral ou localizada”.³²¹ E a ducha-massagem, que auxiliava também no tratamento das “celulites”³²² através de sua “ação redutora de gordura”³²³.



Figura 40: - E o que farás quando
fôres como tua mãezinha?
- Gymnástica!
In: Fon-Fon, setembro de 1933.

O rejuvenescimento tornava-se então, um tema caro à medicina crenológica da época, e se o espaço era balneário, não havia ainda, naquele momento, como descontextualizar as expectativas daqueles que por algum motivo, “os motivos modernos” chegavam a Poços de Caldas. Os cuidados com o corpo instituídos a partir da naturalização das práticas higienistas do final do século XIX ganhavam com o novo discurso das águas um modelo que passava a valorizar uma nova imagem corporal que refletia em seu exterior um bem-estar provocado por uma temporada na cidade balneária.

A preocupação com as partes do corpo mais cheias de glândulas sudoríparas como as axilas, além dos pés e pescoço já era há muito tempo considerada requisito básico da higiene individual.³²⁴ “Nada mais bello que a humanidade bem lavada, rescendendo aos

³²¹ **Guia Prático das Águas de Poços de Caldas** – Lista completa das instalações das Termas Antonio Carlos. s/d.

³²² Idem.

³²³ Idem.

³²⁴ Para a história dos banhos e do uso das águas no ambiente urbano e doméstico existem excelentes trabalhos que já se debruçaram sobre o tema. Cf: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *Cidades das águas*.

aromas de um bom sabonete”³²⁵. Porém, o asseio corporal a partir do banho comum significava apenas o prolongamento da “*metade da vida*”³²⁶ a outra metade já dizia respeito a processos muito mais pontuais para se alcançar uma vida longa e feliz. Dr. Gorzet, médico francês, por exemplo, dizia-se o responsável por ter descoberto um processo para viver cem anos e ser belo até essa idade:

*É um processo de massagem muito leve, a que os franceses chamam de fleurissage. Acha elle que se deve actuar sobre a peripheria do corpo, sobre a superficie cutânea, porque é directamente embaixo da pelle que se realizam todos os phenomenos vitaes de crescimento, de desenvolvimento, da renovação do homem, sendo ahi a sede de todos os phenomenos que entram a corrente vital da nutrição. Quando o indivíduo adoece, a pelle enruga, sécca e se dobra, a boca se alarga, os olhos seccam, os maxilares apertam. Ora, a moléstia se nos mostra pela pelle. D’ahi a importância immensa do banho, que age sobre todo o tegumento cutâneo, base da vida e da saúde.*³²⁷.

Os novos tratamentos corporais que se ligavam ao discurso da beleza, de certa forma, iam pouco a pouco se tornando uma opção civilizada de entretenimento que complementavam o conjunto imaginário das viagens de repouso em nosso país. Preocupar-se com a aparência já era uma obrigação social. Dedicar-se a este investimento na cidade balneária era uma opção social. As sessões de massagens (de aplicação geral ou local), à seco ou combinadas à hidroterapia, e os passeios ao ar livre, as excursões que se faziam aos “*sítios pitorescos*” da cidade, a prática dos esportes modernos, os espaços públicos (que não deixavam de ser privativos de um grupo em especial) dos hotéis e dos cassinos eram

Editora Senac, 2012; GOUBERT, Jean-Pierre. *La conquête d’leau*. Éditions Robert Laffont, 1986; VIGARELLO, Georges. *Le propre et le sale*. Éditions Du Seuil, 1985.

³²⁵ MOURÃO, OP.cit. *Os banhos de Poços de Caldas*. P.21

³²⁶ Idem.

³²⁷ MOURÃO, Mário. *Synthese crenologica*. 2 ed. 1938.

afinal, um pretexto que inaugurava um tempo dedicado a si num lugar onde tudo parecia confluir para uma aproximação entre aqueles que ali estavam de uma maneira natural.

*O Splendid Hotel, onde me encontro hospedado, está abarrotado de gente “chic”. No cabaré se dança e se joga até três horas da madrugada. Adivinha agora quem tenho como vizinha de mesa e de quarto: Nonette! A lindíssima Nonette com quem rompi há três annos quando me casei: Si visses, como bem depressa reatamos nossa velha amizade!*³²⁸

Sem sombra de dúvidas, a cidade para uns “era o espaço dos corpos vivos”³²⁹, para outros, “o espaço que unia os corpos vivos”³³⁰. O apego emocional suscitado pelas experiências vividas na cidade balneária refletia uma forma de convívio urbano cujas questões emocionais não eram comuns para todos. Basta olharmos com cuidado as imagens que abriram este item. Nelas podemos ver um corpo feio, doente e deteriorado que tem na pele a sua relação visual com o mundo externo. Corpo que angustia e entristece e que se revela doloroso através do olhar da curista. Depois de curada, sua pele limpa, clara e bonita já revelava uma fisionomia mais alegre e feliz com a conquista de um novo corpo apto a circular como banhista ou veranista pelos espaços públicos da cidade. Porque mesmo nos espaços privativos do balneário esse corpo era ultrajado, temido e escondido. “A série reservada compõe-se de 4 banheiras destinadas aos doentes de apparencia desagradável”³³¹

A cidade e a vida balneária colocavam em jogo, portanto, as atitudes, o adorno e os comportamentos denunciados pelo próprio corpo que, na grande maioria simbolizavam uma disputa pelos signos de prestígio e reconhecimento do indivíduo burguês no nosso

³²⁸ **Revista Fon-Fon**. 18 de julho de 1931.

³²⁹ SENNETT, Richard. **Carne e pedra**. O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997. P. 146

³³⁰ Idem.

³³¹ MOURÃO, Mário. Poços de Caldas. **Esboço Histórico e águas mineraes sulfurosas**. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1933.p.165

país. O uso do espaço balneário e a elaboração de novas normas de convívio social estavam sempre inscritas na distinção pela dependência de um corpo sob o outro e no aprendizado que se fazia a partir de um autocontrole para se viver naquele lugar. Era nos espaços dos hotéis, dos cassinos e dos balneários que se decidia a posição e a reputação daqueles que compunham a “*boa sociedade*” da vida balneária. Por isso, a maneira como o corpo se condicionava e era condicionado a demonstrar o autocontrole necessário de suas emoções para participar dessa figuração social não era uma prática para qualquer um. O corpo, antes de representar aquilo que estava ou não na moda representava por si só e precisava aprender noções de civilidade que diferenciavam os cuidados corporais de grupos sociais considerados superiores no cenário cultural brasileiro a partir dos anos de 1930.

Alegria, prazer, beleza e posição social. Ao que tudo indica esses desejos também colaboraram para colocar em evidência novos códigos sexuais nos espaços da cidade. Se antes, as imagens da cidade balneária mostravam somente os espaços destinados aos banhos termais, um novo quadro urbano é então redesenhado e posto à prova nesse lugar. Afinal, convidava-se para a beleza das formas, da vida e do corpo em movimento. Por isso, os novos espaços de circulação que proporcionavam sentimentos de bem-estar passaram a ser divulgados nas propagandas de Poços de Caldas. Já a consolidação desses novos hábitos produziu “*uma forma de racionalidade totalmente específica*”³³² que adequava cada conduta à relação em que ela se inscrevia e ajustava “*cada comportamento ao objetivo que ele devia atingir*”.³³³ Visualmente, divulgavam-se mais, os novos tratamentos corporais que de alguma maneira poderiam colaborar para os sentimentos de alegria, prazer ou bem-estar que desenhavam um novo cenário entre uma vida moderna e civilizada que se deixava fotografar na cidade que havia nascido inicialmente pela cura das águas medicinais.

³³² ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Op.cit. p. 22

³³³ Idem.



Figura 41: Aplicação de um banho de ar quente geral nas Thermas Antonio Carlos.

Década de 1930.

“Ação: sedativa, desinflamante, desintoxicante, estimulante da sudorese e da circulação, redutora de gorduras. Isto é, acalma as dores, desinflama, emagrece e desintoxica provocando intensa sudorese.”

*“Tipos: geral (até o pescoço com compressa fria frontal) parcial e assentado”. In: **Guia Prático das Águas de Poços de Caldas** – Lista completa das instalações das Termas Antonio Carlos.*



*Figura 42: Salão de
Manicure Palace Hotel.
1931
Álbum de propaganda da
Cia Brasil de Grandes
Hotéis.*



*Figura 43: Barbearia e
Cabellereiro
Palace Hotel. 1931
Álbum de propaganda da Cia
Brasil de Grandes Hotéis.*

Ora, é claro que neste jogo de tensões, cuja história desenvolvia-se no interior desta específica configuração social, os novos tratamentos corporais, apesar de todo o seu ineditismo não conseguiriam desbancar a atratividade proporcionada pela fama dos banhos hidrominerais que no início da temporada de março de 1934 entravam “*com o maior*

contingente, em número superior a 900 nestes últimos dias”.³³⁴ Entre rupturas e permanências, o banho hidromineral ainda despertava a curiosidade na cidade balneária.

2.2 O banho hidromineral: as sensações e as emoções em movimento.

*A palavra banhista é uma razeira que tem o efeito de comprimir e de elevar individualidades, collocando-se quase todos em um nível commun.*³³⁵

Afirmar o quanto a *Crenologia* esteve lado a lado com todas as questões que pensavam o indivíduo no seu todo após os anos trinta pode parecer desnecessário. No entanto, essa afirmação tem valor fundamental nesta tese, pois afinal, o discurso médico que havia lutado pela constituição de um espaço balneário no país, ainda continuava nos anos após 1930 defensor das qualidades das águas medicinais.³³⁶ Além do mais, a cidade só havia se tornado balneária porque ali existia uma água diferenciada, que foi dissecada e estudada ao longo do tempo em sua história. Com tudo isso precisou-se requalificar o uso dessas águas diante dessa privatização conflituosa que ocorria neste processo onde o indivíduo, à prova de uma “*angústia socialmente instilada*”³³⁷ sentia-se “internamente” uma coisa totalmente separada dos novos comportamentos em relação aos outros que conseguiam se adequar ou vivenciar mais rapidamente essa esfera da vida com troca social.

Fisiologicamente, o banho medicinal ajustado por todas as novidades da modernidade francesa, proporcionou ao sujeito em vilegiatura de repouso tecer comentários sobre os sentimentos de alegria e prazer suscitados pela cidade balneária. O corpo suado, extasiado e em lentidão não escondia quem era o banhista. “*Uma melhor disposição geral, um extraordinário bem-estar anima e retempera o organismo. Quem observa uma pessoa que acaba de tomar um banho sulfuroso a 36° reconhece logo o vigor que lhe estimula a*

³³⁴ SOUZA, Aristides de Melo e. “Tres annos de actividade nas Thermas de Poços de Caldas”. In: **O Estado de São Paulo**. 30/03/1934.

³³⁵ **Revista de Poços de Caldas**. Visita Episcopal. 17/04/1932.

³³⁶ Nos Annales de L’Insitut d’Hydrologie de l’École de Médecine de Clermont-Ferrand (Fascicule II, mai 1932), o professor Castaigne publicou o seguinte artigo “La place des sources hydrominérales dans l’thérapeutique” que em 1933 foi divulgado no n.102 do dia 14/05/1933 na Revista de Poços de Caldas. O artigo trazia novos pontos de vista sobre o uso das fontes hidrominerais que abarcavam questões sociais e medicinais.

³³⁷ ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 103.

fisionomia”³³⁸. Georges Vigarello já havia pontuado as maneiras pelas quais a água teria se transformado em “*objeto de comentários novos com o século*”.³³⁹

Sabemos que o banho hidromineral sempre foi o mais importante recurso terapêutico existente neste lugar. Contudo, é preciso definir o local privilegiado de sua prática. Estudado sob uma perspectiva específica da medicina termal, os banhos³⁴⁰ encontraram nos balneários o local adequado para a ação da água medicinal. Dessa forma, eles apareciam como os grandes modificadores da paisagem urbana das antigas cidades termais em nosso país e colaboravam para a propagação de hábitos diferenciados na elite brasileira. A propaganda médica ao longo dos anos 30 e 50, insistia na qualidade terapêutica das águas, e cada médico responsável por “seu” estabelecimento termal cometia “*um certo exagero na propaganda termalista por causa de interesses particulares*”³⁴¹. Esses interesses particulares que relacionavam água medicinal e novas técnicas³⁴² e os modos de sua aplicação acabaram contribuindo em grande parte, para um enfraquecimento do discurso médico pelas águas. A frequência nos balneários de Poços de Caldas diminuiu em virtude da revolução paulista. Mas os médicos não desistiam. A divulgação e consequente sedução do banho hidromineral era feita através dos periódicos *O Estado de São Paulo* e *a Folha da Manhã*. Algumas colunas sociais das revistas Fon-Fon e Careta apresentavam “*um dia nas águas*”, porém, as imagens que mais se destacavam eram as fotografias de hotéis e dos esportes que se praticavam na cidade balneária.

Se os sentimentos variavam, as relações também variavam. Os conflitos emocionais divulgados nas páginas comerciais dos jornais pesquisados para essa tese apareciam como uma confirmação das mudanças comportamentais desse período onde o banho hidromineral, aos poucos se tornava outra opção civilizada de entretenimento,

³³⁸ SOUZA, Aristides de Melo e. “O Banho Hidromineral”. In: **Revista Brasileira de Fisioterapia**. Ano VII. Maio de 1947. n° 59. P.13.

³³⁹ VIGARELLO, Georges. Higiene do corpo e trabalho das aparências. Op.cit. p. 382.

³⁴⁰ A título de informação, o testemunho mais antigo de uma sala de banhos do mundo grego conhecida até os nossos dias foi mostrada ao mundo em 1939 quando escavações trouxeram vestígios do palácio de Nestor de acordo com FRONTY, Isabelle Bardiès. “Le bain public dans l’Antiquité”. In: **Le bain & Le miroir**. Soins du corps et cosmétiques de l’Antiquité à la Renaissance. Gallimard, 2009.

³⁴¹ FABRINO, Antonio de Oliveira. **Aspectos da Crenoterapia na Europa e no Brasil**. Publicação n. 1. Comissão Permanente de Crenologia. Departamento da Produção Mineral. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1950, p. 239.

³⁴² Como o aperfeiçoamento das injeções endovenosas.

naturalizando-se como parte dos hábitos de uma elite elegante no país. Na cidade balneária, os médicos também tiveram uma parcela importante na divulgação do novo espaço urbano, embora, anos depois tivessem se arrependido de ter cedido às novidades civilizadas que havia enobrecimento o banho hidromineral.



Figura 44: Laboratório de análise das águas sulfurosas no interior das Thermas Antonio Carlos. Anos 1930.

No jogo das tensões, onde indivíduo/sociedade, corpo/alma, sensações/emoções não eram questões duais, mas sim elementos de uma configuração específica cujas peças eram interdependentes, o discurso médico era sem sombra de dúvidas, elemento de grande interesse nos fatores que colaboravam para a imagem da cidade balneária como um dos símbolos do novo comportamento que distinguia o indivíduo moderno e burguês em nosso país. O balneário, propriamente dito, era um dos atrativos no itinerário emocional das viagens de repouso, conforme podemos ver na notícia publicada no “Brasil News”, jornal editado pelo Consulado Brasileiro em Liverpool na Inglaterra:

Thermal Establishment. The Secretary of Agriculture of the State of Minas Geraes, as representing the Head of the Provisional Government and the President of the State, formally inaurated the new thermal establishment at Poços de Caldas on 29th March last.

*This enterprise includes a large hotel, gardens and the usual amenities of a highclass inland watering place, up to the standard of the leading continental resorts, and is replete with the most modern remedial appliances, including sulphurous baths and treatments, hydrotherapy, thermotherapy, medical gymnastics, massages, douche massage on the Vichy system, carbogaseous and air baths, and gynaecological sulphurous douches.*³⁴³

As thermas por um lado já era um complemento à parte da vida socializada que havia ganhado as páginas dos jornais. Demorar-se dentro dela ou ocupar-se com ela nas temporadas de verão era parte de um discurso que a transformava em lugar apropriado para o discurso da beleza³⁴⁴ que já direcionava novas condutas de civilidade e modernidade neste espaço de sociabilidade. Por outro lado, ainda prevalecia o discurso medicinal que via o corpo como um organismo doente e passível de ser tratado e curado, mas que já levava em consideração os aspectos emocionais no desenvolvimento de problemas que afetavam o corpo todo. *“O conhecimento das relações entre as emoções e o desenvolvimento normal ou anormal das funções orgânicas define-se dia a dia, devendo o médico moderno considerar os conflitos emocionais tão concretos e reais quanto os microorganismos”*.³⁴⁵ Era entre dois pólos que a medicina termal pendulava, e eram esses dois discursos que se

³⁴³ Notícia comentada na **Revista de Poços de Caldas**, n. 93, anno 3. “Boa propaganda”. 20/09/1931.

³⁴⁴ Sob esse ponto de vista também durante todo o ano de 1934 alguns tratamentos corporais tiveram maior sucesso, justamente porque essas aplicações já haviam caído no gosto da elite brasileira a partir do discurso medicinal que pregava o embelezamento e o bem-estar. São eles: Banhos sulfurosos: 75.106/ Banho Carbogazoso: 716/ Mecanoterapia: 5998/ Pulverizações de pele: 8853/ Duchas gerais: 4026/ Duchas massagens: 1135/ Massagens corporais: 1084. No total entre tratamentos médicos específicos e tratamentos para o bem estar de todo o corpo, as Thermas Antonio Carlos realizaram 100.537 serviços durante 1934. In: **Revista de Poços de Caldas**. “Serviços Thermaes de Poços de Caldas. Quadro comparativo do movimento dos balneários”. Setembro de 1935.

³⁴⁵ F. Mathias Alexander (1869 – 1955). Epígrafe encontrada em um dos livros sobre crenologia da Biblioteca Orozimbo Maia das Thermas Antonio Carlos.

atraíam como opostos no banho hidromineral. *“O calor penetra no corpo humano como uma substância inerte, levando sua ação desorganizadora até as partes mais íntimas do corpo vivo.”*³⁴⁶

Obviamente, o discurso medicinal centrado em um grupo muito pequeno de médicos espalhados em alguns estados do país, precisou se adequar ao emaranhado de ideias que colaborava para o refinamento dos costumes que acabou criando lugares aos quais os homens deram sentido no processo de individualização prometido pela cidade. Ocupar-se consigo mesmo significava maneiras diferentes de se comportar e de viver desenvolvidas e aprendidas ao longo do tempo na história humana, e que, na cidade balneária havia se transformado numa prática social distintiva capaz de demonstrar sentimentos de alegria e prazer conquistados naquele lugar.

De qualquer forma, a cidade, nos três primeiros anos após a inauguração do seu espaço balneário ainda recebia sem sombra de dúvidas, pessoas que estavam interessadas nos tratamentos realizados com a água considerada medicinal,³⁴⁷ com bem menos sucesso, é preciso dizer. O próprio presidente do Uruguai, Gabriel Terra havia chegado em 1934 para um tratamento no joelho e nas mãos que estavam paralisadas. Era pela manhã que ele tomava o seu banho de 37 e 38 graus para depois repousar no quarto do hotel por um período de quatro horas.

Nós lhe dissemos que elle está fazendo o regimen de velhos médicos, empregando os suadouros Regnell- Bretas e Pedro Sanches, e os primitivos banhistas todos levavam um colchão e um cobertor, para tomar o suadouro depois do banho, e lhe perguntamos o que lhe fez mais impressão em Poços de Caldas. O presidente Terra respondeu:

³⁴⁶ NETTO, Orozimbo Correa. Banhos Termiais. In: **Revista Brasileira de Crenologia**. Ano I, n.2. Novembro de 1933, p.13.

³⁴⁷ A título de informação selecionei o número total de serviços que foram realizados durante todo o ano de 1934 e que estavam diretamente relacionados com problemas físicos diagnosticados como doenças. Duchas ginecológicas: 408/ Duchas intestinais: 423/ Banhos de ar quente: 2161 e Aero-banho: 627. Cf: Revista de Poços de Caldas. “Serviços Thermaes de Poços de Caldas. Quadro comparativo do movimento dos balneários”. Setembro de 1935.

*- Nesta bella estância tudo lhe deu uma impressão fortíssima, a começar pelo Hotel, irrepreensível, tudo techicamente dirigido, o acceio holandez, depois a cidade bem arranjada (...)*³⁴⁸

O regimen dos velhos médicos já estava bem distante das novas atividades que agora podiam diferenciar curistas da cidade termal e veranistas no território balneário. Por isso, sutilmente o presidente era avisado dos procedimentos que estava realizando. O banho carbo-gazozo, as duchas e as massagens que ele mesmo havia experimentado eram algumas das novas atividades de todo o corpo que no contexto social (real ou imaginário) passavam pela avaliação do sujeito e faziam com que o espaço balneário fosse percebido como um ambiente que produzia bem-estar, alegria ou prazer.

*D. Darcy regressou da estação de repouso. Os dias de montanha, restituíram-lhe de todo, o doce sorriso de bondade. O Rio, cujo povo é o mais sentimental da terra, viu d. Darcy Vargas sabbado no cortejo presidencial. Viu-a, ficou contente, sorriu-lhe com uma infinita sympathia, bateu-lhe muitas, muitas palmas. A saúde de d. Darcy deu uma grande, sincera alegria à cidade*³⁴⁹.

As sensações e as emoções proporcionadas pela cidade balneária haviam se distanciado daquelas que se experimentavam na cidade termal. Era lá que a Hidrologia Médica havia reunido em seus manuais de tratamentos, situações e imagens características que representavam uma necessidade social e clínica pelo tratamento das águas. Suportar a alta temperatura dos banhos que cheiravam à enxofre, submeter-se às injeções endovenosas de água sulfurosa, provocar o esquecimento de um cotidiano deixado nas grandes cidades, ter paciência para esperar a hora certa do banho, repousar em horas determinadas, ingerir uma grande

³⁴⁸ **Revista de Poços de Caldas.** “Poços de Caldas e a opinião do presidente Gabriel Terra, Dr. Alberto Mané e Dr. Rubens de Mello.” 16/09/1934. Ano Vi. N.230.

³⁴⁹ **Revista da Semana.** 14/12/1933.

quantidade de copos diários da dita água, fazer irrigações nasais e gargarejos evidenciavam o sofrimento daqueles curistas cujos comportamentos eram caracterizados pelo rígido controle da medicina termal. Era ao redor das buvettes e dos balneários que eles acabavam circulando durante o dia após o tratamento hidromineral, indo repousar muitas vezes embaixo de grandes árvores. Ora, é preciso dizer que toda essa descrição estava relacionada com uma pressão imposta pelos próprios médicos que impunham um controle rigoroso na rotina dos curistas. E que conseqüentemente, manifestava-se no próprio autocontrole dos impulsos e emoções dessas pessoas que se aventuravam no antigo tratamento hidromineral.

*Durante as inalações, é recomendado para facilitar com maior profundidade a penetração da água vaporizada nas vias respiratórias, segurar a língua entre o polegar e o dedo indicador com a ajuda de um lenço, e tirá-la um pouco da boca. O doente sentirá rapidamente a facilidade com qual penetra a água vaporizada.*³⁵⁰

Na cidade balneária, a experiência do banho hidromineral para aqueles que ainda se sensibilizavam com o imaginário da cura já era segmentada de acordo com o gênero. A ducha ginecológica era uma das mais interessantes se pensarmos do ponto de vista de um discurso que pregava a fragilidade do sexo feminino no início dos anos de 1930. “É um aparelho instalado em uma banheira em que a mulher, deitada no banho agradabilíssimo de água sulfurosa na temperatura prescrita, recebe uma ducha massagem de mais de 100 litros de água mineral quente no collo do útero”³⁵¹. Havia ainda, “uma ducha ginecológica com água sulfurosa muito quente, sendo passados 30 litros em cada seção”³⁵².

³⁵⁰ LIEVEN, A. **Guide populaire du baigneur e du touriste**. Aix la Chapelle et Borcette. 3^{ème} edition Bruxelles: GPBT. P. 74.

³⁵¹ MOURÃO, Mário. **Poços de Caldas**. Esboço Histórico e águas minerais sulfurosas. Op.cit. P.162.

³⁵² Idem.

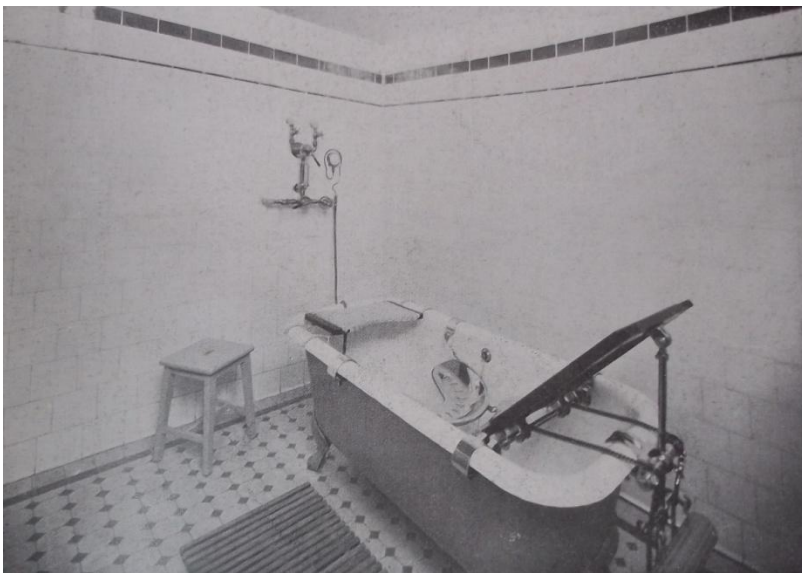


Figura 45: Ducha Gynecologica Imersa. Thermas Antonio Carlos. Álbum de Poços de Caldas para ser distribuído entre os rotarianos de todo o Brasil como lembrança da 10ª Conferência Rotária dos distritos 26-27-28-29. Abril de 1939

Para aqueles que chegavam para o tratamento de obesidade, o balneário já disponibilizava a aplicação de jatos e massagens que também tratavam a celulite. Neste ponto, havia uma clara circulação de saberes com os balneários franceses que pelo menos desde a década de 1920 já haviam se adaptado às sensibilidades modernas. *“A obesidade abdominal é mais rapidamente melhorada que a obesidade geral. Beber a água associada às duchas”*.³⁵³

Desse modo, uma das novidades nas Thermas Antonio Carlos era a *“ducha-massagem Vichy”*. A terapia consistia num método de massagem com a água sulfurosa aplicada a 35°C. O curista ou o veranista deitava-se sob uma maca onde recebia dos dois lados sucessivamente, movimentos de massagem corporal executados por dois massagistas aptos para a profissão. A técnica tornava-se inovadora justamente pelo fato da massagem estar associada a uma ducha de água que caía abundantemente sobre todo o corpo da pessoa. As costas e o ventre eram as partes preferenciais do tratamento e a água quente nesse momento atuava como agente sedativo, culminando com um relaxamento total do corpo massageado.

³⁵³ **Guide pratique aux Villes d'eaux. Stations climatiques. Plages marines française.**

*O doente se despe no vestiário, envolve-se no roupão, toma o chinnelo da casa. Deita-se no estrado forrado com uma toalha, formando uma cova, que se enche de água, a qual se desprende de um chuveiro, dos pés a cabeça. Dois massagistas em baixo d'água, fazem a massagem, na frente e depois nas costas, em todo o corpo enfim.*³⁵⁴

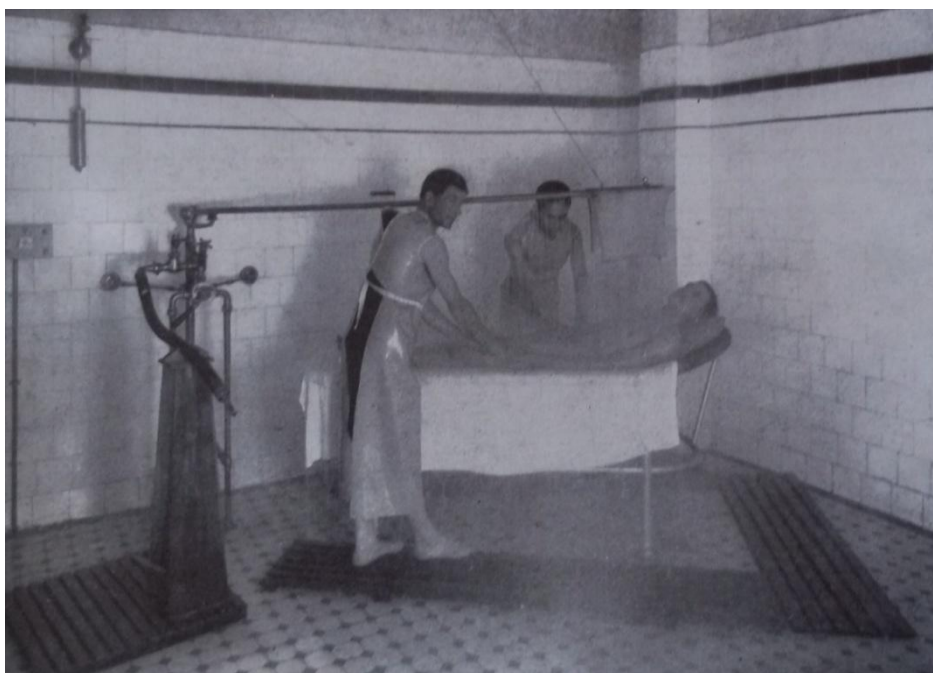
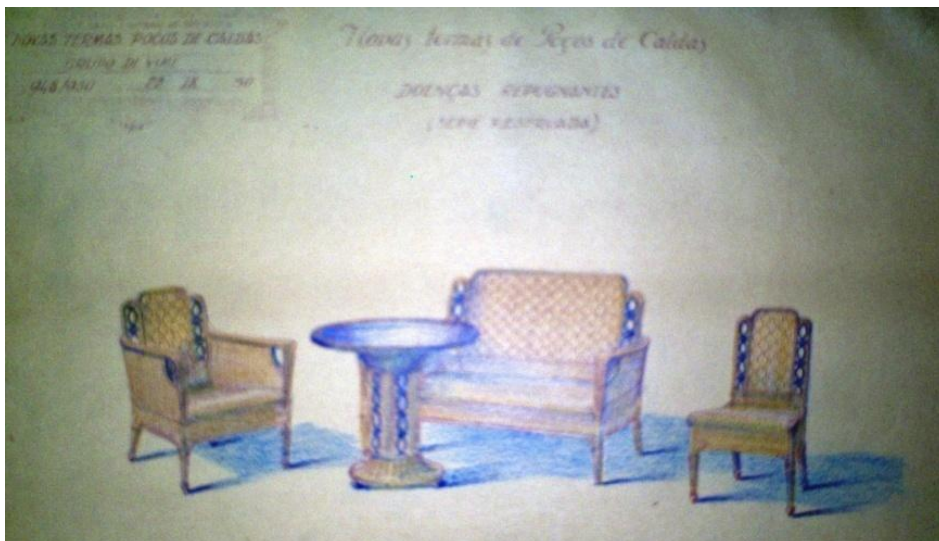


Figura 46: Aplicação de uma ducha-massagem pelo sistema Vichy. Thermas Antonio Carlos. Álbum de Poços de Caldas para ser distribuído entre os rotarianos de todo o Brasil como lembrança da 10ª Conferência Rotária dos distritos 26-27-28-29. Abril de 1939

Quanto aos espaços de circulação dentro do balneário, estes eram divididos em duas seções: A e B. À princípio, o tamanho das banheiras parecia ser o único diferencial. Contudo, analisando mais de perto a documentação foi possível perceber que na série A, as seções masculina e feminina, tinham cada qual a sua sala de espera própria. Diferentemente da série B, onde homens e mulheres dividiam um mesmo espaço enquanto aguardavam pelo banho. Este era chamado de vestíbulo e apesar de ocuparem um mesmo espaço, os homens sentavam-se de um lado e as mulheres de outro. Percebe-se então, que havia uma nítida distinção entre aqueles que podiam pagar mais pela sua privacidade, onde homens e mulheres não se misturavam nos minutos que antecederiam o banho individual. E havia também aqueles que de maneira alguma se misturavam com os outros no interior do

³⁵⁴ MOURÃO, Mário. Op.cit.

balneário. Era para eles, os curistas, que se havia criado um mobiliário específico onde o próprio corpo era visto e entendido como algo repugnante.



*Figura 47: Lê-se: Novas
Thermas de Poços de Caldas.
Doenças Repugnantes
(Seção Reservada).
Lyceu de Artes e Ofícios de
São Paulo, 1930.*

Comparando-os com os outros desenhos das seções A e B, perceberemos que o tipo de material empregado na seção reservada visava muito mais a praticidade da limpeza e desinfecção dos lugares, ao contrário das outras, em que se prezava pelo luxo e conforto, principalmente quando estes se relacionavam com a classe burguesa que os ocupavam.



*Figura 48: Lê-se: Novas
Thermas de Poços de Caldas.
Sala de espera para
senhoras. Lyceu de Artes e
Ofícios de São Paulo, 1930.*

Apesar das alas destinadas aos banhos possuírem os mesmos tipos de uso e aplicação de duchas, percebe-se na maioria das imagens pesquisadas que era sempre o corpo masculino que estava em evidência. Ele parecia por à prova a própria resistência do curista em suportar parte de um tratamento, que por mais que o discurso médico o descrevesse como agradável, essa sensação parecia estar longe de ser alcançada. *“As duchas filiformes com sua acção de agulhadas a penetrar na pelle, dosáveis na sua intensidade, quanto à profundidade de penetração repara as lesões superficiaes ou profundas, chronicas ou agudas”*.³⁵⁵

Ainda assim, apesar de uma especialização de banhos e tratamentos divididos por gênero, esses espaços medicalizados iam pouco a pouco perdendo parte de sua instrumentalização, conforme já demonstrado no início dessas reflexões. A sua representação no imaginário social era menos terapêutica do que aquela que investia em matéria de práticas corporais que visavam, sobretudo, o corpo jovem, bonito e de boa aparência.

Os veranistas que desfilavam pelos espaços da cidade balneária relembavam a todo instante a seletividade do lugar: homens de chapéu, óculos e roupa social, os mais jovens do tipo “yankee”. Mulheres com cabelos curtos, saia abaixo do joelho e cílios alongados e escurecidos com “Cilion”, a loção do momento. Competições esportivas que reivindicam toillots especializadas. Ainda no gênero feminino, cremes para eliminar o suor e depilatórios de fácil manuseio. A moda parisiense elaborava e divulgava a aparência moderna. Os corpos na sua relação de proximidade com o mundo exterior revelam a todo instante a seletividade e o aprendizado de participar de uma temporada de verão.

³⁵⁵ MOURÃO, Mário. Op.cit. pg.130.

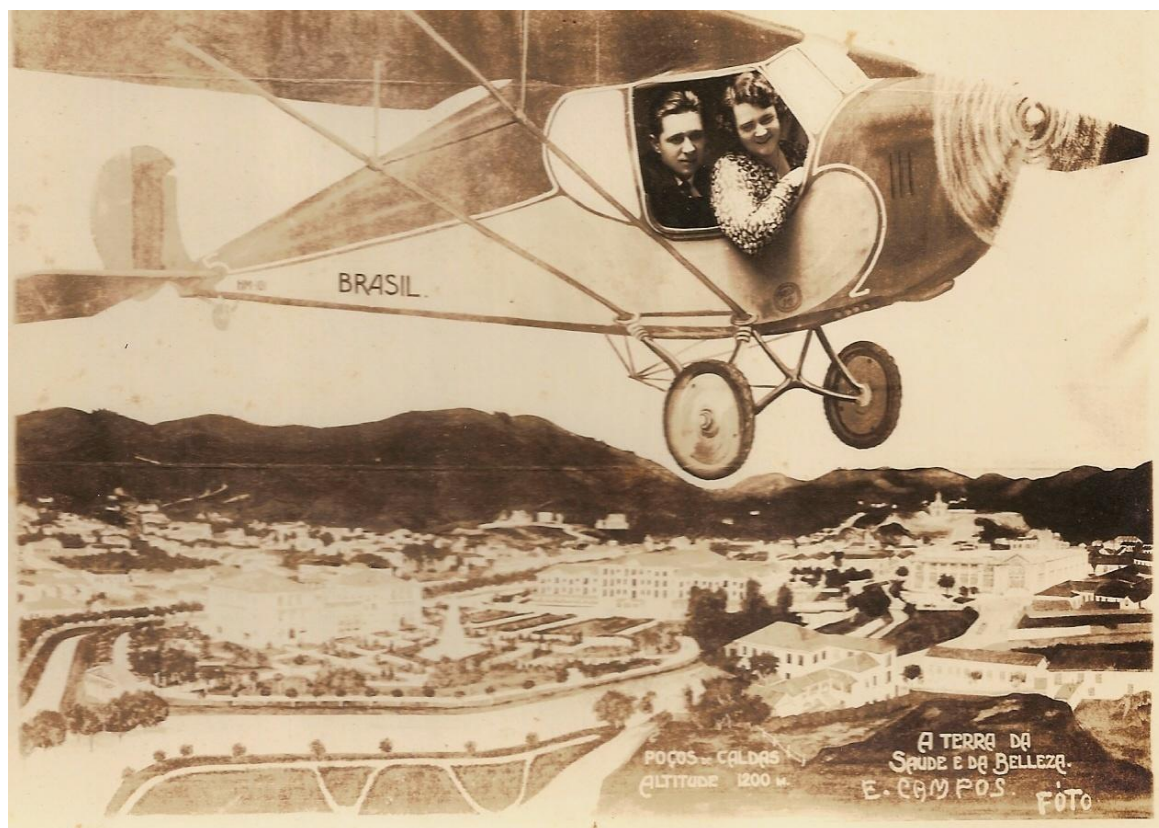


Figura 49: Veranistas com roupas apropriadas à prática elegante do tênis em uma temporada de verão em Poços de Caldas. Década de 1930. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

As fotografias antes tiradas por médicos e guardadas como prova da cura termal eram deixadas de lado em detrimento dos “ateliers fotográficos” da estação balneária.

*Um aeroplano pintado sobre uma paisagem da cidade, com uma abertura no panno por onde o “touriste” enfia a cabeça, e sorri à objectiva sereamente.(...) Todos aspiram pela temporada. A vida cosmopolita será intensa. As novidades muitas, dinheiro a rodo. E com isso progresso, alegria, bem estar geral.*³⁵⁶

³⁵⁶ **Jornal Folha da Manhã.** 16/08/1933.



*Figura 50: Lembrança de Poços de Caldas. E. Campos Foto.
Lê-se: Poços de Caldas. Altitude 1200m. A terra da saúde e da beleza.*



Figura 51: Aplicação de pulverização na pele feita com os vapores da água sulfurosa. Thermas Antonio Carlos.

2.3 As diversões balneárias:

(...)

Para as pessoas, que acompanham com todo o cuidado, a evolução da estância, é de observação que a inauguração do grande Balneário Thermas Antonio Carlos teve efeito contraproducente, e, trouxe a queda da estação de cura. Os outros Balneários com sua simplicidade impressionavam muito mais do que a grandeza das Thermas Antonio Carlos. O que o banhista quer é sarar, e o banho impregnado do cheiro sulfuroso impressiona e agrada. O mesmo se dá no Araxá. A água bebida na porta do velho Barreiro com bancos em baixo de árvores dava muito mais impressão que a vitrola da Dona Beija, ou do que aquele aparato e aquela encenação luxuosa e inútil da infinidade daquele chapadão.

Os banhistas tem saído de Poços de Caldas mal satisfeitos, principalmente os antigos frequentadores, queixando todos que a água termal não é a mesma, mas uma água natural aquecida, sem o cheiro característico. (...)

E enquanto a estação de cura caía sempre, desenvolvia dentro da própria estância uma campanha derrotista entre médicos contra o uso interno da água termal, principalmente na cura da ulcera do estômago e duodeno, assim como contra o uso endovenoso da água termal. E de 1934 a 1944 houve uma forte campanha a favor do turismo e da estação do prazer, e foi anotada uma fase culminante de Casinos, desde os mais luxuosos até os mais mambembes.³⁵⁷

³⁵⁷ Mário Mourão. 11/06/1945. Relatório confidencial endereçado ao Exmo. Sr. Dr. René Américo Gianetti e Exmo Sr. Governador Dr. Milton Campos.



Figura 52: Interior do salão nobre do Palace Casino nos anos 30.

O prazer descrito como uma característica das cidades que tiveram em sua história o uso das águas com função terapêutica é uma idéia que remonta ao século XVIII.³⁵⁸ Especialmente no imaginário francês, foram “*les amusements*”, um tipo de gênero literário que contribuiu para o desejo da vilegiatura nas primeiras cidades termais daquele país. Os prazeres vividos através da comédia, do teatro, dos ballets, das festas, dos concertos e espetáculos traziam a idéia de *mundanidade* que poderia ser encontrada nos momentos dedicados aos grandiosos divertimentos vividos nas cidades das águas. O gênero que ressaltava o cosmopolitismo das estações termais da moda favoreceu essa idéia de prazer

³⁵⁸ Cf. ROUX, Lysanne. **Le Thermalisme européen au XVIII siècle**. Étude comparative de quelques villes d’eaux. France, Angleterre, Belgique, Suisse, Italie, Allemagne. Mémoire de Master 2. Sciences humaines et sociales. 2009.

que ficou associada como uma característica intrínseca das cidades das águas européias no século iluminista.

O primeiro autor que lançou a moda literária foi o barão Karl Ludwig Freiherr Von Pöllnitz (1692-1775) com a obra *“Amusemens des eaux de Spa”* de 1734, traduzida para o inglês por Hans de Veil em 1736. Rapidamente o gênero literário tornou-se popular e passou a ser imitado por outras personalidades que recorriam às estações termais. Apareceram *“Amusemens des eaux d’Aix-la-Chapelle”* em 1736, *“Amusemens de Scwalback, des bains de Wiesbaden et de Schlangenbad”* (1738) e *“Amusemens des bains de bade”* (1739). Em 1763 *“Les nouveaux amusements de Spa”* também com grande sucesso inspirou *“Passe temps agréables des eaux minérales de Bagnères-de-Bigorre”* em 1785. Já em 1787 *“Amusemens de Passy”* foi incorporado ao grupo dessas leituras que contribuíram sobremaneira para alimentar a imagem idílica dessas cidades como lugares de prazeres e divertimentos para os que estavam em vilegiatura nas águas. Durante todo o século XVIII, o gênero circulou pela Europa e acabou contribuindo para a difusão e a popularidade das estações de cura que ficaram reconhecidas no imaginário social como lugares de uma vida de prazeres associados ao nome da cidade termal.

Nas primeiras décadas do século XX em nosso país, na literatura, o tópico do mundanismo teve sua correspondência nos salões, nas conferências e em todos os costumes sociais que retratavam o desejo de uma classe aristocrática por tudo aquilo que definia os novos costumes no Brasil.³⁵⁹ As estações das águas divulgadas, sobretudo por João do Rio, ficaram conhecidas como momentos de grande prazer e futilidade de um grupo da sociedade brasileira que para lá se dirigia à procura da cura hidromineral. Entretanto, a análise feita pelo literato não deve ser considerada como a única temporalidade histórica existente nos momentos vividos na cidade termal.³⁶⁰

De acordo com uma pesquisada levantada pelo escritor Hugo Pontes, entre 1872 e 1904 não existiam cassinos em Poços de Caldas com a estrutura organizada, conforme o modelo conhecido. O jogo de cartas era comum nos hotéis com o objetivo de fazer com que os curistas passassem o tempo nos intervalos do tratamento da cura hidromineral. Nas

³⁵⁹ Cf: SILVA, Maurício. O grande mundo: mundanismo e sociabilidade na literatura academicista brasileira durante o pré-modernismo. In: **Revista História e Cultura**, Franca/SP. V.3,n.1, p.204-216.

³⁶⁰ Cf: MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. Op.cit.

primeiras décadas do século XX era no interior dos salões dos hotéis e clubes que a prática da roleta, do bacará, do carteador, da campista, do black jack e da víspera eram oferecidos. O jogo de forma descentralizada acontecia na maioria dos estabelecimentos de hospedagem e era junto com as regras de higiene, um complemento ao tratamento terapêutico pelas águas³⁶¹.

A inauguração do Palace Casino em 1931 e a concentração do jogo neste estabelecimento em contrato firmado com a Companhia Brasil de Grandes Hotéis e o Estado em 26/05/1930³⁶² agrupou num único lugar diversas modalidades que prometiam “o refinado mundanismo”. Era ali que um “alto senso recreativo” discernia onde se encontravam “os verdadeiros motivos do prazer”.³⁶³

Era “na grandiosidade dos seus salões, sob o esplendor de suas luzes” e ao conforto de “seus recintos amáveis” que diariamente passavam “em fina parada de elegância, as figuras mais expressivas do “nosso grand-monde” que numa “significativa convergência” elegiam “aqueles fidalgos ambientes para os seus contractos socieas”.³⁶⁴ “Brinquemos durante esses dias! Espantemos de nós todas as tristezas e decepções da vida doméstica e os dissabores e desilusões da vida pública ou social! Divirtamo-nos!”³⁶⁵

Ora, divertir-se, passear, cuidar de si, viver. E viver de uma maneira que até então não havia sido experimentada desta forma na antiga cidade termal, simplesmente por que o desejo, as expectativas, os sentimentos e as relações desenvolvidas com o espaço que havia enobrecido a água termal haviam mudado.

Subordinado a epigraphe supra, o “Jornal do Commercio” do Rio, de 23 deste mez publicou a seguinte nota:

Poços de Caldas, localidade de que dantes pouco se falava... em público. Era então assumpto privado, como o próprio segredo medico. O nome só vinha à baila nos consultórios ou na mais estricta intimidade familiar. O

³⁶¹ Cf: MARRICHI, Op.cit.

³⁶² Em 1931 o prefeito municipal baixou um decreto permitindo novamente a descentralização do jogo na cidade, o que ocasionou alguns desentendimentos entre os proprietários da Companhia Brasil de Grandes Hotéis e a prefeitura municipal.

³⁶³ **Propaganda do Palace Casino.** 1940.

³⁶⁴ Idem.

³⁶⁵ FERRER, Leo. “Carnaval”, 11/02/1934. In: PONTES, Op.cit. p. 66.

doutor dizia ao doente: “o exame de seu sangue dá três cruzeiros, corra para Poços de Caldas”; a vítima por sua vez, comunicava a gravidade de seu estado e conseqüente urgência do tratamento à família, cujo evidente interesse consistia em guardar hermético sigilo sobretudo se o cruzado moderno – isto é, nobilitado pela heráldica Wassermann – tinha filhas para casar (os candidatos não consideram somente herança, a pecuniária....)

De volta de Poços de Caldas, o discreto visitante dos Poços contava haver passado aquellas semanas em uma fazenda, onde, por signal, aproveitara muito: augmentara vários kilos (e diminuíra uma, duas cruzeiros). Assim, foi muitos annos Poços de Caldas, onde o eminente Dr. Pedro Sanches, o grande especialista local, era considerado um deus por seus doentes: mas, cousa curiosa, regressando ao Rio, estes perdiam totalmente a memória de tal bemfeitor e, se interpellados, declaravam jamais haver conhecido individuo com tal nome. “Naturalmente, algum hespanhol”, acrescentavam.

De uns quinze annos para cá se vem notando, porém, uma radicação transformação – não só em Poços de Caldas, mas na mentalidade geral. Ter sangue de cruzado pelo Gotha Wassermann deixou de chamar a atenção. Os legitimamente titulados por tal nobreza de sangue, generosamente, não reivindicam para si privilégio, chegam mesmo a dizer: “todos têm”...

E assim a doença, outrora vergonhosa, só o será quando muito para quem não dispõe de dinheiro para ir se tratar em Poços de Caldas.

Ao mesmo tempo, Poços de Caldas se tornava “smart”. O Estado gastava alli algumas dezenas de milhares de contos para levantar hotéis, cassinos, courts de tennis, pistas e piscinas.

Por signal que ouvimos vivamente criticar o Governo Estadual que “enterrava” tão elevadas sommas em Poços de Caldas. Accusação injusta. Não foi tal uma “despesa sumptuaria”, mas apenas a melhora de um serviço de assistência.

E assim findou de todo o tabu. Agora já se pode falar em Poços de Caldas com o mesmo natural desembaraço com que a gente se refere ao Cassino

Copacabana: um lugar onde os elegantes vão passear, dançar e jogar. Se nos intervallos a seringa de injeção funciona para alguns e mesmo algumas, isso é do capítulo hygiene pessoal, e afinal de contas, um cuidado altruistico, pois quem também resulta em beneficio da sociedade (sobretudo da sociedade a dois).

*Dessaparecidos os preconceitos outrora reinantes sobre a doença que hoje até se tornou confessável (pena que ainda continue a pegar...); tornada a localidade um ponto elegante de encontro; viria agora a presença de eminentes paredros ainda mais concorrer para que Poços de Caldas seja uma estação que ninguém terá acanhamento de proclamar que já esteve – e um sem numero de cavalheiros bem desejaria estar nesses dias...Z.*³⁶⁶

Da negação ao desejo. Daquilo que era intimidade para aquilo que se tornou visibilidade. As novidades civilizadas de entretenimento na cidade balneária eram consequências de mudanças nas formas de comportamento do homem que se modernizava em nosso país. Os hábitos considerados elegantes eram percebidos e podiam ser adquiridos em algumas esferas do mundo social onde trocas importantes do ponto de vista comportamental eram aprendidas no interior de uma configuração social repleta de tensões decorrentes do autocontrole necessário de cada geração que circulou em momentos específicos no território das águas medicinais.

A vida balneária, desejada e experimentada pelos “elegantes” do país elencava uma série de novas práticas corporais que ganhavam coloração diferenciada no espaço urbano da cidade de Poços de Caldas. As atividades propostas eram reflexo do processo de formação do indivíduo moderno em cujo interior aconteciam transformações muito específicas. Para este caso, a mais importante era aquela que refletia mudanças significativas nas atividades que passaram a preencher “saborosamente” o tempo do ócio em atividades que se opunham à rotina da vida social desgastada pelo convívio em sociedade. Primeiramente, todas essas atividades que foram pensadas eram colocadas à mostra em ações que envolviam o corpo em toda a sua plenitude. Afinal, o próprio corpo a partir de sua auto-imagem era a primeira

³⁶⁶ **Revista de Poços de Caldas.** “Registro”. 28/02/1937. Anno VII. N. 346.

peça chave que respondia aos ditames da civilização. O espaço balneário captava e era envolvido pelas novas sensibilidades que o colocavam à prova no convívio social. As práticas corporais que foram instituídas não dividiam as sensações provocadas pelo uso das águas termais das emoções de alegria ou prazer decorrentes dos novos tratamentos corporais.

Por outro lado, neste novo modo de ocupação do tempo que também se tornava um símbolo de civilidade e modernidade para a elite brasileira, apareciam atividades que permitiam ao indivíduo “*o controle descontrolado de suas emoções*”³⁶⁷ na nova vida balneária que passava a ser aceita socialmente e onde mais ninguém demonstrava vergonha em participar. Todas as questões exteriores ou interiores que envolviam as atividades de ócio e o tempo livre no Brasil a partir dos anos de 1930, eram questões históricas, culturais e sociais que não estavam relacionadas inicialmente apenas com uma oposição ao tempo do trabalho em nosso país.

³⁶⁷ PRONI, Op.cit apud ELIAS & DUNNING, 1995.



Figura 53: Cenas da vilegiatura de repouso em Poços de Caldas já em meados dos anos 1930 no churrasco à Rio Grande. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Apresentar-se com novos hábitos e também com uma aparência modernizada era parte de um processo no qual antigas demonstrações espontâneas de sentimentos haviam sido internalizadas na forma de uma segunda natureza que caracterizava o homem e suas ações no processo de civilização.

Nas viagens de repouso que se tornavam uma novidade civilizada para a elite brasileira a partir da inauguração do espaço urbano da cidade que ganhava título de balneária, o ócio na sua forma mais moderna não era mais do que uma necessidade interior que surgia como antídoto para as tensões resultantes do autocontrole necessário para a vida em sociedade proposto pelo processo civilizatório. De certa forma, e sem sombra de dúvidas, o tempo que era gasto consigo era ele mesmo civilizado diante das restrições

emocionais e também diante do surgimento de novas atividades propostas pelo ineditismo do espaço balneário.



*Figura 54: Uma noite festiva em um cassino da cidade. Data: Década de 1930
Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.*

O ano de 1934 foi provavelmente a temporada mais expressiva que a cidade viveu em sua história. Pela primeira vez a notícia de “*innumeros automóveis de outras partes do paiz*”³⁶⁸ dividiam espaço no modo como os veranistas chegavam à cidade. Contavam-se 1600³⁶⁹ visitantes e o jornal local anunciava que não haveria “*acommodações*

³⁶⁸ **Revista de Poços de Caldas.** “A temporada de verão”. 11/02/1934.

³⁶⁹ **Revista de Poços de Caldas.** “A grande temporada de verão de 1934 e a propaganda da cidade”. 18/02/1934.

suficientes”³⁷⁰ para todos que chegavam. A “atmosfera estonteante de ether”³⁷¹ nos bailes do cassino o deixavam ainda mais célebre “pela sumptuosidade, pela sua alegria”³⁷².

O club do Palace Hotel abria as suas portas. Nos festejos carnavalescos, em “todos os clubes e cassinos da estância animadíssimos bailes à fantasia”.³⁷³ “Os bailes do casino marcaram época. Foram dos mais alegres e esplendidos nos nossos annaes sociaes”.³⁷⁴ Entre eles, Darcy Vargas e a esposa do ministro da aviação; o general Waldomiro de Castilho Lima, ex-interventor federal em São Paulo e outras personalidades da política, da diplomacia, da ciência, do jornalismo e do comércio nacional.

Mais do que nunca percebia-se uma diferença marcante que se operava na passagem da cidade termal para a cidade balneária. Era ali, na cidade da alegria e do prazer que as relações de afetividade com este espaço relacionavam-se mais como uma opção pessoal de encontro com as novidades civilizadas de entretenimento e menos com a necessidade de curar o próprio corpo, antes indicadas por algum médico da capital. Tornar-se um *banhista* ou *veranista* nesses tempos era assumir por outros caminhos o seu processo de inclusão e a construção de sua identidade em uma transformação sócio-cultural que ia além do próprio controle do indivíduo. Obviamente nesse tempo aceitar-se e viver como banhista era, sobretudo ter consciência que o seu comportamento na cidade e também com os outros indivíduos que ali estavam, havia se diferenciado e diferenciava outros daquele meio social. As distrações oferecidas pela cidade balneária solapavam o precedente discurso da cura hidromineral e abriam caminho nas temporadas de verão para outros sentidos das viagens de repouso que se especializavam com a intensificação da atividade turística no país.

Um bom exemplo disto pode ser observado na semana presidencial que movimentou a cidade no ano de 1937. Desde 1933, Darcy Vargas e o alto escalão da política nacional já haviam incorporado as viagens de repouso à Poços de Caldas colocando-se na condição de banhista ou veranista naquele lugar.

³⁷⁰ **Revista de Poços de Caldas.** “A temporada de verão”. 11/02/1934.

³⁷¹ **Revista de Poços de Caldas.** “Carolina! Carolina”. 18/02/1934.

³⁷² Idem.

³⁷³ **Revista de Poços de Caldas.** “Festejos carnavalescos”. 18/02/1934.

³⁷⁴ Idem.

No entanto, o último domingo de fevereiro de 1937 apresentava uma manhã “*radiosa de sol*” com a chegada de Getúlio Vargas, presidente da nação, acompanhado do governador de Minas Gerais. Também naquele fim de fevereiro desembarcavam José Maria Alckmin, secretário do Interior, o deputado Juscelino Kubistscheck e o ministro Mario Mattos para uma temporada de repouso na cidade balneária.

O campo de aviação tornou-se pequeno para comportar todos os nossos automóveis e os de fora que demandaram o aeroporto levando todos os elementos representativos e o povo, que quis desde a chegada do chefe da Nação, demonstrar-lhe a sua grande sympathia e popularidade.

A recepção foi quente e grandiosa. O Sr. Getulio Vargas, deve ter sentido juntamente com o governador Valladares o pulsar do coração mineiro nestas alterosas montanhas.

*O Presidente Vargas, chegando ao Palace Hotel sob vibrantes applausos tornou-se, na sua democracia que encanta, um veranista.*³⁷⁵

O veranista, personagem oposto ao curista, entretanto, nem por isso menos cercado de uma coerção exigida para os dias na temporada de verão, marcava, sutilmente hábitos um pouco diferenciados daqueles que por algum modo tornavam-se turistas na cidade balneária. O veranista, ou melhor, aqueles que estavam em vilegiatura de repouso ainda eram de certa forma, modelados pelas exigências que levavam à prática de determinadas atividades que os definiam como tal. Um pouco mais adiante veremos que o tempo do turista era menos regido por regras do convívio social vivenciadas no cotidiano das viagens de repouso. Para o veranista elegante, não se envolver com tudo aquilo que era considerado civilizado no tempo dedicado à vida balneária era o mesmo que não comprovar a aquisição de uma nova sensibilidade que os definiam como tal. Não participar dos “*programas das*

³⁷⁵ **Revista de Poços de Caldas.** “Semana Presidencial”. 28/02/1937.

estações”³⁷⁶ que eram divulgadas com antecedência na imprensa nacional era quase um “crime social”. O veranista aparecia nas listas dos hóspedes “chiques” dos hotéis que as divulgam como símbolo da seletividade do lugar.

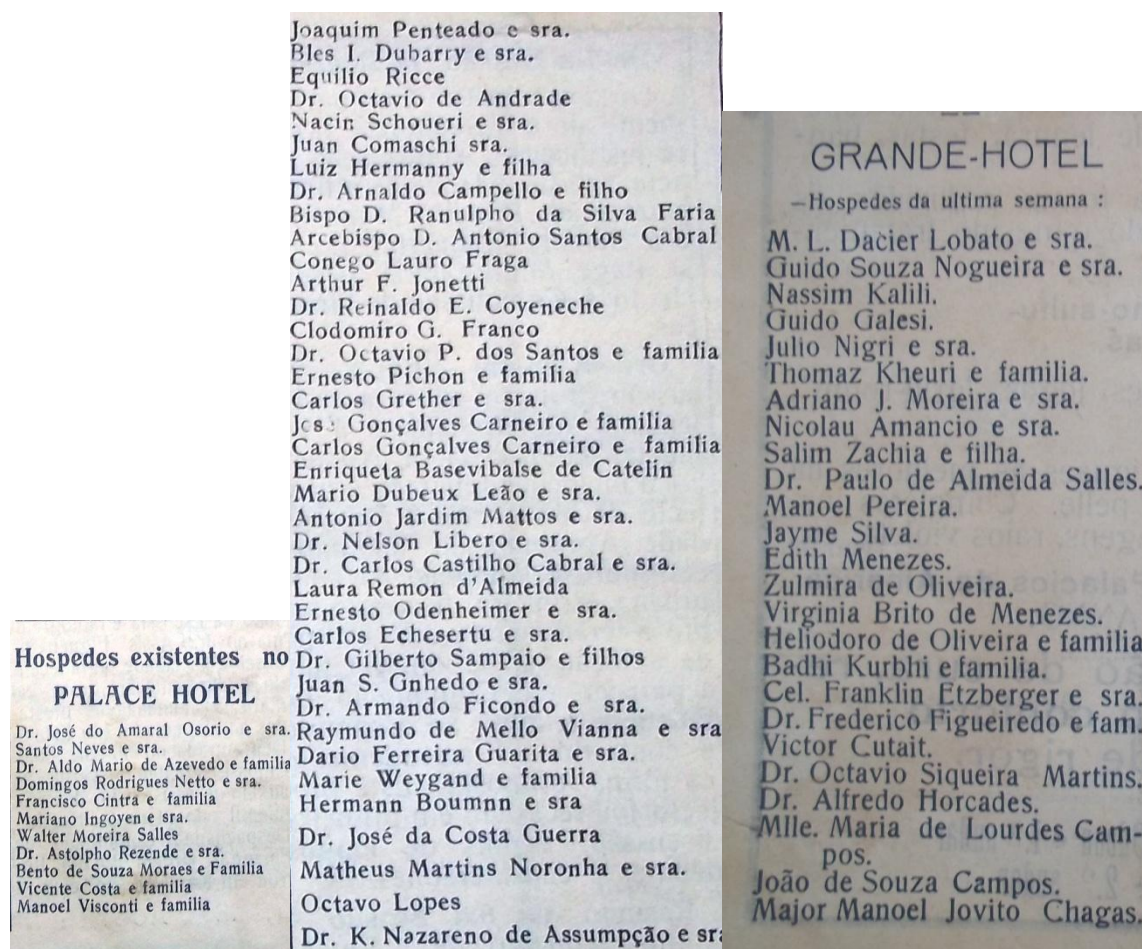


Figura 55: Prática comum na cidade balneária: a divulgação dos hóspedes das temporadas de verão.

In: Revista de Poços de Caldas. Data: 1933 e 1934.

Já, o turista, personagem em construção no cenário brasileiro, tornava-se aos poucos, figura anônima que se diferenciava com o nascimento e o crescimento de alguns hábitos que aos poucos delimitavam certa distância com tudo aquilo que envolviam as elegantes viagens de repouso em nosso país.

³⁷⁶ Revista de Poços de Caldas. “A grande temporada de verão de 1934 e a propaganda da cidade”. 18/02/1934.

*Chegou à cidade, a primeira leva de turistas americanos, que vem conhecer Poços de Caldas, graças aos elogios feitos às nossas águas e bellezas naturaes pelo Presidente Terra, da Republica do Uruguay, que o anno passado honrou-nos com a sua visita.*³⁷⁷

Personagem ilustre, sem sombra de dúvidas, o veranista era desejado para compor a cena balneária em um jogo social onde suas atitudes, desejos e ações complementavam a estratégia emocional de um tempo balneário que mais tarde seria imitado por outros indivíduos da escala social.

*E Poços de Caldas está vivendo esses dias gloriosos de sua vida, tendo a honra de hospedar o chefe da Nação e o Governador de Minas, com a satisfação immensa de que os nossos distintos hóspedes estão satisfeitos, sorridentes, achando um encantamento superior nas nossas águas, gozando a frescura ideal do nosso verão, se transformando em adeptos da nossa estação climatérica e de veraneio.*³⁷⁸

Contudo, se o desejo ao ócio moderno levava à novidade da cidade balneária, não menos ocioso seria o tempo que se passaria ali. “S. Excellencia o Sr. Presidente da República está positivamente gostando de Poços de Caldas. Descansando, talvez não, porque a semana tem decorrida festiva e cheia de atrações”.³⁷⁹ Nas temporadas de verão que abriam a estação, não podemos afirmar que existia um tempo livre no qual o veranista elegante dispusesse de muita liberdade. Os dias e as noites eram tomados por atividades que compunham o cenário balneário e que já haviam sido estabelecidas previamente diante de tudo aquilo que de certa forma era parte dos *problemas psicológicos e biológicos*.”³⁸⁰

³⁷⁷ **Revista de Poços de Caldas.** “Turistas americanos”. 20/01/1935.

³⁷⁸ **Revista de Poços de Caldas.** “Sr. Getulio Vargas”. 28/02/1937.

³⁷⁹ **Revista de Poços de Caldas.** “Semana dos chefes de Estado”. 07/03/1937.

³⁸⁰ PRONI, Op.cit. p.206

que estavam relacionados com a busca do prazer e da alegria na sociedade moderna. Poços de Caldas e o governo mineiro havia sem sombra de dúvidas, possibilitado de uma maneira inédita, esse primeiro espaço de experimentação que oferecia a possibilidade de entrar em contato com essas emoções que poderiam ser vivenciadas a partir do imaginário das águas termais.

O tempo, regido pelas águas termais civilizava-se junto com o ócio moderno. Também por isso, a notícia da fundação de uma “*sociedade de esportes elegantes*”, – o Sporting Club – foi então comemorada em setembro de 1931 completando o quadro das atividades para uma “*população transitória*”³⁸¹ que se tornava desejada no discurso que fundava “*os esportes de grande moda, ainda não praticados entre nós, como o golf, o tiro aos pombos e outros.*”³⁸²

O Country Club cujos dirigentes eram nomes influentes da elite paulistana³⁸³ passou a oferecer os esportes modernos que já faziam parte do imaginário social que o colocava como forte elemento civilizador naqueles tempos. O churrasco à Rio Grande passou então a compor as atividades praticadas no espaço balneário. Entre 1932 e 1934 os esportes hípicas, o tiro aos pombos, o golf, o excursionismo e as caçadas foram então definitivamente implantados. A semana esportiva que abriu as atividades do *Poços de Caldas Country Club* trouxe de São Paulo, os “sportmens” para a inauguração da terceira quadra de tênis na cidade. Bailes com danças regionais e fogos de artifício complementavam o espetáculo para os veranistas que já eram “*cultores do esporte*”³⁸⁴ nas grandes cidades.

³⁸¹ **Revista de Poços de Caldas.** Poços de Caldas Country Club. Sua fundação. Eleição da sua primeira diretoria. 03/04/1932. N.120. anno3.

³⁸² **Revista de Poços de Caldas.** “Sociedade de esportes elegantes”. 20/09/1931.

³⁸³ Guilherme Prates e Antonio Prado Junior.

³⁸⁴ **Revista de Poços de Caldas.** “Poços de Caldas Country Club”. 30/05/1932.



Figura 56: O Country Club nos anos 30.



Figura 57: A piscina do Country Club. Catalógo publicitário. Meados de 1930.



Figura 58: Cenas do concurso hípico usado nas propagandas da cidade balneária. Década de 1930.

*Ótimos cassinos. Teatros e casas de cinema que se acham abertos todo o ano. Nas principais temporadas, exibem-se os melhores conjuntos teatrais, orquestras sinfônicas, virtuosos, variedades e caríssimos números de musci-hall. Os esportes acham-se representados por quasi todas as suas variedades, no Poços de Caldas Contry Club (aberto aos veranistas), na Barragem, e no Aeroporto V, sendo notáveis suas competições anuais, que reúnem os principais afeiçoados de: Golf, Tennis, Hipismo, Futebol, Aviação, Canotage, Ciclismo, Automobilismo, Natação, Excursionismo, Caça, Pesca, Tiro, Basket-Ball, Volei-Ball, etc. São espetáculos notáveis em Poços de Caldas, o carnaval, as festas da Semana Santa, as de São Benedito – a da Primavera e a temporada de esportes de Inverno.*³⁸⁵

³⁸⁵ Propaganda de Poços de Caldas em 1938.



Figura 59: Veranistas em uma das quadras do “Poços de Caldas Country Club” em 1932. Acervo: Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.



Figura 60: Getúlio e outros veranistas em uma tarde de caçadas em 1937. Acervo Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.



Figura 61: O churrasco à Rio Grande como uma das novas atividades civilizadas de entretenimento na cidade balneária em 1935. Acervo Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

O Palácio do Jacinto, crônica escrita em 1938 por Léo Ferrer, morador local atento a todas as novidades que mexiam com o indivíduo na sua subjetividade é uma passagem interessante que retrata como a cidade balneária esteve presente no refinamento dos costumes da elite brasileira que se diversificava à medida que crescia a sua rede de interdependências. Era pelo processo de individualização, manifesto em ações que marcavam uma forma distinta de relacionamento e comportamento que o banhista, ou o veranista moderno, era submetido no seu íntimo à um jogo de tensões cujo autocontrole emocional era específico de uma configuração social onde os próprios homens haviam criados os espaços e dado sentido aos lugares.

*Poços de Caldas, a cidade-milagre. A cidade-vida. A cidade-flor.
Poderíamos chamá-la também, também: a cidade azul.*

Mas não. O azul tem uma tonalidade nostálgica. Quase triste. E Poços de Caldas é uma cidade alegre, cor-de-rosa.

Poços de Caldas, a cidade-rosa.

Rosa em suas manhãs. Rosas em seu meio-dia. Rosa em seus dolentes crepúsculos.

Rosa nos seus magníficos jardins. Rosas no olhar, na alma de quem vive ali...

Mas, antes de tudo – o milagre de suas águas e a delícia de seu clima. Poços de Caldas é, realmente sem rebuscamentos: a cidade-saúde, a cidade-alegria.

Nem se leve e se pense que, por ser uma estância – a maior da América – própria para a cura de quase todos os males, tenha ela uma feição de hospital. Não. Não se percebe que Poços de Caldas seja uma estação de curas. Que ali haja enfermos. Que, no bojo de seus confortáveis hotéis e de seus majestosos balneários haja alguém doente, que sofra.

Parece que, por simples catalítica, os males ali se aliviam. E a alegria aflora no olhar e na face de todos: enfermos ou simples gozadores da vida. É a cidade linda pelos seus aspectos naturais e pelo o que a inteligência e a mão do homem trabalharam, no intuito de enfeitá-la, de enganá-la, com as garridices da arte de celebrizá-la com austeridade e o conforto da moderna ciência hidroterápica.

Quem não sabe o que era o 202, o palácio confortabilíssimo do Jacinto?

O 202, situado na Avenida dos Campos Elíseos, em Paris...

Ali tinha de tudo. Todo conforto possível, para gasto do exigente “grã-fino” – o grande moço rico e cheio de tédio: o Jacinto...

Mas, o 202 apresentava o que havia de moderno e confortável ... em 1890 ... Em pleno primitivismo da mecânica e da eletricidade aplicadas.

Imaginem um “rádio” em 1890! Pois bem...

Poços de Caldas é o 202 da América – o palácio encantado, pelo conforto para todos os jacintos do mundo, ricos ou pobres. Mas com a mecânica e a eletricidade aplicadas deste maravilhoso século XX.

Poços de Caldas tem de tudo.

E, consubstanciando o ideal daquele esplêndido romance do imortal escrito português, Poços de Caldas é a Cidade. Aqui também estão as serras, que são suas lindas montanhas.

*Ponce de Leon, desanimado da vida, andava até disposto a morrer, de tédio. Ricaço, saiu para o mundo. A Viajar.*³⁸⁶



Figura 62: Matinée no cinema do Palace Casino em 1937.

³⁸⁶ FERRER, Leo. “O Palácio do Jacinto”. In: PONTES, Op.cit. pp.. 39-40.

3 A FUNÇÃO SOCIAL DA VIAGEM BALNEÁRIA:

3.1 *A construção do tempo livre burguês: o surgimento do turismo organizado na cidade balneária.*

Da linha ferroviária que de Toulouse a Bayonne corre em grande parte paralela aos Pirineus destaca-se em Montréjeau o ramo que vae morrer em Luchon. Mais para além só o trem da cremalheira que leva ao hotel solitário de Superbagnères.

*Boas estradas de rodagem estabelecem ligação com as pitorescas localidades circunvisinhas. Linhas de auto-onibus. Centro de turismo e de esportes.*³⁸⁷

A descrição dada por Aristides de Melo e Souza, diretor nomeado pelo governo mineiro para assumir os serviços termas de Poços de Caldas a partir de 1931 é um ponto importante na construção desta narrativa que contribuiu para a estruturação do desenvolvimento do turismo interno em nosso país. A ideia de uma cidade balneária representada pela novidade do espaço urbano organizado de Poços de Caldas é uma passagem representativa no recente debate historiográfico que tem demonstrado interesse nos aspectos urbanísticos e sociais das cidades que se desenvolveram a partir do uso de águas medicinais. Por outro lado, a motivação, o desejo e a curiosidade que fizeram com que todos os eventos narrados anteriormente surtisse efeito principalmente no aumento da frequência de “forasteiros” à cidade, devem ser compreendidos como um momento histórico singular da nossa história e da nossa cultura que se diferenciou no tempo da vivência individual e coletiva daqueles que há muito já frequentavam os espaços balneários europeus, sobretudo, os franceses que se tornaram símbolo de uma cultura civilizatória naquele país.³⁸⁸

³⁸⁷ SOUZA, Aristides de Melo. Notas de Crenologia. In: **Revista de Hidrologia e Climatologia Medicas**. Junho, n. 25, 1933.

³⁸⁸ Cf: CORBIN, Alain. **O território do vazio** – a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

A famosa rainha dos Pirineus, visitada no final da década de 1920 pela comissão responsável por trazer ao país tudo aquilo que já havia de mais moderno em relação ao seu espaço balneário, já era conhecida desde a época romana pelos seus banhos de vapor. Aprimorados a partir de 1836 quando o engenheiro François começou a procurar novas nascentes de fontes termas “*cavando a montanha e abrindo-a em galerias*”³⁸⁹, Luchon, no final do século XIX já chamava a atenção pela “*vida dos grandes hotéis*”³⁹⁰ e pelo ambiente “*encantador*”³⁹¹, propício a uma “*sensação de pausa*”³⁹² e de “*repouso reconfortante*”³⁹³. Motivações que há muito já povoavam o imaginário social das cidades francesas que haviam sido fundadas a partir das qualidades medicinais de suas águas. A citação acima, por isso, é um bom começo para estabelecer a relação que será apresentada neste capítulo. O movimento nascente de organização do turismo em Poços de Caldas em vários sentidos pode corroborar para as questões levantadas no início desta tese e estabelecer um panorama nacional diferente da historiografia que retratou o surgimento do turismo em nosso país.³⁹⁴

O turismo pensado como uma atividade econômica que começa a ser discutido no interior de uma classe médica organizada não é mais do que fruto dos desejos do homem

³⁸⁹ SOUZA, Op.cit.

³⁹⁰ Idem.

³⁹¹ Ibidem.

³⁹² Ibidem.

³⁹³ Ibidem.

³⁹⁴ Autores considerados clássicos da história do turismo no Brasil como PIRES (2001), REJOWISKI (2002), BARRETO (2001), CAMARGO (2003), IGNARRA (2001) tomaram em suas análises, o surgimento do turismo como uma atividade que foi propiciada pelo capitalismo no mundo industrial e moderno. Esta foi a base de formação dos cursos de Turismo que se desenvolveram com grande sucesso a partir dos anos 90 em nosso país. Entretanto, já nos dias atuais, devemos considerar “um conjunto de pesquisadores, que de forma isolada, têm se dedicado a estudar a história do Turismo, em particular, no Brasil”, conforme proposta divulgada pelo simpósio temático 77 – História e memória do Turismo, organizado em 2013 no XXVII Simpósio Nacional de História/Anpuh, do qual também participei. O grupo reunido na cidade de Natal tem direcionado suas pesquisas com os “cruzamentos entre diferentes processos históricos e culturais” que levaram ao surgimento de um novo tipo social – o turista moderno. Reflexo não só do desenvolvimento da urbanização e da industrialização, o turista, foi também o resultado das mudanças que ocorreram na ideia de viajar por prazer. Ideia que foi fortalecida no imaginário social através de uma série de transformações como a “valorização da natureza, das paisagens, das novas formas de lidar com o corpo e a noção de lazer”. O caminho percorrido nesta tese tem tentado demonstrar que o surgimento e a organização do turismo interno em nosso país foi também proporcionado pelas mudanças que ocorreram nas formas de comportamento do homem envolvido no processo de civilização, no qual, o autocontrole se fez necessário diante das regras instituídas em espaços que foram fundados a partir dos valores atribuídos às águas consideradas medicinais. Estes desejos, valores e emoções modificaram-se ao longo do tempo diante dos componentes comportamentais, fisiológicos e sentimentais que foram descritos por Norbert Elias.

moderno envolvido no processo de civilização. O tempo gasto nas atividades que começam a ser eleitas como símbolos de distinção social não é apenas uma oposição ao tempo do trabalho, muito menos o direito às férias que entraram em vigor anos mais tarde em nosso país.³⁹⁵ Contudo, as conseqüências advindas do processo de individualização são as brechas para o nascimento de um mercado que passa a ser estruturado não só ao redor de um ambiente físico, mas, sobretudo ao redor desses desejos que diferenciavam o civilizado do incivilizado, e o moderno daquilo que passava a ser considerado ultrapassado. A necessidade de um tempo livre que se tornava objeto de desejo na cidade balneária foi uma construção sócio-histórica que se por um lado levou em consideração os ditames de uma cultura civilizatória européia, por outro, não esteve distante do processo de individuação proposto pela particularidade brasileira a partir dos aspectos que tenho tentado demonstrar até aqui.

Pode-se dizer que aqueles que escolhiam as viagens de repouso, quando o faziam tinham em mente um tempo dedicado a si em um novo espaço urbano que atuava como local propício para o encontro e a vivência de outras emoções ou aventuras que não poderiam ser experimentadas de forma igual nas capitais. Justamente porque esse tempo dedicado a si envolvia o sentido da viagem que correspondia à aparição e difusão de novas práticas culturais que envolviam, sobremaneira, novas características relacionadas ao ócio sob o ponto de vista de um projeto civilizador.

³⁹⁵ O direito ao repouso semanal e às férias remuneradas para os trabalhadores apareceram somente na Constituição de 1934 no governo Vargas.



Figura 63: Uma corrida de automóveis em 1939.

É preciso ter em mente que no Brasil do início dos anos de 1930, por mais que algumas das atividades propostas na cidade balneária também pudessem ser vividas nos espaços recreativos das capitais, as experiências emocionais decorrentes destas atividades só pareciam ser completadas a partir de um tempo vivido longe da casa familiar e da rotina social que levava a um ambiente que se colocava como uma proposta utópica para uma vida mais feliz.

A diferença primordial e que pode ser constatada nos três primeiros anos após a inauguração do espaço balneário, é a certeza que aqueles que se dedicavam a essa viagem não tinham ainda consciência que estavam fazendo uma viagem de turismo. A viagem era de repouso e em alguns casos, ainda uma viagem de cura. O banhista ou o veranista não se

reconhecia como um turista no interior do território brasileiro. Ele ainda não havia incorporado e nem aprendido as novas caracterizações que mais tarde o classificariam como tal.

A atividade turística estava em construção. O desenvolvimento do turismo interno em nosso país também era uma novidade que casava com o ineditismo da primeira cidade balneária do Brasil.

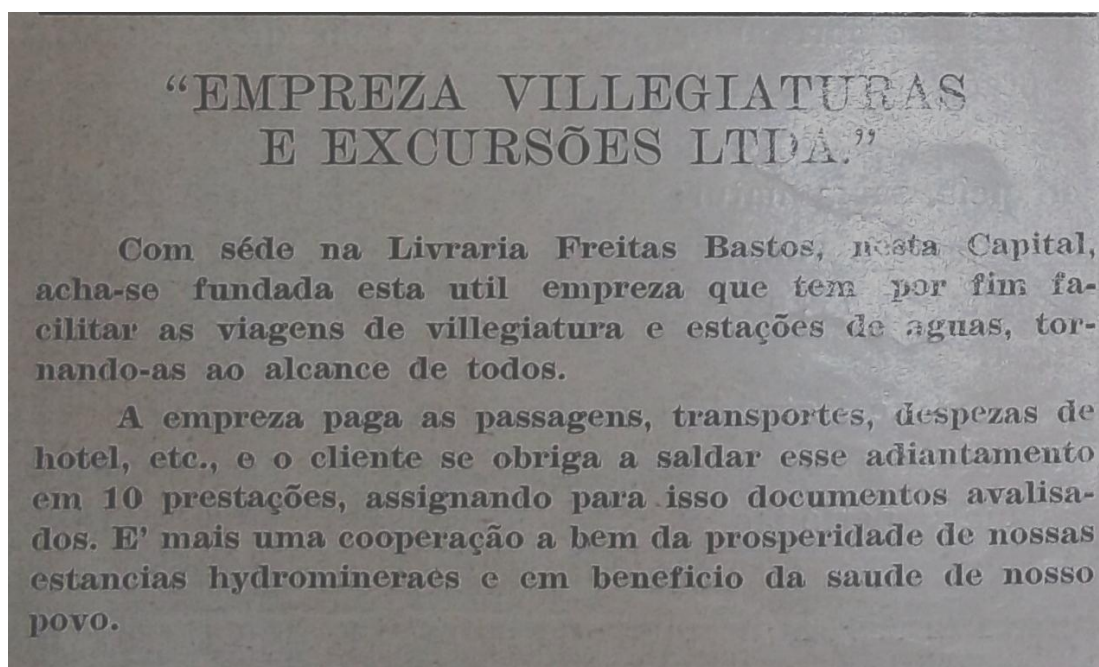


Figura 64: Anúncio: "Empresa Villegiaturas e Excursões LTDA".

E Poços de Caldas soube muito bem aproveitar este momento social, político e cultural que envolvia a elite brasileira em experiências desse tipo que ainda não haviam sido experimentadas desta forma: uma modernidade proposta por uma ocupação do tempo livre dentro de um lugar rodeado de águas especiais que aos poucos ia deixando de ser associado como lugar de cura e que se tornava símbolo de uma cultura burguesa cujas experiências envolviam aspectos de todo o corpo da elite brasileira. Por isso, se no imaginário destas questões, inicialmente, havia uma linha tênue que dividia curistas e veranistas do ponto de vista do morador local e das questões propostas para o

enobrecimento da cidade balneária, a figura do turista em meados dos 30 não levantava dúvidas sobre o esgotamento das palavras curista, veranista ou banhista no cenário local. Pedia-se pela vinda do turista, personagem que até os dias atuais ainda não foi substituído pela invenção de outra palavra apta a englobar experiências de todo o corpo do ponto de vista real ou imaginário na sociedade em que vivemos.

Essas experiências, sobretudo, aquelas que se relacionam com o ócio na modernidade, e que nesta tese apareceram como uma singularidade de um momento histórico, cultural e social do nosso país estão relacionadas em vários aspectos com o reflexo do processo civilizador em nossos sentimentos. Colocar-se na condição de turista é assumir por outros meios uma necessidade real de distanciamento perante os aspectos cotidianos da nossa vida que exigem um autocontrole necessário para o convívio social de forma civilizada.

Não seria errôneo afirmar que vivenciamos a era do turista, personagem desejoso de determinadas experiências urbanas ou naturais que ao longo do processo civilizador tem transformado novas paisagens e atribuído valor aos lugares com a mesma intensidade em que seus desejos as colocam em uso ou desuso perante as pressões internas decorrentes das necessidades do autocontrole necessário para se viver em sociedade. Menos correto, porém, seria afirmar que as experiências de curistas, veranistas ou banhistas com os espaços urbanos que se tornaram balneários em nosso país possam ser compreendidas e escritas somente sob um único ponto de vista que tem englobado o turismo como a única explicação plausível para as diferentes configurações sociais que existiram ao longo de um período onde aconteceram trocas importantes entre a estrutura da personalidade dos indivíduos e o estilo de vida predominante no interior de cada figuração social, conforme podemos ver abaixo.

O doente convém-nos bem. O turista convém-nos bem.

Chamemos o doente. Mas puxemos o turista.

E, por que não dizer, o doente, quase sempre é, sorumbático, seguro e “econômico”. Dinheirinho contado para a viagem. Para o

*hotel. Para o médico. Para os “banhos”. Para a farmácia. E só. Nada de passeios, diversões ou gastos com as “novidades” locais. O turista passeador, saudável, o gozador da vida, não. Gasta sempre. Em toda a parte. Deseja sentir tudo: cassinos, teatro, passeios, esportes, restaurantes, alfaiates, joalherias, bijuterias, barbeiros, engraxates, livreiros, tipografias, etc.*³⁹⁶

Ora, não restam dúvidas que a motivação de um não seria a mesma motivação do outro e que o tempo empreendido na viagem de cura não seria o mesmo tempo empreendido na viagem de repouso, e que as emoções decorrentes do uso desses espaços também não seriam apenas o resultado de uma ocupação do tempo livre proposto em oposição ao tempo do trabalho. A cidade balneária, na forma como é descrita aqui tende a demonstrar essas especificidades que foram construindo um tempo do prazer para o indivíduo brasileiro a partir de uma nova paisagem urbana que apareceu no começo dos anos de 1930 em nosso país.

De certo modo, não há como contestar que o turismo como uma atividade econômica surge como uma apropriação comercial do tempo livre ao qual se dispôs o homem na modernidade. Contudo, a historicidade deste tempo livre, não pode ser considerada somente a partir do pressuposto de que o ócio moderno vivido no interior deste tempo foi simplesmente um subproduto da industrialização e da urbanização. E sob este ponto de vista, de acordo com Elias e Dunning, estudar o ócio na sociedade moderna somente a partir de uma oposição ao mundo do trabalho seria um modo muito reducionista de compreendê-lo ignorando os problemas psicológicos e biológicos que fundamentalmente estão relacionados com a busca do prazer nas atividades de ócio.³⁹⁷

A cidade balneária que havia instituído o desejo pelas novas viagens de repouso não demoraria a tornar-se um “*dos primeiros centros de atração turística do país*”.³⁹⁸ No

³⁹⁶ FÉRRER, Léo. Cura e Turismo, 30 de março de 1939. In: PONTES, Op.cit. p. 78.

³⁹⁷ Cf: PRONI, Marcelo Weishaupt. La contribución de Elias y Dunning para el estudio del ocio. In: ORCE, Victoria, KAPLAN, Carina V. **Poder, prácticas sociales y proceso civilizador**. Los usos de Norbert Elias. Buenos Aires: Noveduc, 2009.

³⁹⁸ **Revista de Poços de Caldas**. “Poços de Caldas e o Congresso Inter-estadual de turismo”. 22/11/1931.

entanto, seria preciso organizar a atividade e resolver questões prementes que de certa forma mais uma vez levariam ao reconhecimento qualitativo de sua imagem e à atratividade que estava condicionada aos desejos e às expectativas do sujeito moderno em transformação.

Foi, portanto, no 2º Congresso Interestadual de Turismo sediado na capital do país em outubro de 1931 que alguns pontos foram definitivamente expostos e acabaram demonstrando uma necessidade real que poderia engrandecer o número de “forasteiros” que chegariam à cidade. Era preciso resolver o problema das rodovias optando pela “estadualização” das mesmas, garantir a regularização dos vistos dos turistas estrangeiros por autoridade policial de Poços de Caldas sanando “*o grande inconveniente de permanecerem dois ou mais dias em São Paulo ou no Rio*”³⁹⁹, cobrar da Mogyana providências para que ela colocasse em circulação “*duas Michelinés (omnibus-pneu-rail), uma “sleeping-car”, outra “pullman-car”*”⁴⁰⁰ para o serviço “*desta estância de grande luxo*”⁴⁰¹ que havia adquirido “*compromisso de promover conforto aos visitantes mais seletos*”⁴⁰² para o seu “*tráfego de grande luxo*”⁴⁰³.

A notícia de “*balneantes argentinos e uruguayos*”⁴⁰⁴ e um “*casal de orientaes*”⁴⁰⁵ foi noticiada como um bom presságio na imprensa local que já se animava com a enorme possibilidade que se abria para a cidade balneária.

*Ora, esses factos abrem para nós aqui grandes possibilidades, sobretudo que os argentinos teem sahido satisfeitíssimos e Poços de Caldas já vae sendo citada na Republica Argentina como qualquer coisa conhecida, sendo que já se antepõe o nosso nome a estações reputadissimas, como Montecatini e Vichy.*⁴⁰⁶

³⁹⁹ Idem.

⁴⁰⁰ Ibidem.

⁴⁰¹ Ibidem.

⁴⁰² **Revista de Poços de Caldas.** “Poços de Caldas e o Congresso Inter-estadoal de turismo”. 22/11/1931.

⁴⁰³ Idem.

⁴⁰⁴ **Revista de Poços de Caldas.** “Bons Augurios”. 11/10/1931.

⁴⁰⁵ Idem.

⁴⁰⁶ Ibidem.

Os benefícios trazidos pelos visitantes ao comércio local e “*para todas as classes productoras do município*”⁴⁰⁷ eram vistos como uma consequência advinda de “*gente em sua maioria dotada de fortuna e habituada a gastar*”⁴⁰⁸. Definição muito propícia ao visitante moderno que passava a ser desejado na cidade balneária: o turista, personagem culturalmente e socialmente construído na história, e distante o suficiente da imagem do curista que já freqüentava os espaços balneários.

É preciso lembrar que este tipo de viagem não era acessível à maioria da população, sobretudo se ela estivesse relacionada a uma temporada nas águas ou a todas essas questões de ordem emocional descritas até aqui. O turismo organizado que nasce a partir dos anos trinta em Poços de Caldas era a expressão mais moderna do nascimento de uma cultura burguesa em nosso país onde o desenvolvimento desta outra forma de sociabilidade era marcada por novas exigências econômicas, sociais e emocionais.

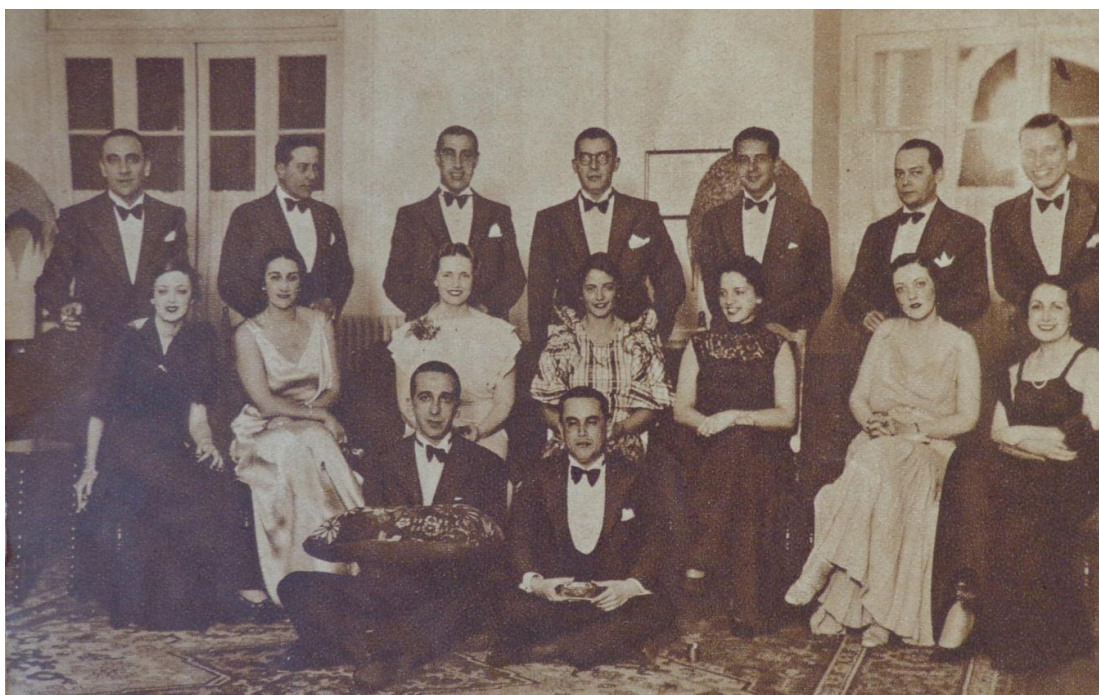


Figura 65: Turistas nos salões da cidade. In: Revista publicitária do final dos anos 30.

⁴⁰⁷ **Revista de Poços de Caldas.** “A concentração do jogo e suas vantagens econômicas”. 24/10/1931.

⁴⁰⁸ Idem.



Figura 66: A Panair do Brasil operava com quatro linhas diárias de segunda à sexta-feira para Poços de Caldas com partidas do Rio, Belo Horizonte e São Paulo.



Figura 67: O aeroporto de Poços de Caldas nos anos 40.

3.2 Identidades pessoais e coletivas da viagem balneária: relações de interdependência e regulação social no espaço balneário:

*O turismo é para os ricos e remediados. Gente pobre não faz turismo. O turismo é chic, joga tennis, joga bridge, tem automovel, sabe temperar um cocktail, sabe entrar em um salão, não come peixe com faca, tem toilettes deslumbrantes. Valerá a pena esse sacrificio de encaminhar para essa risonha estância uma freqüência sem futuro, sem dinheiro, como são as normalistas?*⁴⁰⁹

A cidade balneária que havia se transformado num importante centro de turismo do país e contribuído significativamente para os signos de reconhecimento de uma nova cultura burguesa naqueles anos, demonstrava já no final de 1930 o quanto “*uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas*”⁴¹⁰. O espaço balneário que havia se transformado justamente por causa das emoções e dos sentimentos em movimento neste processo civilizatório sem que estas mesmas emoções tivessem sido planejadas por alguém, revelava nesta figuração social, a importância da rede de interdependências que confluía para o sucesso de uma cultura burguesa das águas em nosso país. Sem esta interdependência, talvez nossas análises não tivessem sido possíveis.

Não há outra maneira de compreendermos a importância de Poços de Caldas, principalmente sob o ponto de vista do nascimento de uma cultura burguesa das águas termais no país, se não levarmos em consideração a sua relevante contribuição como uma figuração social específica que foi capaz de transformar os comportamentos de uma elite que tentava se modernizar e se diferenciar no Brasil. A vilegiatura de repouso que alcançou um grande sucesso logo após a inauguração deste espaço balneário foi primordial para

⁴⁰⁹ **Revista de Poços de Caldas.** “Os objectivos turísticos”. 17/11/1935. n. 286.

⁴¹⁰ ELIAS, Norbert. Op.cit, p. 27

demonstrar o quanto as figurações sociais estão continuamente em fluxo e o quanto o *habitus* social muda com o tempo.

Difícilmente poderemos negar o quanto Poços de Caldas contribuiu de maneira decisiva para um nível de integração novo para determinados indivíduos que começavam a construir uma cultura burguesa específica dos anos trinta cujo comportamento pautava-se no aprendizado de um novo *habitus social*. Esse *habitus*, “a composição social dos indivíduos”⁴¹¹, constituiu o solo de onde brotaram as “características pessoais mediante as quais um indivíduo”⁴¹² conseguiu diferenciar-se “dos outros membros da sua sociedade”.⁴¹³ Essas características descritas e vivenciadas nos novos comportamentos que englobavam a *vilegiatura de repouso* e todas as atividades do corpo que foram colocadas à prova para o indivíduo moderno possibilitou através do uso de uma linguagem comum, o compartilhamento com outros de “um estilo mais ou menos individual, algo que poderia ser chamado de grafia individual inconfundível” que brotou “da escrita social.”⁴¹⁴

As viagens de repouso e sua consequente transformação no fenômeno social e cultural do turismo interno em nosso país já em meados dos anos trinta e posteriormente ao longo dos anos quarenta possibilitou ao indivíduo considerado civilizado portar em si o *habitus* de um grupo que lhe permitia em maior ou menor grau portar a marca de uma individualidade numa sociedade que se diferenciava com grande intensidade neste período. Sob este ponto de vista a identidade eu-nós foi parte integrante deste *habitus social* que foi aos poucos sendo construída na história moderna das viagens por prazer no Brasil.

Em 1935, Israel Pinto, cronista santista da Revista de Poços de Caldas escreveu sobre os “*objectivos turísticos*” para Assis Figueiredo que ainda ocupava o cargo de prefeito municipal. O autor que criticava uma recente viagem de um grupo de normalistas de Passa-Quatro a Poços de Caldas dizia: “No entanto, um amigo vindo dahi contou-me que o grupo de normalistas de Passa-Quatro estava cheio de meninos com uniforme surrado, sapato calcanhado, sem meias, a sua impressão sendo penosa”.⁴¹⁵ E complementava esperando

⁴¹¹ ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 150.

⁴¹² Idem.

⁴¹³ Ibidem.

⁴¹⁴ ELIAS, Op.cit. p. 150

⁴¹⁵ **Revista de Poços de Caldas**. “Os objectivos turísticos”. 17/11/1935. n. 286.

dos cinquenta estudantes de Ribeirão Preto que desembarcariam no mês de dezembro que “os estudantes da capital do Oeste se apresentassem em optima linha de toilette”⁴¹⁶, já que Ribeirão Preto era “uma cidade cultíssima”.⁴¹⁷

Para Israel Pinto, os objetivos turísticos que estavam sendo implantados na cidade não deveriam sobrepujar a ideia anteriormente construída em cima de uma classe elegante e distinta que já frequentava o espaço balneário como signo de distinção para a elite brasileira. Esta classe, que havia criado novos padrões de comportamentos e que já se auto-reconhecia, ditava “a seus membros uma carga afetiva bastante elevada”⁴¹⁸ que explicitava no campo das emoções novos desejos que mais tarde passaram a ser adotados como ideal de felicidade ou de prazer por outros indivíduos do cenário brasileiro.

*Era melhor um sacrificio mais considerável. Organizar ahi uma sociedade, obter notáveis reduções nos hotéis de primeira e convidar cada semana grandes profissionais, grandes negociantes. Homens de negócio, a gente do dinheiro. Esse pessoal indo ahi, gastará com certeza, e volta, e mesmo, convidados, sabe gastar, sabe jogar e faz movimento urbano, representando dignamente a nossa classe de turismo.*⁴¹⁹

Na verdade, assumir em anos posteriores a condição de turista era apenas mais um modo de se distanciar de uma parcela da sociedade que passou a adotar numa escala muito menor a experiência emocional de um dia vivenciado na cidade balneária.

⁴¹⁶ Idem.

⁴¹⁷ Ibidem.

⁴¹⁸ ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Op.cit.p. 166.

⁴¹⁹ **Revista de Poços de Caldas**. “Os objectivos turísticos”. 17/04/1935. N. 286.



Figura 68: Piscina do Country Club. In: Revista publicitária do final dos anos 30.

Se a vilegiatura de repouso havia se desenvolvido como uma prática comportamental capaz de trazer à tona novas formas de conhecimento sobre a estrutura mental e emocional de uma época, as recentes excursões que seguiam para Poços de Caldas complementavam e justificavam essa rede de interdependências que possibilitava a naturalização das viagens por prazer como uma recente e segunda natureza que ia aos poucos envolvendo e fascinando o indivíduo brasileiro até se popularizar a partir dos anos cinquenta em nosso país.

A primeira grande excursão a Poços de Caldas aconteceu num domingo de setembro de 1934, quando um trem especial partira de Mogi-Mirim às sete horas da manhã,

levando 225 pessoas de todas as classes sociais ansiosas por conhecerem a tão famosa quão bemfazeja terra onde se recobra a saúde perfeita e onde se passa momentos tão deliciosos e reconfortantes, tais as belezas intermináveis que possui a Suíça Brasileira, orgulho da nossa raça e da nossa gente.

A viagem, que durou 5 horas e 35 minutos, decorreu da melhor maneira possível dentro de grande alegria, apesar de “longa” demais, em vista do peso excessivo que a locomotiva 201 puxava, resfolegante...”⁴²⁰

“As qualidades excepcionaes de cidades de cura e turismo”⁴²¹ que desde 1933 estavam sendo mostradas em campanhas publicitárias cujo “120.000\$000”⁴²² haviam sido gastos “em annuncios, reportagens illustradas, folhetos, catálogos, etc”⁴²³ tornavam-se elementos essenciais que iam aos poucos moldando a vida e a expectativa daqueles que desejavam experimentar a viagem por prazer para aquele lugar.

O Departamento Municipal de Propagandas e Iniciativas, fundado em 1932 na gestão de Assis Figueiredo já havia enviado mais de “80.000 exemplares a médicos, agências de turismo, visitantes habituais da cidade e seus amigos”⁴²⁴, medida que ampliava o campo de divulgação e o imaginário da cidade balneária. Em 1934 uma campanha de publicidade realizada pelos “Diários Associados” trouxe para Poços de Caldas “17.372 hospedes, ou seja, quase 7 mil mais do que em 1933”.⁴²⁵ A constatação feita por Assis Figueiredo ao chefe de publicidade do “Diário de São Paulo”, Gentil Corrêa, e relatada posteriormente por Assis Chateaubriand em uma coluna social nos faz então repetir aquela antiga indagação de Pedro Sanches de Lemos quando esteve em Vichy: “serão doentes todos os visitantes de Vichy? Certo que não. (...) Vichy, no verão (assim como Aix les Bains) não passa de um prolongamento dos grandes boulevares de Paris.”⁴²⁶

Os excursionistas “mogymirianos” que haviam chegado a Poços de Caldas com a ajuda de “uma 203, a irmã gêmea que ajudou a puxar serra acima os 5 carros repletos de pessoas que debaixo de vivas à Mogy, ao Esporte, etc, que se misturavam aos sons

⁴²⁰ **Revista de Poços de Caldas**. “Excursão a Poços de Caldas”. 23/09/1934.

⁴²¹ **Revista de Poços de Caldas**. “A grande temporada de verão de 1934 e a propaganda da cidade”. 18/02/1934.

⁴²² Idem.

⁴²³ Ibidem.

⁴²⁴ **Revista de Poços de Caldas**. “Substanciosa e brilhante entrevista do nosso Prefeito Municipal em Bello Horizonte, concedida ao “Correio Mineiro”. 06/08/1933.

⁴²⁵ Idem.

⁴²⁶ LEMOS, Pedro Sanches de. **Notas de viagem**. p. 129.

harmoniosos de músicas alegres”⁴²⁷ desembarcaram, portanto às 12:35 na Estação da Mogyana com um único objetivo: divertir-se e distrair-se. E logo tomaram “*de assalto, quantas bycycletas, cavallos, charretes e autos alli existiam, para assim poderem aproveitar melhor o curto espaço de tempo que nos estava reservado*”.⁴²⁸ Um dia apenas para participar do “*tão esperado encontro pebolístico*”⁴²⁹ e do animado baile no clube “*Ao Ponto*”⁴³⁰, interrompido às 23 horas pelo apito do trem que partia levando “*em seu bojo muita gente sonolenta, saudoza dos momentos felizes*”⁴³¹ que haviam passado “*na admirável cidade que tão bem e tão gostosamente nos recebeu e da qual guardaremos indelével recordação. Mário*”⁴³²

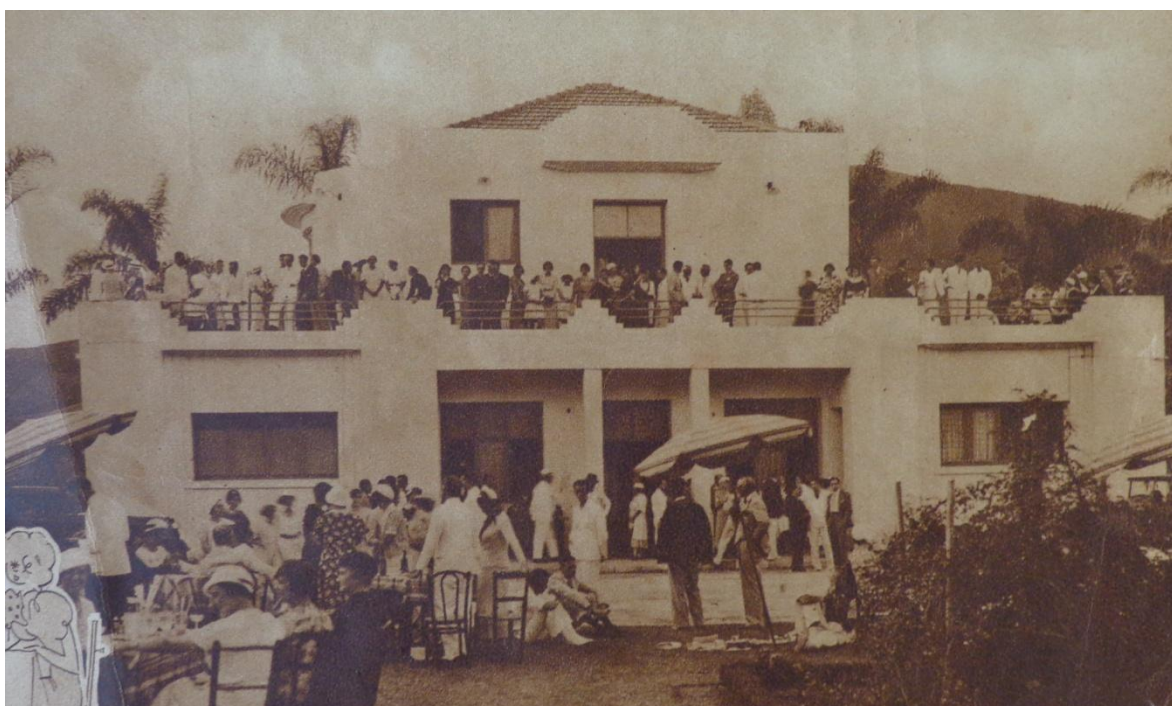


Figura 69: Uma tarde de festas. In: Revista publicitária do final dos anos 30.

⁴²⁷ **Revista de Poços de Caldas.** “Excursão a Poços de Caldas”. 23/09/1934.

⁴²⁸ Idem.

⁴²⁹ Ibidem.

⁴³⁰ Ibidem.

⁴³¹ Ibidem.

⁴³² Ibidem.

Poços de Caldas ao longo dos anos trinta e quarenta parecia viver em uma grande festa. A cidade, balneária e turística adaptada para receber em seu bojo levadas e levadas de “forasteiros” que praticavam seus esportes, ouviam suas músicas prediletas, frequentavam seus cassinos e se divertiam nos afastados “*pontos pitorescos*” parecia uma grande casa, onde todos eram bem vindos e tratados sempre com a melhor cordialidade que se poderia esperar do dono desta casa. A população local por outro lado estava sempre alheia a todos esses divertimentos que haviam se manifestado como um símbolo desta nova cultura em nosso país. Na melhor das hipóteses, e entre aqueles que não faziam parte da elite local, mas que possuíam uma imensa bagagem cultural lhes era permitido a aproximação e o contato com essas pessoas que eram demasiadamente desejadas em Poços de Caldas. Contato nem sempre tão prazeroso perante as situações de interdependência que ainda movimentavam com grande sucesso esta figuração social.

Já um bom e inteligente amigo, hoje advogado e desempenhando elevado papel em nossa comarca, me houvera dito que, em certa capital de um certo estado, muito nosso conhecido, o termo notável era um verdadeira praga.

No ano passado, chega a Poços, entre outras muitas, desde meninos e garotas, como os chamados Pioneiros Paulistas: até famosos jornalistas de São Paulo e Rio; uma “caravana” da dita “certa capital”, como aqui chegaram outras muitas, formada por estudantes de medicina e chefiada por um certo Solano Lopes da Silva Rodrigues.

Essa caravana foi, como igualmente todas as anteriores que aqui nos visitaram, tratada a vela de libra pela prefeitura.

Nós, nos incumbimos, como era normal, de recebê-la e tudo fizemos para a satisfação geral.

Quem nos conhece de perto ou “muito intimamente” (porque somos um pouco ... distantes...) sabe que temos uma discreta dose de elegância,

discrição e bom-humor; para não sair de uma certa “linha”, ou seja, dos nossos princípios...

Recebemo-la na gare da Mojiana, com a maneira mais delicada possível e os encaminhamos para o excelente Grande Hotel desta cidade, as expensas da prefeitura e com as nossas cordiais visitas, a todo momento, para saber “se estavam satisfeitos”.

Aliás recebemo-los até com um certo tédio e enfado, visto que é das coisas “mais paus”, a gente semanalmente, ter que mostrar, meticulosamente, todas as dependências das Termas, do Cassino, do Palace Hotel, dizer como funciona a Fonte Luminosa. Levar uma turma quase sempre indiferente, ou pensando em outras coisas, à barragem, ao Country Club, à Cascata, à caixa D’água, etc, etc. Um pessoal que só faz perguntas bestas sobre as belíssimas coisas que lhe são mostradas com delicadeza e sem pretensões.

*Acostumados que somos, como já ficou dito acima, a tratar com crianças, com grandes jornalistas, interventores, grandes políticos (o Cerrutti hoje é trunfo, em Berlim), famosos cientistas ou embaixadores – não seria aquela caravana (reatando o fio da meada) que nos estontearia com seu ineditismo brilhantismo.*⁴³³

⁴³³ Crônica de Léo Ferrer. “Notável”. Escrita em 10/11/1937. In: PONTES, Op.cit. p. 91-92



Figura 70: Visita do general Flores da Cunha, governador do Rio Grande do Sul à Poços de Caldas em 1935.

O autocontrole necessário que havia sido imposto neste processo civilizatório do uso das águas e do espaço balneário para que esta cultura burguesa pudesse adequadamente desenvolver suas relações de poder, de convivência, de status social de maneira civilizada, contrapunha-se a esta outra face de um autocontrole que não foi menos doloroso que o primeiro. Em outras palavras, foi também o autocontrole imposto à população local por esta figuração social que garantiu o seu sucesso por um período determinado. Neste jogo “*específico de dependências recíprocas*”⁴³⁴ havia um “*equilíbrio móvel de tensões*”.⁴³⁵

Alguns exemplos podem contribuir para o entendimento das relações de interdependência desta figuração social. Havia um contraste muito grande na noção de

⁴³⁴ ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Op.cit. p. 13

⁴³⁵ Idem.

diversão para ambos os lados. Enquanto a cidade balneária dispensava inúmeras somas divulgando na imprensa nacional os principais atrativos que fariam a vida mais feliz, a população local ia aprendendo como controlar as suas emoções nestes mesmos momentos de diversão.

Em 1932, o delegado municipal determinou em portaria que iria *“proceder com a máxima energia afim de evitar excessos durante os folguedos carnavalescos, proibindo, terminantemente, “gestos, canções e palavras obscenas”*⁴³⁶ que envolvessem o desrespeito a *“quaisquer autoridades, classes ou instituições, bem assim o uso de fantasias, de vestes religiosas e fardas militares e a ostentação de symbolos de culto cívico ou religioso.”*⁴³⁷ Também não seria permitido o emprego de *“instrumentos capazes de tomar de susto e incomodar os transeuntes, taes como: escovas de madeira, chicotes, espanadores e outros semelhantes, bem como o arremesso aos transeuntes de objectos”*⁴³⁸ que pudessem ofender ou causar dano à qualquer um que estivesse nas ruas da cidade. Serpentinhas e confetes, correria de menores atrás de veículos, máscaras e pinturas e o uso de lança-perfume também estavam terminantemente proibidos. Tudo sujeito à uma criteriosa e rígida censura policial: bandos carnavalescos, carros críticos e alegóricos e canções escritas para determinado bloco ou cordão. O carnaval de rua da população local como não poderia deixar de ser havia decorrido *“melancólico”*⁴³⁹ em oposição aos bailes do *“Casino que tiveram boa concorrência e relativa animação”*.⁴⁴⁰

⁴³⁶ **Revista de Poços de Caldas.** “Delegacia de Policia. Poços de Caldas. Portaria”. 01/02/1932 n. 116.

⁴³⁷ Idem.

⁴³⁸ Ibidem.

⁴³⁹ **Revista de Poços de Caldas.** “O carnaval melancólico”. 14/02/1932. N. 114.

⁴⁴⁰ Idem.



Figura 71: Carnaval de rua no início dos anos 30.

Anos mais tarde, ainda a mesma situação:

O carnaval de rua esteve triste e merencoreo, sem lanças-perfumes, sem confettis, sem serpentinas.

Isso não é de admirar, porque o habitante pobre, sem dinheiro, sem com que fazer o Mercado, não podia sair para as ruas coberto de lantejoulas, com o estomago a dar horas e a gritar por qualquer coisa.

Isso é a vida.

Como um risonho contraste, os dois bailes no Casino estiveram imponentes, simplesmente grandiosos e quasi marcando o início de uma grande época. Além da beleza do local, uma multidão elegante, quase toda muito jovem, muito alegre, muito cordeal, enchia o Grill e o Campo Grande em intermináveis cordões, a cantar, a saltar, a delirar.

E a atmosphaera estonteante de ether, de belleza, de poesia fazia e faz presentir que os bailes do Casino vão ficar celebres pela sua sumptuosidade, pela sua alegria, fazendo com que, em muito breve, Poços de Caldas seja a Nice brasileira, com suas batalhas de flores, com seus préstitos sumptuosos, com sua graça, com suas maravilhas.⁴⁴¹



Figura 72: Baile de carnaval no Palace Casino em 1934.

Menotti del Picchia, que vez ou outra escrevia algumas crônicas para a Revista de Poços de Caldas, chamou a atenção em 1936 para a recreação como “*finalidade hygiência*

⁴⁴¹ **Revista de Poços de Caldas.** “Carolina! Carolina”. 18/02/1934. N. 201

do espírito”⁴⁴². Para o escritor, já era hora da administração local preocupar-se com o carnaval do povo, afinal, ele não era “*apenas o burro de carga atrelado à rabiça de um arado, abrindo sulcos na terra*”.⁴⁴³ Já era tempo, dizia Del Picchia, do carnaval, “*uma festa tipicamente brasileira*”⁴⁴⁴ transformar-se “*num movimento de atração turística*”⁴⁴⁵. Afinal, a rodovia e a via aérea já haviam trazido para Poços de Caldas, “*a maior praga para uma estação de águas – o turismo*”,⁴⁴⁶ segundo uma opinião emitida no jornal local. O turismo que definitivamente ali havia chegado contribuía desfavoravelmente na economia psíquica das emoções para a manutenção do sucesso da cidade balneária já no início dos anos 40.

O carnaval de rua que até então havia sido regido por duras penas policiais para despontar “*maravilhosamente*” nos salões do Palace Casino e dos hotéis não demoraria a tornar-se um atrativo oficial para as épocas de maior frequência turística. “*Carnaval, hoje. Carnaval, nas folhinhas. Carnaval “oficial”. Porque a vida já é um ridículo carnaval. A vida inteira...*”⁴⁴⁷

Quando se assiste o modo de festejar o Carnaval, pode-se com toda a segurança afirmar que Poços de Caldas deixou de ser a cidade incipiente para transformar a sua mentalidade, com o espírito de uma grande cidade no seu pequeno corpo.

*De facto, na rua todos se divertiram e no trajecto dos dois clássicos cordões de três annos para cá, nós vimmos como o povo sabe se divertir e comprehende a innocencia do folguedo popular.*⁴⁴⁸

Os objetivos turísticos que tentavam a todo tempo contemplar novas atividades de diversão ou contemplação na cidade balneária começavam então a demonstrar uma grande

⁴⁴² **Revista de Poços de Caldas.** “Turismo”. 08/03/1936.

⁴⁴³ Idem.

⁴⁴⁴ Ibidem.

⁴⁴⁵ Ibidem.

⁴⁴⁶ **Revista de Poços de Caldas.** “Cidade carnavalesca”. 21/05/1939.

⁴⁴⁷ Crônica de Léo Férrer. “Originalidade”. Escrita em 19/02/1939. In: PONTES, op.cit.p. 139.

⁴⁴⁸ **Revista de Poços de Caldas.** “O carnaval”. 02/03/1939. n. 446

insatisfação por parte da população local que já não conseguia mais com tanta maestria controlar as suas emoções em detrimento dos prazeres balneários.

Aqui em Poços, tudo o que fazemos é para as pessoas de fora, tendo ellas a primasia em tudo – os melhores logares – e nós, os moradores, não passamos de modestos comparsas sempre apagados, sempre na segunda linha.

Assim, o Carnaval, em que tudo ou quase tudo é para os outros, ao passo que nós ficamos sempre em uma inferioridade visível.

*Mas a festa de São Benedicto é a **nossa** festa, e aqui realizamos com o intuito caseiro, egoístico, de nos divertimos, de termos o nosso passatempo, com conterrâneos, com velhos conhecidos, sem a intromissão de banhistas ou turistas, como querem uns e outros.*⁴⁴⁹



Figura 73: Festa de São Benedito. Grupo de Caiapós em 1935.

⁴⁴⁹ Revista de Poços de Caldas. “Festa de São Benedito”. 21/05/1939.

Iniciava-se, de certa forma, um rompimento no equilíbrio das tensões que durante décadas havia perpetuado o sucesso desta formação social.

No entanto, ainda existem algumas considerações importantes a serem feitas nesta rede de interdependências onde banhistas, turistas e moradores locais se distribuíam “*em séries de antagonismos, instáveis, móveis, equilibrados*”⁴⁵⁰ que eram “*a própria condição de sua possível reprodução*”⁴⁵¹ para esta figuração social. Este equilíbrio das tensões que oscilava entre o autocontrole da elite brasileira desejosa de viver novas experiências no espaço balneário e o autocontrole da população local que garantia o sucesso das temporadas de verão, abrindo mão ou permanecendo na maioria das vezes alheia aos momentos elitizados de diversão, era de certa forma um ponto nas relações de interdependência que promovia não só o sucesso de Poços de Caldas como cidade balneária, mas também a condição necessária que garantia a manutenção de um certo poder no interior desta figuração social. O poder de atratividade da elite brasileira que se irradiava a partir das imagens na imprensa nacional e para todos os indivíduos que estavam envolvidos nesta figuração social, cujas experiências individuais eram o resultado deste jogo de tensões que equilibrava esta formação social, era a questão primordial que contribuía para o sucesso do espaço e da cultura balneária em nosso país.

⁴⁵⁰ ELIAS, Norbert. Op.cit. p.14

⁴⁵¹ Idem.



*Figura 74: No jardim do Poços de Caldas Country Club.
In: Revista publicitária do final dos anos 30.*

Entre turistas, banhistas, veranistas e população local havia um “*equilíbrio flutuante das tensões, um movimento pendular de equilíbrio das forças*”⁴⁵² que oscilava “*ora para um lado, ora para outro*”⁴⁵³. Durante os anos que a população e todos os visitantes beneficiaram-se desta rede de interdependências, o turismo, como um novo símbolo da elite brasileira foi bem vindo e bem quisto em Poços de Caldas. De certa forma, as emoções que eram vivenciadas pela elite brasileira através de determinados comportamentos que não eram vividos de maneira igual pela população local ou por aqueles visitantes que não

⁴⁵² ELIAS, Norbert. Op.cit. p. 14.

⁴⁵³ Idem.

possuíam tantas riquezas ou prestígio social, eram uma possibilidade real de experimentar por alguns dias a sensação inclusiva de se fazer parte daquela “boa sociedade”. Vejamos o exemplo do “sereno do Presidente”.

Para se fazer uma idea clara da mentalidade essencialmente bondosa e humana do Sr. Getúlio Vargas, basta assistir ao seu jantar. O Sr. Presidente toma as suas refeições no envidraçado que dá para a Fonte Luminosa, com o perfil voltado fora e encostado ao envidraçado. Defronte s. excia senta-se o Sr. Governador Valladares, na sua sympathica serenidade.

Desde o primeiro jantar, é enorme o “sereno” que se forma para assistir o jantar presidencial. Nos dois primeiros dias era o povo da terra, que velho admirador do Sr. Getulio, queria contemplar o seu ídolo. Depois, foram os banhistas dos demais hotéis, principalmente as senhoras idosas, com grande curiosidade de saber o que come o Chefe da Nação...

Outro qualquer mudaria de mesa; mas o sr. Getulio Vargas agüenta firme e – quando não mastiga – guarda aquelle inefável sorriso que leva sempre nos lábios e que é quase um característico de seus traços tão accentuadamente napoleônicos.

*O seu bom humor é tamanho que s. excia, abre às vezes o vidro e distribue as fructas de sua meza, que a freguezia do “sereno” aceita com a maior voracidade. Outras vezes, o Sr. Getulio levanta-se da meza, vem passear no meio da “serenada” cumprimentando a todos, que o recebem com as maiores provas de sympathia.*⁴⁵⁴

Ora, o próprio del Picchia afirmava que uma das particularidades que envolviam o sentido da viagem à cidade balneária era que só ali, conseguia-se com tranqüilidade “observar”⁴⁵⁵ as pessoas. “Uma creatura que vae concertar o rim ou o fígado junto de

⁴⁵⁴ **Revista de Poços de Caldas.** “O sereno do Presidente Getulio.” 07/03/1937. n.. 347

⁴⁵⁵ **Revista de Poços de Caldas.** “Psychologia de uma estação de cura”, crônica de Menotti Del Picchia. 09/05/1937.

*uma água chimicamente milagrosa, carrega para ali uma alma diferente*⁴⁵⁶, disposta a envolver-se com todos os aspectos que marcavam esta transformação na estrutura da personalidade.



Figura 75: Uma tarde de verão. In: Revista publicitária do final dos anos 30.

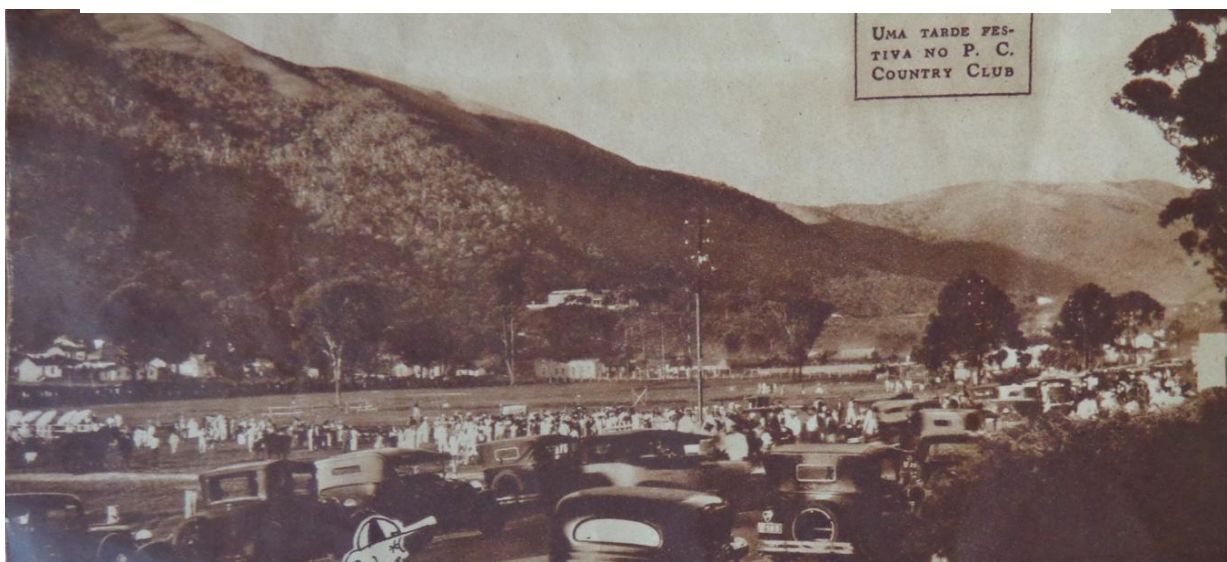


Figura 76: Uma tarde festiva no Poços de Caldas Country Club. In: Revista publicitária do final dos anos 30.

⁴⁵⁶ Idem.

Obviamente, logo após o sucesso alcançado como estação de repouso, cidade balneária ou cidade de turismo, o que menos importava era o rim ou o fígado, mas certamente o prestígio que se alcançava por sua inserção na nova vida balneária. Entre o *“fazendeiro e o negociante, o padre e o juiz, o escriptor e político (...) enfarados, doentes, preguiçosos e os pedantes”*⁴⁵⁷, existia dentre *“estas mentalidades díspares”*⁴⁵⁸ um significado central e representativo que atribuía importância à união destas pessoas que se relacionavam de forma interdependente no espaço balneário de Poços de Caldas.

A superioridade social daquele grupo de pessoas que se afirmava pela submissão *“política e simbólica”*⁴⁵⁹ e que precisou aprender todos estes aspectos de uma formalidade coercitiva que aparecia inscrita na formação de um novo *habitus social* era a lógica da cidade balneária que permitiu à elite brasileira manter distância entre outros indivíduos (também do seu meio social) que não conseguiam adequar a sua conduta à relação em que ela se inscrevia *“e ajustar cada comportamento ao objetivo”*⁴⁶⁰ que ele devia permitir atingir. A nova cultura burguesa dependia deste aprendizado e do sucesso daqueles que conseguiam naturalizar estes novos comportamentos.

Há pouco tempo, aqui mesmo, neste meu canto, contei ao meu rutilante e destemido leitor que já fui um esportista medíocre.

O Astolphinho Delgado, o Marcelo Bonadero, o João Mendonça, o Ottorrino Danza e outros, hão de se recordar que no nosso velho clube “Força e Coragem”, se eu era o mais jovem, não era o mais pixote dos seus componentes.

Em Pouso Alegre fui razoável meia-direita dos principais quadros de futebol, daquela cidade.

Ando a cavalo e caço razoavelmente.

No nosso Country Club, se eu não era dos primeiros, não era o último dos tenistas. E até num campeonato interno, ali iniciado e não finalizado, eu já estava lá pelo 4º ou 5º lugar – debaixo para cima. Ou detrás para adiante.

⁴⁵⁷ Ibidem.

⁴⁵⁸ Ibidem.

⁴⁵⁹ ELIAS, Op.cit. p. 21.

⁴⁶⁰ Idem, p. 22.

Agora, como disse, também, há pouco tempo, os meus esportes prediletos são: carregar piano, moer vidro com os cotovelos e, talvez, daqui a pouco vender gasparinhos de loteria ou catar fichas nalgum clube com roleta, por aí...

Esportes que nunca tive afeição, são estes: Nadar. Remar. Motocicleta. Descer de elevador. (pra castigar o corpo, já desci nisso, dos últimos andares do prédio Martinelli, em São Paulo e no edifício d'A Noite, no Rio). Máquina de escrever. Comer quiabo. Conquistar senhoras casadas...Discutir com gente burra e besta. E guiar automóvel.

Eu morava em Novo Horizonte, no estado de São Paulo, numa espécie de “república” de rapazes solteiros, nos fundos de uma farmácia.

Vindo recentemente dos Estados Unidos da América do Norte, ingressou em nossa” república”o doutor Oscavo Corrêa Netto, engenheiro formado naquele país.

Como novidade, o novo “republicano” apresentou-nos, com entusiasmo, dois tremendos pares de luvas de Box.

Ah! Foi uma festa! Todos queriam bancar o Jess Willard (campeão da época). Se todos queriam, - naturalmente, eu também queria fazer minha fezinha na arte de dar murros.

Após algumas explicações do engenheiro: posição do corpo, guarda do estômago e coração, diretos, swings, round, knock-out, knock-down, etc...calcei as luvas.

Primeiro, fui lutar contra o dono da farmácia.

Tive sorte. Arrumei logo uma petelecada no pé da orelha dele, que ele cambaleou.

E veio feito em cima de mim. Pus-me em guarda e sentei um direito nele, que foi truco-fecha. Levou ambas as mãos no rosto, virou-me as costas e ... tratou de mandar descalçarem-lhe as luvas.

Ah! Fiquei pensando que eu era o Joe Louis. E alegre e enxutinho, gritei logo:

- Que venga outro valente!

E veio. Outro “republicano”, o doutor Antero Botelho Junqueira. Médico, natural de Leopoldina, daqui, de Minas Gerais.

Da minha altura. Franzino. Magrinho. Pesando, então, provavelmente uns dez quilos menos do que eu.

Olhei bem para ele e disse cá comigo: esse, eu mato ele, no primeiro soco... Tô até com dó dele ...Coitado!

Preparamo-nos. Em guarda!

O doutor Junqueira arregalou uns olhinhos brilhantes, faiscantes.

Deu uns passinhos de Fox-trot e sentou uma lâmpada na batata de meu nariz, “seu” cumpadre!

Nossa senhora! Ele deu-me aquela bolacha e eu só vi uma bruta estrela esverdeada me sair do naso!

Fui virando prum lado e “pedindo água”, e pedindo também pelo amor de Deus, que me descalçassem aquelas malditas luvas! Deus me livre! Nunca mais olhei, sequer pra elas! Desisti, imediatamente dos milhares de dólares, que hoje ganha Joe Louis. E ainda, de vez em quando, ao me recordar bem daquela cena, “vejo” aquela bruta estrelão me sair da ponta do meu ainda doloroso apêndice nasal!

Meu heróico e maravilhoso leitor, esse episódio não é muito semelhante a alguns outros que nos ocorrem na vida? ⁴⁶¹

3.3 O week-end, uma mudança na balança das tensões e o esgotamento da cidade balneária:

Nós estamos em pleno intervalo e assim falamos em 1937, como falaríamos em 1900.

É a mesma coisa. São as mesmas ondas de fluxo e refluxo, de banhistas, que aparecem e desaparecem.

Em outros tempos, era Março e Abril, Setembro e Outubro. A cidade deixou de ser estância de tratamento de saúde e se transformou em cidade de turismo, verão e carnaval. A frequência agora é de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, com alteração varia, uma queda maior de banhistas do que a temperatura de Junho.

⁴⁶¹ Crônica de Léo Ferrer. “Parada mal Topada”. 11/09/1938. In: PONTES, Op.cit.p. 76-77

No mez de Junho passado o Sr. Vivaldi fez a estação da imprensa, tendo trazido a Poços de Caldas todos os jornalistas do Rio e de São Paulo. O resultado é isso que está ahi. A cidade completamente vazia, absolutamente erma e deserta.

Os próprios argentinos que vinham com o frio, esses platinos sumiram com aquelle celebre fubá da canção carnavalesca.

Ora, tudo isso tem uma causa. A causa é médica e das Thermas. Ninguém diria em 1927 que os novos melhoramentos seriam uma calamidade para Poços de Caldas.

Pois foi assim. A frequencia é a mesma. Não augmentou. Os doentes desapareceram.

A cidade de saúde deixou de existir e Poços de Caldas, com tudo, que desapareceu, com optimas estradas de rodagens, é uma estância decadente.

Porque? É o que iremos ver.⁴⁶²

Quem poderia prever que satisfazendo as novas exigências de um grupo cada vez mais desejoso de novas experiências que o diferenciavam ano após ano do restante da sociedade levaria ao esgotamento da cidade balneária? Aonde se encontrava o erro de um projeto que havia colocado no topo da pirâmide social determinados comportamentos, suas motivações e objetivos que satisfaziam os desejos mais imediatos de um grupo ávido pela vivência de novas emoções nos espaços das cidades?

Ao contrário do que a história oficial aponta como sendo o fim⁴⁶³ da cidade e desta cultura balneária em nosso país, acredito ser importante demonstrar que neste caso específico, ou seja, neste caso de uma figuração social que foi estudada na longa duração

⁴⁶² **Revista de Poços de Caldas.** “Intervallo”. 11/07/1937.

⁴⁶³ É opinião unânime entre os estudiosos que se debruçaram sobre o tema das cidades hidrominerais no Brasil, que o Decreto-Lei 9215/1946 instituído pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, e responsável pelo fechamento dos cassinos em 1946, tenha contribuído de maneira certa para o esvaziamento destas cidades em nosso país. Ora, a partir de meados dos anos 30 já se jogava francamente nas praias de Santos, Guarujá e Rio de Janeiro. É claro que o fechamento dos cassinos deixou muitas pessoas desempregadas e proprietários falidos do dia para a noite, contudo, como podemos explicar a alta frequência de visitantes a estes lugares mesmo depois do fechamento dos cassinos? Não seria então a formação de um novo *habitus* social que teria contribuído para uma nova formação social? O que é o turismo de sol e mar, senão uma mudança considerável na estrutura da personalidade do indivíduo que se fez moderno em nosso país?

existiram mudanças importantes na estrutura da personalidade dos indivíduos, e que o esgotamento da cidade balneária esteve relacionado principalmente com o rompimento do equilíbrio das tensões que durante anos permitiu a perpetuação desta formação social.

Por volta de 1935, o *week-end* entra para o rol dos novos comportamentos da elite brasileira que passa a se dividir entre as temporadas de verão em Poços de Caldas e os finais de semana nas praias de Santos, São Vicente, Guarujá e Copacabana. O “intervalo” que passa a ser comentado nas páginas da imprensa local era o espaço de tempo entre essas duas situações e a ausência quase total de todos esses frequentadores que foram citados até aqui.

As temporadas de inverno que haviam sido criadas desde 1932 não caíram no gosto da elite brasileira, e conseqüentemente com a instituição de novos comportamentos que simbolizavam o seu status social, ninguém ia *“deixar Santos ou a praia de Copacabana para ir agüentar o frio de Poços de Caldas ou as lonjuras do Araxá que só podem ser affrontados por um diabético que perdeu a esperança em toda a espécie de insulina”*.⁴⁶⁴

⁴⁶⁴ **Revista de Poços de Caldas.** “A falta de frequencia”. 01/12/1935.

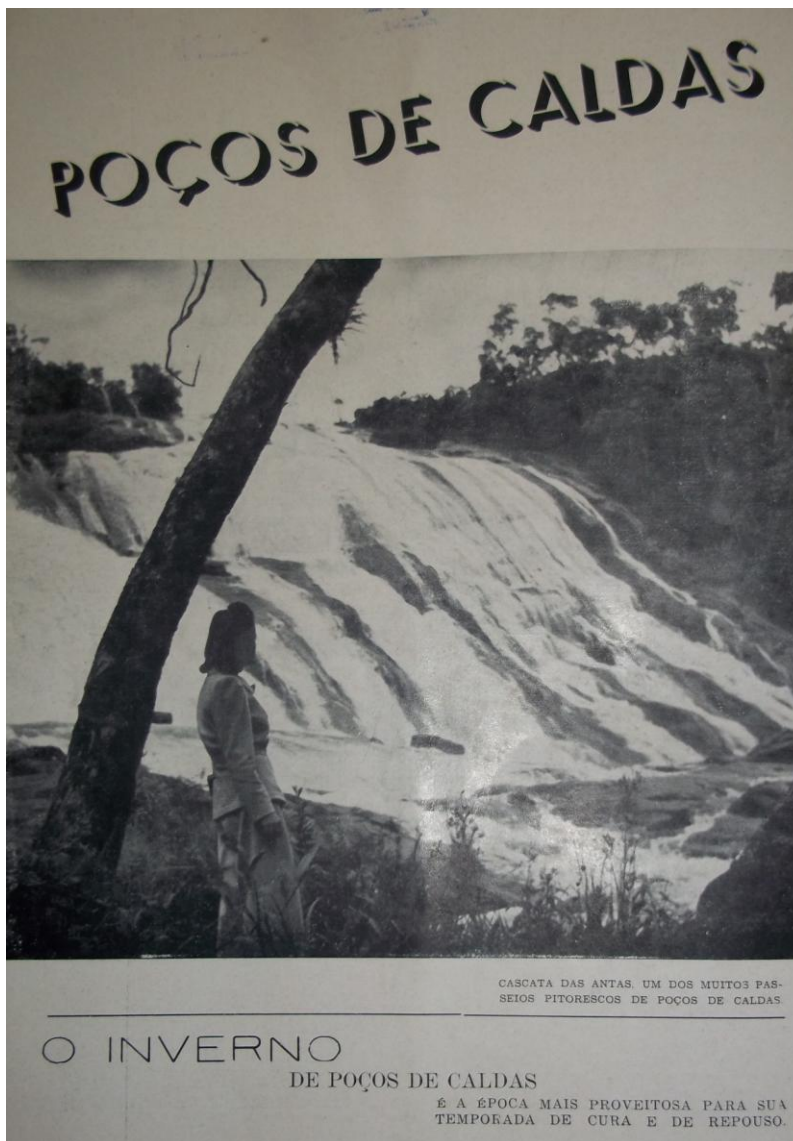


Figura 77: Propaganda das temporadas de inverno em Poços de Caldas. Data: 1942

Além do mais, os elegantes do país também começavam a se dividir entre as excursões turísticas ao Prata.

(...) uma tolice irremediável. Essas excursões turísticas a Buenos Ayres e Montevideo devem ser assim catalogadas. Isso nos disse um dos médicos da tournée, o dr. F. Castella, meu con-discipulo de collegio e velho amigo. Tudo atabalhado, tudo correndo, em uma visão muito superficial das

*coisas, um pesadello acordado; e, ao embarcar de volta, a pessoa, ignorando tudo, desde a direcção das avenidas paralelas até os mínimos detalhes da vida traz no bolso vazio umas expressões espanholas e uma sensação muito falsa de que se divertiu.*⁴⁶⁵

Os novos comportamentos e a atribuição de novos valores a esse lugares começavam então, a dividir as preferências elitistas que já não escolhiam apenas Poços de Caldas como opção civilizada para a manutenção dos seus signos de distinção e prestígio social. E por que não dizer que ela enquanto cidade balneária já não era mais a grande novidade do nosso país?

*O cafelista, o commissario, o alto bancário, o importador, o homem dos grandes negócios desta praça, quando chega na sexta-feira de manhã, está sonhando com o seu fim de semana, esse encantador dia de descanso, para o passeio de automóvel, para a pescaria no Guarujá ou São Vicente, para a partida de golf, o cocktail e a ceia no Casino Beiramar, tudo pretexto para tentar a sorte e manobrar as fichas multicores da roleta, do baccarat, da campista.*⁴⁶⁶

O *intervalo* era realmente uma grande preocupação nos meses de inverno, porém, a “*extranha anomalia*”⁴⁶⁷ que estava se dando em Poços de Caldas já em 1936 era com toda a certeza, reflexo destas mudanças na estrutura da personalidade que ia aos poucos, alterando esta figuração social, sem que os indivíduos envolvidos nela fossem capazes de perceber os rumos de uma nova formação social do lazer em nosso país. A princípio, tudo

⁴⁶⁵ **Revista de Poços de Caldas.** “Poços em ascensão”. 15/12/1935.

⁴⁶⁶ **Revista de Poços de Caldas.** “Week-end”. 10/11/1935. n. 285.

⁴⁶⁷ **Revista de Poços de Caldas.** “Fevereiro ou Março”. 08/03/1936.

era turismo, e o turismo era “*um prazer*”.⁴⁶⁸ E este prazer ainda não havia sido segmentado em várias vertentes como o foi décadas mais tarde em nosso país.⁴⁶⁹

Era a primeira vez que se noticiava uma mudança considerável nos meses de frequência na cidade balneária. Percebia-se que ao contrário dos meses de Março e Abril, que haviam ficado na memória como “*mezes de cura*”⁴⁷⁰, fevereiro ia tornando-se o mês de maior visitação em Poços de Caldas.

*É innegável o triumpho de Poços de Caldas como estância de veraneio, de prazer e de descanso. E foi observado que vieram aqui passar o carnaval uns 100 automoveis de São Paulo, que deviam ter transportado pelo menos umas 400 pessoas, não se falando no movimento formidável da Mogyana, que teve de dar dois trens na quarta-feira de cinzas.*⁴⁷¹

O mês do carnaval começava realmente a sobrepujar até mesmo as temporadas de verão. No jornal local, as críticas não cessavam de aparecer. E o turismo, já era uma grande decepção que colaborava para o início do rompimento daquele equilíbrio móvel das tensões.

O jornal local “O Caxambuense”, traz-nos também a notícia de que vae ser installada alli um centro de turismo. Aqui em Poços de Caldas nós já percorremos todas as etapas do triumpho acabando todas ellas no desencantamento da mais cruel das desilusões. Achamos que bastava que instalássemos uma estancia europea e a cidade ia regorgitar de gente. De

⁴⁶⁸ **Revista de Poços de Caldas.** “A falta de frequencia”. 01/12/1935

⁴⁶⁹ Refiro-me às diversas divisões do turismo que levaram em consideração os gostos individuais, por exemplo: turismo cultural, turismo religioso, turismo rural, turismo de negócios, etc. Como turismóloga, acredito que o turismo de saúde foi uma das vertentes que definitivamente nunca emplacou em nosso país até o início deste século. Nos últimos anos temos assistido a um movimento crescente do *turismo de bem-estar*. Ora, esta denominação não é mais do que uma campanha de marketing para promover novamente as virtudes terapêuticas das águas medicinais, pois de certa forma, o turismo em si já é uma atividade que denota ou deveria denotar bem-estar.

⁴⁷⁰ **Revista de Poços de Caldas.** “A falta de frequencia”. 01/12/1935.

⁴⁷¹ **Revista de Poços de Caldas.** “Fevereiro ou Março”. 08/03/1936.

facto, temos aqui a maior organização hydro-mineral da América do Sul; dispomos de um hotel magnífico, proporcionando a hospedagem de luxo; temos um Casino sumptuoso para se debastar fortunas; possuímos um Parque que constitue o maior orgulho do Rei dos Horticultores, que é Dierberger. O grande Saturnino de Brito traçou um plano ideal de saneamento e nós o realizamos; tudo o que há de mais inaudito em hygiene urbana. O engenheiro Asdrúbal de Souza um dos maiores electricistas brasileiros, sonhou para nós uma installação igual às melhores da América do Norte, e nós temos em excesso milhares de cavallos electricos. Um Prefeito intemerato como o actual, calça o resto da cidade e afasta o perigo das enchentes, realisando uma das maiores obras da engenharia moderna, uma verdadeira obra babylonica. Temos a melhor e a mais technica estrada de rodagem que nos liga à S.Paulo em 4 horas, a Santos, Campinas e a todas as cidades paulistas, aos centros ricos e productores do sul de Minas, tudo em 2 e 3 horas.

Temos tudo isso e estamos com a cidade vasia. É que, em uma estância de águas, o que vale é a propaganda scientifica, é fazer o que fez, intelligentemente, S. Lourenço, ligando indissoluvelmente o seu nome às moléstias do fígado com a sua água magnesiana.

*Quanto ao turismo, é para uma estação de águas um desastre, o que nós precisamos é de enfermos, é de aquáticos, é de pessoas que venham fazer estadias de 15 a 21 dias. O mais é illusão...*⁴⁷²

⁴⁷² **Revista de Poços de Caldas.** “A illusão de Caxambu”. 31/10/1937.

a **MAGNESIANA** para o figado, rins e bexiga;
 " **ALCALINA** (semelhante á Vichy) para o estomago;
 combate a azia;
 " **GAZOSA** excellente para meza, diuretica, desintoxicante.

Tres typos inexciveis que se completam.

FONTES EM SÃO LOURENÇO — SUL DE MINAS

Esckriptorios: Rio de Janeiro: - Rua da Quitanda, 51-1.º, telephone 4-0363. Em São Paulo: — Rua Benjamin de Oliveira, 7, telephone 9-0551.

Representantes: - Em Curytiba: Nociti & Cia. Ltda. — Rua Marechal Deodoro, 63. Em Rio Grande: Carlos Tito Schneider — Rua Marechal Floriano, 167 mod. Em Pelotas: Alvaro Zanotta — Rua Voluntarios, 254. Em Porto Alegre: Martins & Cia. — Rua Cel. Vicente, 384. Em Santa Maria: Arthur Chelini — Rua Marechal Floriano, 179.

Depositarios: — Em Cachoeira: Cicero Teixeira. Em São Sebastião: Manoel A. de Carvalho. Em Bagé: Luiz Seixas. Em Bagé: Sebastião Candiota. Em Victoria (Espirito Santo): Arthur Teixeira — Rua General Ozorio, 16. Em São Salvador (Bahia): Gustavo Ferreira Pinto Basto — Rua do Sodré, 8. Em Aracajú (Sergipe): Manoel M. de Almeida — Rua São Christovam, 12. Em Maceió (Alagoas): Normande & Cia. - Rua do Commercio, 460. Em Recife (Pernambuco): J. Costa Rego Junior — Rua João Pessoa, 253-1.º. Em João Pessoa (Parahyba): C. Pereira & Cia. — Rua Maciel Pinheiro, 269-1.º.

Figura 78: Propaganda das águas minerais de São Lourenço em 1935.

Ora, não era a atividade em si que ia descaracterizando a vida balneária em Poços de Caldas. A atividade turística era apenas um elemento desta figuração social onde os sentimentos e as emoções de uma classe elitizada e da população local estavam em constante movimento numa rede de interdependências que garantia a ocorrência daquela formação social. Os desejos e as expectativas da elite brasileira já não se concentravam somente naquele lugar, por outro lado, a população local que havia exercido um

autocontrole necessário para que este jogo social se desenvolvesse de maneira natural, começava a recusar “a sua exclusão de uma partilha estabelecida”⁴⁷³ sem ela.

Léo Ferrer, o cronista local que nos acompanhou ao longo desta tese, escreveu em fevereiro de 1939 uma das últimas crônicas⁴⁷⁴ em que narrava este descontentamento da população local que já não se beneficiava desta própria formação que se via em perigo e que em breve seria definitivamente substituída por outra onde repousaria “um novo equilíbrio das forças”⁴⁷⁵ em uma “figura inédita das interdependências”.⁴⁷⁶

Antes de tudo, eu aviso: sou um legítimo fã da Carmen Miranda e do Almirante.

No ano passado eles estiveram aqui. Dando-nos o prazer de ouvi-los, ou ao microfone da nossa Rádio Cultura (exceto o Almirante), ou no palco do Teatro Cassino. Todos.

Espectáculos ótimos. Irradiações ótimas, ouvidas, naturalmente por quem tem a felicidade de possuir um aparelho receptor de rádio.

Espectáculos assistidos, claramente, por quem dispusesse de capital para assisti-los...de platéia. Quinze bagarotes. “e se quiser”... Só pra gente rica... Preço do Municipal, do Rio.

Dois espetáculos. Casa cheia. Muito apreciados.

Levaram daqui, do nosso meio, limpamente, merecidamente, uns bons cobrinhos para seus alfinetes ou para a graxinha dos sapatos.

Tá certo. Até aí vai muito bem. Propagandazinha para seus nomes, que têm vivido à custa de seus reais méritos; propaganda razoável para a P. R. H. 5, graças a boa vontade do Pedro Junqueira; e propaganda razoável para a nossa Poços de Caldas.

⁴⁷³ ELIAS, Op.cit., p.14

⁴⁷⁴ Léo Ferrer faleceu em 1941. A sua última crônica intitulava-se “Uma data festiva” e foi escrita em 17/08/1941.

⁴⁷⁵ ELIAS, op.cit. p. 14.

⁴⁷⁶ Idem.

Este ano voltaram outra vez. Uma turma bamba. Algumas audições pelo microfone da nossa emissora. Dois espetáculos no Teatro Cassino, muito concorridos. Preço: quinzão baiano. Nem um tostão menos...

Tá certo.... E nós ficamos imaginando isso:

Poços de Caldas compõe de uma população relativamente pobre, o que prepondera aqui, em geral, é a classe média; a proletária, em boa porcentagem e a classe pobre, em maioria. Lá um ou outro, que se possa dizer que é rico. Muito bem.

*Para quem foram as primeiras e segundas irradiações e os espectadores desses consagrados “astros” e “estrelas” do **broad-casting** nacional?*

Evidentemente , para os que “podem”.(...)

Dessem, um espetáculo , em matinê ou soirée, em benefício, ou da nossa Matriz em construção; ou da Nossa Santa Casa; (...) em favor de qualquer coisa que exista para o benefício espiritual, moral, corporal ou material da nossa gente? Não seria tão simpático?

*Não...cuidam só deles. Venham a nós as boas diversões e a boa vida (...).*⁴⁷⁷

Enquanto Santos recebia na Semana Santa “50.000 turistas”⁴⁷⁸ que desciam a serra, a cidade balneária ia perdendo cada vez mais o turista que já havia encontrado em outros lugares, diferentes motivações para as suas atividades de lazer como signo do seu prestígio social.

A pior fase vivida pela cidade teve início a partir de 1940, seis anos antes do fechamento dos cassinos no Brasil, com vários elementos negativos, entre os quais “a situação de dificuldade creada pela guerra”⁴⁷⁹ e os melhoramentos que foram sendo realizados em outras cidades que também possuíam fontes de águas medicinais.⁴⁸⁰ As praias do litoral paulista definitivamente já eram o “week-end” da elite paulista. O discurso do tempo livre democratizava-se no país com a organização de empresas especializadas na

⁴⁷⁷ FERRER, Léo. “Assim, sim; mas assim, também não”. 12/02/1939. In: Pontes, Op.cit. p. 137

⁴⁷⁸ **Revista de Poços de Caldas**. “Tristeza turística”. 30/04/1939.

⁴⁷⁹ **Revista de Poços de Caldas**. “Propaganda”. 01/11/1940.

⁴⁸⁰ Águas de São Pedro e Araxá aparecem neste momento como grandes concorrentes de Poços de Caldas.

atividade turística. Em 1947, a **Exprinter**, empresa que se definia como uma organização de turismo responsável por possibilitar economia de tempo e dinheiro do turista nacional e internacional, já divulgava o novo itinerário emotivo que havia nascido anos antes nesta figuração social.

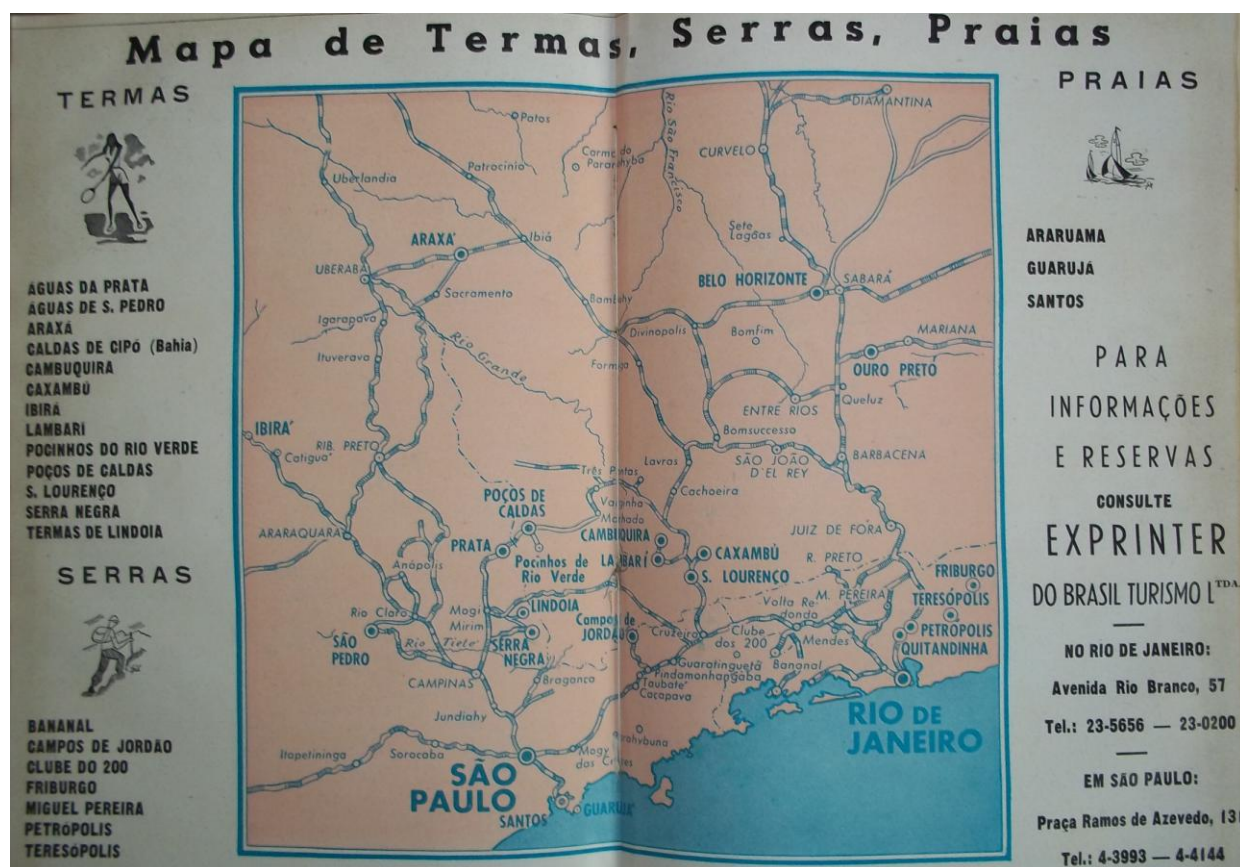


Figura 79: Folheto publicitário da Exprinter em 1947 – Mapa de Termas, Serras, Praias.

E o carnaval de Poços de Caldas ainda era o último dos atrativos turísticos que conseguia uma frequência elevada na cidade. Em 1945 já não se viam as notícias glamorosas que antes eram divulgadas na imprensa local e nacional. Neste mesmo ano, é importante reforçar, um ano antes do decreto presidencial, poucos eram os cassinos que estavam funcionando na cidade. “E esses mesmos, com excessão do Líder deram, agora,

*para melhor explorar os incautos e tirar-lhes até “as meninas dos olhos” de praticar vergonhosas bandalheiras, que temos observado, todas as noites”.*⁴⁸¹

Nas Thermas e no clube da cidade, a notícia dos banhos com toalhas pequenas causava grande mal-estar a todos aqueles que haviam presenciado os tempos áureos da cidade balneária no Brasil. A classe médica que havia contribuído de maneira decisiva no início dos anos trinta para que a água medicinal se transformasse em importante elemento de divulgação turística, arrependia-se demasiadamente pela progressiva desqualificação de suas virtudes terapêuticas da qual eles mesmos haviam dado início a este processo.

*Nestes últimos tempos, porém, muitos hotéis, clubes esportivos e outras organizações de utilidade ou interesse coletivo tomaram a iniciativa, de por medida de economia, substituir a toalha grande por toalha bem menor. E o resultado é que muita gente não sabe ou não quer enxugar-se bem com a toalha, limitando-se a parcialmente secar o cabelo, rosto e tronco, para vestir-se com o corpo ainda meio molhado, o que é pelo menos bastante desagradável.*⁴⁸²

A figuração social que havia possibilitado a emergência de uma cultura burguesa que soube aproveitar o ineditismo do primeiro espaço balneário construído no Brasil, com suas “*normas, valores e ethos*”⁴⁸³ acabou ao longo do tempo, tornando-se uma formação social irreal para aquele grupo que já havia localizado suas preferências de ordem emocional em outros lugares que simbolizavam as novidades civilizadas de entretenimento para uma classe rica em nosso país. “*A perda de sentido e o desaparecimento da função daquilo que os homens dessas elites de poder consideravam o sentido e o valor mais elevados de suas vidas, já estava acontecendo*”⁴⁸⁴ antes mesmo do fechamento dos cassinos em 1946 sem que estes mesmos indivíduos que se relacionavam de forma

⁴⁸¹ **Revista de Poços de Caldas.** “Bandalheiras nos cassinos locais”. 10/04/1945.

⁴⁸² **Revista de Poços de Caldas.** “O banho com a toalha pequena.” 14/04/1945.

⁴⁸³ ELIAS, Op.cit. p. 290.

⁴⁸⁴ Idem.

interdependente tivessem percebido. O decreto presidencial foi apenas a ponta do iceberg que deixava oculto todas estas situações que foram narradas por aqui.

CONCLUSÃO:

A cidade balneária e o nascimento de uma cultura burguesa ao redor das águas termais em nosso país, objeto de estudo desta tese foi uma formação de elite. Encontraram-se nesta investigação alguns exemplos que tentaram ilustrar essa afirmação. A figuração social aqui descrita demonstrou que esta cidade e esta cultura não foi “*um fenômeno existente fora dos indivíduos*” que a constituíram. Pelo contrário, foram estes indivíduos que a constituíram, ou seja, o curista, o veranista, o banhista, o turista, os médicos e a população local que formaram um tipo de figuração social onde estes se relacionavam de forma interdependente cuja reprodução sustentava-se em um equilíbrio móvel de tensões. Foi este equilíbrio que garantiu a ela o seu sucesso como um fenômeno singular e exclusivo do seu tempo. As redes de dependências recíprocas que fizeram com que cada ação individual dependesse de uma série de outras, modificou por sua vez, a imagem deste jogo social.

Há oito anos quando as primeiras investigações sobre este tema surgiram era muito comum nas linhas de pesquisa a afirmação de que não só Poços de Caldas, mas quase todas as cidades que possuíam fontes de águas medicinais passavam por um momento de grande abandono, com o seu patrimônio arquitetônico em ruínas e os seus espaços balneários desprovidos de valor cultural. Essas cidades que já não sobreviviam somente do turismo, recebiam ainda assim, uma pequena parcela de visitantes que em nada lembravam os indivíduos que haviam participado desta cultura burguesa balneária em nosso país.

Há anos o turismo em Poços de Caldas já havia se consolidado como um turismo da terceira idade, proposta que foi defendida pela primeira vez pelo médico Mário Mourão quando em 1945 publicou o seu livro intitulado “*O livro dos Velhos*”. Nele, o autor pregava o benefício que as águas termais, uma alimentação saudável, a prática de exercícios e a vivência em um ambiente com características pitorescas trariam para uma velhice saudável. Na época em que eu cursava a faculdade de Turismo na PUC/ Minas campus de Poços de Caldas, as discussões eram intensas sobre como “*mudar a imagem*” da cidade que já não recebia mais os jovens para as festas de carnaval no seu espaço urbano. Conclui o meu curso em 2002 e ao que se mostrou nos anos seguintes esta façanha nunca

foi alcançada pela cidade. E hoje é mais fácil de entender que a mudança desta imagem perpassa pelos meandros dos aspectos que dão sentido às figurações sociais nas quais nos incluímos. O discurso que hoje se tornou o da “*melhor idade*” foi o resultado do reflexo de um habitus social que foi se solidificando na longa duração e que ainda resiste graças à uma rede móvel de tensões. Nesta figuração, as redes de interdependências são desenvolvidas entre os mais velhos e os indivíduos que a seu modo tem possibilitado a manutenção deste discurso não só como um benefício à saúde, mas como um benefício à vida toda. E como as figurações estão continuamente em fluxo fica mais fácil compreender o seu deslocamento numa direção que ninguém previu, mas que nos abarcou no discurso da vida saudável, capaz de incluir no espaço urbano desta cidade inúmeras pessoas que hoje se preocupam com este estilo de vida.

Outro erro comum que se repete até os dias atuais é esta vontade e esta necessidade que se percebe nas políticas públicas de incentivo ao turismo de querer “*reviver os tempos áureos dos cassinos*”. Parece óbvio afirmar que este tempo já passou, mas talvez seja necessário demonstrar a partir desta tese que o tempo vivido pelas festas e pelos jogos nos cassinos envolvia uma série de situações de interdependências entre os indivíduos que só fizeram sentido naquela figuração social. Mesmo contando com a hipótese da liberação do jogo em nosso país, dificilmente iríamos reviver este tempo áureo justamente porque dentro do processo civilizador os nossos sentimentos e nossas emoções estão em constante mudança o que acaba direcionando os nossos gostos e a escolha das nossas atividades de lazer. E também porque a série de “*antagonismos, instáveis, móveis, equilibrados*” que garantiam a sua possível reprodução já não são mais os nossos. A estrutura da nossa personalidade, o nosso habitus social, que é o modo como naturalizamos os hábitos e os comportamentos que hoje nos parecem normais são formados de uma relação existente entre a dinâmica psicológica e a dinâmica social. E aqui reside mais um argumento sobre esta questão.

As atividades de lazer que escolhemos e que a princípio nos parece uma escolha natural centrada na nossa suposta liberdade não é mais do que esta rede móvel de tensões que dá forma e movimenta a figuração social da qual fazemos parte. É no interior dessa figuração que nossas escolhas são feitas sempre em relação ao julgamento que teremos dos

outros que compõem a formação social na qual estamos inseridos ou que gostaríamos de participar. Por este motivo nem todas as atividades de lazer da qual nos ocupamos pode nos dar prazer, porque existe dentro de nós um autocontrole que já foi naturalizado e que nos permite viver essas situações de maneira civilizada diante dos objetivos que queremos alcançar, seja a marca de um status social ou o poder exercido por um grupo em ascensão. Ao que tudo indica, viajar para Poços de Caldas ainda era muito mais agradável do que descer a serra para enfrentar o alto calor em Santos ou no Guarujá, contudo, o que valia era a manutenção deste poder relacional que estava em jogo para aquela sociedade naquela figuração social.

A grande novidade trazida para o campo da história, ou pelo menos para a história oficial de Poços de Caldas, é que o decreto presidencial que proibiu a prática do jogo no Brasil não foi o desfecho final como até então se pensava para o fim de uma vida glamorosa que a cidade havia se acostumado a partir dos anos 30. A cidade já vinha sofrendo pelo menos desde o final da década de trinta de uma baixa frequência de hospedagem ocasionada por novos desejos em transformação da elite brasileira envolvida no processo de civilização.

A partir da análise da cidade balneária a tese procurou também demonstrar que as mudanças nos costumes não ocorrem arbitrariamente, mas seguem uma direção que é dada justamente pelas ações de vários indivíduos que convivem de maneira interdependente sem que eles mesmos se dêem conta disto. A nossa própria individualidade também é formada na relação de interdependência com os outros e com a sociedade da qual participamos. O imaginário balneário possibilitado pela reorganização de um espaço onde antes se professava a cura em detrimento de qualquer tipo de diversão que não estivesse necessariamente vinculado às regras de higiene instituídas pela hidrologia médica do século XIX mostrou-nos o quanto a *“relação existente entre a dinâmica psicológica”* e a *“dinâmica social”* são fatores importantes para entendermos a economia psíquica das emoções no processo civilizador.

Os depoimentos contidos nas páginas dos jornais que retrataram as expectativas daqueles que partiam para a vilegiatura de repouso revelaram-nos muito sobre a estrutura mental e emocional da época, cujos desejos e anseios perante o novo espaço, se por um

lado não se relacionavam com os nossos, por outro também não se relacionavam com aqueles que faziam as viagens de cura em nosso país. A cultura burguesa que havia nascido a partir do imaginário da cidade balneária no Brasil foi, portanto filha de uma figuração social que se por um lado já não é mais a nossa, por outro, nos ajuda a entender pelo menos alguns dos comportamentos e emoções que vivenciamos hoje em dia.

Referências bibliográficas:

Sobre cidades termais, estâncias hidrominerais, águas minerais e espaços balneários:

ALMEIDA, Teófilo de. Tese sobre “Organização Médico-hospitalar das estâncias hidrominerais”. In: **Revista Brasileira de Fisioterapia**, 1946.

BRANDÃO, Manoel. **Cambuquira e seu clima**. 1931.

BUTTER, Guilherme. Uma visita às regiões das fontes de águas milagrosas. In: **Jornal “O Dia”**, Curitiba, 19 de setembro de 1942.

CHAVES, Benício. **Águas de Lambary**. Acção-indicações e contra-indicações. Lambary, 1932.

CÂMARA MUNICIPAL DAS CALDAS DA RAINHA. **Caldas da Rainha**. Património das águas. Lisboa: Autores (2005) e Assírio & Alvim, 2005.

CAMINHOÀ, J. M. **Estudo das Águas Mineraes do Araxá**, comparada às congêneres de outras procedências, “curabilidade da tuberculose pulmonar pelas ditas águas” – usos industriais das mesmas. Rio de Janeiro: Typ. De Laemmert & C, 1890.

CASTRO, Antonio Maria de Miranda. Dissertação inaugural sobre “**As águas mineraes brasileiras**” e em particular as da cidade do Rio de Janeiro. These apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e sustentada em 7 de dezembro de 1841. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1841.

CERIANI, Carlo. Principais águas minerais brasileiras. In: **Termalismo no Brasil**. Secretaria de Esportes, Lazer e Turismo do Estado de Minas Gerais; Sociedade Brasileira de Termalismo. Seção Minas Gerais. s/d.

CORBIN, Alain. **O território do vazio** – a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

DIAS, Maurício Azenha. Edifício “**Sobre as Ondas**”, um ícone da arquitetura moderna no litoral brasileiro. *Arquitextos*, São Paulo, 03.033, Vitruvius, fev 2003. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.033/708>

DONNELL, Júlia O’. Uma Copacabana para o mundo: a década de 1920 e a invenção do Rio Atlântico”. In: **Anais Eletrônicos do XXVI Simpósio Nacional de História**. Anpuh

50 anos. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares#J>

Pesquisado em: 26/11/2011.

DUTEIL, Fabienne Pouradier. **Villas de la belle époque. L'exemple de Vichy.** Diffusion Harmonia Mundi, 12^a édition, 2013.

ENGERAND, Fernand. **Les amusements des Villes d'eaux a travers les ages.** Paris, 1936.

FABRINO, Antonio de Oliveira. **Aspectos da Crenoterapia na Europa e no Brasil.** Publicação n.1. Comissão Permanente de Crenologia. Departameento Nacional de Produção Mineral, 1950.

_____. **Relações entre o município e o estado.** Num verdadeiro desenvolvimento das estâncias hidrominerais. 1952.

FRANÇA. Ministère de l'économie des finances et de l'industrie. **La diversification des activités des stations thermales,** 2011.

FRANCO, Amanda Cristina. **Cidades de cura, cidades de ócio - a influência de concepções estrangeiras no urbanismo de três estâncias paulistas Águas de Lindóia, Águas da Prata e Águas de São Pedro 1920-1940.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2005. 222 p.

_____. Entre o racional e o pitoresco: o Plano Diretor de Luís Saia para Águas de Lindóia. In: **Anais do 5º Seminário Docomomo Brasil.** São Carlos: SAP/ EESC/USP, 2003. CD-Rom.

_____. A influência de concepções urbanísticas estrangeiras nos planos para as estâncias hidrominerais paulistas entre 1920 – 1950: os casos de Água da Prata, Águas de Lindóia e Águas de São Pedro. In: **Anais do VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo.** Salvador. PPGAU, 2002. CD-Rom.

FELICÍSSIMO, Mozart. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. **Estudo das águas minerais de Araxá.** Rio de Janeiro, outubro de 1927.

FERREIRA, Antônio S. J. **Cambuquira.** Htdro-estação do sul de Minas. Memória apresentada ao 5º Congresso Brasileiro de Geografia. São Paulo: Luiz Iabar, 1922.

FILHO, Pedro Dutra de Carvalho. **Águas Minerais do Araxá.** Rio de Janeiro, 1938.

FILHO, Virgílio Correia. **Lambari**. Rio de Janeiro, 1947.

FRANCO, Amanda Cristina. **Cidades de cura, cidades de ócio** – a influência de concepções estrangeiras no urbanismo de três estâncias paulistas: Águas de Lindóia, Águas da Prata e Águas de São Pedro 1920-1940. Escola de Engenharia de São Carlos. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, 2005.

Guide pratique aux Villes d'eaux. Stations climatiques. Plages marines française).

Disponível em:

<http://gallica.bnf.fr/Search?ArianeWireIndex=index&p=1&lang=PT&q=+Villes+d%E2%80%99eaux.>+

JÚNIOR, José Ferreira de Andrade. **Captação das fontes de São Lourenço**. Rio de Janeiro, 1942.

LARRINGA, Carlos. **Patrimônio del sector turístico**: los balnearios. El caso guipuzcoano. In: AREAS, Revista Internacional de Ciências Sociales. N. 29, 2010.

LEMO, Pedro Sanches de. **Notas de viagem** – Na Alemanha, Na Suíça e na França. São Paulo: Escola Typográfica Salesiana, 1903.

LIEVEN, A. **Guide populaire du baigneur e du touriste**. Aix la Chapelle et Borcette. 3^{ème} edition Bruxelles: GPBT.

LIMA, Fabio José Martins de; et al. **O Barreiro do Araxá em três tempos**: dilemas para a preservação do complexo balneário em Araxá/MG. In: 8^º Seminário Docomomo Brasil. Disponível em: www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/137.pdf

LIMA, Glaucia Teixeira Nogueira. **Imagem da estação**: a construção imagética de um balneário que se quer revelar. In: VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritos da História: ver, sentir, narrar. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Glaucia%20Teixeira%20Nogueira%20Lima.pdf>

LISBOA, Samuel. **Poços de Caldas e Águas da Prata**. Março de 1946. Catálogo ilustrativo sobre Poços de Caldas e Águas da Prata.

LOPES, Renato de Souza. **Salvaterra a estância mineira de repouso**. Rio de Janeiro, 1934.

LUZ, Carlos. **O Barreiro do Araxá**. Rio de Janeiro, 1942.

MAIA, Carlos da (pseud.) **Uma estação em Poços de Caldas**, crônicas publicadas n'O Combate, de São Paulo em fevereiro e março de 1925. São Paulo: Instituto Anna Rosa, 1925.

MAGALHÃES, Mário de Castro. **As águas de Araxá** - Descrição geral da estância. Uberaba, 20 de Março de 1945.

_____. **A Estância hidromineral de Araxá**. Belo Horizonte, 1952.

_____. **Estâncias e estações crenoclimáticas**. Algumas indicações terapêuticas das águas de Araxá. s/d.

MAGALHÃES, Gualberto V. de Paulo. **Sugestões para melhor aproveitar as águas minerais do Brasil**. s/d.

MARTINS, Armino. **Lambari, cidade das águas virtuosas**. Armino Martins, 1949.

MARRAS, Stelio. **A propósito de águas virtuosas** – Formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. **A cidade termal: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931**. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em História na área de Política, Memória e Cidade pelo IFCH/Unicamp em 2009.

MARTINS, Armino. **Lambari, cidade das águas virtuosas**. Armino Martins, 1949.

MELLO, Paulo Figueira. **Os banhos carbogazosos e as estâncias hydromineraes do sul de minas**. Separata do "Brasil-médico". Rio de Janeiro, 1939.

Ministério da Agricultura. Departamento Nacional da Produção Mineral. Captação das fontes de São Lourenço. José Ferreira de Andrade Junior. Rio de Janeiro, 1942.

Ministério da Agricultura. Águas mineraes do Brasil. Primeira contribuição para o conhecimento das fontes e estabelecimentos da estatística da produção. Alpheu Diniz Gonsalves. Rio de Janeiro, 1936.

MILWARD, Rodolpho Alves. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. **Águas Minerais**, 1925.

MOURÃO, Mário. **Synthese crenologica**. 2 ed. 1938.

MOURÃO, Mário. **Poços de Caldas. Esboço Histórico** – águas minerais sulfurosas. Rio de Janeiro: Papelaria Velho, 1933.

_____. **Os banhos de Poços de Caldas.** Modo de usá-los. 1920.

_____. **O banho sulfuroso de Poços de Caldas no tratamento do reumatismo, pele e sífilis.** s/d.

_____. Thermas de Lindoya. Estado de São Paulo. Brasil. Publicado no **Jornal do Commercio** em 20/03/1938.

_____. **Tratamento Hidromineral das moléstias do fígado.** Poços de Caldas, 1939.

_____. **Os elementos da cura hidromineral em Poços de Caldas.** Novembro de 1943.

MOURÃO, Benedictus Mário. **Anais do 1º Congresso Brasileiro de Hidraclimatismo 1937.**

_____. **Anais do 1º Congresso Brasileiro de Hidro-climatologia.** Realizado em São Paulo de 12 a 14 de agosto de 1935. Sob os auspícios da sociedade de medicina e cirurgia de S. Paulo e do Touring Club do Brasil. São Paulo, 1937.

_____. **Sugestões para a organização e propaganda científica das estâncias hidrominerais.** São Paulo, 1948.

NASCIMENTO, Theodoretto Nascimento. **O valor de nossas águas minerais.** Rio de Janeiro, 1930.

NETTO, Orozimbo Corrêa Netto. **Fontes de águas minerais-sulfurosas e ferruginosas radioativas da Vila Quisisana.** 1942.

_____. **Recentes estudos sobre as fontes termiais.** Separata do Brasil-Médico. Rio de Janeiro, 1946.

_____. **O termo-climatismo social brasileiro e a estância hidro-mineral do Cipó.** S/d.

PAULVÉ, Dominique. **Villes d'eaux.** Histoire, Architecture, Thermes. Éditions Massin, 2013.

PELEGRINO, J. Rodarte. Impressões de Poços de Caldas – viagem longa, mas compensada. In: **Jornal O Eco**. 09/05/1943.

PORTO, Daniele Resende. **O Barreiro de Araxá** – projetos para uma estância hidromineral em Minas Gerais. Dissertação apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo. São Carlos, 2005.

PUPO, João de Aguiar. Aguas Minerais do Brasil. Estudo geral de hidrologia médica. In: **Revista Paulista de Medicina**. Vol. XXI – julho de 1942, n. 1.

_____. **Evolução do Termoclimatismo no Brasil**. Súmula histórica e suas perspectivas atuais. **Boletim da Academia Nacional de Medicina**. Ano 145. Vol.IV. Rio de Janeiro/RJ, 1974.

QUINTELA, Maria Manuela. **Saberes e práticas termais**: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de São Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). In: História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. 11(Suplemento 1): 239-60, 2004.

Revista Brasileira de Crenologia. Ano I, nº1. Poços de Caldas, outubro de 1933. Revista Mensal de Climatologia, Crenoterapia, Fisioterapia, Hidrologia, Hidroterapia e Mecanoterapia.

Revista Brasileira de Crenologia. Ano I, nº2. Poços de Caldas, novembro de 1933. Revista Mensal de Climatologia, Crenoterapia, Fisioterapia, Hidrologia, Hidroterapia e Mecanoterapia

Revista Médica do Sul de Minas. Artigo especial. Cambuquira estância de cura hidromineral e climática, notícia geográfica, histórica e hidro-climatológica. Dr. Manoel Dias dos Santos Brandão. Cambuquira, 1956.

Revista Médica do Sul de Minas. Artigo Especial. Lambari. Tradicional estância hidromineral sul mineira. S/d.

Revista de hidrologia e climatologia médicas. Medicamenta. Do Nº 1. Jan.-Março de 1931 ao Nº 37. Janeiro-Março de 1935.

Revista de Poços de Caldas. De 1931 a 1945. Museu Histórico e Geográfico de Poços de Caldas.

Revista da Semana. De 1931 a 1946. AEL/Unicamp.

ROMANO, Nicolas (org). **Las estaciones hidrominerales de Minas Geraes**. Buenos Aires, 1930.

ROSENBERG, Cornélio. **Aguas minerais do Estado de Minas Geraes**. Reimpressão de “A folha médica”. Rio de Janeiro, 1938.

ROUX, Lysanne. **Le voyage pour raison de santé dans la France des XVII et XVIII siècles**. Mémoire de Master 1 présenté à l’UPMF, Grenoble, 2008. Disponível em: http://dumas.ccsd.cnrs.fr/docs/00/29/22/11/PDF/Le_voyage_pour_raison_de_sante.pdf.

Acesso em: maio 2012.

SANTOS, Neto, Edson Fernandes d’Oliveira. **Estancia hidromineral de Cipó: a construção de uma cidade balneária no sertão da Bahia**. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, 2009.

SCHAEFFER, Alfred..**Estudo Analytico da águas minerais do estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 1923.

SCHOSSLER, Joana Carolina. **As nossas praias: os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900-1950)**. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em História da PUC/RS em 2010.

SIMÕES, René A.P. Análise do desenvolvimento do termalismo no Brasil. In: **Termalismo no Brasil**. Secretaria de Esportes, Lazer e Turismo do Estado de Minas Gerais; Sociedade Brasileira de Termalismo. Seção Minas Gerais. s/d.

SOUZA, Aristides de Melo e. O Banho Hidromineral. In: **Revista Brasileira de Fisioterapia**. Ano VII. Maio de 1947. n° 59.

TORRES, Vidal Navarro. et al. **Histórico do uso e ações medicamentosas das águas termais na saúde no Brasil**. In: 7ª Jornada técnico-científica de “Medio Ambiente Subterráneo y sostenibilidad. Gaudalajara, México, 2013.

TOZZI, Humberto. **Estudos sobre águas minerais**. 1952.

TREVISAN, Ricardo. Morfologia urbanística de uma cidade balneária. Um passeio analítico em Águas de São Pedro, São Paulo. In: X Encontro nacional da Anpur. Disponível em: unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/.../2214

TOULIER, Bernard. **Architecture des Villes d’eaux. Station thermales et Stations balnéaires**. 1984.

_____. **L'assimilation du regionalism dans l'architecture balnéaire (1830-1940).** Disponível em: www.culture.gouv.fr/culture/inventai/.../bt02.pdf

VEIGA, Octávio Ângelo da. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. **Estâncias hydrominerais, sulminerais de Caldas, Cambuquira, Caxambu, Lambari e São Lourenço**, 1923.

Sobre Norbert Elias e Processos Civilizadores:

COSTA, Célio Juvenal. Norbert Elias e a teoria dos processos civilizadores. In: **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n. 53, pp.238-262, out, 2013.

DECCA, Edgar Salvadori de. Envolvimento e Distância na Obra de Norbert Elias. In: **Introdução à Sociologia da Cultura**. Max Weber e Norbert Elias. São Paulo: Avercamp, 2005.

DUNNING, Eric. Sobre problemas de identidades e emoções no esporte lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer. In: **História: Questões & Debates**, Curitiba, n.39. p.11-40. Editora UFPR.

ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Norbert Elias. **O processo civilizador** – uma história dos costumes. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1994.

_____. **O processo civilizador**. Formação do Estado e Civilização. Vol. 2. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1993.

_____. **A sociedade de Corte**. Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Trad. Pedro Sussekund. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Os estabelecidos e os outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **A peregrinação de Watteau à ilha do amor**. Trad. Antônio Carlos Santos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas. **O controle das emoções**. João Pessoa: UFPB, 2009.

_____. Diálogo com Aguirre Rojas sobre Norbert Elias: Historiador e crítico da modernidade. Disponível em: www.uem.br/dialogos/index.php?journal=ojs&page=article...

KIRSCHNER, Tereza Cristina. Lembrando Norbert Elias. In: **Textos de História**, vol. 7, n. 1/2, 1999.

LUCENA, Ricardo. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

PRONI, Marcelo Weishaupt. La contribución de Elias y Dunning para El estudio Del ocio. In: **Poder, prácticas sociales y proceso civilizador**. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didático, 2009.

SARAT, Magda (org). **Sobre processos civilizadores**. Diálogos com Norbert Elias. Dourados: ED. UFGD, 2012.

SOUZA, Edílson Fernandes de. **Norbert Elias**: uma teoria desconectada à realidade brasileira – balançando o chicote. In: XII Simpósio Internacional Processo Civilizador. Civilização e Contemporaneidade.

ZABLUDOVSKY, Gina. **Norbert Elias y los problemas actuales de la sociología**. México: FCE, 2007.

Sobre História do Corpo:

AULAGNIER, Piera. Nascimento de um corpo, origem de uma história. In: **Revista Iationamericana de psicopatologia fundamental**. Número 2, 3 de abril de 1945.

BOLSONI, Betania Vicensi. **O cuidado de si e o corpo em Michel Foucault**: perspectivas para uma educação corporal não instrumentalizadora. In: IX ANPEDSUL, 2012.

BUESCU, Ana Isabel et al (org). **O corpo e o gesto na civilização ocidental**. Edições Colibri, 2006.

COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain. Introdução. In: **História do corpo**. As mutações do olhar: o século XX. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges; CORBIN, Alain. **História do corpo**. Da revolução à grande guerra. Petrópolis: Vozes, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. 2 ed. Editora Senac, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GODELIER, Maurice; PANOFF, Michel. **Le corps humain**. Conçu, supplicié, possédé, cannibalisé. CNRS Éditions, Paris, 2009.

GOUBERT, Jean-Pierre. **La conquête d'leau**. Éditions Robert Laffont, 1986.

NÉGRIER, Paul. **Histoire du bain à travers les ages**. Paris: Arts Secrets, 2011.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

SANT'ANA, Denise Bernuzzi de. A insustentável visibilidade do corpo. In: **Labrys estudos feministas** n. 4 dezembro de 2003. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/insustentavel.prn.pdf> Pesquisado em:

01/12/2011.

_____. **Corpos de passagem**. Ensaio sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. **Cidades das águas**. Editora Senac, 2012.

_____ (org). **Políticas do corpo**. Elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação da Liberdade, 2005.

SCHPUN, Mônica Raisal. **Les années folles à São Paulo. Hommes et femmes au temps de l'explosion urbaine (1920-1929)**. Paris: L'Hammartan, 1997.

_____. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Boitempo, 1999.

SCHMITT, Jean Claude. **O corpo e o gesto na civilização ocidental**. Edições Colibri. 2006.

SENNETT, Richard. Carne e pedra. **O corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SOARES, Carmen (org). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2006.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

_____. **Le propre et le sale.** Éditions Du Seuil, 1985.

_____. Miroirs et bains de l'Antiquité à la Modernité. In: **Le Bain & Le Miroir. Soins Du corps et cosmétiques de l'Antiquité à la Renaissance.** Organisé par Le musée de Cluny. Gallimard, 2009

Sobre história, história das cidades, turismo e lazer, utopia e sensibilidades:

ALVISI, Lilian de Cássia. **Memória, resistência e empoderamento:** a constituição do Memorial Escolar Padre Carlos de Poços de Caldas. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Educação da Unicamp em 2008. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000441434>

AMBRÓSIO, Júlio. Viagem, Turismo, Vilegiatura. In: **GEOUSP. Espaço e Tempo**, São Paulo. N. 18, pp- 105-113, 2005.

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. A construção historiográfica da cidade e do urbanismo moderno no Brasil: o caso das cidades novas planejadas. In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras; PINHEIRO, Eloísa Petti (org). **A cidade como História:** os arquitetos e a historiografia da cidade e do urbanismo. Salvador: EDUFBA, 2004.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A vocação do prazer.** A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro, 1993.

AUGUSTO, Sérgio. **Este mundo é um pandeiro.** São Paulo: Schwarcz, 1989.

BARICKMAN, B. J. **Passarão por mestiços.** O bronzamento nas praias cariocas, noções de cor e raça e ideologia racial, 1920-1950. Afro-Ásia 40, 2009.

BARRAQUÉ, Bernard; ROCHE, Pierre-Alain. **Peurs et plaisirs de l'eau.** Paris: Hermann, 2010.

BARRETO, M. **Turismo e Legado Cultural.** Campinas, Sp. Ed. Papirus, 2002.

BENATTE, Antonio Paulo. **Dos jogos que especulam com o acaso.** Contribuição à história do “jogo de azar” no Brasil. (1890-1950). Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do IFCH, Unicamp, 2002.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX e A Paris do segundo império em Baudelaire. In: KOTHE, Flávio R. **Walter Benjamin**. Editora Ática, 1985.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Utopia, distopia e história**. In: Editorial da MORUS. Utopia e Renascimento 2, 2005 p. 4-10. Pesquisado em: <http://www.unicamp.br/~berriel/berriel.htm> em 17/06/2011.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário Português Latino**. A el Rey de Portugal D. João V. Ano 1712-1729. Coimbra. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. Pesquisado em 2011.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e história. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (org). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1264.pdf#page=14

BOYER, Marc. **Histoire de l'invention du tourisme**. XVI – XIX siècles. Paris: Éditions de l'Aube, 2000.

CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne Francia. A cidade como história. In: História: **Questões & Debates**, Curitiba, n.50. p. 61-101. Jan/Jun/2009. Editora: UFPR.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo, 1870-1920. Tese de doutorado em História Social apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Agosto de 2001.

CASAIS, Jose. **Roteiro Balneário**. Trad. Aires da Mata Machado Filho. Rio de Janeiro, 1942.

CASTRO, Celso; GUIMARÃES, Valéria Lima; MAGALHÃES, Aline Montenegro (org). **História do Turismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

CASTRO, Ruy. **Carmen**. A vida de Carmen Miranda, a brasileira mais famosa do século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. A história entre certezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2002.

CHERNOVIZ, P. **Diccionario Medicina Popular**. 1842. Disponível em:

<http://www.ieb.usp.br/online/index.asp> . Pesquisado em 04/12/2010.

CHERSO, Francesco Patrizi da. **A cidade feliz**. Tradução, introdução e notas: Helvio Moraes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

CORBIN, Alain. **O território do vazio** – a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

COURTINE, Jean- Jacques; HAROCHE, Claudine. **Histoire du visage**. Exprimer et taire ses emotions (du XVI siècle au début du XIX siècle). Petite Bibliothèque Payot.

DECCA, Edgar Salvadori de. (org). **Pelas margens**: outros caminhos da história e da literatura. Editora da Unicamp, 2000.

DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 10 ed, 2011.

DUMADEZIER, Joffre. **Vers une civilisation du loisir?** Paris: Éditions Seuil, 1962.

ENGELS, Friedrich. As grandes cidades. In: **A situação da classe trabalhadora em Inglaterra**. Lisboa: Ed. Presença/Livraria Martins Fontes, s.d. 1845.

FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina impopular. Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: CHALHOUB, Sidney (org). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Capítulos de História Social. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

FOURNIER, Patrick; LAVAND, Sandrine. **Eaux et conflits dasn l'Europe medieval et moderne**. Toulouse, Presses Universitaires du Mirail, 2012.

GASPAR, Cláudia Braga; CORREA, Marcos Sá. **Orla carioca**: História e Cultura. Metalivros, 2004.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud**. A educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

GRAY, John. **Missa Negra**. Tradução de Clóvis Marques. Editora Record, Rio de Janeiro – São Paulo, 2008.

GORSSE, Pierre de. **Villégiatures romantiques**. Paris: Éditions du Pavois, 1944.

JASMIN, Marcelo Gantus; JÚNIOR, João Feres. **História dos conceitos**: debates e perspectivas. Rio de Janeiro: Ed.Puc/Rio. Edições Loyola: IUPERJ, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed.PUC/Rio. 2006.

KIRSCHNER, Tereza Cristina. Lembrando Norbert Elias. In: **Textos de História**, vol. 7, n. 1/2 , 1999.

LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos da cidade**. Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora da Unicamp, Aracaju: Editora UFS, 2007.

LEMOES, Pedro Sanches de. **Notas de viagem** – Na Alemanha, Na Suíça e na França. São Paulo: Escola Typográfica Salesiana, 1903.

LONDON, Jack. **O povo do abismo**: fome e miséria no coração do império britânico: uma reportagem do início do século XX.Trad. Hélio Guimarães e Flávio Moura. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Um lar em terra estranha**: a casa da estudante universitária de Curitiba e o processo de individualização feminina nas décadas de 1950 e 1960. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.

MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

MATTA, Roberto da; SOARES, Elena. **Águias, burros e borboletas. Um estudo antropológico do jogo do bicho**. Rocco, Rio de Janeiro, 1999.

MENDES, Diego Marcondes et al. **A era dos cassinos em Poços de Caldas**. Unifae, 2007.

MENEGUELLO, Cristina. **Poeira nas estrelas**. O cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História do IFCH, Unicamp em 1992.

MINOIS, Georges. **A idade de ouro**. História da busca da felicidade. Trad. Christiane Fonseca Gradwohl Colas. São Paulo, Editora da Unesp, 2011.

MIRANDOLA, Giovanni Pico Della. **Discurso sobre a dignidade do homem**. Lisboa: Edições 70, s/d.

MORUS, Tomás. **A Utopia**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

MOTTA, André; MARINHO, Maria Gabriela S. M (org). **Práticas médicas e de saúde nos municípios paulistas: a história e suas interfaces**. Coleção medicina, Saúde e História, 2011.

NASCIMENTO, Renê Corrêa do. **Franciscanismo no Brasil**. Do Turismo Religioso ao Turismo Voluntário na província Imaculada Conceição no Brasil. Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo na área de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, linha de pesquisa Turismo e Lazer sob a orientação da Profa. Dra. Mirian Rejowski, 2008.

NETTO, Orozimbo Correa. Banhos Termiais. In: **Revista Brasileira de Crenologia**. Ano I, n.2. Novembro de 1933.

NÉGRIER, Paul. **Histoire du bain à travers les ages**. Paris: Arts Secrets, 2011.

OLIVEIRA, Marcel Steiner Giclio. **Arquitetura em São Paulo na Era Vargas**. O art déco e a arquitetura facista nos edifícios públicos (1930-1945). Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP em 2008.

ORY, Pascal. **L'invention du bronzage**. Éditions Complexe, 2008.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. In: Velho, Otávio Guilherme (org). **O Fenômeno Urbano**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PECHMAN, Robert Moses. **O urbano: invenção ou descoberta?** Para pensar uma história urbana. Disponível em:

<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/309/285>

PERDIGÃO, João; CORRADI, Euler. **O rei da roleta**. A incrível vida de Joaquim Rola. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

PELEGRINO, J. Rodarte. Impressões de Poços de Caldas – viagem longa, mas compensada. In: **Jornal O Eco**. 09/05/1943.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. **Praia do Presídio: Santuário da Vilegiatura**. In: Ateliê Geográfico. Goiânia, v.3. n. 8 , pp-92-110, 2009.

PERROT, Michelle (org). **História da vida privada**. 4. Da revolução à primeira guerra. Trad. Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- PIRES, M.J. **Lazer e Turismo Cultural**. Barueri, SP, Ed Manole. 2002.
- PONTES, Hugo. **Léo Ferrer em vida**. Poços de Caldas: Sulminas, 2002.
- PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.
- _____. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. In: **TOPOI**, v. 10, n. 19, jul-dez, 2009. Pp. 7-16.
- REIS, Andreia. **A circulação de informação médica**. Análise da revista médica portuguesa “A Medicina Médica” (1894-1898). Dissertação de mestardo em História Contemporânea. Porto: Faculdade de Letras da UP, 2009.
- REZENDE, Dalmo. **Jogos, Loterias e Sorteios no Brasil**. São Paulo: 4C Gráfica e Editora Ltda, 2000.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura**. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, IFCH.
- SCHORSKE, Carl E. **Pensando com a História**. Indagações na passagem do modernismo. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SEIXAS, Jacy Alves. Linguagens da perplexidade e jogos de subjetivação: personas, infinitos *desdobramentos*. In: **Colóquio Internacional Tramas e dramas do político: linguagens, jogos, formas** da Universidade Federal de Uberlândia, 2010.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SIMMEL, George. **O Estrangeiro**. In: RBSE, vol 4, n° 12, dezembro de 2005.
- SILVA, Antonio de Moraes Silva. **Diccionario de Língua Portuguesa**. Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <http://www.ieb.usp.br/online/index.asp>. Pesquisado em 04/12/2010.
- SILVA, Maurício. O grande mundo: mundanismo e sociabilidade na literatura academicista brasileira durante o pré-modernismo. In: **Revista História e Cultura**, Franca/SP. V.3,n.1, p.204.
- SILVA, Henrique da. **Tratado do jogo de Boston com a História das cartas de jogar**. Editorial Ática, MCMXLII.

TROUSSON, Raymond. **Voyages aux pays de Nulle Part**. Histoire littéraire de la pensée utopique. Éditions de l'Université de Bruxelles, 1999.

TOGNON, Marcos. **Catalogar a cidade**: experiências de estudos dos centros históricos na Itália (1890-1990). Texto originalmente apresentado no V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Campinas, 1998.

VELHO, Gilberto. Estilo de vida urbano e modernidade. In: **Estudos Históricos**. v, 8, n.16, p.227-234. Rio de Janeiro, 1995.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**. Brasília: UnB, 1992.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2007.

VIVEIROS, Luciano Benjamin. **A influência do ambiente sobre o metabolismo**. In: Archivos Brasileiros de Medicina, anno XXVII, maio de 1937, n.5.

